

Toninho Vaz

A black and white close-up portrait of Paulo Leminski. He has dark, wavy hair, a full beard, and is wearing glasses. He is looking slightly to the right of the camera with a neutral expression.

PAULO LEMINSKI

BIOGRAFIA

O
bandido
que sabia
latim



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Toninho Vaz

PAULO LEMINSKI

O bandido que sabia latim

Editora Record

2001

ORELHA

“Rimbaud curitibano com físico de judoca, escandindo versos homéricos, como se fosse um discípulo zen de Bashô”, escreveu Haroldo de Campos apresentando seu discípulo. Segundo Caetano Veloso, “Leminski tem um clima/mistura de concretismo com beatnik”. Para Augusto de Campos “foi o maior poeta brasileiro de sua geração”. Em versos se autodefiniu: o pauloleminski/ é um cachorro louco/ que deve ser morto/ a pau e pedra/ a fogo e a pique/ senão é bem capaz/ o filhodaputa/ de fazer chover/ em nosso piquenique.

Samurai futurista, pensador selvagem, agitador intelectual, meio polaco e meio caboclo, provinciano e universal, Paulo Leminski foi uma inesquecível tempestade na cena cultural brasileira, antes de morrer aos 44 anos, em 1989, no auge do sucesso, como um mito.

Fabricando fenômenos e sensações com sua poesia perturbadora, Leminski conjugava a densidade fulminante de haicais com a loucura da contracultura, o coloquialismo e o humor de nosso primeiro modernismo com sua profunda erudição. Deixou um testamento pós-joyciano com a prosa ousada de Catatau, e músicas nascidas de parcerias com Arnaldo Antunes, Itamar Assumpção, Moraes Moreira, José Miguel Wisnik e Caetano Veloso.

O poeta marginal de Curitiba aderiu ao mainstream midiático dos anos 80 fixando sua marca em trabalhos assinados na Veja, Folha de S. Paulo e na televisão, no Jornal de Vanguarda, enquanto encantava com suas impecáveis traduções de John Fante, Alfred Jarry, Yukio Mishima e Samuel Beckett. Suas biografias de Cruz e Sousa, Bashô, Jesus e Trotski davam a bandeira de sua ligação com os cavaleiros da paixão e da poesia, e com os limites do perigo sinalizando: “Existe um paradoxo nos produtos culturais, superiores frutos do trabalho humano: eles sobre-vivem ao autor, são uma vingança da vida contra a morte. Por outro lado, só podem fazer isso porque são morte: suspensão do fluxo do tempo, pompas fúnebres, pirâmide do Egito.” O bandido que sabia latim resgata a vida deste artista que foi hippie; professor de judô, História e redação; publicitário; inveterado conquistador e bebedor de vodca; candidato a monge

beneditino; gênio e doido; ídolo e mestre que deixou poesia e saudade para gerações de leitores.

Para Naná, pelo amor

e Alice, pela amizade

Para a tia Bá, que só lia biografias

Este livro vai contar a história de Paulo Leminski Filho, o mais iluminado e reverenciado poeta curitibano. Esta biografia não pretende analisar o valor de sua obra e nem discutir a qualidade de seu trabalho — tarefa esta que deve ser delegada a quem de direito: os críticos literários. Aqui se pretende fornecer elementos que possam explicar a existência e a personalidade de um intelectual tão singular e criativo como Paulo Leminski, poeta responsável pela insurreição da fantasia, o autodenominado “cachorrolouco”, “a besta dos pinheirais”, “o ex-estranho”, “o que chegou sem ser notado”.

aqui jaz um grande poeta,
nada deixou escrito,
este silêncio, acredito,
são suas obras completas.

Paulo Leminski

Sumário

CAPÍTULO 1

A PLENOS PULMÕES

CAPÍTULO 2

UMA LUZ NA CIDADE

CAPÍTULO 3

A VIDA NO MOSTEIRO E ALÉM

CAPÍTULO 4

CURITIBA, POR TRÁS DA NEBLINA

CAPÍTULO 5

COM O DIABO NO CORPO

CAPÍTULO 6

DELÍRIOS E NOITES CARIOCAS

CAPÍTULO 7

O DIA DA CRIAÇÃO

UM CAPÍTULO À PARTE

CAPÍTULO 8

A CRUZ DO PILARZINHO

OUTRO CAPÍTULO À PARTE

ÚLTIMO CAPÍTULO À PARTE

CAPÍTULO 9

O POETA DESCALÇO

O RESTO IMORTAL

CAPÍTULO 10

EPÍLOGO

27 CLICS DE LEMINSKI

APÊNDICES

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

BIBLIOGRAFIA

AGRADECIMENTOS

CONTRA CAPA

Sobre o Autor

O TAL DAS QUÍMICAS

A idéia deste livro saiu da cabeça de Alice Ruiz durante um passeio pelo centro antigo do Rio de Janeiro no Natal de 1998. Ela fez a sugestão argumentando que com a morte do poeta, dez anos antes, o culto à sua obra e personalidade — principalmente em Curitiba, onde foi transformado em mito pelas novas gerações — só fez aumentar o interesse e a curiosidade por sua vida — vale dizer, tão extraordinária quanto sua obra (ou o Catatau não é algo extraordinário?!, um sujeito que passa oito anos escrevendo um livro que poucas pessoas conseguem ler — e aquelas que o fazem [a crítica especializada, em grande parte], chamam-no de “obraprima”?...).

Ela arrematou: “Eu mesmo preciso conhecer o homem com quem vivi por 19 anos. Alguém tem que fazer esse trabalho.” Assim nasceu esta biografia. De um ponto de vista estritamente pessoal, posso garantir sem medo que Paulo Leminski nunca me ofereceu alternativas: fui seu fã até o final.

Da mesma forma, sempre acreditei que, independentemente de seu gênio poético e de sua obra, Paulo Leminski não foi uma pessoa normal. Não era quando eu o conheci no ano histórico de 1968. Tinha algo de especial, algo de magnético, algo fora do comum, algo de louco. Sua profunda erudição e modernidade o transformavam num intelectual peculiar, brilhante e eloqüente — um “especialista em generalidades”, como se definia. Quando falava e gesticulava parecia materializar uma utopia em forma de charme. Num certo sentido pode-se comparar com a aparição de um disco voador: quem viu não consegue esquecer.

Lembro-me como se fosse hoje: ao conversar com ele pela primeira vez (no tempo que a contracultura era uma postura ideológica e não um produto de consumo) sobre assuntos culturais diversos, finalmente, a escola e os estudos passaram a fazer sentido em minha vida. Costumo dizer que me alfabetizei, então. Já trabalhava como repórter em redação de jornal, cursava o primeiro ano da faculdade mas não suportava a vida acadêmica — pelo menos com aquela rotina que me tinha sido apresentada. Paulo Leminski, neste sentido, desempenhou um papel decisivo na minha vida

profissional, adicionando conteúdo e perspectiva à sopa rala da minha pobre cultura — ou seria cultura de pobre? Com o passar do tempo nos tornamos amigos e compadres. (Ele me chamava de Martins, adotando um dos meus sobrenomes paternos.)

Agora, na virada do ano 2000, subitamente investido no papel de seu biógrafo, me deparei com a tarefa de traduzir ao leitor quem realmente foi Paulo Leminski Filho, com todas as suas grandezas e contradições. Era um convite “de grego” (helênico, ele diria), pois teria que mergulhar numa personalidade complexa e inquieta, que viveu cortejando os limites do perigo, irremediavelmente “engajado no difícil” e tendo alguns pontos obscuros na trajetória de sua vida. No final, não me restou outra alternativa senão agir, mais uma vez, como ele recomendava: respirando fundo e abordando o trabalho “com raça, método e sinceridade”. Eu juro que tentei.

Após um ano de pesquisas e 81 entrevistas realizadas com parentes, parceiros, alunos, ex-mulheres, professores, amigos e até desafetos, foi possível reunir histórias, escritos, poemas e fotos inéditas; rascunhos de textos inacabados e muitas pegadas espalhadas pelas três cidades onde o poeta viveu: Curitiba, Rio de Janeiro e São Paulo. O resultado está aqui na medida das minhas pretensões: o retrato de um poeta brasileiro sem disfarces, o exestranho Paulo Leminski.

Toninho Martins Vaz

Abril, 2000

CAPÍTULO 1

A PLENOS PULMÕES

Ipanema, 17 de dezembro, 1986. O telefone toca logo pela manhã, fazendo um rrrring-rrring estridente próximo ao meu ouvido no momento mais delicioso do sono. Uma esticada de olho no relógio e a indicação dos ponteiros: 8 horas. Simplesmente madrugada para um jornalista de hábitos noturnos como eu, amante de bares, blues e lua cheia. Arrastei um “Aloooô?...” quase inaudível com a intenção de ser interpretado como um “bom dia”...

— *Martins? É você?*

Imediatamente reconheci a voz de Paulo Leminski e pulei da cama.

— *Paulo, que surpresa!*

(Vamos dizer que um telefonema do Paulo era sempre uma surpresa.)

Ainda meio tonto, tentei me recompor...

Ele não esperou:

— *Mano, o Pedro pediu a conta.*

(silêncio)

Parei no meio do caminho, segurando o telefone com uma das mãos e esticando o fio com a outra...

— *Pedi a conta como?...*

— *Se enforcou, se matou, chamou o garçom, se foi...*

(silêncio)

— *Porra, Paulo, que história é essa?!*

Pedro era o mais novo dos dois irmãos Leminski. No início dos anos 70, quando o conheci nos bares de Curitiba, tinha 23 anos e parecia carregar o espírito de Bob Dylan no corpo, fazendo uma música visceral e combativa, impregnada de verve revolucionária e contracultural. Nada muito elaborado, nada exatamente profissional, mas tudo muito criativo e poético. Num certo sentido, o Pedro sempre foi uma alma conturbada e sofredora que com o passar dos anos se moldou na solidão e no alcoolismo. No começo, dizia canções saturadas de amor e raiva, deixando pela madrugada um rastro de orquídea selvagem de bar em bar. Se não foi quem ensinou o Paulo a tocar violão, certamente exerceu nele uma forte influência na descoberta das primeiras harmonias e acordes. Compôs músicas notáveis e premonitórias como “Oração de um suicida”, escrita nos anos 70 e que viria a funcionar, no futuro, como um paradigma da realidade.

Os irmãos Leminski — antes que se possa pensar o contrário — não eram músicos importantes ou mesmo virtuosos em seus instrumentos. Para eles, poetas contemporâneos ligados às mais variadas formas de expressão, a melodia existia para transformar os versos em canções. Esta era a exigência básica feita ao violão: que ele pudesse oferecer suporte rítmico a certos poemas... E ponto final. De qualquer maneira, em curto espaço de tempo, o discípulo superou o mestre e acabou conquistando um relativo sucesso nas paradas da MPB. Em 1972, Paulo Leminski trouxe à luz o projeto “Em Prol de um Português Elétrico”, onde propunha uma pesquisa mais profunda e direcionada para o ponto fraco do rock brasileiro: as letras. Era fã de Rita Lee exatamente por ela apresentar estas qualidades musicais. Mais tarde, suas canções foram gravadas por músicos da importância de Caetano Veloso, Moraes Moreira, Itamar Assumpção, Ney Matogrosso, Arnaldo Antunes, Zizi Possi e, uma suprema glória pessoal, Ângela Maria.

Nos últimos anos, qual dois Karamazov, os irmãos não se falavam. Ou, quando o faziam, se desentendiam. Tais diatribes tinham origem em diversos pontos do relacionamento pessoal, mas eram, sobretudo, motivadas por um certo desprezo que o Paulo sentia por pessoas que não produziam. O aparente gesto de severidade para com o irmão era na

verdade um mecanismo de autodefesa ou, a considerar algumas avaliações médicas, uma maneira de mascarar o medo do próprio destino. Para ele, Paulo Leminski Filho, a simples idéia de consentir — uma centelha que fosse — com a apatia e o desânimo representava o fim, o mesmo que desistir do jogo da vida e da criação. Argumentava como uma metralhadora giratória: “O sujeito tem que apresentar uma produção qualquer, mínima, mesmo que seja na área da malandragem.”

Antes de morrer, Pedro Leminski fez tudo direito e se isolou. No momento do gesto extremo, para conseguir quebrar a coluna cervical com o golpe do enforcamento, foi obrigado a encolher as pernas, pendurado a um armário...

A partir deste trágico episódio, segundo observações de Alice Ruiz, com quem Leminski viveu por 19 anos, as coisas mudaram também para ele. O poeta assumiria, com a morte do irmão mais novo, uma postura ainda mais radical diante da vida, resgatando uma antiga devoção autodestrutiva (self destruction, ele dizia no início dos anos 70), que contribuiria para acelerar o processo de cirrose hepática e provocar sua morte em junho de 1989, aos 44 anos. Quando isto aconteceu, ele já era considerado um dos nomes mais importantes da literatura brasileira contemporânea.

CAPÍTULO 2

UMA LUZ NA CIDADE

Paulo Leminski Filho nasceu às dezenove horas e dez minutos do dia 24 de agosto de 1944, em Curitiba, mais precisamente na Maternidade Vítor do Amaral, no bairro da Água Verde.

Este fato, assim narrado de forma trivial e despreziosa, não haveria de suscitar nenhum tipo de discordância ou estranhamento, não fossem alguns registros publicados na imprensa paranaense afirmando ter o poeta nascido, na realidade, em Itaiópolis, uma pequena cidade no interior de Santa Catarina. Segundo estas versões, a família Leminski teria se mudado para Curitiba logo após o nascimento do primogênito. Com o passar do tempo, já adulto e identificado nacionalmente como um poeta curitibano, o próprio Leminski estaria encobrendo sua verdadeira origem.

Esta é, certamente, uma versão equivocada ou fantasiosa mas não de todo despropositada, considerando que estaria aí a primeira surpresa (armadilha, troca, truque, sarro) de uma vida e de uma obra marcadas pelo uso e abuso do sobressalto e da metalinguagem: ao nascer, o mais famoso poeta curitibano seria, na realidade, catarinense. Uma anedota espirituosa, sem dúvida, mas que, pelo menos desta vez, não pode ser creditada a ele e nem levada a sério como informação biográfica.^{1}

O dia amanhecera frio e úmido naquela terça-feira. Uma neblina típica e muito comum nesta época do ano deixava Curitiba mergulhada numa tonalidade opaca e suave, quase transparente. Os jornais do dia anterior e os programas matinais de rádio preveniam que a temperatura deveria cair nas próximas horas. O termômetro marcava 15 graus, mas por força de suas obrigações com o Exército Brasileiro, onde ocupava a patente de sargento, Paulo Leminski pulou cedo da cama. Ele tinha o hábito de “acordar com os pardais e dormir com as galinhas”, mantendo, mesmo em casa, as normas disciplinares da caserna. Não que fosse um sujeito agitado

nos movimentos ou mesmo vigoroso nas decisões; nada disso, muito pelo contrário; mas nestes tempos difíceis de guerra, ele redobrava a disposição mantendo-se a serviço de uma causa nobre e emergente: a defesa incondicional das fronteiras do país.

No plano doméstico, 1944 vai representar a data em que o Brasil comemorou o segundo ano de sua participação na Segunda Guerra Mundial. No dia 24 de agosto, o presidente Getúlio Vargas celebrava cerimônia alusiva no Palácio do Catete, no Distrito Federal. A devoção pública, que levava a nação a viver com um olho no racionamento e outro na frente de batalha, encontrava no sargento Leminski um militar convicto e zeloso de suas obrigações. Ele tinha então 33 anos e nutria um sentimento de admiração e respeito pelo marechal-presidente, Getúlio Dornelles Vargas.

Paulo Leminski, o pai do poeta, era filho de poloneses de uma remota província de nome Naráyow — embora isso nunca tenha sido devidamente comprovado. A família, composta pelo pai Pedro, a mãe Catharina e o irmão Miguel, veio para o Brasil no fluxo da grande migração de 1895, quando grupos da Polônia e da Ucrânia deixaram a Galícia (tudo, então, Império Austro-húngaro) — e as razões pelas quais estes êxodos aconteceram são históricas: perseguições políticas e raciais, um surto de cólera que atingiu a Ucrânia e, ainda, o sempre cultivado sonho de um mundo “novo e produtivo”. Historicamente, sabe-se que os três fatores agiram simultaneamente quando os Leminski decidiram encarar a aventura de cruzar o Atlântico a bordo de um navio. Para quem não tinha nada a perder, era pegar ou largar. Os Leminski resolveram pegar.

Os documentos oficiais, emitidos por autoridades da Ucrânia, registram a saída deles pelo porto de Gênova, na Itália, no dia 9 de julho. A região sul do Brasil, pelo seu clima frio e vocação agrícola, foi o destino anunciado pela maioria das famílias. Paulo Leminski nasceria em 1911 em Restinga Seca, interior do Paraná, quando a família já estava devidamente assentada na região. Ainda adolescente, mudou-se para Curitiba, onde acontecem as principais ações desta história.

O avô materno do poeta, Fernando Pereira Mendes, era um paulista de Itu, descendente de portugueses e capitão do Exército na comarca de Curitiba, para onde fora ainda jovem, também na tentativa de encontrar “uma porta aberta para o futuro”. Já militar, trabalhava na administração da Subsistência, na rua João Negrão, uma unidade considerada — por sua específica função de abastecimento — o “supermercado” dos oficiais militares. Nas horas vagas, Fernando compunha versos pungentes e rebuscados na linguagem, que publicava em jornais do interior de São Paulo. Eram manuscritos em caligrafia impecável que iriam denunciar, no futuro, o fio condutor da linhagem poética da família — ou, mais especificamente, de Paulo Leminski Filho, seu neto.

Fernando casou-se em primeiras núpcias com Inocência, filha de Mário e Lia Alves, nativos da região de Paranaguá e Antonina, no litoral paranaense. Ela, da vertente negra e indígena brasileira, com remota ascendência carijó. Fernando teve nove filhos de dois casamentos, sendo que as duas esposas eram irmãs — a outra, com quem se casaria mais tarde, chamava-se Lucila. A moça Áurea, que viria a ser a mãe do poeta, era a terceira filha do primeiro matrimônio, com Inocência.

Paulo Leminski e Áurea Pereira Mendes se conheceram nos tradicionais footings da rua XV de Novembro, agenda social que embelezava as tardes românticas de verão nos anos 40. Nesta época, quando as pessoas andavam mais devagar, as calçadas e vitrines mais concorridas de Curitiba ficavam entre as ruas Dr. Muricy e Barão do Rio Branco, um pouco além da “boca maldita”, como seria chamado um certo trecho da avenida Luiz Xavier. Por ali desfilavam o charme e a elegância da província, que tinha pouco mais de 140 mil habitantes. O que se seguiu entre os jovens enamorados, depois dos primeiros olhares, foi um namoro rápido, bastante controlado pelo conservadorismo do pai, e, em seguida, o noivado. Como resultado da determinação do sargento Leminski, ficou claro, desde o início, que ele estava assumindo um compromisso sério com “a filha do capitão”.

O casamento aconteceu um ano depois, a 7 de outubro de 1943, na casa da noiva, na rua Duque de Caxias, com a presença do juiz e do padre casamenteiro. Nada de igreja ou desfile de carros arrastando latas pela

cidade, como era costume. Uma cerimônia simples e íntima selou a união do casal, com o testemunho apenas das duas famílias.

Depois da festa os pombinhos seguiram para a casa alugada na rua República Argentina, 1.136, uma região ainda hoje conhecida como Capelinha, numa referência a um santuário carregado de significação religiosa e misticismo. O pequeno monumento, onde as velas ardiavam durante a noite, era uma homenagem da família Moletta — pioneiros da Água Verde — à Imaculada Conceição e seria adotado pelos fiéis como um lugar público de penitências e orações. Havia nesta época dois monumentos religiosos bastante populares e místicos em Curitiba; o outro, que não tinha o formato de uma capelinha mas sim de uma grande cruz de madeira, ficava no lado oposto da cidade e era conhecido como a Cruz do Pilarzinho.

Juntos, Paulo e Áurea começaram a descobrir, nestes dias de guerra, todas as exigências e dificuldades de uma vida provisória e racionada; ele, trabalhando pesado em unidades operacionais, sob a jurisdição do 3º Exército; ela, se aprimorando nas tarefas domésticas e se preparando estoicamente para o lar e a maternidade.

Finalmente, naquela manhã, o sargento Leminski pôde ouvir no rádio as últimas notícias do front: “Forças aliadas retomam Paris; as tropas nazistas recuam.” Os boletins noticiosos anunciavam uma noite de luz e festa em Champs Elysées: “O general Charles De Gaulle exalta a França; o escritor Jean-Paul Sartre, um ativo militante da resistência francesa, comemora com amigos intelectuais o sucesso da ofensiva.” A guerra estava chegando ao fim. Às 11 horas, as contrações começaram.

O nascimento do primogênito dos Leminski aconteceu no início da noite e foi considerado um “parto normal” pela equipe médica. O bebê veio ao mundo com três quilos e meio, um razoável volume de cabelos negros na grande cabeça e muita disposição aeróbica: chorava alto e em bom tom.

Na opinião de tia Luiza, uma das cinco irmãs a visitar a jovem mãe e seu bebê na maternidade, “era um guri lindo e saudável. Nasceu muito forte e logo se tornou uma criança muito querida. Era mesmo uma graça”, enfatiza, sugerindo uma ligação entre estes sinais de vivacidade e o

carisma que o menino revelaria à família aos três anos de idade. A partir do seu nascimento, e mesmo quando adulto, ele seria chamado exatamente assim pelas cinco tias que o cercariam de mimo: Paulinho.

Os pais mandaram fazer pequenos cartões em cores suaves, com o desenho de uma criança em fraldas, para anunciar o nascimento do primeiro filho: “Paulo e Áurea P. Mendes Leminski têm o prazer de participar o advento de seu primogênito Paulo. Curitiba, 24 de agosto de 1944”.

Num certo sentido, o que aguardava Paulinho no lado de fora do aconchego materno era um planeta socialmente virado de pontacabeça. Os anos pós-guerra — estes sim estavam apenas começando — trariam brisas aromáticas e poeiras radioativas numa mesma lufada durante as décadas seguintes.

No plano cultural, enquanto o Oriente reunia forças para uma profunda reestruturação social, o existencialismo francês pontificava nos salões e cafés europeus. Sartre, que havia lançado no ano anterior o polêmico *O ser e o nada*, colhia os frutos deste e de outros sucessos políticos e intelectuais. Nas estradas da América, a arte e a cultura do novo mundo — já apresentando sinais de automação — faziam florescer uma geração espontânea de artistas, poetas, escritores, viajores que preconizavam uma revolução URGENTE no comportamento e nos costumes da juventude. A performance e a prosa do aventureiro Jack Kerouac, que neste mesmo dia (24 de agosto de 1944) estava preso numa delegacia do Bronx, em Nova York, representavam uma nova expressão da literatura americana moderna, aquela por ele batizada de “a geração beat”.^[2]

No Brasil, as conseqüências da Semana de 22 ainda ecoavam como uma bofetada no rosto da nação. O manifesto antropofágico, divulgado em 1928, fora considerado ultrajante pelas elites e de mau gosto pela classe média. Mesmo provocando reações apaixonadas na platéia (ou contra ou a favor), o fato é que, após a exposição pública dos nossos talentos e artimanhas, promovida por intelectuais sérios e debochados como Oswald de Andrade, Raul Bopp, Mário de Andrade e Tarsila do Amaral, nossa cultura, do ponto de vista de sua organicidade, jamais seria a mesma. A

partir de 22, criamos — ainda que à base de doses indigestas de ironia — uma identidade verdeamarela que viria nos ajudar a desenvolver a capacidade de olharmos para nós mesmos.

Em 1944 (spotlight neste tema, por favor) teve início uma maciça fase de produção do cinema brasileiro que entraria para a história como o “glorioso período das Chanchadas”. Começava a surgir nas telas os gênios de Oscarito e Grande Otelo, contemplando em suas temáticas os hábitos e costumes da sociedade carioca. A reação paulista veio com a criação da Companhia Vera Cruz, um empreendimento grandioso que na década seguinte produziria seu maior êxito: O Cangaceiro, de Lima Barreto. Era o cinema brasileiro gritando “Ação!”, no plano industrial e intelectual. Em Bogotá, onde servia na Embaixada do Brasil, o pós-moderno Guimarães Rosa preparava uma coletânea de contos (Sagarana) e apenas iniciava a gestação do seu romance mais radical, Grande sertão: veredas, editado pela primeira vez em 1956.

Enquanto isso, no aspecto político e econômico, o Estado Novo, de Vargas, empurrava o Brasil um pouco mais para perto dos brasileiros, anunciando medidas que representariam conquistas inquestionáveis para a classe trabalhadora. Estava criado o salário mínimo nacional. Em 1944 chegava ao fim, depois de muita expectativa e ansiedade, as obras de construção do Aeroporto Internacional Santos Dumont, no Rio de Janeiro, a Capital Federal.

A infância de Paulinho, neste contexto, foi normal e saudável. No início, o menino manifestava isoladamente alguns dotes “artísticos”, pendores naturais para a arte e os mistérios da linguagem infantil. Tia Luiza lembra que certa vez foi abordada pelo “piá, antes mesmo de ele completar 4 anos”, que lhe mostrou um papel com um desenho que havia feito usando um lápis preto comum:

— Era um fogão, muito bem desenhado para uma criança da idade dele. Sobre o fogão, várias panelas vazias...

Na condição de professora ginásial trabalhando em escola pública e, portanto, familiarizada com a chamada “pedagogia infantil”, tia Luiza foi

logo incentivando o “artista”, fazendo elogios à qualidade da “obra”... Mas o garoto surpreendeu:

— Mas isso é muito triste, minha tia!

— Triste por que, Paulinho?

— Este quadro chama-se Miséria e mostra um fogão sem lenha e panelas sem comida.

Uma idéia de miséria que certamente não refletia a sua própria condição social. Afinal, era filho de um sargento do exército que vivia com simplicidade, mas com conforto.

Tia Luiza lembra que desde cedo Paulinho demonstrava aptidões para encontrar estas informações dentro dos limites de sua própria casa, em livros, jornais e revistas. O garoto se revelou, com a mais tenra idade, um escarafunchador de publicações, em todos os sentidos — no início, com rasgões e safanões desordenados, e logo depois, como um apaixonado pelos livros.

Quando se preparava para completar quatro anos e a casa paterna se descortinava como um império sem limites ou fronteiras, Paulinho ganhou um irmão. No dia 23 de abril de 1948, nascia o segundo filho do casal Paulo e Áurea, que seria batizado com o nome do avô paterno: Pedro Leminski. A família aumentava, mas os bons ventos do pós-guerra anunciavam um período de reconstrução e prosperidade. Vivia-se em todo o país a febre da procura por bens de consumo, principalmente de produtos eletrônicos: rádio, geladeira e chuveiro elétrico. Não era necessário subir em escadas e nem trepar em árvores para enxergar, logo à frente, despontando no horizonte, aqueles que seriam chamados de Os Anos Dourados.

Nestes dias, Paulinho adquiriu o estranho hábito de subir no guarda-roupa. Ele justificava dizendo que ali não seria importunado pelo irmão caçula, que circulava pela casa engatinhando freneticamente, “procurando confusão”. Diariamente, Paulinho pedia ao pai para colocá-lo sobre o

enorme móvel de jacarandá, onde passava horas compenetrado em leituras e divagações...

Em 1949, por força de um ato de transferência interna do Exército, o sargento Leminski se viu obrigado a reunir a família e preparar a mudança “de malas e cuia” para Itapetininga, no interior de São Paulo. A viagem e os transtornos decorrentes dela —considerando uma família com duas crianças, sendo uma recém-nascida — foram recompensados com a promoção para subtenente, agora da 2ª Companhia de Transmissão. Os garotos Paulinho e Pedrinho tinham então 5 anos e 1 ano, respectivamente, e gostavam de bater continência sempre que viam o pai fardado.

Na manhã de 3 de março de 1950, através de um telegrama nefasto e carregado de dramaticidade, eles souberam da morte de Fernando, o pai de Áurea. Dois dias depois, uma nota seria publicada no Diário de Itapetininga, anunciando “o passamento, em Curitiba, de Fernando Pereira Mendes, Membro da Academia de Letras José de Alencar e sogro do Subtenente Paulo Leminski, atualmente servindo nesta praça”.

Novas mudanças viriam em seguida. Antes do final do ano eles estariam de volta ao Sul, indo morar em Itaiópolis, uma pequena cidade de Santa Catarina. A casa ficava num bairro afastado do centro urbano, uma vila militar conhecida como “Quilômetro 34”. Era um ponto estratégico para o Exército, com relação ao que se imaginava fosse o nosso inimigo em potencial, a Argentina. Foi um período no qual os Leminski viveram cercados por uma paisagem bucólica, de inspiração rural, que iria permitir aos meninos travarem contato direto com a vida simples do interior, um traço que ficaria indelevelmente marcado em suas personalidades até o fim.

Na lembrança de Tia Luiza, que por duas vezes visitou a irmã Áurea em Itaiópolis, Paulinho era mesmo um menino esperto e “superativo”, no sentido moderno da palavra. Iniciou os estudos oficiais aos cinco anos, quando foi matriculado numa escola pública perto de casa. Gostava de subir em árvores e dormir no sótão das casas. Certa vez, dona Áurea foi surpreendida com a visita de um grupo de índios que vieram entregar

peças de artesanato encomendadas pelo garoto e já pagas com suas próprias economias.

É tia Luiza quem conta:

— Os índios trouxeram arcos, flechas e pequenos utensílios em madeira e couro. Foi surpreendente, pois o Paulinho era apenas uma criança, conhecendo novos amigos e fazendo negócios a sério.

Na hora de comer, Paulinho tinha sempre um bom apetite, fazendo do trivial arroz, feijão e banana o seu prato preferido. Quando ficava em casa, principalmente nos dias de chuva, gostava de observar a mãe desenvolvendo as tarefas domésticas, no preparo do almoço e do jantar, enquanto ouvia no rádio os últimos sucessos de Agostinho dos Santos, Pedro Vargas ou Dalva de Oliveira, seus artistas favoritos:

— Lábios que eu beijei, mãos que eu afaguei...

Quando já era um poeta famoso, Paulinho (grafando assim o nome como uma referência à criança que havia dentro dele) escreveria poemas onde se percebe com nitidez a inspiração originada nestas “janelas do tempo”:

lá fora e no alto
o céu fazia
todas as estrelas que podia
na cozinha
debaixo da lâmpada
minha mãe escolhia
feijão e arroz
andrômeda para cá
altair para lá
sirius para cá

estrela dalva para lá

Ou este outro, também fruto da observação do “cotidiano materno”:

Minha mãe dizia:

— ferve, água!

— frita, ovo!

— pinga, pia!

E tudo obedecia

Quando em muitos aspectos a ordem social e política no Brasil estava sendo reorganizada, surgem os primeiros problemas trazidos pelo álcool para dentro da família Leminski. O “sargento”, como ele ainda era conhecido, vinha transformando o hábito de tomar “aperitivos sociais” num ritual cada vez mais destemperado na quantidade e nas conseqüências. Era considerado um bom marido e um pai zeloso, mas sua imagem naturalmente dolente e calada ganhava agora a aparência doentia de um homem de pijamas e com a barba por fazer. Certa vez, quando uma visita entrou na cozinha para tomar água, foi aconselhada pelo pequeno Paulinho a não usar determinado copo que estava na cristaleira. O garoto nem falava direito, mas já se fazia entender:

— Não pode usar “porcoso” que este é o copo que o meu pai gosta de beber cachaça.

Em seguida, uma nova transferência para outra base militar e os Leminski estavam agora na pequena Rio Negro, na divisa do Paraná com Santa Catarina, a 50 km de Itaiópolis. A rigor, eles apenas mudaram de bairro e foram morar na Vila Paraíso, onde se concentravam as casas dos oficiais que vinham de outras regiões. Ali, Paulinho concluiu a última série do curso primário no Colégio Estadual Dr. Caetano Munhoz da Rocha, onde também prestou o exame de admissão ao ginásio, em 1955. Nos seis créditos do teste de admissão, ele foi aprovado com média 7,48, sendo que suas melhores notas foram em Geografia e História, com as notas 9,5 e 7,2, respectivamente. Mais tarde, ele diria ter produzido, nesta época, aos 8

anos, seu primeiro poema, “O Sapo”, cuja temática remetia à vida campesina e bucólica do interior do Brasil.

No dia do seu aniversário, quando completaria dez anos, Paulinho e toda a nação brasileira foram surpreendidos logo pela manhã com uma notícia dita bombástica: Getúlio Vargas se suicidara com um tiro no coração. A crise política no Palácio do Catete chegava a seu ponto culminante com a divulgação da cartatamento assinada de próprio punho pelo presidente. Como consequência deste infausto acontecimento, a festa de aniversário de Paulinho foi bastante contida e reservada; além do irmão Pedro, agora com 6 anos, poucos amigos do bairro apareceram para cantar o “Parabéns pra você”.

Dois anos depois, em agosto de 1956, finalmente os Leminski arrumariam as malas e voltariam para Curitiba. Foram morar numa pequena casa de alvenaria na rua Heitor Guimarães, 624, no bairro Seminário, a poucos metros do tradicional Internato Paranaense. O aluguel não era caro e as despesas continuavam compatíveis com os proventos de um oficial militar. Provavelmente teria sido a proximidade física com o colégio — e não propriamente uma inclinação religiosa — a razão pela qual Paulinho seria matriculado na tradicional instituição dos irmãos maristas, um ensino com prestígio na cidade.

Para se entender o que vai acontecer com Paulo Leminski deste ponto em diante, é necessário antes avaliar — ainda que sucintamente — a importância e o significado do ensino religioso na educação e na formação intelectual de gerações de brasileiros. Concebidas como pilares vocacionais das ordens missionárias jesuíticas, as escolas de cunho religioso que se espalhavam pelo país na virada do século funcionavam como um veículo para arregimentar e catequizar, muito além de alfabetizar. Apenas flertando com as elites, as ações sociais da Igreja ampliavam os laços de integração com as comunidades (fiéis) de base, tornando-se todos, por muitas vezes e em diferentes circunstâncias, uma grande família. Era o Brasil das missas, das novenas e das quermesses dominicais. O Brasil cristão. E dos milagres diários.

Os métodos de ensino e o relacionamento com o mundo exterior eram diferentes para cada ordem religiosa, e as mais conhecidas e presentes na

vida brasileira eram justamente as dos maristas, franciscanos, dominicanos, clareteanos (ordem fundada por Santo Antonio Maria Claret, com hábitos pretos e colarinhos brancos) e beneditinos. Algumas ordens eram reconhecidamente mais liberais, outras mais conservadoras. Além de uma certa pedagogia educacional de elite, os colégios ofereciam, em alguns casos, outros bens igualmente inestimáveis aos seus alunos: cama, comida e roupa lavada.

Paulo Leminski Filho foi aceito no Colégio Paranaense — que continuava, informalmente, sendo chamado apenas de Internato — em agosto de 1956. Tinha onze anos e foi matriculado na 1ª série, turma B, turno da manhã, em regime de semi-internato — o que lhe permitia passar as noites em casa. Ali, ele encontraria pela primeira vez, entre as nove disciplinas do currículo, o latim e o francês — as línguas estrangeiras, com as quais ganharia no futuro o status de “tradutor poliglota”.

Neste primeiro ano entre os maristas, dizem os boletins, o aluno obteve bom rendimento em geografia, francês, história do Brasil e latim, nesta ordem. Sua paixão pelos idiomas acabaria funcionando, também, como um catalisador de seus interesses pelos estudos clássicos. Foi neste período que Paulo Leminski encontrou e se fascinou com ensinamentos contidos em dicionários e enciclopédias. Passou a decorar, por sua própria iniciativa, palavras em inglês e francês, tentando freneticamente dominar o vocabulário. Ficava horas debruçado sobre o “Caudas Aulete” e a enciclopédia Britannica (em inglês, pois apenas nos anos 60 seria editada no Brasil), suas fontes preferenciais de consulta.

No ano seguinte, 1957, os estudos trariam uma outra aguardada novidade: o inglês, que finalmente passava a fazer parte do currículo, completando uma grande área de interesses em torno dos idiomas. O resultado do boletim da 2ª série, igualmente significativo, registrava a média final 7,50. Os melhores aproveitamentos seriam em francês, com nota 8,40; latim, 8,12; e inglês, 7,40. O desempenho mais fraco seria em matemática, com 4,40 de média. Mas, certamente, não foram estas as únicas tendências da temporada. A grande surpresa estava no interesse súbito que o menino passou a demonstrar pela vida religiosa. Foi apresentado pelos maristas às obras completas de padre Antonio Vieira e toda a literatura católica.

Devorou o que encontrou pela frente. No final do ano, estava aprovado com média 6,43 — nada excepcional, mas o suficiente para conseguir uma matrícula na 3ª série.

Para a mãe, o garoto revelava na intimidade:

— Vou decorar tudo, saber o significado de cada palavra!

Passou o ano inteiro no desenvolvimento desta magistral e enlouquecida tarefa. Deixou a família preocupada e chamou a atenção de professores e educadores para o seu comportamento precoce. Tinha uma espantosa capacidade de memorização, decorando textos e poemas com extrema facilidade. Era fissurado em Camões, Homero, Antero de Quental, que faziam parte de sua leitura diária. O pai militar contribuiu com Euclides da Cunha e o relato épico de Os sertões. O aluno foi aconselhado a recorrer a estudos ainda mais rigorosos, seguindo uma possível vocação religiosa e contrariando o desejo do pai, que sonhava em vê-lo na Academia Militar. Foi assim que Paulinho, durante um período de pesquisa autogerenciada e informal, acabou conhecendo o Colégio São Bento, em São Paulo, uma instituição secular mantida pelos monges beneditinos.

Descobriu que os monges viviam em mosteiros misteriosos e lúgubres, concentrados em leituras e análises meticulosas de palimpsestos e manuscritos da Idade Média. Ficou sabendo que a Ordem dos Beneditinos fora fundada por São Bento de Núrsia (480-547), também criador das Regras, uma espécie de “normas para a vida no Monastério”. Curioso, fez perguntas e obteve respostas precisas sobre tudo. Ouviu relatos sobre as verdades bíblicas e já se sentia familiarizado com as diversas teorias da criação, quando sua imaginação voou... Em poucos dias estava com o endereço do mosteiro na mão e pôs-se a escrever uma carta para o coordenador da escola, D. Clemente, pedindo informações sobre como devia proceder para tornar-se um monge. A mensagem foi escrita de próprio punho e nela Paulinho se candidatava a uma vaga na 3ª série do curso ginásial, em regime de internato. Anos mais tarde, D. Clemente recordaria esta troca de correspondência:

— Ele fez tudo sozinho, apesar de sempre consultar a família. Eu respondi explicando as regras do Colégio, lembrando que por uma questão de idade,

ele deveria vir para o curso dos oblatos, como são chamados os alunos do ginásio ainda sem idade para o noviciado. Ele gostou da idéia e prometeu cuidar de tudo.

No âmbito doméstico, a notícia soou como uma bomba. O velho reagiu demonstrando inicialmente uma certa inquietação com o futuro do filho, mas no final acabou ajudando a organizar a viagem — inclusive tirando do colete sua grande coleção de conselhos e provérbios, com os quais sempre alinhavava as conversas reservadas com a família. Dona Áurea, que não estava com o espírito preparado para esta situação, sofreu o impacto da notícia. Tentou fazer o filho recuar da decisão, mas, nos dias que se seguiram, já sem argumentos, chorava dia e noite. Na verdade, ela chorou até a hora da partida de Paulinho, numa manhã de fevereiro de 1958.

Quando entrou num ônibus na rodoviária de Curitiba, em companhia do pai, o garoto — então com 13 anos — sabia que após uma viagem de quase oito horas teria pela frente um período difícil, possivelmente com noites de solidão e saudades de casa. Talvez até mesmo viesse a estranhar a comida ou o novo colchão... Mas nenhum obstáculo ou desconforto, por maiores que fossem, parecia suficiente para afastar dele a idéia de se tornar um monge e atingir, através de exercícios de meditação e estudos aprofundados, a tão almejada sabedoria.

CAPÍTULO 3

A VIDA NO MOSTEIRO E ALÉM

O mosteiro de São Bento — uma construção quadrilátera no estilo normando, de três andares, solidamente edificada no centro da cidade de São Paulo — lembra, em muitos aspectos, uma fortaleza impenetrável. O edifício passou por diversas reformas ao longo dos séculos, mas a iniciativa de construí-lo em grandes proporções deve-se ao legendário bandeirante Fernão Dias Paes, um devoto de São Bento e amigo dos beneditinos. A escritura, lavrada em 17 de janeiro de 1650, denomina a área como aldeia de Piratininga. As obras de construção da abadia se estenderam por mais de dez anos. O colégio foi inaugurado somente em 1903, oferecendo vagas para turmas em regime de internato e externato.

Com o passar dos anos, o Colégio de São Bento colocaria à disposição dos estudantes, além da cultura secular da ordem eclesiástica dos beneditinos, uma rica e formidável biblioteca com cerca de 70 mil volumes, catalogados com rigor e metodologia. Tal acervo contribuiria para a formação intelectual de alunos ilustres como Godofredo da Silva Teles, conceituado jurista paulista e primeiro aluno a se matricular no colégio; Sérgio Buarque de Hollanda, Guilherme de Almeida, Américo Brasiliense, Francisco Prestes Maia e... Paulo Leminski Filho.

Quando chegou ao mosteiro de São Bento, Paulinho se fazia acompanhar do pai e carregava com dificuldade uma mala com roupas de inverno e um pequeno baú repleto de livros. Eram obras clássicas de literatura e alguns dicionários, dos quais o aplicado aluno dava sinais de não querer se separar em momento algum. Pai e filho foram recebidos na portaria do prédio principal pelo diretor da Escola Claustal, D. Clemente, que lhes deu as boas-vindas em nome do mosteiro, e por José Maria Siviero, o “hospedeiro”,^[3] então com 11 anos, representando os novos colegas. O sargento Leminski estava vestido com elegância naquela tarde, exibindo um terno bem cortado de casimira e chamando a atenção por manusear

um vistoso chapéu de feltro, em tom escuro. D. Clemente lembra-se do efeito causado pela impoluta figura:

— Era um homem forte e educado, muito cerimonioso. Ele estava trazendo o filho, do qual tinha muito orgulho, e aceitou o convite para passar a noite como nosso hóspede.

Um detalhe ao acaso permite que o hospedeiro José Maria consiga lembrar com exatidão, quarenta e um anos depois, a hora da chegada dos Leminski ao mosteiro: 17:15. O jantar no refeitório coletivo tinha como tradição religiosa ser servido pontualmente às 17:30. No momento em que as malas e o baú estavam sendo arrastados para dentro do claustro, os outros alunos já se acomodavam nas mesas. Ele e Leminski tiveram pouco tempo para largar a bagagem no terceiro andar, na ala dos oblatos, e descer para se juntar aos demais. Na pressa, Siviero largou o chapéu do pai de Leminski sobre o baú e correu escada abaixo, excitado:

— Foi engraçado porque após o jantar, quando fui buscar o chapéu, aconteceu um imprevisto. A sala do terceiro andar estava escura e eu acabei batendo com o joelho na quina do baú — o que, além de provocar uma dor terrível, me fez cair sentado sobre o chapéu. O objeto adquiriu o formato de uma pizza... Nós, os garotos, rimos muito desta cena, enquanto o pai dele tentava consertar o estrago.

A escola de oblatos tinha nesta época vinte e dois alunos, que ocupavam quase todo o terceiro andar da ala dos fundos do edifício. Um elevador “antigo”, com estrutura de ferro e chave privativa, servia de acesso exclusivo para monges e professores. Os meninos faziam uso da escada que começa ao lado da piscina interna, passa pelas salas de aula do segundo andar e vai terminar em frente à porta que dá acesso aos dormitórios, no topo do edifício. No total, são dez cubículos (aposentos individuais) fechados por cortinas de pano, formando um semicírculo no salão. No centro, uma mesa e duas cadeiras.

Todos os cubículos, como é próprio de um monastério, ostentavam o máximo em despojamento material: uma cama, uma mesa e uma cadeira. (Estava sendo criada a ambivalência estética que ele adotaria para o resto da vida.) Do outro lado, seguindo pela porta da esquerda, chega-se ao

apartamento coletivo — onde dormiam os alunos menores —, um grande salão com capacidade para outras dez ou doze camas. E, finalmente, bem à direita, a porta que conduz ao apartamento de D. Clemente, o supervisor, hoje transformado em capela.

Os noviços — alunos mais velhos, que usam hábitos de monge — ocupavam as clausuras da ala frontal do mosteiro, ou seja, no lado oposto aos apartamentos dos oblatos, que usam hábitos brancos em dias de cerimônia. Em ambos os casos, as janelas laterais voltadas para o pátio interno — o claustro — oferecem uma visão completa e aérea do vistoso jardim, onde se destacam a árvore símbolo pau-brasil e um pequeno lago com água corrente e peixes ornamentais. É um lugar onde se respira paz e tranquilidade, e o silêncio é sagrado. Conservando uma tradição que se mantém até hoje inabalável, mulheres não podem entrar neste ambiente.

Sabe-se que Paulinho não teve nenhuma dificuldade de adaptação na escola. Após uma semana, exatamente no dia 4 de março, ele escreveu a primeira carta para a mãe, saudando-a — como faria regularmente, a partir de agora — com a palavra latina Pax! Falava da rotina no mosteiro e anunciava que tinha visitado o órgão de tubos e os sinos da basílica. E concluía:

Aqui temos futebol (eu não gosto e não jogo), piscina e cinema. D. Clemente, os monges e os meninos são muito bons para mim. As aulas já começaram. Despede-se o Paulo com um beijo e um abraço; ao Pedro minhas lembranças.

Entre seus novos companheiros, Paulo Leminski (que começava a abandonar a identidade de Paulinho para ser chamado apenas de Leminski) foi encontrar um verdadeiro time de futebol já armado. Sinval de Itacarambi Leão, um paulista de Araçatuba, era o centro-avante deste time. Mesmo sendo de uma turma mais velha, Sinval lembra-se vivamente de quando o jovem curitibano, matriculado com o número 277, passou a fazer parte da vida do mosteiro:

— O Leminski apareceu provocando um impacto na turma com a sua inteligência e sagacidade. Era, sem nenhuma dúvida, o mais culto entre nós. Possuía uma inquietação cultural e existencial muito grande. Com

apenas 13 anos tinha carisma e, talvez o mais importante, era generoso e não nos ofendia com sua inteligência.

Para Sinval — que no futuro seria jornalista e editor da revista *Imprensa* — o curto período que Leminski passou no mosteiro — um pouco mais de um ano — parece ter sido multiplicado por dois, tal a intensidade da relação entre o novo aluno, os colegas e a instituição. (No futuro, Leminski iria valorizar esta passagem, dizendo ter ficado “dois, três anos no São Bento”.) Sinval recorda-se que logo nas primeiras semanas Leminski consolidara grandes amizades no novo ambiente, inclusive com os monges mais eruditos do mosteiro. Entre eles, um em particular acabaria exercendo forte influência em sua vida: D. João Mehlmann, um exegeta igualmente inquieto que, além de ser considerado um intelectual sofisticado e sério, ocupava a função técnica de organista da Basílica. D. João, que passava o dia lendo e fumando charutos, reagiria com surpresa ao saber que um certo aluno, oriundo da turma dos oblatos, se vangloriava de ter lido, aos doze anos, uma enciclopédia inteira, de A a Z. Até então, ele acreditava ser o único a ter realizado tal façanha. Ato contínuo, deu duas baforadas e cruzou os corredores do mosteiro; entrou no elevador e subiu até a ala dos oblatos no terceiro andar; queria conhecer pessoalmente Paulo Leminski. A partir do primeiro encontro, que aconteceu sob o signo dos estudos e do conhecimento, os dois ficaram bons amigos.

Foi D. João Mehlmann, um doutor na Sagrada Escritura, cuja especialidade era estudar os autores gregos no original, quem apresentou a Leminski a biblioteca do mosteiro, no segundo andar. Ali, o garoto encontrou o que procurava: obras de autores clássicos servidas de bandeja por um orientador (tradutor) ideal para a tarefa. Interessou-se por latim e grego, tendo se aprofundado no estudo do Panteão, onde se perfilam os deuses sagrados da mitologia. Atualizou estes estudos religiosos através de Spinoza (Baruch), um expoente do panteísmo moderno, que organizou e catalogou as religiões, conferindo-lhes definições, axiomas e postulados.

A partir deste encontro, Leminski receberia informações místicas e se deixaria fascinar pela cultura religiosa. Conheceu e se dedicou a entender a semiologia musical do Canto Gregoriano, um gênero difundido entre os monges e freqüentemente entoado pelo coral durante as cerimônias

oficiais. É fato, também, que ficou visivelmente impressionado quando soube que na Idade Média os monges compuseram os Cantos Gregorianos acreditando ser a música cantada por anjos e santos, no Céu, diante do Senhor. Na terra, os monges “recebiam” uma graça momentânea e compunham estes cantos, identificados por Leminski como “o verdadeiro som celestial”:

Dominas dixit ad me: Filius meus es tu, ego hodie genui te.
Quare fremuerimt gentes: et populi meditati sunt inania?^{4}

O depoimento de D. Clemente, concedido anos mais tarde, quando se encontrava afastado do monastério, pode ajudar a elucidar o relacionamento entre Leminski e D. João Mehlmann:

— Os dois passaram a estudar juntos e discutir temas de grande profundidade. D. João transferiu para o Leminski uma carga muito grande de conhecimento, o caminho das pedras para o aprendizado das línguas clássicas. Eles gostavam de discutir as “obras-mães”, como diziam.

O resultado desta convivência se traduziria nas primeiras notas do ano letivo de 1958, as chamadas “argüições” do boletim, onde se pode ver um 10 em história geral, dois 9, em latim e religião, e um 8 em francês. As piores notas do primeiro semestre, dois zeros categóricos, foram em matemática, nos meses de abril e maio. O comportamento do aluno, neste sentido, revelava uma forte inclinação pedagógica: as coisas que ele amava, amava muito e se esforçava para entender; as que não gostava, sequer tomava conhecimento... Desde cedo seus professores perceberam que o melhor seria investir nos estudos em que ele demonstrasse interesse e aptidão, para não dizer voracidade intelectual. Assim foi feito com as línguas — incluindo o português — e história universal, cátedras com as quais Leminski criaria uma estreita relação no futuro.

O gosto pela poesia o aproximaria também de Luís de Camões — foi visto várias vezes com Os Lusíadas debaixo do braço — e, assim que se estabeleceu, juntou-se a Sinval de Itacarambi para fundar, informalmente, a Academia de Letras Miguel Kruse, em homenagem ao abade que construiu o Colégio de São Bento, no início do século. Eles fizeram uma réplica da ABL, constituindo estatutos, regulamentos éticos e cadeiras,

sendo que a de número 1 seria destinada a Carlos Francisco Berardo, que se recorda da homenagem:

— A academia foi fundada sob a inspiração de D. Clemente, mas Leminski e Sinval eram seus maiores entusiastas. Acredito que o Leminski, nesta época, já se correspondia com escritores famosos. Notava-se nele, então, alguns traços de boemia, não com relação às bebidas, evidentemente, mas com relação ao romantismo.

Ao mesmo tempo, o ritual secular do mosteiro, que começava diariamente às 5:30, era forte componente disciplinar na vida dos oblatos. O grupo mantinha a rotina de assistir à missa das 6 horas, mesmo no inverno mais rigoroso, para só depois fazer o desjejum no refeitório. As aulas começavam invariavelmente às 7:05, com todos já sentados à espera do professor. Revelando uma memória prodigiosa, Leminski em poucas semanas já tinha decorado vários salmos de Davi e demonstrava preferência pelo de nº 105, cujo canto 34 faz um resumo do Êxodo, referindo-se especialmente às “nuvens de mosquitos e gafanhotos”. Uma imagem cinematográfica para uma literatura transcendental.

Segundo o depoimento de Sinval de Itacarambi, Leminski passou o ano inteiro estudando com empenho, sem trégua e sem hora de recreio:

— Apesar de ficar a maior parte do tempo sobre os livros, ele não era visto como um aluno “caxias”; pelo contrário, era considerado mais um anarquista com idéias próprias e originais. Gostava de nos envolver com questões que ele mesmo definia como “fundamentais”. Sabia conversar e tinha orgulho do próprio discernimento. Assim que o conhecemos ficamos fascinados por ele.

Outro monge, D. José Leandro, um paranaense de Guaraqueçaba — que também havia sido aluno do Internato, em Curitiba —, não esconde um sorriso ao lembrar de Leminski circulando “garboso” pelos corredores, falando para os colegas que se preparavam para jogar futebol, em tom de brincadeira:

— Vamos, existem coisas mais importantes do que futebol. Façam consultas — ele dizia, levando o dedo indicador à cabeça —, aqui dentro tem uma enciclopédia. É grátis...

D. Leandro se emociona ao falar do carisma do jovem estudante que, segundo ele, se destacava por apresentar um nível cultural “bastante” acima dos demais:

— Apesar disso ele era muito bagunceiro e esperto. Participava das festividades da escola e era querido por todos.

O decano desta turma, a quem cabia, na estrutura social da escola, organizar e disciplinar seus próprios colegas, era Osvaldo Torrell de Almeida Costa, escolhido para o cargo exatamente por ser um dos mais velhos do elenco. Torrell tinha muito trabalho com Leminski na questão disciplinar:

— Ele costumava desaparecer com muita freqüência. Certa vez, ao fazer a conferência na hora de dormir, percebi que ele não estava em sua cama. Já era tarde e, depois de muito procurar na vastidão daqueles aposentos, fui encontrá-lo dormindo atrás do piano, com um travesseiro no rosto e um ar angelical.

É possível que um pouco da tolerância encontrada junto aos novos colegas deva-se ao fato de que Leminski, ao contrário da maioria dos garotos, não “sabia” jogar futebol, o que poderia ser considerado “algo de menos” neste pequeno universo lúdico. (Em matéria de futebol, o máximo a que Leminski arriscou foi ser torcedor do Atlético.) De qualquer maneira, tal “deficiência” era amplamente compensada pelo estilo e personalidade do rapaz. Para o hospedeiro José Siviero, suas qualidades eram marcantes:

— O Leminski tinha um físico avantajado, um corpo de atleta emoldurando uma personalidade forte. O fato de não jogar futebol, como mandava um certo figurino, não fazia dele um molengão. Ele se impunha numa conversa, falava alto e com determinação. Discutia com os professores, criava clima para o debate... Isto, na idade dele, era uma coisa fora do comum.

No início, ele ocuparia uma cama no dormitório coletivo, junto aos alunos menores. Mais tarde, devido ao seu tamanho, seria separado dos infantes e transferido para um cubículo individual, indo se juntar aos garotos de 14 e 15 anos. Nesta época, o que já era uma tendência no seu comportamento acabou se transformando em atitude: definitivamente,

não gostava de tomar banho. Participava das brincadeiras no sítio “dos padres”, em Itapecerica da Serra, exercitando salto em altura ou jogando futebol (era desajeitado e algumas vezes foi visto atuando na defesa), mas na hora de ir para o chuveiro procurava desconversar: “Tenho mais o que fazer”, dizia, referindo-se às jornadas de estudos com as quais vinha conquistando a fama de aluno excepcional. Era vaidoso com o físico e gostava de andar sem camisa, sempre que o clima e as ocasiões permitiam.

Quase na metade do ano, mais precisamente no feriado do Dia do Trabalho (1º de maio), os monges programaram um passeio dos oblatos a Santo Amaro, naquela época um bairro “afastado” do centro de São Paulo. Era a chácara dos padres, uma espécie de clube de campo do noviçado. Para os garotos, seria uma trégua nos estudos, um merecido e aguardado dia de recreação ao ar livre. “Afinal, ninguém é de ferro!”, diziam. Todos se prepararam com antecedência com grande expectativa, o que acabou gerando uma ansiedade maior que se arrastou por intermináveis dias da semana anterior.. Finalmente, a viagem foi feita numa “jardineira” ou “lotação”, como eram chamados os microônibus de então.

Fazia uma tarde agradável, com céu azul e sol forte. Na lembrança de alguns ex-colegas — e no registro de várias fotografias — Leminski foi o único que não entrou no lago, preferindo brincar longe da água. Mesmo sendo alvo de zombarias, não se intimidava e mantinha uma franca estratégia de contra-ataque ao promover um desfile in vitro de suas qualidades físicas, desafiando qualquer um para os chamados esportes olímpicos: salto em distância, corrida livre... Nestas horas, podiam-se ouvir músicas no rádio transistor e cantar junto os grandes sucessos do momento, a italiana “Nel blu dipinto di blu”, com Domenico Modugno, e “Chega de saudade”, com João Gilberto:

Pois há menos peixinhos a nadar no mar

Do que os beijinhos que eu darei na sua boca...

Certa vez, Leminski tornou-se o centro das atenções dos colegas ao participar, involuntariamente, de uma cena curiosa. Ao ser descoberto um rato no dormitório dos menores, imediatamente os alunos deram início a uma verdadeira caçada ao animal. A correria e a algazarra se instalaram

por alguns minutos no 3º andar do mosteiro. Em flagrante desespero, o indesejado roedor corria de um lado para o outro, passava zunindo, ora em ziguezague, ora por debaixo das camas, arrastando uma horda de garotos atrás dele. Leminski estava parado, assistindo a tudo encostado num pilar, quando o rato passou-lhe pela frente. Num gesto rápido e certo ele desferiu um chute fatal no animal, que subiu e foi bater na parede oposta, antes de cair estatelado no assoalho. Foi uma cena surpreendente... Em seguida, saiu dizendo num jeito muito particular dele:

— Tem certas coisas que é melhor fazer sem suar a camisa...

O fascínio e o interesse pela secular tradição dos beneditinos, sua história e personagens, teriam levado Leminski a escrever, nestes dias, aquele que seria o seu primeiro (esboço de) livro: as biografias dos principais santos da Ordem. Estudou a vida do patriarca, o venerável São Bento de Núrsia, a partir de uma obra escrita no ano 593 pelo papa Gregório Magno, em latim. Suas anotações o teriam levado, ao longo de várias semanas, a esquematizar e ordenar esta curiosa árvore genealógica dos beneditinos. O resultado da empreitada parece ter sido um pequeno caderno escolar com dezenas de folhas preenchidas, das quais não se conhece nenhum vestígio.

É provável, também, que Leminski tenha estabelecido nesta mesma época os primeiros contatos com os fundamentos filosóficos de outras religiões, notadamente o budismo e o zen-budismo. De qualquer forma, sabe-se que através de D. João Mehlmann ele ficaria conhecendo o “outro lado” da religião, as chamadas “filosofias orientais”. Dizia-se atraído por um pensamento que pudesse estabelecer uma unidade harmônica entre o indivíduo e o Universo, “sem intermediários”. Seguindo o pensamento de Santo Agostinho, porém sem as amarras da ortodoxia. No futuro, estas descobertas e influências seriam marcantes em sua vida intelectual — e devidamente utilizadas como temática de alguns ensaios e inspiração para muitos poemas.

Assim que se sentiu à vontade no novo ambiente, Leminski adquiriu um outro hábito que no futuro lhe acarretaria alguns aborrecimentos junto à direção do mosteiro: passou a colecionar fotos de mulheres (vedetes) em trajes sumários, publicadas na última página do jornal A Gazeta Esportiva. Ele aproveitava as eventuais saídas — normalmente para ir às aulas de

canto orfeônico, com a turma do coral — e, de uma forma dissimulada e sorrateira, comprava o jornal numa banca das redondezas. Na época, A Gazeta era uma publicação bastante popular entre os torcedores de futebol, fanáticos por jogos e mulheres — ao que tudo indica, nesta ordem — que, a bem da verdade, faziam exatamente como ele: recortavam as fotos e as penduravam em paredes de oficinas ou em murais de escritórios. No caso dele, num álbum secreto escondido sob o colchão.

A título de ilustração, sabe-se que a favorita entre as starlets, aquela que ocupava o lugar de destaque na imaginação e no álbum do adolescente, era nada mais e nada menos do que a incomparável (dizia-se “a coqueluche do momento”) atriz francesa Brigitte Bardot. O sucesso nas telas em ... E Deus criou a mulher (o título é uma sagrada coincidência), filme dirigido pelo marido Roger Vadim dois anos antes, confirmava a preferência da torcida brasileira pelo sotaque francês de BB. Os lábios carnudos e a pose lânguida estampada no álbum certamente embalsamaram algumas “homenagens” do garoto à bela musa, na solidão dos cubículos.

Foi com a cumplicidade de alguns monges ditos “progressistas” que Leminski e Clemens Schrage, um dos craques do time dos oblatos, tiveram acesso — aos 14 anos — a La Putaine Respectueuse, de Sartre. Clemens lembraria mais tarde:

— Eu e o Leminski tínhamos a mesma idade e fizemos muitas sabotagens juntos. Andávamos sobre o telhado do mosteiro e acabamos delatados pelos moradores dos edifícios próximos. Para contra-atacar, arrombamos algumas salas eternamente fechadas, que continham o inventário da elite do colégio.

Em uma destas salas, a dupla dinâmica encontraria trinta pianos e uma coleção inacreditável de penicos coloridos de porcelana francesa. Era uma visão fantástica, que eles se permitiriam vivenciar repetidas vezes:

— Nossas ações neste setor do edifício nunca foram descobertas e nem reveladas.

Para compensar alguma possível tendência para o relaxo, cortejado quase sempre nas esferas dedicadas a Eros, o deus da sensualidade, havia os momentos de extremo rigor, que continuavam permeando de informação

e conhecimento os dias de Leminski no mosteiro. As cerimônias pomposas na basílica, em datas especiais, lhe mostrariam a magnitude do ritual litúrgico. Como a missa celebrada no Sábado de Aleluia, por exemplo. Era sempre um dia de grande excitação no mosteiro. Durante a cerimônia, na condição de acólitos,^{5} os garotos entravam na basílica vestidos com paramentos roxos — assim como todas as estátuas dos santos, que permaneciam cobertas desde o início da Quaresma. Havia um momento, durante o ofertório, em que um dos coroinhas aparecia na entrada principal da igreja carregando um cordeiro; era o Agnus Dei, o “cordeiro de Deus que tirais os pecados do mundo”. Numa outra passagem, todos trocavam de roupa na sacristia, rapidamente, para voltar com vistosas e alegres batinas amarelas. Era um momento mágico. Os panos roxos das estátuas caíam e o abade D. Afonso entoava “Gloria in Excelsis Deo”, com uma voz soberba e poderosa. No órgão de tubos, profundamente compenetrado, D. João Mehlmann.

— Era um jogo de cena incrível, uma metamorfose que encantava a todos — lembra Siviero, ele mesmo o encarregado, durante três anos seguidos, de conduzir o cordeiro ao altar. Nestas ocasiões, os sinos monumentais eram acionados, aumentando o tom solene da cerimônia. O Cantabola, o maior e mais pesado de todos os sinos, com 4,5 toneladas, badalava com alegria e majestade, fazendo-se ouvir por todo o extenso vale do Anhangabaú.

A basílica impregnada de incenso, as pessoas tossindo baixinho, o bruxulear das velas, tudo remetia a uma atmosfera de meditação e recolhimento. O refinamento e a beleza — observados nos vitrais da basílica, nos tecidos de linho branco e nas obras de arte sacra — eram oferecidos como uma espécie de recompensa para aqueles que escolheram a abstinência e a fé como o Caminho da Verdade. Paulo Leminski viveu intensamente este clima, deixando-se tocar pelos dogmas da religião, tornando-se para sempre uma pessoa de vida simples e hábitos despojados.

Logo depois da Páscoa, a primeira data especial no mosteiro era o Corpus Christi, no início de junho, quando voltavam as cerimônias pomposas e os oblatos podiam novamente vestir seus hábitos brancos. Para confirmar as

boas notícias em âmbito nacional, antes mesmo do final do mês, no dia 29, o Brasil ganharia a Copa do Mundo, vencendo a Suécia na decisão, em Estocolmo, por 4 x 0, com um show de Pelé, agora o rei do futebol.

Foi assim, em meio ao furor das comemorações, que seria acertado entre seu pai e D. Clemente, através de uma troca de cartas, um período de férias em Curitiba. Foi uma visita rápida, que ajudou a matar as saudades de todos em casa. Em carta encaminhada a D. Clemente, pelas mãos do próprio filho, o subtenente Leminski agradecia a atenção e a gentileza da direção do mosteiro pelo “financiamento antecipado”, que permitiu pagar a passagem do garoto sem muita burocracia.

O boletim com as notas do segundo semestre veio confirmar a tendência do aluno para as línguas, com as médias 8,24 em latim, 6,50 em francês e 9,62 em história geral (nota final). Apesar disso, a média global não passou de 5,79, o suficiente para ser “promovido” à 4ª série. Além de matemática, o aluno apresentava deficiência de aprendizado também em desenho e canto orfeônico. E, mesmo estudando em regime de internato, o boletim registra onze faltas em aulas normais e outras cinco em educação física.

Quando setembro chegou, dando um frescor no inverno de São Paulo, trouxe junto o escândalo da temporada. Foi um burburinho no colégio, que se espalhou rapidamente por todos os andares e corredores. Não se sabe como, o álbum de vedetes de Leminski, escondido durante várias semanas sob o colchão de sua cama, havia sido descoberto por um monge bisbilhoteiro. O fato foi notificado imediatamente à direção da escola. A partir deste episódio, lembram os ex-colegas, as coisas começaram a mudar para ele. O desconforto tornou-se evidente e, como consequência, ele se sentia como um “estranho no ninho”. Sinval de Itacarambi, testemunha ocular destes acontecimentos, reconhece que o álbum foi apenas a gota d’água:

— Já havia uma certa disposição da direção do mosteiro em sugerir a volta de Leminski para Curitiba. Na verdade, ele começava a dar sinais de inquietação e impaciência no claustro. Estava ultrapassando os limites físicos e intelectuais da escola.

O colega de carteira, Armando Loreto Júnior, lembra que seu comportamento era considerado meio “amalucado”. Ele andava, falava e pensava mais rápido que qualquer outro garoto da sala. Um dia, obedecendo ao ritual de levantar-se diante da chegada do professor à sala de aula, como era de praxe, Leminski o fez de forma exagerada, provocando um forte barulho com o assento da carteira. O gesto irritou o professor Paulo Cechetto, de português, que depois de um breve sermão de reprovação, determinou:

— Ou você vem aqui na frente e bate três vezes com a cabeça no chão ou será colocado para fora da sala! Você escolhe. Ser colocado para fora da sala significava uma punição extremamente grave neste contexto, uma mancha na ficha pessoal do aluno. Como regra básica, qualquer garoto deveria evitar este tipo de referência. Diz Armando:

— O Leminski não teve qualquer escrúpulo e, para surpresa da turma e mais ainda do professor, foi à frente e bateu com a cabeça no chão três vezes. E o fez com tal vigor que o barulho foi ainda maior do que quando bateu no assento da carteira.

Diante de tantos registros relacionados com a disciplina, a família foi aconselhada, em tom cordial e amigável, a requerer a transferência do aluno para outro colégio. Todos concordaram, entretanto, que o ano letivo deveria ser cumprido normalmente, até o final — e que qualquer mudança ficaria para o ano seguinte. Em novembro, com o boletim nas mãos e tendo conhecimento prévio do seu destino, os alunos entrariam em férias. Alguns vinham de longe — a maioria do interior de São Paulo — enquanto outros se reconheceriam exilados na rua principal — e simplesmente mudariam de bairro. Ele, Paulo Leminski Filho, esperou o pai ir buscá-lo e, juntos, tomaram o ônibus de volta para casa.

Em entrevista publicada vinte e quatro anos depois (a 29 de outubro de 1982), no jornal O Estado do Paraná, ele deixaria registrado:

— Acontece que eu descobri a mulher. No mosteiro eu sentia umas coisas, uns arrepios que me faziam pensar: ou é o arcebispo ou é alguém. Era a mulher. Então, tinha coisa melhor que Deus.

Depois, discretamente, revelaria ter boas razões para suspeitar que a descoberta do “álbum secreto da Brigitte” era resultado de uma trama urdida a partir das revelações feitas no confessionário, onde acumulava penitências pelas rotineiras “homenagens” às belas e sensuais vedetes — aludindo-se à mitologia, uma referência a Onan. Com o passar do tempo e com a repetição sistemática destas penitências, os monges teriam identificado em sua personalidade (ainda em formação) pontos visíveis de soberba, vaidade e sensualidade, elementos considerados incompatíveis com a vida monástica. Ou, analisando de outra forma, havia evidências suficientes de que faltava ao aluno “vocaçào espiritual para a vida religiosa”.

O pedido de transferência do mosteiro, datado de 20 de janeiro de 1959, foi assinado de próprio punho por Paulo Leminski Filho, com a autorização do pai estampada logo abaixo, no canto direito. Chegava ao fim um período de intensa convivência com os beneditinos cujo significado, para ele, no futuro, seria mais profundo do que uma simples “passagem” pela escola dos oblatos.

Logo após a partida e nos meses seguintes, Leminski escreveria várias cartas para D. Clemente, a primeira delas em latim, a 28 de março de 1959, assinada por Paulus L. Junior. Em maio, uma nova correspondência e uma confissão: “Das infinitas coisas que sinto falta, do Mosteiro, as principais são o silêncio (que eu contribuí para diminuí-lo), a capela e os sombrios corredores.”

Em outubro, D. Clemente receberia um bilhete de apenas dez linhas onde Leminski reconhecia, em tom de serenidade: “Mudei um pouco e tenho mais ordem externa e interna. Continuo tendo por lema AUT EGO — AUT NIHIL” (Ou eu ou nada).

No dia 2 de fevereiro de 1960, mais uma carta com dois motivos aparentes: lembrar a D. Clemente que o Congresso Eucarístico Nacional seria celebrado em Curitiba e perguntar, “as obras do dominicano Giordano Bruno estão no Index?”.

Em julho, numa carta recheada por questões, digamos, “profundas”, ele se mostraria frustrado por não constatar progresso no estudo da língua grega:

Nestas férias estudei latim, história antiga, francês (leio Telêmaco e o gênio do Cristianismo, Chateaubriand), hebraico (tenho um amigo que me cedeu uma gramática) e procurei mais santos e vultos beneditinos para minha lista, numa enciclopédia católica italiana; grego com uma gramática me consumiu boas horas, porém acho ainda estar imaturo para me embeber do espírito da língua de Xenofonte (emprestei da Biblioteca a Análise. Nada consegui. Bem, disse com meus botões, deve ser o dialeto que Xenofonte usa que não é ático, mas mescla de jônio. Empresto então Diálogos, de Platão, um dos mais puros escrevinhadores. Nada!).

Aproveitava para fazer uma série de consultas técnicas a D. Clemente, sobre regras gramaticais, e se despedia pedindo a “bênção para o Leminski”.

Dois meses depois, uma nova correspondência, iniciada “após ouvir a missa vespertina pelo rádio”, trazia mais informações sobre seus progressos nos estudos:

Me aprofundo agora na literatura latina. Traduzi alguma coisa de Virgílio e Salústrio que é meu prosador predileto e leio também as cartas de S. Jerônimo no original latino. Se souberes de algum livro que traga a biografia de Champollion, seria favor informar-me.

A última correspondência entre eles, datada de 19 de dezembro de 1960, tem como motivo

algo que me alegra deveras: após meses de estudo do hebraico, já estou em condições de estudar as Sagradas Escrituras (é algo que não me larga!) no original. Vou até às cinco da manhã estudando os salmos. A alegria de poder lê-los no original é imensa. Todas as formas características do hebraico me são conhecidas.

Ele voltaria algumas vezes ao São Bento, nos anos seguintes, sem jamais passar da recepção, pois sempre se fazia acompanhar da mulher e da filha Áurea. O colega Sinval de Itacarambi, por sua vez, estima que esteve com

Leminski pelo menos oito vezes, nos anos seguintes, sendo a última em 1986, em Curitiba. Os outros colegas, personagens deste pequeno capítulo do mosteiro, jamais o viram novamente, embora tivessem notícias suas pela imprensa. Alguns compraram seus livros e conhecem sua obra. Brigitte Bardot, já afastada do cinema, se tornaria uma incansável ativista em defesa dos animais, e, acredita-se, nunca mais voltou a ser capa em álbum secreto de adolescente.

Várias experiências vividas nesta época foram registradas por Leminski em folhas de papel e, posteriormente, em livros, tornando-se verdadeiras pegadas autobiográficas lavradas no bojo de sua obra. Num poema escrito em agosto de 1984, quando completou 40 anos, ele diria:

IN HONORE ORDINIS SANCTI BENEDICTI

à ordem de são bento

a ordem que sabe

que o fogo é lento

e está aqui fora

a ordem que vai dentro

a ordem sabe

que tudo é santo

a hora a cor a água

o canto o incenso o silêncio

e no interior do mais pequeno

abre-se profundo

a flor do espaço mais imenso

Na mesma entrevista, Leminski diria que “aos 40 anos ainda me sinto um Beneditino — e vai ser assim para sempre...” Mais tarde, no início dos anos 90, foi encontrado entre seus alfarrábios — cuidadosamente programado para ser editado — este poema que ele decidiu chamar de

SACRO LAVORO

as mãos que escrevem isto
um dia iam ser de sacerdote
transformando o pão e o vinho forte
na carne e sangue de cristo . . .
hoje transformam palavras
num misto entre o óbvio e o nunca visto

Em junho de 1968, a Escola Claustal do Colégio de São Bento foi fechada por decisão da abadia, como consequência de uma crise financeira e de uma onda de escândalos envolvendo denúncias de homossexualismo entre monges e alunos. A notícia foi mantida longe dos foros da imprensa diária, mas mesmo assim D. Clemente abandonou o mosteiro e voltou à vida civil com o nome de batismo: José Maria da Costa Vilar.

D. João Mehlman faleceu nos anos 70 em decorrência de problemas com alcoolismo. O oblato Pedro Uzum também se afastou da vida religiosa — por outros motivos — e foi trabalhar como psicólogo na cidade de São Paulo. D. José Leandro e D. Estevão continuam no mosteiro ainda hoje, onde são monges professores; o “decano” Oswaldo Torrell, com a identidade religiosa de D. Lucas, exerce a função de prior do mosteiro de São Bento, em Vinhedo, interior de São Paulo. Armando Loreto Júnior, colega de carteira de Leminski, formou-se em engenharia eletrônica e leciona matemática e religião numa universidade em São Paulo. Carlos Francisco Berardo, o ocupante da cadeira nº 1 da Academia de Letras Miguel Kruse, formou-se em direito e, na virada do ano 2000, era juiz do Trabalho.

Posteriormente, fazendo um breve resumo sentimental deste período, Leminski criaria este emblemático e despojado poema sem título:

nunca sei ao certo
se sou um menino de dúvidas
ou um homem de fé
certezas o vento leva
só duvidas continuam em pé

CAPÍTULO 4

CURITIBA, POR TRÁS DA NEBLINA

Certa vez, durante uma entrevista a um grupo de jornalistas,^{6} ao analisar aspectos culturais da cidade de Curitiba, Paulo Leminski diria:

— Primeiro: esta é uma cidade em que a sexualidade, o Eros da vida, é reprimido. E Eros coincide com a criatividade. Então, a repressão de Eros é a repressão da criatividade. Não criamos nada no setor primário e secundário, ou seja, nem agricultura e nem indústria. Curitiba é, portanto, uma cidade de administração e tabelionatos, onde se vive a plenitude do determinismo econômico da classe média. Segundo: em Curitiba (como em todo o Paraná) existe o que se pode entender como a “mística do trabalho”, herança equivocada dos imigrantes alemães, italianos e polacos, empenhados em se convencer de que o trabalho dignifica a vida. Uma idéia certamente criada por aqueles que se consideravam irremediavelmente “por baixo”, na escala social.

As análises sobre a cidade onde nasceu e viveu a maioria dos seus 44 anos tinham para Leminski, invariavelmente, este tom dramático e visceral. Suas teses incluíam, como elementos inerentes ao discurso, a polêmica e a provocação. Neste sentido, ele foi um dos mais mordazes e agudos críticos que a cidade já conheceu. Não necessariamente em tom depreciativo — que fique bem claro isso —, mas quase sempre irônico — até porque ele se considerava, sobretudo, um curitibano:

— Eu jamais consegui morar em outro lugar por muito tempo. Agora, aos 40 anos, estou mais tranquilo, pois descobri que sou como o pinheiro, que não se pode transplantar.

A cidade de Curitiba, assim como todo o universo que o cercava, vai aparecer em vários momentos de sua obra, seja em forma de poemas, ensaios ou — o que aconteceria com mais freqüência — entrevistas publicadas em jornais e revistas. No final dos anos 80, produziria o poema “Curitibas”, no plural, para dizer:

Conheço esta cidade
como a palma da minha pica.
Sei onde o palácio
Sei onde a fonte fica
Só não sei da saudade
A fina flor que fabrica.
Ser, eu sei. Quem sabe,
esta cidade me significa.

Para se conhecer a Curitiba que Paulo Leminski cantou em prosa e verso, com suas características e idiossincrasias, recomendase antes estabelecer uma conexão, através do tempo, com as correntes migratórias que ocuparam o Sul do Brasil em diferentes épocas. Afinal, até o século XVIII o planalto curitibano também era uma terra de índios — no bom sentido, é claro —, onde viviam as tribos jê, tingüi (da grande nação guarani) e tupi, das quais existem hoje poucos vestígios e quase nenhuma narrativa oral. Algumas pegadas indígenas ainda podem ser encontradas na nomenclatura dos bairros: Capanema, Atuba, Juvevê, Guabirota. A palavra Curitiba seria grafada, segundo o idioma guarani, algo como Kur ity ba.^{7}

Os colonizadores que se estabeleceram no planalto da Serra do Mar, após o pioneirismo do povoador Mateus Leme, chegaram atraídos sobretudo pelo garimpo do escasso ouro da região (quase nada, se comparado ao das Minas Gerais). A Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, primeiro nome do povoamento, situada a 900 metros acima do nível do mar, demorou a se desenvolver economicamente justamente por não ter muito a oferecer, além de um frio rigoroso e temperaturas não raro inferiores a zero grau. Até então, a vila^{8} era usada como pernoite pelos tropeiros que faziam o trânsito de gado para São Paulo (o famoso corredor Viamão-Sorocaba) — e exportação de erva-mate, via porto de Paranaguá, a partir de 1820.

Mesmo com as evidentes dificuldades climáticas, a região atraiu a primeira leva de imigrantes alemães (na verdade, um movimento de reemigração) vindos de Rio Negro para se estabelecer em terras cedidas pelo Império como parte do plano de ocupação territorial, em 1833. Paradoxalmente, o clima da região ajudou os negócios de Michael Müller e Anna Krantz, pioneiros na exploração deste solo, que trouxeram inovações técnicas no cultivo de frutas européias e batatas inglesas.

Os poloneses (incluindo os ucranianos) chegariam a partir de 1871, assentando-se no anel periférico da cidade, onde criariam as colônias Tomás Coelho, Muricy, Santa Cândida, Orleans, Lamenha e Pilarzinho. Em seguida, os holandeses se estabeleceram numa área mais central do Paraná, a região de Castro, onde construiriam uma cidade industrial, Castrolândia, cuja principal atividade econômica seria a produção de laticínios da fábrica Batavo. Por último, chegaram os italianos, tricolores e festivos, dispostos a manter a tradição gastronômica da pátria amada — e, para isso, criaram de imediato um bairro, Santa Felicidade, que se tornaria famoso pelas inúmeras cantinas e vinícolas. Entre os vários grupos italianos, um em particular faria história ao se deslocar para Palmeira e fundar a Colônia Cecília, uma experiência anarquista de resultados transcendentais: depois de dissolvida a comunidade, seus integrantes se espalharam pelo sul do país e fundariam, em Porto Alegre e Curitiba, os primeiros sindicatos brasileiros. É a herança politizada do nosso povo.

O desenvolvimento cultural e urbano da cidade, portanto, vem se consolidar com a participação de diferentes e variadas etnias européias. Fisicamente, vista do alto, a área se assemelha a uma colcha de retalhos onde cada forma geométrica representa uma colônia. Enquanto muitos analistas (sociólogos, sobretudo) viam nesta conformação múltipla uma “virtude” trazida pela união de diversas raças — o que proporcionaria uma certa democracia de cores —, Leminski entendia o mesmo fenômeno como uma “poda de raízes”:

— Nossos pais, num passado recente, tiveram suas culturas decapitadas pela mudança brusca de contexto, de realidade. Eles perderam a cultura deles e não encontraram outra. Até muito além do ano 2000 ainda vamos estar trabalhando para construir a nossa identidade. Além disso, o

imigrante trouxe também o puritanismo calvinista e o ascetismo próprio de quem vive para o trabalho.

Esta biografia não pretende apresentar um tratado sociológico sobre a cidade de Curitiba e nem se desviar do assunto a que se propõe, fazendo um guia histórico e cultural (pior ainda seria o marketing) da cidade onde Leminski viveu. O que se acredita conveniente e oportuno, neste ponto da narrativa, é fornecer elementos para que se possa entender o contexto que favoreceu o surgimento de um poeta da estirpe de Paulo Leminski, cuja “ligação” com a cidade e suas raízes sempre foi de “alta voltagem” e determinante em sua obra. Num certo sentido, Leminski e Curitiba se parecem em suas modernidades e formação genética, não fosse ele descendente de poloneses e brasileiros (com forte traço de negro e índio), um arquétipo desta mesma miscigenação cultural. Ele analisava esta condição social:

— Meus avós vieram para cá na tentativa de construir algo e descobriram que ser imigrante é barra pesada! O imigrante não é o estrangeiro que viajou! É um tipo de gente especial, com um conjunto de dotes psíquicos que lhe permitem dizer: “Vou-me embora da minha terra, vou para o outro lado do oceano, construir alguma coisa lá!” E para isso trabalharam de sol a sol.

Leminski foi certamente um herdeiro da força de trabalho de seus antepassados. Era incansável naquilo que chamava de “labor braçal do escriba”, sentindo-se confortável diante de uma máquina de escrever e um calhamaço de papel em branco — ou de uma montanha de livros a serem lidos e resenhados. Era dotado de “raça”, no sentido usado para significar determinação e brio, uma certa disposição férrea de encarar o trabalho e a vida. Atravessava as noites estudando e escrevendo.

Do ponto de vista intelectual, Curitiba ofereceu a Paulo Leminski, segundo suas próprias palavras, “muito pouco além do movimento simbolista de Dario Vellozo e o Instituto Neo-pitagórico”. Tornou-se freqüentador do templo Neo-pitagórico, no bairro de Vila Isabel, onde se professava, como o próprio nome sugere, uma volta à filosofia de Pitágoras. Havia ainda um estranho altar com terra retirada do túmulo do ilustre helênico, na Grécia. Dario Vellozo e os simbolistas ainda dominavam o cenário cultural da

província, por volta de 1930, quando no resto do país já trafegavam informações que permitiam avaliar, por exemplo, o significado e a importância do Movimento Modernista. Leminski mostrava-se fã e crítico impiedoso deste particular episódio da cultura local:

— O Dario Vellozo foi a figura mais curiosa que Curitiba produziu no início do século, mas o simbolismo que ele representava existiu durante anos como uma espécie de elefante nos nossos horizontes, impedindo o nosso progresso. Os intelectuais da província continuavam inebriados pelo prestígio de um movimento que já estava moribundo.

— Poucos e bons!

Era assim que ele definia a “sopa rala” da cultura curitibana a partir dos anos 50 e 60, quando os meios de comunicação permitiriam o acesso às produções de massa. Leminski acompanhou o nascimento das rádios, que explodiam com o sucesso dos programas de auditório; viveu plenamente o surgimento dos grandes jornais da cidade: Última Hora, Diário do Paraná, Gazeta do Povo e Estado do Paraná, com os quais estreitaria relacionamento desde cedo. Aos 17 anos publicava crônicas e poesias no boletim do Colégio Estadual do Paraná.

A cultura popular da cidade se manifestava com naturalidade diante de seus olhos, revelando talentos que atravessariam décadas como entidades-símbolo de vários segmentos de criação; a dupla sertaneja Nhô Belarmino e Nhá Gabriela, além de pioneira, tinha identidade local e perpetuou um estilo; o Circo Irmãos Queirolo, com o legendário palhaço Chic-Chic, contava com a herança da tradição circense do uruguaio Otelo Queirolo, mas podia ser considerado um “produto” de Curitiba, onde divertiu gerações, criou raízes... e nunca mais saiu. Chic-Chic foi certamente um dos últimos nobres da profissão de palhaço. Fora do picadeiro era elegante e refinado, um gentleman, com um acentuado sotaque portenho. Seus descendentes diretos, a cadela de pano Violeta e o palhaço Gabiroba, estes com certeza nasceram em Curitiba. Com todos estes personagens, Paulo Leminski fez história.

A cidade cresceu e os fenômenos se multiplicaram. A fé popular, capaz de “remover montanhas”, faria surgir a força mística de Maria Polenta (Maria

Trevisan Tortato), a benzedeira milagrosa que mobilizou multidões em busca de alívio e conforto para o corpo. Era a versão curitibana para as curandeiras do candomblé. Em oposição ao ritual cromático dos trópicos e das correntes africanas, a “manifestação” de Maria Polenta era conhecida popularmente como “espiritismo branco”.

Como um apaixonado pela lingüística em seus múltiplos aspectos, Leminski “ouviu” e “pensou” a linguagem do seu povo, estudou o jeito de ser do curitibano e acabou tirando algumas conclusões:

— A fala curitibana é desornada de aparatos musicais berrantes. É seca e concisa, como o conjunto de pertences de um tropeiro, como a araucária imóvel ao vento, como o gosto do pinhão, nossa fruta totêmica. O curitibano não fala bonito. Fala exato. Ou, como diz o orgulho local da cidade que teve a primeira Universidade do país: a gente fala como se escreve.

Certa vez, levado a citar valores de “expressão” em Curitiba, pessoas que admirava nas artes, Leminski destacaria o prestígio da música erudita, com a existência de boas sinfônicas e uma Camerata Antiqua “de respeito”, além de compositores como Bento Mossurunga (“um injustiçado, pelo que sua obra tem de inédito”) e os irmãos Henrique e Norton Morozowicz, regentes. Ao mesmo tempo, aproximou-se dos músicos populares, tornando-se um admirador da obra e amigo pessoal dos compositores Lápis (Palminor Fernandes) e Waltel Branco, “o lado negro da música dos polacos”:

— Nós, os curitibanos, não temos tradição, nascemos com o gás néon, somos o futuro. O nosso karma é a nossa liberdade —dizia.

Paulo Leminski considerava que Curitiba produzira, desde o início do século, grandes talentos isolados em diversas áreas. A verve e as patuscadas de salão de Emílio de Menezes faziam sucesso nas elites cariocas e, segundo ele, “seriam as primeiras a serem levadas a sério como produção intelectual”. Nossa escola de artes plásticas revelava o talento de Guido Viaro, Potty Lazarotto e Bakunin, todos nomes consagrados no panteão dos imortais curitibanos (mais uma vez, nomes europeus, é bem verdade, mas isto é Curitiba). No cinema, os pioneiros Anibal Requião e

João Batista Groff, registrando imagens das Cataratas do Iguazu e cenas urbanas de Curitiba, ganharam de Leminski o título de “desbravadores”.

No campo específico da literatura, dizia encontrar no Paraná apenas “manifestações literárias”, não exatamente uma “literatura paranaense”:

— O Paraná é um estado em alta ebulição. Está tudo em fase de começar. Qualquer coisa que você fizer aqui é inaugural. Analisando outra particularidade deste mesmo caráter, ele diria estar convencido de que, em Curitiba, produz-se socialmente um tipo estranho e perverso de comportamento coletivo:

— Aqui não se perdoa o fracasso e nem o sucesso. Por isso esta é uma cidade mediana. De uma maneira geral, consumimos mas não produzimos cultura.

Em texto intitulado “Sem Sexo, Neca de Criação”, lembraria o lado conservador da cidade, que em 1837 proibiu a execução do fandango dentro de sua povoação, por considerá-lo um ritmo lascivo, se não obscuro. “Essa lei provavelmente matou o nosso carnaval”, denunciava. Como resposta ao comportamento conservador do curitibano, Leminski se autoproclamará “a ovelha negra do rebanho”, nos conturbados anos 60:

— Fui dos primeiros em Curitiba a usar blusão vermelho e deixar o cabelo crescer. Em verdade, em verdade vos digo, o ideal do curitibano é ser invisível.

Traçando um perfil vertical ainda mais contundente da incipiente “alma” curitibana, Leminski conseguia se superar em provocação e originalidade compondo um dos seus mais irreverentes comentários:

— O pecado capital de Curitiba é a avareza. Esta avareza está ligada à mística imigrante do trabalho, que se traduz na idéia de poupança. Inteligente é poupar, não desfrutar. Então, freudianamente, Curitiba é a retenção das fezes.

De acordo com sua tese, a avareza dos curitibanos — “um povo acostumado a comer três vezes ao dia” — pode se manifestar de várias formas:

— A mais curiosa delas é a modéstia. A modéstia é uma virtude artesanal e nós vivemos num mundo industrial. Para o curitibano a modéstia é um valor artístico, uma forma de avareza.

Por outro lado, evidenciando uma flagrante e assumida contradição, ele iria protagonizar um episódio exemplar na redação da revista ISTO É, em São Paulo, nos anos 70, que revelaria seu orgulho pelos ditos “valores genuinamente curitibanos”. Durante uma mesa redonda promovida para discutir questões relativas a poesia e literatura, quando já se sentia visivelmente abatido pelo que vinha considerando “um debate de baixo nível”, levantou-se bruscamente, fez um movimento de mão com a papelada que carregava e disparou, olhando para o poeta Cacaso:

— Olha, brother, qualquer bar em Curitiba, numa sexta-feira à noite, tem um nível de discussão mais alto do que o desta mesa.^[9] Vou tentar pegar o Bife Sujo aberto...

E saiu da sala — no que foi acompanhado por Bonvicino —, deixando uma grande confusão atrás de si.

(Na primeira oportunidade Leminski arredondaria esta anedota, ironicamente, sentenciando que “nenhum lance de dados abolirá o Cacaso”, numa citação a Mallarmé.)

No contexto curitibano, Leminski costumava polemizar em torno de assuntos literários ou não criando muitas vezes desconforto e mal-estar nos ambientes. Abriria fogo contra os intelectuais da Boca Maldita, “que se casam com donas-de-casa e usam galochas”; apontou sua artilharia para o crítico Wilson Martins, que nunca o engoliu, chamando-o de “o Ney Braga da cultura paranaense, o primeiro a divulgar notícias velhas”. E arrematava: “Um sujeito tão ancestral quanto a medicina que receitava sanguessugas.” Considerava Dalton Trevisan um grande artesão das letras, mas avaliava que sua importância — por falta de participação na vida cultural da cidade — não passava disso. Este comportamento irreverente permitiu que ele mesmo se considerasse — e fosse considerado — o “louco da aldeia”. Uma aldeia — ou megaprovíncia, como querem alguns — que ele cantava com paixão e orgulho, mesmo quando não a citava explicitamente, como neste

poema no qual sugere a vitória da filosofia e das raízes sobre o turismo cultural:

pariso

novayorquizo

moscoviteio

sem sair do bar

só não levanto e vou embora

porque tem países

que eu nem chego a madagascar

Da mesma forma, mas num sentido inverso, a cidade responderia a esta paixão cantando sua obra e assobiando suas músicas... E, orgulhosa, veria o nome do seu poeta brilhar nas manchetes dos grandes jornais brasileiros e nas redes de televisão. Mas esta é uma outra história que será contada a seu tempo. No momento, Paulo Leminski está voltando para Curitiba, no outono de 1959, depois de um ano no Mosteiro — e encontra, para sua surpresa e espanto, o irmão Pedro, agora com 11 anos, prestes a se tornar o “senhor do castelo”.

CAPÍTULO 5

COM O DIABO NO CORPO

Se havia uma certeza na cabeça de Paulo Leminski, quando de sua volta a Curitiba, era com relação aos estudos. A passagem pelo Colégio São Bento deixara o garoto — agora com 15 anos — em contato direto com as obras de Homero, Virgílio, Dante, a poesia clássica, enfim. Através desta iniciação verdadeiramente sofisticada e precoce, ele iria adquirir uma metodologia de trabalho que lhe proporcionaria importantes conquistas no futuro. Leminski foi matriculado na 4ª série ginasial do Colégio Senhor Bom Jesus, um estabelecimento administrado por freis franciscanos e, segundo o conceito da época, com menos rigor que os irmãos maristas. Era o nº 52 da turma. Ao final do primeiro semestre, mais uma vez as melhores notas seriam nas disciplinas de história geral (9,5), francês (8,5) e latim (8,0). A pior nota, como sempre, em matemática: 2. Um detalhe revela que o boletim escolar foi assinado pelo diretor, frei João Crisóstomo Arns, e pela inspetora pública do Ministério da Educação, Helena Kolody, na época ainda não devidamente reconhecida como a padroeira da poesia em Curitiba.

A distância entre a casa e o colégio, algo em torno de 15 quarteirões — ou quadras, como dizem os curitibanos —, teria sido a principal razão da volta do aluno, na metade do ano, para o antigo Colégio Paranaense, ainda conhecido como Internato. Nem tanto pela média (5,41, sofrível), mas sobretudo pelo esforço despendido nas provas finais, para compensar a quantidade de aulas perdidas — 64 nos dois semestres —, as notas das provas finais seriam consideradas “brilhantes” por uma anotação feita a lápis, na margem do documento: 10 em história geral; 9 em francês, inglês e geografia; 8 em latim e ciências humanas. A pior nota, mais uma vez, em matemática: 4.

Durante o tempo que esteve fora, a situação familiar tinha sofrido algumas alterações que se mostrariam incômodas para ele: reformado do Exército,

o velho agora passava horas de pijamas, bebericando, lendo Euclides da Cunha e consultando os dicionários; o irmão Pedro, já “um homenzinho”, exigia cada vez mais espaço e se mostrava ainda mais irrequieto. Seu pai costumava dizer que “o caçula veio ao mundo furioso e destemperado como o tio Miguel”.

A casa em que viviam agora, na rua Bispo Dom José, nº 2.459, no mesmo bairro Seminário, era acanhada e os dois irmãos dividiam um quarto nas mesmas proporções — o que não seria nada extraordinário para quem vinha de uma temporada num monastério. Mesmo assim, Leminski decidiria ficar a maior parte do tempo na biblioteca da escola, ou num lugar qualquer onde pudesse estudar com tranqüilidade. Começaria a usar óculos com aros grossos e escuros, para corrigir uma miopia precoce, resultado das incontáveis horas de leitura.

Nesta época, quando circulava com uma camiseta de mangas compridas com o nome Colégio São Bento estampado no peito, Leminski conheceria Sérgio Zippin, vizinho de bairro, com o qual construiria uma sólida amizade e formaria uma dupla impagável. Durante anos eles estudariam juntos — mesmo quando matriculados em colégios diferentes —, sempre conquistando a reputação de estarem entre os melhores alunos da turma. Sérgio, um neto de judeus russos, tinha a mesma idade e era filho da “classe média alta”, morando numa chácara com 10 mil m² de terreno. Os dois passaram a usufruir a bem forrada biblioteca da família Zippin, onde Leminski encontrou a edição de uma gramática hebraica (a que ele se referiu na carta a D. Clemente). O irmão de Sérgio, o advogado Dálio Zippin, na época com 19 anos, recorda-se do episódio:

— O Leminski ficou fascinado pela gramática e poucas semanas depois estava lendo, escrevendo e discutindo seu conteúdo. Tinha uma memória fotográfica e conversava com o meu irmão em latim. Quando queriam deixar bilhetes um para o outro, o faziam em grego para manter os curiosos à distância.

Acompanhando com satisfação tanta dedicação aos estudos, dona Lili, mãe de Sérgio, decidiu construir uma “meia-água” nos fundos do terreno arborizado, uma pequena casa com grandes janelões para onde a biblioteca foi transferida. Era o território livre com que eles sonhavam. Ali,

entre montes de livros e maços de cigarros fumados escondido, eles passavam as noites estudando, traduzindo e se preparando desde cedo para o tão famoso e temido vestibular.

Ao que tudo indica, teria acontecido nesta época o primeiro contato físico de Leminski com uma mulher, no sentido “profano” da palavra, segundo seu próprio depoimento:

— Eu tinha 16 anos e “arrochei” uma empregada doméstica no portão da casa dela. Foi um momento inesquecível. Não chegamos às vias de fato, mas para quem quase tinha se tornado monge, o avanço era notável...

Concluído o ginásio no Colégio Paranaense, Leminski se transferia agora para o Colégio Estadual do Paraná, outra instituição com excelente conceito educacional, onde seria matriculado no curso clássico. Ao mudar de colégio ele ganhava, como consequência natural, o direito de circular pelo centro da cidade. Aliás, para chegar ao novo colégio, saindo do Seminário, ele tinha necessariamente que atravessar a cidade, no sentido sul-norte, percorrendo um longo caminho todas as manhãs. E costumava fazê-lo de ônibus. Sérgio Zippin era agora seu colega de turma e fazia parte da diretoria da União Curitibana dos Estudantes Secundários — UCES — à frente do Departamento de Arte e Cultura. Os dois liam diariamente o Curso de grego e a Gramática grega de Madre Maria da Eucaristia Daniellou e tentavam decorar na íntegra o Novíssimo dicionário latino, da editora Saraiva. No jornalzinho da escola — uma única folha de papel impressa em mimeógrafo — o redator T. A. Garro revela na coluna de fofocas que o apelido de Leminski, entre os colegas de turma, era Medusa — muito provavelmente graças aos cabelos em constante desalinho.

Entre seus novos colegas estava João Casillo, um paulista do interior que um ano antes se mudara com a família para Curitiba. Casillo lembra-se de que certa vez Leminski foi abordado na sala de aula pelo professor Leopoldo Scherer, no momento em que consultava uma gramática grega, enquanto o assunto em pauta era outro. O professor — que era considerado um sujeito tolerante e amigo dos alunos — pegou o livro de suas mãos e, conhecendo a fama de Leminski, fez uma leitura pausada de um pequeno trecho escolhido ao acaso. Era possivelmente um capítulo da *Ilíada*, de Homero. Em seguida, Scherer teve a preocupação de perguntar

se a leitura estava satisfatória. Na opinião de Casillo, o episódio foi exemplar:

— O Leminski disse: “Não, senhor!, eu vou lhe mostrar como são as inflexões, professor.” E fez uma leitura maravilhosa de um trecho clássico: Pararapara... pararaparara... pararapara... Ele fez isso de uma maneira muito humilde e até o professor aplaudiu. Casillo ficou amigo de Leminski, que se sentava no canto dos fundos da sala, entretido com livros e anotações:

— Eu não tenho dúvidas de que, do ponto de vista de uma cultura humanística, o Leminski foi a pessoa que eu conheci com o maior grau de conhecimento. Ele lia muito e sabia fazer as articulações entre os temas. Ao mesmo tempo era uma pessoa muito ingênua, deixando-nos a impressão de que, ao lado daquela cultura monumental, não existia uma vivência correspondente. Tanto que logo que conseguiu a primeira namorada, ele não sabia o que fazer e veio nos pedir conselhos.

Nesta época, Leminski participaria eventualmente de reuniões clandestinas onde se discutia a emergente política estudantil. Foi visto em congressos da UPES e, na opinião de Casillo, “já se notava claramente que ele não era apenas um erudito, mas um humanista que nos ensinava a pensar”.

Houve uma reunião entre lideranças estudantis, onde ele defendeu uma posição polêmica e desconfortável: a de que um ditador, como Getúlio Vargas, podia ser também um estadista.

— Estava difícil concordar com esta tese do Leminski — lembra Casillo —, mas ele nos provou que era possível. Falava que Salazar era um medíocre e Franco, um estadista, embora ambos fossem ditadores. Era uma colocação antipática mas inteligente.

Em março de 1962, tendo se aproximado do pessoal do centro acadêmico, Leminski publicaria no boletim do Colégio Estadual a crônica “Inverno”, como um prenúncio do estreito relacionamento temático que manteria com a cidade e seu famigerado clima. O texto, com cerca de trinta linhas, um tanto rebuscado e aparentemente influenciado pela visão e maneirismos estilísticos do pai, termina dizendo:

Tão cedo vejo que o outono se retira e o inverno dá os primeiros sinais de vida. Parece-me que a cidade passou por uma longa provação, cruel e opressiva, e, de súbito, tudo volta ao sossego. Paz de inverno. As linhas todas que distinguem Curitiba — o traçado de suas moradias e o semblante de seus habitantes — permanecem irrealizadas e estrangeiras enquanto as cerquem halos de calor. O inverno, enfim, já expulsa o sol e a canícula para plagas mais próprias de seu brilho. Alegremo-nos, curitibanos, com o amigo inverno ao nosso lado.

Ao freqüentar a Biblioteca Pública do Paraná, no centro da cidade, Leminski entraria para o Clube Literário Juvenil Dario Vellozo, onde conheceria Luiz Felipe Ribeiro, quatro anos mais velho e calouro da Faculdade de Direito. Eles ficaram amigos e se encontrariam anos depois nos bancos da mesma faculdade. Foi também na Biblioteca, onde passava horas do dia, que Leminski conheceria Nevair Maria de Souza, uma curitibana do subúrbio e aluna do professor Guido Viaro, um artista de renome na cidade. Neiva — como era conhecida — costumava passear nas horas vagas pelo centro da cidade, como qualquer menina-moça desocupada. Ela se lembra do primeiro encontro com Leminski:

— Era um sábado pela manhã. Eu estava com uma amiga e ele parou para conversar. Falou alguma coisa rapidamente e nos convidou para assistir a uma aula que daria na biblioteca, na segunda-feira. Ele era muito jovem para isso! Eu fui, mas não havia aula nenhuma. Ele estava pesquisando e fazendo anotações em grego num bloquinho enquanto consultava diversos livros. O rapaz era um poeta e, nesta época, eu tinha 14 e ele 17 anos.

O incipiente “namoro” continuou firme nos dias seguintes, sempre nas salas da biblioteca, com direito a uma fuga rápida para o cinema. Nesta semana foram assistir *A face oculta*, com Marlon Brando. No momento do encontro, na porta do Cine Marajó, uma surpresa: Leminski apareceu com o amigo Sérgio Zippin e com outra garota, a tiracolo. Neiva explica:

— Ele tentou uma jogada de mestre e se deu mal. A moça não facilitou a vida dele e se mostrou desinteressada, enquanto eu peguei na mão do

Sérgio durante todo o filme. Na próxima vez ele apareceria sozinho no cinema.

Só então Neiva saberia que Paulo era irmão de Pedro, de quem fora colega de escola durante anos, do primário ao ginásio.

Ao chegar em casa, nesta mesma noite, Leminski tratou de contar imediatamente a novidade ao irmão, construindo o seguinte diálogo:

— Pedro, é com imenso prazer que lhe comunico que estou namorando uma guria da sua turma.

— Verdade? Como é o nome dela?

— Neivair, que vocês chamam de Neiva.

— Sei. Mas ela é feia, Paulo!

— Era!

Tudo ficaria mais fácil entre eles, que iniciaram um namoro cada vez mais ardoroso e inevitável. Tão ardoroso que dona Marina, a mãe de Neiva, meses depois, passou a considerá-lo igualmente “comprometedor”, exigindo que o casamento fosse marcado o mais breve possível. Ainda hoje Neiva considera que tudo foi um exagero de sua mãe, pois eles não tinham, “até então”, avançado nenhum sinal. O pai de Leminski reagiria tentando adiar qualquer decisão, argumentando que o filho devia terminar os estudos na universidade antes de assumir um compromisso dessa “envergadura”.

Mesmo assim, a cerimônia seria marcada para a manhã do dia 9 de fevereiro de 1963, num cartório do Centro Cívico. Como testemunhas, apenas as duas famílias. Em seguida, Paulo e Neiva foram morar na casa de dona Marina, no bairro de Vila Isabel, onde ficariam por pouco tempo. Neiva lembra-se de que nesta época Leminski gostava de ler gibis, dando atenção especial ao popular “Terror Negro”, enquanto estudava para o vestibular:

— Ele tinha esta particularidade: ou se interessava por temas muito populares ou muito eruditos.

O vestibular não seria nenhum mistério. Durante o período de preparação, ele e Zippin ostentaram um certo ar de arrogância, fazendo apostas sobre qual deles chegaria em primeiro ou segundo colocado na classificação geral; tentavam, desta forma, estabelecer psicologicamente o nível de disputa para o qual estavam gabaritados. Decidiram de comum acordo fazer as provas para direito na Universidade Federal e filosofia (letras), na Católica. Num certo sentido, começava a nascer, neste momento, o mito do sujeito competente e culto, “um verdadeiro fenômeno”, que acompanharia Leminski ao longo de sua vida. Resultado: ele foi classificado em primeiro lugar para o curso de letras, com Sérgio ficando em segundo. No vestibular para direito, Leminski ficou em segundo e Sérgio em terceiro lugar. Eles se mostraram surpresos, para não dizer atônitos, com o nome de Odília Ferreira da Luz, uma aluna do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, aparecendo em primeiro lugar. Conferindo a lista na parede repetidas vezes, eles se olharam e tiveram que reconhecer: havia uma mulher no meio do caminho.

Em décimo lugar na lista dos classificados em direito, estava Carlos Alberto Sanches, de origem portuguesa, que anos depois se tornaria um grande empresário na área de educação ao fundar o Curso Camões, um preparatório para o vestibular. Sanches conheceu Leminski na sala de aula da faculdade, onde iniciaram uma amizade que duraria por muitos anos. Como filho dileto da linhagem lusitana de poesia, Sanches reconhece que suas pretensões literárias, naquela época, podiam “passar pelo simbolismo e até chegar em um Garcia Lorca, no máximo”, enquanto o colega “já estava lendo Maiakovski, Walt Whitman e Pound”:

— O Leminski não conseguia assistir as aulas. Era um aborrecimento para ele. Depois passou a se desentender intelectualmente com os professores, que além de acadêmicos eram também conservadores. Certa vez terminou uma prova escrita de português — uma redação — com tanta rapidez que muitos alunos pensaram que ele tinha entregado a folha em branco.

Neiva tem a vaga lembrança de que era uma tarde de inverno de 1963, quando Leminski leu num jornal a notícia sobre um encontro de poesia

marcado para Minas Gerais. Era a Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, que prometia reunir em Belo Horizonte a fina flor da intelligentsia brasileira. Ele decidiu ir para conhecer de perto o grupo paulista de Poesia Concreta, editores da revista Noigandres, com os quais tinha profundas afinidades —sobretudo pelos poemas e as traduções dos Cantos, de Ezra Pound, feitas por Haroldo de Campos. Falava da produção poética dos “irmãos Campos” como a descoberta do “fio da meada”.

Influenciado pelo repertório do grupo, seu livro de cabeceira era ABC of Reading, de Pound, considerado o manual das “antenas da raça”, ou seja, de artistas e intelectuais.

Depois de uma manobra na qual foi orientado pelo amigo Luiz Felipe Ribeiro, agora um membro do Diretório Acadêmico, ele conseguiu a liberação de uma verba para a passagem. Ribeiro redigiu de próprio punho uma carta de apresentação nomeando-o representante da faculdade no referido encontro. “Era chegar e desempenhar”, como ele dizia. Ribeiro, que logo depois seria exilado no Chile e ficaria anos sem voltar ao Brasil, recorda-se de que este foi um dos seus últimos atos como representante do diretório:

— Conseguimos embarcá-lo sem dificuldades, mas somente anos depois eu fui saber da importância desta viagem na vida dele.

Leminski embarcou às 8 horas da noite num ônibus na rodoviária de Curitiba, com a previsão de chegar na manhã do dia seguinte em Belo Horizonte. Estava empolgado e apresentava em voz alta o que pretendia argumentar com os mestres. O evento literário, que não era aberto ao público, estava sendo organizado pelos poetas Affonso Ávila e Affonso Romano de Sant’anna, a quem Leminski procurou no hotel para ter a sua participação garantida. Depois de explicar que estava sem dinheiro e de contar a longa aventura vivida até chegar a Belo Horizonte, ele seria liberado do pagamento da taxa de inscrição.

O que aconteceria nesta semana de tertúlias aos pés das Alterosas seria decisivo em sua vida. Além do grupo de poesia concreta — incluindo o professor Décio Pignatari, um especialista na nova linguagem dos signos, a semiótica, e sua mulher Lila —, ele conheceria o poeta Pedro Xisto, o

artista plástico Waldemar Cordeiro e os críticos Roberto Pontual, do Jornal do Brasil, e Luiz Costa Lima. Sobre este encontro, Haroldo de Campos escreveria mais tarde:^{10}

O Leminski nos apareceu aos 18 anos, Rimbaud curitibano com físico de judoca, escandindo versos homéricos, como se fosse um discípulo zen de Bashô, o Senhor Bananeira, recém-egresso do Templo Neopitagórico do simbolista filelênico Dario Vellozo. Noigandres, com faro poundiano, o acolheu na plataforma de lançamento de Invenção, lampiro-maisque-vampiro de Curitiba, faiscante de poesia e vida. Aí começou tudo. (...) Esse polaco-paranaense soube, muito precocemente, deglutir o pau-brasil oswaldiano e educar-se na pedra filosfal da poesia concreta (até hoje no caminho da poesia brasileira), pedra de fundação e de toque, magneto de poetas-poetas.

Terminado o encontro, Leminski aceitou o convite de Augusto de Campos, e sua esposa Lygia, e decidiu fazer uma escala em São Paulo, por uma noite, antes de voltar a Curitiba. Os três viajaram de ônibus durante o dia, conversando sobre vários assuntos, especialmente sobre uma edição dos Cantos, de Pound,^{11} que Augusto tinha em São Paulo. Augusto lembra-se de que ele ficou muito excitado em poder consultar a obra no original inglês:

— Quando chegamos em casa, ele não dormiu, ficou lendo os Cantos até amanhecer. Eu fiquei impressionado. Ele era muito novo e tinha um entendimento e uma identificação com o nosso trabalho como nenhum outro poeta naqueles anos.

Para quem já tinha predisposição para adotar uma postura de vanguarda diante das artes e da literatura, este encontro consolidou esta tendência. Foi convidado por Augusto de Campos a participar da revista Invenção, o bólido da vanguarda nos anos 60, na qual apresentou quatro poemas ligeiros, com a marca da surpresa e com grande aproveitamento espacial. Um deles:

PARKER

TEXACO

ESSO

FORD ADAMS

FABER

MELHORAL

SONRISAL

RINSO

LEVER

GESSY

RCE

GE MOBIL OIL

KOLYNOS

ELETRIC

COLGATE

MOTORS GENERAL

casas pernambucanas

Depois disso, passou a ser considerado uma espécie de mascote do time. Foi apresentado ao poeta José Lino Grünewald e ao professor Boris Schneiderman, tradutor de Maiakovski e especialista em literatura russa; por influência direta dos mestres, conheceu a obra e o pensamento de Marcel Duchamps, o homem que aprisionou num pequeno frasco “l’air de Paris”; Anton Webern, músico “concreto” morto prematuramente e cuja obra cabe em quatro LPs; o cubano Lezama Lima; e, por último mas não

finalmente, Stéphane Mallarmé, o poeta francês de “Lance de dados”, em tradução de Haroldo de Campos para “Un coup de dés”. Passou a ter uma admiração especial por obras e autores considerados “exagerados” ou “difíceis”.

Com relação à literatura brasileira — concretismo à parte — Leminski vasculhou a obra de Sousândrade, Cruz e Sousa, Guimarães Rosa e decorou todas as dentições da Revista de Antropofagia, uma criação do Movimento Modernista. Gostava de citar um versinho de autoria de Oswald de Andrade, a respeito de uma intriga adolescente em colégios paulistanos:

Indalécio Randolpho Ferreira de Aguiar

passou na prova escrita

rodou na prova orar

Na volta a Curitiba, Leminski se mostrava envaidecido com a atenção dispensada pelos mestres. Contou as histórias para Neiva, falou das fotos feitas por Augusto, uma delas no alto das Alterosas, ele “garboso” segurando na mão direita um exemplar da revista Noigandres 5, a antologia. No final, estava convencido de ter conquistado a admiração e o respeito (nihil obstat, dizia-se) de todos. Na verdade, ele tinha causado forte impressão no ambiente, pois era capaz de discorrer sobre pequenos detalhes da obra de cada um e de citar poemas sem consultar anotações.

Logo que foi possível, Leminski escreveu aquela que seria a primeira de uma longa série de cartas a Augusto de Campos, a 23 de agosto de 1963, um dia antes de completar 19 anos. Ele dizia (como de costume, iniciando as frases com letras minúsculas):

Amigo Augusto

são e salvo, cheguei sem mais, 10 da noite — Neiva e sogra esperavam na rodoviária, turma aqui toda entusiasmada com a coisa, ontem mesmo relatei as ocorrências da semana na aula de literaturaportuguesa, levei todo o material — noigandres, invenção, apresentei à classe que está no momento lendo Garret, imagine.

surpreendente, ninguém por aqui conhece o cavalheiro de nome Sousândrade. Providenciarei, conferências na biblioteca, talvez já na semana próxima, ótimas possibilidades de aceitação, o ar fresco é sempre bem recebido na estufa, bons elementos não falta, em especial meu amigo Sérgio Zippin, bom latinista, conhecedor do inglês, o dono da antologia grega, lembra-se? parece-me que Sérgio gostaria de ter em particular a antologia noigandres. ainda não pude conversar mais longamente com ele e, mesmo, ele não viu ainda o material que trouxe daí. na próxima direi mais do assunto.

tua cubasgrama está sendo um sucesso, assim como a esteia do Décio. do Haroldo em particular “a servidão”.

(...)

pouco antes de epistolar, trabalhava no “ôvo de Sírias”, vi também Marcial que tem coisas ótimas: o epigrama para Marcial obedece a um programa muito eficiente, e era sátira. e a sátira é a arma de todas as épocas.

comprei também a “Atlântida” do nosso Dario Vellozo. Não é bem o que eu esperava. Em todo caso, te mandarei um exemplar. que coisa notável que é Gôngora!

o final de um seu soneto sobre la brevedad enganosa de la vida:

mal te perdonarán a ti las horas,

las horas que limando están los días,

los días que royendo están los anos

e ainda houve gente que falou mal dele...

bem, por aqui vou ficando.

como vão teus dois guerreiros? tenho falado muito do Cid aqui em casa: o fato de ele te chamar de “Augushtu” e sua inclinação para a pintura, lembrança ao Cid, ao Rolland e à Lygia. A Neiva está bastante animada com a idéia de ir aí a S. Paulo conhecer vocês todos. Envie a fotografia na Rola-Môça assim que possa. Vou mandar-te algumas fotos, minhas com a Neiva, em poses maiakoviskianas.

é esperando logo tua resposta

que te manda um abraço

o Paulo Leminski .

Ps: campo a estudar é a Pleiade francesa do renascimento em especial o grande Joachim du Bellay, poeta muito preciso e enxuto.

Dentro do envelope havia três fotos; duas mostrando-o com Neiva e uma dele sozinho, estudando, e a dedicatória carregada de vaidade:

Numa cena displicente, cigarro. Pena. Cinzeiro, restos de batalha, mas logo a cena se aclara simples: Leminski, poeta-mais, trabalha. Ao Augusto e sua equipe do amigo Leminski

Na seqüência, ele fundaria informalmente, tendo como sede sua própria casa, o Núcleo Experimental de Poesia Concreta de Curitiba, do qual Carlos Alberto Sanches se faria membro na primeira hora:

— Traduzimos John Donne, Mallarmé, Robert Browning, Poe e todos os malditos “noirs” com os quais o Paulo se identificava. Mergulhamos a fundo na tradução/transcrição, essa aventura mágica que é a passagem de um código para outro. Não se falava em outra coisa...

Semanas depois, Leminski escreveria de próprio punho uma carta ao poeta Affonso Ávila agradecendo o convite e as gentilezas dispensadas no encontro em Minas. A carta foi postada em Curitiba no dia 1º de novembro de 1963 e era, na verdade, uma resposta ao “puxão de orelha” que recebera por não ter escrito antes, como prometera:

(...)

mas cadê tempo? leciono o dia inteiro e as horas que tenho vagas lá vão estudando.

foi preciso uma carta sua para me dar vergonha.

por aqui:

fiz na biblioteca pública uma conferência sobre poesia de vanguarda.

tenho estudado um bocado: traduzo Maiakovski, haikais japoneses, leio uma infinidade de poetas, escrevo muito também, prosa e poesia de vanguarda.

surpresa foi a qualidade (e a quantidade) do suplemento aí do “estado de minas”, notável. (...) agradeço também a gentileza de publicar-me um fragmento de poema. (...)

tenho feito por aqui um bom movimento pró poesia de vanguarda, entrevistas, palestras de esquina. (...)

li teu artigo sobre Mário de Andrade no Estadão-SP algumas semanas atrás: realmente o MA merecia, e bem, uma apreciação mais justa da geração que hoje ara as vastas searas (se ara!) da literatura desse Brasil que merece tanto e tem tão pouco.

um abraço grato do amigo leminski

A excitação naquele momento foi tamanha que em poucos dias ele estava marcando uma nova viagem, agora para São Paulo, com Neiva embarcando junto num ônibus noturno. Ficariam hospedados na casa de Augusto, no bairro de Perdizes, onde passaram o Ano-Novo de 63/64. A festa de reveillon, na verdade, teve como cenário a casa do pintor Volpi, no Brás, onde todos assistiam pela televisão a corrida de São Silvestre. Refugiado no ateliê do artista, Leminski conheceria o poeta José Carlos Paes e reencontraria Waldemar Cordeiro e Pedro Xisto, que havia conhecido em

Belo Horizonte. Circulando entre todos os “figurões”, ele seria visto falando e gesticulando com muita disposição, “apresentando armas”, como costumava dizer. Tinha então 19 anos.

A volta para casa, mais uma vez, foi marcada por uma série de desavenças, já devidamente anunciadas, entre Leminski e dona Marina, a mãe de Neiva — e o casal decide, então, morar na casa dos pais dele, no Seminário. A esta altura, poucas mudanças estariam reservadas no quadro familiar, não fosse a presença de um cachorro “pêlo-de-aramé”, o Fumaça, a nova “criança” da casa. O pai, um pouco mais sombrio, apesar de manter a calma e o carinho com a família, bebia agora compulsivamente (meio litro de conhaque pela manhã) e passava horas cozinhando para os outros, sem se alimentar necessariamente. Dona Áurea, como sempre estóica e atenciosa com todos, apenas trabalhava para manter a casa limpa. O irmão Pedro seria o mais incomodado com a nova divisão de espaço, apesar de continuar sozinho em seu quarto. Pedro sentia ciúmes explícitos da cunhada, tornando ainda mais difícil o relacionamento entre eles. De qualquer maneira, a casa era mesmo pequena e a situação precária; e ele teria mesmo que arrumar um trabalho urgentemente.

E arrumou. Seu primeiro emprego foi na filial da livraria Ghignone, na rua Dr. Muricy, no centro da cidade, exercendo a função de vendedor de balcão. Foi uma experiência curta e mal remunerada, que nada lhe acrescentaria na vida além de algumas horas de consulta grátis em livros e revistas. Era um leitor freqüente do “Suplemento Literário” do jornal O Estado de S. Paulo, publicado aos sábados, embora demonstrasse interesse por tudo que se editava na área de poesia e literatura. Algumas semanas depois, estava novamente à procura de emprego.

Paulo Leminski nunca seria um aluno regular em nenhuma das faculdades nas quais estava matriculado. Nos dois cursos, chegou a freqüentar o primeiro ano mas foi se afastando aos poucos para continuar investindo nos estudos de outra maneira — num certo sentido, mais revolucionária. Sabe-se que ele tinha dois bons motivos para deixar de lado as aulas, em meados de 1964: o principal era o Golpe de Estado de 31 de março, que destituiu o presidente da República, João Goulart, e inaugurou uma ditadura que se sustentaria por vinte anos, provocando o

desmantelamento da vida universitária brasileira. O segundo motivo seria um convite para dar aulas no Curso Dr. Abreu para alunos em fase pré-vestibular, onde lhe ofereciam as disciplinas de literatura e história. O salário era bom e juntava “a fome com a vontade de comer” — e ele aceitou no ato.

Como professor de cursinho, Leminski teve uma atuação marcante e histórica em Curitiba. Foi o pioneiro de um estilo moderno de ensinar, onde a didática se confundia com os atrativos de um espetáculo; imagem, texto e som compunham a nova linguagem dos jovens dos anos 60. Vivia-se a plenitude da era Beatles, com as rádios e radiolas mandando ver “I wanna hold your hand” e “She loves you”, no compacto simples. Um disco de Bob Dylan na radiola e uma aula destinada a explicar os movimentos cíclicos da humanidade em torno de sua própria História: “How many roads must a man walk down, before...” A fórmula deu certo. Os cursinhos passaram a viver um momento de grande euforia e visível prosperidade: derrubavam-se paredes para ampliar as instalações, alugava-se o andar de cima para acomodar novas turmas... Dizia-se: “É um ensino caro mas eficiente.” A atriz de teatro e advogada Esmeralda Barros, hoje aposentada, foi aluna de Leminski:

— Eu era fascinada pelo Paulo, achava ele o máximo como professor. Em suas aulas ele usava recursos absolutamente charmosos para se fazer entender... O aluno percebia que havia erudição, não era apenas uma encenação.

O estudante Carlos João, que viria a ser amigo e parceiro do poeta, lembra ter assistido algumas dessas aulas, mesmo não sendo aluno do cursinho:

— Era qualquer coisa de extraordinário. Ele falava praticamente durante três horas seguidas, fazia um arrasaquarteirão sobre Grécia e Roma, aliava o prazer de ensinar ao de falar sobre coisas que tinha paixão e conhecimento. Se empolgava, dava conselhos, fazia observações bem-humoradas, acendia o cigarro pelo filtro, dava um show...

Outra aluna, Peggy Pacionick, tornou-se amiga e “fã incondicional do professor”. Ela tem boas lembranças das vezes em que esteve com ele na casa do Seminário:

— Eu achava o pai do Paulo uma figuraça, sempre de pijamas, usando um linguajar rebuscado, todo empolado. Certa vez, o velho olhou-me atentamente, fez um gesto com a mão e disse: “A senhorita me parece muito ensimesmada hoje.”

Peggy freqüentava as aulas do cursinho como quem vai a um show de rock, aproveitando a tarde para convidar algumas amigas, falando com entusiasmo da experiência que era assistir a uma aula de Paulo Leminski. Contrariando um certa tendência entre as moças, que preferiam suspirar por artistas de cinema e cantores populares, seu ídolo era o professor, o sujeito mais esperto do quarteirão:

— Mesmo nas brincadeiras ele tinha um papo “cabeça”, fora do normal; me enchia o saco dizendo: “Peggy, você é da classe dominante...”

Outro aluno do cursinho, Ernani Buchmann, mais tarde um conhecido publicitário curitibano, lembra-se de que a partir da metade do ano Leminski passou a dar aulas em três matérias: literatura, redação e história.

— Ele era o professor mais presente na escola. Estava sempre disponível para qualquer assunto. Era o nosso mentor intelectual, empenhado em nos passar o gosto pelos estudos e pela vida criativa.

Um dos seus discursos favoritos em sala de aula — mesmo não constando especificamente do currículo — tinha como tema os macacos babuínos, cuja estrutura social ele estudava e admirava. Gostava de dizer que os babuínos “vivem em bandos de 70 a 80 vagando pelos desertos da Etiópia, Abissínia e sul do Egito. Como os humanos, eles são monógamos. O gorila morre de dor se perder a fêmea.” Defendia a tese de que os babuínos carregam seus velhos nas costas para que possam ensinar para o grupo o caminho mais seguro, de acordo com as mutações temporais e climáticas:

— Os exemplares mais fortes e nobres, entre os babuínos, são os macacos-alfa; os outros são a plebe. Quando no cio, as fêmeas cruzam com eles, preferencialmente, que ficam ferocíssimos. Depois que as engravidam, eles se desinteressam pelo assunto e elas podem, então, transar com qualquer outro. Assim fica garantida a descendência dos macacos-alfa. Surge também aí — em forma de embrião — a idéia de herança, da propriedade, do germe da aristocracia.

Em 1965, uma nova mudança de endereço, desta vez para o edifício São Bernardo, na rua Dr. Muricy, um ponto nobre no centro da cidade. Dona Marina alugou um apartamento amplo, de três quartos, onde todos foram morar em aparente harmonia. A sala foi decorada com peças de artesanato em ferro, penduradas pelas paredes como esculturas, e num dos quartos ficava a biblioteca e o gabinete de trabalho. Havia a promessa — finalmente concretizada — de uma certa estabilidade no emprego e então eles poderiam ficar neste apartamento por muito tempo. Foi também nesta época que conheceu pessoalmente a poeta Helena Kolody, uma filha de ucranianos bem mais velha, que morava no andar de cima — e desde os anos 40 fazia poemas em forma de hai-kais. Hoje, aos 92 anos, Helena Kolody ainda guarda viva a lembrança do primeiro encontro:

— O Leminski apareceu logo nos primeiros dias. Tinha um livro meu nas mãos, onde eu explicava que minha concepção de hai-kai vinha de Guilherme de Almeida. Ele estava estudando japonês e se interessou pelo assunto. Era extremamente jovem e brilhante, e vivia em estado permanente de inspiração.

Nova vida, nova casa, novos bens de consumo... Com o dinheiro do primeiro salário, o casal comprou um aparelho de som (ainda vinil) e muitos discos: no início, músicas medievais e cantos gregorianos; logo depois Elvis, Beatles, The Mamas and the Papas, Donovan liberando a libido da rapaziada:

— Música brasileira a gente ouve no rádio! — eles diziam.

Com freqüência, o prédio inteiro sintonizava cantorias do tipo:

— Alleeeeluuuuiaaaaaa.....aleluia.

Ou, então:

— le-ie-ie-ie-ie...

Alegria de uns, tristeza de outros. Ao final de dois meses, dona Marina, exaurida pelo ritmo frenético da casa, decidiu comprar um apartamento no mesmo edifício, no terceiro andar, para onde se mudaria. A filha e o genro ficariam sozinhos no primeiro andar. A liberdade foi comemorada com uma grande festa na qual seriam registrados muitos convidados exóticos, alto

consumo de bebidas, cigarros e “bolinhas”, o aditivo da ocasião. Segundo o depoimento de Neiva, seu marido não se comportou bem aquela noite:

— O Paulo estava flertando na sala, fazendo charme para uma aluna. Foi o primeiro sinal de distúrbio entre nós. Dias depois eu o vi na rua, caminhando e falando, todo interessado, ao lado de uma outra aluna, a Ernestina.

Não se conhece nenhum progresso no relacionamento dele com Ernestina, mas sabe-se que o episódio foi suficiente para virar a cabeça de Neiva. A partir destes dois “flagrantes” revelando as segundas intenções do marido, tudo indica que ela ficou apenas esperando por uma oportunidade. E a oportunidade apareceu: chamava-se Ivan da Costa, era magro e tinha 17 anos. À primeira vista, devido ao nariz anguloso e à pele morena, podia lembrar um jovem índio guarani, mas na verdade era um catarinense de Joinville, que aos 10 anos se mudara com a família para Curitiba.

Neiva recorda-se de que naquele momento uma rádio qualquer tocava “Quero que vá tudo pro inferno”, com Roberto Carlos, quando Ivan entrou com Leminski. Chegou falando de seus interesses específicos sobre música: jazz, blues, som progressivo. Trazia discos de John Coltrane embaixo do braço. Eles se conheceram dias antes quando caminhavam pela rua XV e agora tinham se encontrado num cineclube durante o Festival Eisenstein, promovido pelo jornalista Aramis Millarch, que será identificado, a partir deste momento, como o aglutinador do grupo que se tornaria uma importante fonte de renovação da cultura local.

Junto com eles, nesta noite estava o jovem crítico Lélío Sottomaior Jr., 18 anos, um homossexual assumido e reconhecidamente talentoso, atrevido no comportamento e com idéias de vanguarda. Lélío era apaixonado pela *nouvelle vague* e leitor fiel dos Cahiers du Cinéma, a bíblia do cinema. Fazia o gênero debochado e tinha, digamos assim, bases teóricas para explicar sua opção sexual. A palavra mágica para ele, nestes dias, era Godard. Através de Lélío, Leminski conheceria o cinema e se aprofundaria nesta forma de expressão artística chamada de “Sétima arte”.

Motivado pelas conversas e projetos com os novos parceiros, Leminski decide participar do II Concurso Popular de Poesia Moderna de 1966,

promovido pelo jornal O Estado do Paraná em parceria com a Academia de Letras José de Alencar e o comendador Umberto Scarpa, que ofereciam prêmios em dinheiro para os vencedores. Por força do regulamento deste ano, os trabalhos deveriam abordar o tema Imprensa. Leminski escreveu e selecionou um conjunto de sete poemas curtos, sem títulos, apenas com numeração, todos formatados em caixa baixa e sem muita pontuação (que ele considerava uma prática “parnasiana”). Num dos poemas —nunca publicados em livro —, o de número 3, ele dizia:

jornal planta de letras
canetas de plantão
entre planetas/ e pernas da multidão
(na via láctea
escolha uma constelação)
plantada na noite
a árvore voraz dos linotipos
a boca dentes teclados triplos
planta carnívora devora vida viva:
esqueletos letras no papel em
manchete
(letras letras a mancheias)
marchetado de manchetes

O poema de número 7 trazia a semente de um estilo sucinto e ligeiro, que seria para sempre a sua marca registrada:

quem me lerá

amanhã
quando for
amanhã
amanhecerá
a flor
& a letra
que agora é minha
e linha?
quem te lerá
notícia adventícia
nesta superfície?

Ele ficaria com o primeiro prêmio, entre os 23 trabalhos apresentados, embolsando a razoável quantia de Cr\$ 80.000. O segundo lugar premiou Antenor de Barros Leite, um fiscal aduaneiro, e o terceiro, a jornalista Rosy de Sá Cardoso, uma das dez mulheres participantes. Na festa de premiação, na noite de 30 de junho de 1966, Leminski surgiria da platéia com ar de menino, vestindo uma camisa de gola rolê, para receber o diploma das mãos de João Feder, diretor-presidente do jornal.

Nesta mesma época, começaria a treinar judô numa academia no centro da cidade, no Edifício Garcês, onde tinha como professor (sensei) o italiano Aldo Lubes, recém-chegado de Turim. Leminski fora levado à academia pelo irmão Pedro, que vinha recebendo aulas há várias semanas. Nos dias seguintes, sentindo mais uma vez o gosto amargo da rivalidade, Pedro se afastaria do judô, ainda como faixa branca, enquanto o irmão, ao final de quatro anos, seria graduado no primeiro grau, ou dan, conquistando a tão almejada faixa preta.

Como atleta, Leminski participou de diversos torneios e campeonatos de judô, algumas vezes representando a seleção paranaense, outras competindo no circuito universitário. Foi campeão com o quimono da Academia Kodokan numa disputa direta com atletas das Forças Armadas, durante uma competição realizada no ginásio da Sociedade Thalia.

Um dos colegas de academia, José Carlos Miceli, lembra-se de uma competição em Apucarana, quando a equipe conquistou o vicecampeonato, graças à vitalidade de Leminski:

— Seu princípio tático não era a cautela, mas o ímpeto, que, associado ao vigor físico, fez dele um grande atleta. O mestre Aldo Lubes confirma que Leminski foi um aluno especial:

— Trabalhamos juntos durante quase dez anos. Eu era o mestre, mas com ele aprendi a não ver a vida de uma maneira complicada e tão material. Ele era a pessoa mais natural do mundo. Do ponto de vista intelectual, a cultura oriental se configurou para Leminski num único movimento: conhecendo os princípios filosóficos das lutas marciais, que lhe foram apresentados através da “grande aventura dos samurais”, e decodificando a linguagem totêmica, os ideogramas do idioma japonês. Ficou fascinado pelo poder de síntese dos ícones. Costumava dizer que o judô foi importante para a sua poesia na medida em que lhe ensinou a confiar na intuição:

— Qualquer hesitação, seja diante de um golpe ou de um poema, pode ser fatal. Pensar pode ser fatal.

Entre suas anedotas favoritas — anedotas, aqui, no sentido dos koans —, uma dizia que o “verdadeiro” princípio das lutas marciais fora “assimilado” por um monge após um longo período de meditação diante de uma parede branca:

— Ou seja, diante do nada. Assim, na sua essência mais profunda, as lutas marciais não pressupõem a agressão e nem o revide, mas sim evitar receber o golpe, oferecendo ao oponente o vazio.

Ao mesmo tempo que se exercitava com disposição no tatame, Leminski fazia descer das prateleiras livros e mais livros de poesia oriental, hai-kais,

biografias e até uma bíblia escrita em japonês —roubada dos arquivos da Biblioteca Pública. Pôs-se a ler com voracidade Alan Watts, Teitaro Suzuki e Thomas Merton, todos estudiosos do zen-budismo, o lado transcendental da filosofia budista. Ele gostava de citar Watts, que dizia: “O Zen nunca explica, apenas oferece sugestões. Tentar explicá-lo é como tentar prender o vento numa caixa. No momento em que se feche a tampa, perde-se o vento e obtém-se ar estagnado...”

Era um experimentalista em campo, convencido de que todos os seres humanos eram dotados de potencial para alcançar, através da superação da ignorância, o que se poderia chamar de iluminação repentina, também denominada de satori — que se atinge sob a orientação de um mestre. Tentar a perfeição, tanto como aluno quanto como professor, era um preceito dogmático para ele, que gostava de aprender e ensinar.

Aos poucos, moldava-se nele um tipo absolutamente singular e magnético, uma mistura de atleta com intelectual, onde o físico e a mente recebiam igual tratamento de saúde. Para ele, o judô, em si, já era um esporte intelectual: “Mens sana in corpore sano”, dizia-se. Na parede da academia Kodokan, Aldo Lubes mantém ainda hoje um recorte de jornal com o autógrafo do poeta e a dedicatória:

Discípulo, aprendi com sensei Aldo não apenas golpes, mas toda a grandeza humana que se oculta por trás da prática de uma arte marcial. A serenidade alerta. A paciência diante da derrota. A humildade diante da vitória. A relatividade das derrotas e vitórias.

Ao mesmo tempo, continuava sua atividade literária, produzindo e publicando poemas em larga escala, enquanto conquistava um novo e regular hábito para fazer parceria com o cigarro: o de beber cerveja. Na lembrança de Neiva, o álcool surge na vida dele, sorrateiramente, como um ritual de lazer merecido após uma exaustiva aula de judô, entre colegas de academia:

— O Paulo bebia mesmo em casa. Mas a cada dia ele ficava mais tempo no bar. O passo seguinte foi trocar a cerveja pelo martíni, com o qual realmente se iniciaria na bebida...

Com a chegada de novos amigos, a vida no edifício São Bernardo foi se tornando uma mistura de farras e atividades culturais, num equilíbrio tênue entre o relaxo e o rigor. Mais tarde, ele reconheceria que foi nesta fase que descobriu que a única coisa que poderia fazer na vida era escrever, ser um poeta. Passou a ministrar palestras em universidades e a realizar performances em livrarias, sempre provocando fortes reações na platéia.

Em casa, Neiva sentia-se muito solitária e angustiada, enquanto o marido “curtia” uma boa, cercado de amigos e garotas. Ela passava as tardes na biblioteca, a poucos metros do edifício São Bernardo, fazendo consultas e freqüentando os cursos de arte. Certa vez, encontrando Ivan na rua, Leminski sugeriu:

— Vai lá em casa e faz companhia pra Neiva que eu vou encontrar uma amiga. Me quebra essa...

Ivan foi, Neiva estava sozinha no apartamento e o namoro começou. No início eles cuidaram para não deixar pistas muito evidentes e nem permitir que o relacionamento ultrapassasse os limites do São Bernardo. Discretamente, porém, começaram a participar do coral do padre Penalva, no Conservatório, uma maneira que encontraram de passar as tardes juntos. Logo se descobriram apaixonados. Entretido com as aulas do cursinho e com um novo projeto literário, Leminski não perceberia o movimento das peças. Sua atenção estava voltada exclusivamente para o Concurso de Contos do Paraná, o mais conceituado troféu literário no Brasil nos anos 60.

A idéia do conto, com o qual decidira participar do concurso, era original e surgiu durante uma aula de história no cursinho: imaginar René Descartes no Nordeste brasileiro — como parte da expedição holandesa do príncipe Maurício de Nassau — em confronto direto com a realidade e o calor dos trópicos. Sentado na areia da praia, em Olinda (que os holandeses chamavam de Vrijburg), o filósofo do racionalismo aguarda ansiosamente ser “resgatado” por Krzysztof Arciszewski, o comandante polonês da expedição, enquanto vislumbra aterrorizado jibóias, tamanduás, plantas carnívoras, “o escambau”. O resultado se traduziria num delírio da mente cartesiana, o “derretimento” das idéias numa deformação consentida e

proposital do texto. Em alguns momentos, Descartes aparece fumando um cachimbo preparado com ervas nativas e de efeitos alucinógenos. A história ganhou o nome de “Descartes com lentes” e foi assinada com o pseudônimo “Kung”.

Leminski não ganharia o concurso e, pior, depois de uma decisão polêmica e confusa da comissão julgadora, dizia-se convencido de que “a banca não tem metodologia classificatória para enquadrar o meu trabalho”. Apesar de aborrecido com o resultado, ele continuaria apaixonado pelo tema a ponto de anunciar a adaptação da obra para um romance, construindo o que seria, de acordo com suas pretensões, não mais um conto, mas sim um texto, um romance-idéia com o perfil de “objeto revolucionário no universo da prosa”. E pôs-se a executar a tarefa. O começo era assim (em minúscula):

ergo sum, aliás, Ego sum Renatus Cartesius, cá perdido, aqui presente, neste labirinto de enganos deleitáveis, — vejo o mar, vejo a baía e vejo as naus. Vejo mais. Já lá vão anos III, me destaquei de Europa e a gente civil, lá morituro. Isso de “barbaras — non intellegor ulli” — dos exercícios de exílio de Ovídio é comigo. Do parque do príncipe, a lentes de luneta, CONTEMPLA A CONSIDERAR O CAIS, O MAR, AS NUVENS, OS INIGMAS E OS PRODÍGIOS DE BRASÍLIA.

Ele havia decidido que as palavras deveriam CRESCER sempre que Descartes, na história, usasse a luneta para procurar a nau de Artichevski no horizonte, ou para sondar as tenebrosas alucinações da mata virgem, uma alusão ao jardim botânico criado por Nassau, em Olinda. O nome Artyschewski, não por acaso, aparece com diferentes grafias durante a narrativa. Também decidiu que o texto seria cíclico, ou seja, a primeira frase poderia ser um complemento da última. E as palavras, muitas delas formatadas como port manteaux (brincadeiras verbais popularizadas por Lewis Carrol), deveriam traduzir dois ou mais significados, assim como **miravínculos, abstratagama ou mongoluscofuga**. Tudo — do começo ao fim — num único parágrafo. Seria uma homenagem, uma citação explícita de Grande sertão: veredas, de Rosa, Finnegans Wake, de Joyce, e O livro das galáxias, de Haroldo de Campos, suas grandes influências na prosa.

A primavera de 1967 trouxe consigo duas notícias “quentes” para agitar a temporada no São Bernardo. A primeira foi o Festival de Música Pop, realizado em Monterey, EUA, onde dois “astros” desconhecidos, Jimi Hendrix e Janis Joplin, chamaram a atenção com performances consideradas “chocantes” pela imprensa internacional. Leminski ficou impressionado ao saber que Hendrix queimara a guitarra no palco e que tudo acontecera no embalo da marijuana e do LSD. A segunda notícia, de âmbito doméstico, foi ainda mais impactante: Neiva estava grávida e, como elemento complicador, continuava mantendo, aparentemente, relacionamento com os dois rapazes. Ela estava grávida há um mês e 10 dias, enquanto as relações amorosas com Leminski, ela garante, “havam terminado três meses antes, quando começou o namoro com Ivan”.

Alguns dias antes, Leminski descobrira, através de um poema escrito por ela, o romance secreto de Neiva com o seu melhor amigo. No primeiro momento mostrou-se um pouco aborrecido e frustrado, mas nunca ofendido moralmente. Havia um clima de liberação sexual da mulher permeando as “novas relações”, o que atenuava a gravidade da ocorrência. Ele propôs uma conversa a três, onde ficou decidido que iriam evitar especulações e aborrecimentos, principalmente com a família e os vizinhos, mantendo as aparências por mais algum tempo. (Lélio diria mais tarde: “Jules e Jim”, numa referência ao filme de François Truffaut sobre o romance entre três amigos.) Para “desbaratinar”, Ivan continuaria morando na casa dos pais, oficialmente. Semanas depois, porém, quando a barriga de Neiva já mostrava sinais de vida e a gravidez seria oficialmente anunciada, havia uma pergunta que não queria calar: quem era o pai da criança?

— Era o Ivan e nós três sabíamos disso — garante Neiva. Apesar da alegada certeza da paternidade, ela preferiu manter as aparências, enquanto aguardava uma definição das circunstâncias. Estava insegura quanto às conseqüências que a revelação poderia trazer e ficou por algum tempo engendrando uma estratégia. Semanas depois, sentindo-se mais à vontade, comunicou a gravidez às famílias sem dizer que isto vinha acontecendo há alguns meses e sem dar maiores explicações. Ela lembra da reação de Leminski diante de todos:

— Está grávida? Isto é comigo. Você quer tirar ou quer ter o filho?

Neiva decidiu sem vacilar:

— Quero ter a criança.

A vida continuaria “normal” para eles no São Bernardo: a barriga de Neiva crescendo e as aparências sendo mantidas com muito fair-play. Para Leminski, as aulas no cursinho Abreu seguiam fazendo sucesso e o dinheiro do salário agora permitia um conforto razoável, ao mesmo tempo que o consumo de álcool aumentava para meia garrafa de rum a cada noite. Era o cuba-libre. Neiva tentava administrar a situação:

— O Paulo acordava pela manhã e saía para dar aulas sem pentear os cabelos. Muitas vezes eu tive que sair atrás, retocando, até ele escapulir pela porta. Eu nem tinha filho e já era mãe.

Certa vez, durante uma aula, ao fazer um movimento brusco com a perna, tentando sentar na mesa, suas calças rasgaram na altura dos fundilhos, deixando um grande buraco negro e um pedaço de pano pendurado na virilha. Leminski continuaria a aula impassível, lembrando um personagem chapliniano, uma figura absolutamente improvável como professor.

A frustração pela perda do Concurso de Contos já era assunto do passado (ver Apêndice 1) para ele, que se mantinha firme na tarefa de escrever o tal romance, enquanto procurava desenvolver projetos e discutir novas idéias sobre arte. Afinal, tinha encontrado em Lélío e Ivan dois afinados interlocutores, ambos, como ele, comprometidos com o “novo”. Como elemento comum e aglutinador, os três apresentavam em seus discursos e comportamento um certo tom de revolta que acabaria por se transformar no leitmotiv da juventude dos anos 60. Deste encontro sairia muita faísca, ou melhor, a criação de um grupo que seria batizado de Áporo, uma referência a um poema de Carlos Drummond de Andrade. A idéia era concentrar a atividade intelectual nas três áreas — literatura, cinema e música — e partir para a publicação e editoração de artigos em jornais e revistas. Planejavam “cerrar fogo na produção intelectual para afastar a pasmaceira que reina na cidade”. Tinham também a intenção de produzir e apresentar programas de rádio e televisão. Curiosamente, não havia no grupo nenhum especialista em teatro, embora Curitiba estivesse cheia

deles — no bom sentido, é claro. Neste mesmo ano, Denise Stocklos estreava como autora, diretora e atriz da peça *Círculo na lua, lama na rua*, em temporada polêmica no Teatro de Bolso.

Enquanto intensificavam-se as doses diárias de “birita”, Leminski deixava o cabelo e a barba crescerem e mostrava-se cada vez mais relaxado com as roupas, perdendo o aspecto bemcomportado de seminarista. Continuava evitando tomar banho e, como novidade, passaria a cometer o mesmo desleixo com os dentes, escovando-os apenas esporadicamente. Usava óculos escuros redondos e segurava constantemente um cigarro entre os dedos. O apartamento do São Bernardo transformara-se em ponto de encontro de alunos e intelectuais que chegavam atraídos pelo magnetismo do jovem poeta, que segundo os jornais “já tinha reconhecimento nacional”.

Outro visitante do São Bernardo, o estudante Paulo Vítola, chegaria declaradamente atraído por interesses literários e intelectuais. Tinha assistido a algumas palestras de Leminski, quando foram apresentados por amigos comuns, e logo encontraram muitos pontos de interesse que sustentariam uma sólida amizade. Vítola, três anos mais jovem, ainda guarda viva na memória a visita que fez a Leminski, quando passaram a tarde ouvindo música chinesa em meio a uma cena insólita:

— Chegaram os carregadores para fazer uma troca de colchão e tudo aconteceu como numa seqüência de cinema. Os caras passando pela sala com o colchão, uma música absurda, o Leminski com aquela barba e os cabelos compridos... Algo de muito moderno pairava no ar.

Para dar continuidade às aulas de judô, ele teria que submeter-se a uma cirurgia para extração de uma hérnia, que vinha lhe provocando dores e atrapalhando o desempenho. A operação aconteceu no centro cirúrgico do Hospital Militar, onde ele ficaria internado por alguns dias. Como sempre reagia nas situações adversas, o bom humor o acompanhou durante o período de tratamento. Vítola apareceu no horário das visitas e o encontrou risonho, lendo “pela enésima vez” *Grande sertão: veredas*:

— Quando a gente chegou, o Paulo estava se divertindo, tentando imitar Guimarães Rosa, meio bichona, falando aquele texto do *Diadorim*. Era

engraçado porque não combinam: Grande sertão é um texto para macho.

Neiva atesta que nesta época crescia a comunidade do patchouli. E abre um enorme sorriso ao falar de alguns nomes que freqüentavam as “noturnas” do São Bernardo: Paquito, amigo de Lélío; Christo Dikoff, crítico de cinema, Peggy, Julinho Karatê (como o próprio nome diz, um praticante de lutas marciais e adepto da violência), o irmão Pedro — agora com um violão embaixo do braço — e meia dúzia de ilustres desconhecidos. Um deles, Brodão, um curitibano que morava no Rio de Janeiro, foi quem colocou na roda pela primeira vez um cigarro de maconha, o “baseado” — atitude que foi logo considerada de vanguarda por todos. A comunidade se formava, espontaneamente, sob a égide do movimento hippie que eclodia nos EUA e na Europa pedindo paz e amor — uma resposta pacifista ao genocídio do Vietnã.

Certa vez, Leminski recebeu a visita de outro talentoso intelectual, como ele também jovem, de nome Eduardo Portela, que anos depois seria ministro da Cultura e imortal da Academia Brasileira de Letras. Não há registro e nem testemunho se o futuro ministro, nas horas que passou no São Bernardo, teria fumado mas não tragado ou se nem sequer fumou. Como muitos outros, Portela manifestara o desejo de conhecer Leminski, “o jovem gênio” que falava várias línguas e preconizava o avanço de novas idéias na construção de um mundo “libertário em sua essência, a linguagem”. Havia sinais evidentes de que dentro dele estava sendo construído, aceleradamente, o alter-ego de Vladimir Maiakovski.

Em julho de 1967, em pleno inverno, Leminski ainda encontraria tempo e disposição para participar de uma competição de judô fora do Paraná. Fora convidado e aceitou fazer parte de uma equipe universitária na disputa de um torneio interestadual, em Piracicaba. Nesta mesma semana, nadando contra a correnteza, o irmão Pedro é convocado para o serviço militar. Estimulado pelo pai e contrariando a dissidência coletiva, Pedro decide fazer o curso para a Escola de Formação de Sargentos, o vestibular da caserna. Enquanto aguardava o resultado dos exames, entretanto, tomou uma carraspana nas proximidades do quartel e, ao ser pilhado em flagrante por uma patrulha militar, seria expulso do exército na semana seguinte.

Quando o estudante Carlos João chegou ao São Bernardo, em meados de 1967, seria para ficar. Interessado em música popular brasileira, ouvinte de primeira hora de João Gilberto e da Bossa Nova, queria ser jornalista e trazia um disco do Babulina (Jorge Ben) embaixo do braço. Seus interesses apontavam neste sentido e ele passaria a fazer parte do grupo como amigo de Ivan, que conhecera num curso de estética cinematográfica, no Riviera. O escritor Wilson Bueno, que anos depois seria editor do jornal de cultura Nicolau, também freqüentava o São Bernardo nesta época. Bueno era curitibano mas tinha livre trânsito entre os poetas cariocas e até mesmo planejava morar no Rio. Como parte integrante dos “homossexuais do grupo”, ele estava equipado com um sistema de defesa social que, segundo sua própria avaliação, “beirava a belicosidade”, uma atitude típica daqueles dias:

— Em Curitiba, como em poucos lugares no Brasil, você tinha a figura do “dedo-duro”, que costumava apontar na rua: “Aquela é desquitada... Aquele é viado...” etc.... O reduto liberal da cidade era o São Bernardo e o seu mentor Paulo Leminski, que ficava deitado nas almofadas lendo Spengler, A decadência do Ocidente, enquanto eu namorava o Darci.

A radiola agora tocava John Cage e Caetano Veloso, a esta altura o grande “estouro” nacional, surgido na ebulição dos festivais de música. E, num certo sentido, parecia que tudo tinha entrado em torvelinho. Ivan lembra-se deste momento:

— A droga naqueles dias foi um componente de revolta, com um significado especial para cada um de nós. Não fumávamos apenas porque era bacana ou para alterar o sentido da percepção —que era o “barato” —, mas para quebrar toda uma estrutura política. A postura iconoclasta seria um fenômeno mundial, uma atitude de contracultura diante de um país vivendo os “anos de aço” da ditadura militar. Éramos rebeldes com boas causas. Na França os motivos eram outros, mas a reação foi a mesma.

O Grupo Áporo, com Leminski exercendo sua plena liderança, tomou partido da situação colocando em xeque os valores do passado. Dizendo-se arautos das novas tendências das artes, eles adotaram uma postura crítica bastante agressiva ao divulgar um Manifesto de 30 laudas, datilografadas em espaço 3, onde investiam contra os intelectuais locais. O alvo principal

era o escritor — a esta altura consagrado — Dalton Trevisan, apresentado como um contista seguido por uma legião de “daltônicos”, seus leitores. “O conto é uma forma fácil de literatura; precisamos avançar nas formas”, brandiam.

O mesmo acontecia em outras áreas: “Na questão da música”, dizia o manifesto, “o intelectual curitibano ainda continua no bel canto, e em matéria de cinema prefere Ben-Hur e Marcelino Pão e Vinho”.

Agora “apadrinhados” pelo jornalista Aroldo Murá Haygert, que dispunha de amplos poderes no Diário do Paraná, eles conseguiram um espaço no caderno de cultura, onde a divulgação do manifesto ganharia destaque na primeira página:

ÁPORO NASCE CONTRA O DILETANTISMO

(...)

O grupo de jovens se propõe a trabalhar contra o “provincianismo cultural de Curitiba, uma cidade de anti-radicais, onde ninguém parte para a pesada em termos de engajamento intelectual”.

Dando uma boa mostra da agressividade do movimento, Leminski responde à pergunta sobre as razões que levaram ao surgimento do Áporo:

— Curitiba é a capital do segundo Estado da Federação em potencial econômico, mas sob o ponto de vista cultural é uma aldeia. O intelectual curitibano típico é um aventureiro que passeia de galochas entre a literatura, o cinema e a música, sem se preocupar com a especialização. O que está superado na Europa ou no Rio e São Paulo, passa aqui como vanguarda. Falta de curiosidade, falta de dedicação, falta de fé, de radicalidade.

O manifesto seria recebido com azedume no reduto conservador da cidade, a Boca Maldita, onde alguns intelectuais (inclusive Dalton Trevisan) costumavam se reunir em torno de cafezinhos e bate-papos. Alguns

tentaram reagir à altura, escrevendo e publicando artigos de repúdio e contestação nos jornais locais; outros simplesmente ignoraram ou partiram para a galhofa (uma das características da Boca Maldita), avaliando: “São um bando de porraloucas, desequilibrados.” Na opinião de Ivan, a questão era basicamente política:

— O Paulo lia poesias de Allen Ginsberg, um intelectual judeu de esquerda; lia Sartre, Maiakovski e se considerava trotskista, mas as patrulhas exigiam militância partidária e ele nunca foi disso. Na verdade, ele nunca se submeteu a nenhuma escola, nem mesmo ao concretismo.

Ivan reconhece que a grande fonte de idéias do grupo Áporo era Leminski:

— O Paulo era “antenado” em todas as tendências. Ainda por cima era considerado de direita, num momento em que os intelectuais da província ainda questionavam se Beatles era arte ou não. O rompimento haveria de ser na porrada. Ele pensava — assim como Maiakovski — que não poderia haver arte revolucionária sem forma revolucionária.

Para Leminski, politicamente, a forma sempre foi uma admirável manifestação de poder e a vanguarda um modo de ser essencialmente subversivo. A subversão da linguagem. Seu pensamento era expresso dessa forma:

Não é apenas no terreno do conteúdo que se deve ser subversivo e se opor ao sistema. É sobretudo no terreno das formas que esse trabalho deve ser feito. A forma é realmente revolucionária. Eu estou empenhado numa luta de guerrilha cultural contra um parque de formas estanques, reconhecidas pelo sistema e premiadas com cheques, com favores de toda sorte. As formas tradicionais vendem. A hostilidade ao experimento tem origem neste ponto. Contestando as formas que estão no poder, você está contestando o poder na única maneira realmente eficaz. Eu luto para denunciar a impostura destas formas e não praticá-las. Procurar superá-las, arrebutá-las por baixo, por cima, pelo lado...

O Ano do Macaco no horóscopo chinês, 1968, foi também “um ano do cão” para muita gente. No dia 31 de janeiro, depois de uma saudável

gestação, nascia de parto natural o bebê de Neiva: era um menino. Naturalmente, nas felicitações das famílias e dos amigos, na maternidade, Leminski era saudado como o pai da criança. Para continuar mantendo as aparências, Ivan se afastaria da cena enquanto fosse necessário. Mas logo reapareceria para se revelar um “tio” muito atencioso, superando em muitos momentos a ausência do suposto pai, que continuava ocupado com aulas e palestras. Para agravar a situação, a mãe de Neiva, sabendo da verdade, deu ordens na portaria para que não permitissem o acesso de Ivan ao apartamento. O bebê foi registrado em cartório quinze dias depois do nascimento com o nome de Paulo Leminski Neto, tendo como declarante “o pai”, ou seja, Paulo Leminski Filho, o que só fez aumentar a confusão (confusão que, a rigor, continua até hoje, pois oficialmente vale o que está escrito). Em seu depoimento a esta biografia, Neiva alega que Leminski, durante um porre fenomenal, planejou dar uma satisfação para a família e, à revelia dela, teria “forjado” a certidão de nascimento. Alguns amigos íntimos, no entanto, referem-se ainda hoje discretamente “ao filho do Leminski que mora no Rio”.

Nesta época, o São Bernardo começaria a receber uma população, digamos, mais heterogênea e menos qualificada, que vinha perturbando a ordem do ambiente. Era o folclore do “mocó” atraindo os “maluquinhos” da cidade, ansiosos por um “baseado” e um guru. (Leminski dizia: “em matéria de doutrinação, tem gente que prefere ir às faculdades para ouvir o professor”.) Este não era o caso de Peggy Paciornick, que era sempre bem recebida e fazia parte da família.

Aliás, no dia do aniversário de Leminski, 24 agosto de 1968, um sábado, foi programada uma festinha para comemorar a data, quando o melhor presente da noite lhe seria oferecido por Peggy —ele diria depois. Havia um show na cidade com o conjunto Os Incríveis — aqueles que cantavam “Era um garoto que como eu amava Beatles e Rolling Stones... Ratatata Ratatata... tata...” — e a festa foi marcada para começar depois das onze. Peggy chegaria na hora da animação, tipo meia-noite, acompanhada de uma amiga, e promoveria rapidamente as apresentações:

— Este é o Paulo Leminski, meu professor... Paulo, esta é minha amiga Alice Ruiz.

Os dois se olharam, fizeram os meneios triviais com a cabeça, um aperto de mão, um beijinho no rosto e se afastaram. Alice recorda-se de que, minutos depois, estava fascinada por aquele sujeito, pela maneira como ele se movia pela sala, o tom de voz. Discretamente, ela prestaria atenção no tipo: os cabelos compridos caindo nos ombros, a roupa, uma verdadeira obra-prima de engenharia: a camisa muito curta terminava na cintura, depois vinha uns cinco centímetros de barriga, três centímetros de cueca e só então começava a calça.

Subitamente ele reapareceu para perguntar:

— Uísque ou martíni?

— Uísque — ela respondeu.

Ele voltou com o copo cheio de martíni, o que ela considerou um gesto desajeitado de um rapaz fazendo a corte a uma moça. Leminski, por sua vez, estava igualmente perturbado por aquela garota charmosa e bem-informada, que demonstrava interesse em literatura e poesia. Alice pegou o copo, abriu um sorriso atrevido e voltou a conversar com os amigos. Sabe-se que esta foi uma festa de arromba, que agitou o São Bernardo até o amanhecer. Havia algo de psicodélico no salão, onde se misturavam os pais de Leminski — no começo da noite —, o diretor de teatro Antonio Carlos Kraide, Esmeralda, outras alunas do cursinho, Lélío, Ivan (porque era um dia especial), Brodão, Carlos João e uma dúzia de desconhecidos. A principal ausência da noite era a do irmão Pedro, que estava preso numa delegacia por roubo de carro. Nesta noite, eles ouviram repetidas vezes o disco Tropicália ou Panis et Circensis, que tinha sido lançado semanas antes numa grande festa no Dancig Avenida, em São Paulo. O vinil reunia os talentos de Gil, Mutantes, Nara Leão, Tom Zé, Gal Costa, Caetano Veloso, Capinam, maestro Rogério Duprat e consolidava o movimento que vinha sendo chamado de Tropicalismo:

Na mão direita tem uma roseira

autenticando eterna primavera

e nos jardins os urubus passeiam a tarde toda

entre os girassóis

Leminski veio se chegando ao grupo onde Alice estava, cantando junto, estalando os dedos e fazendo charme, até conseguir atraí-la para um canto da sala. Os dois passaram a noite em conversas sobre temas variados e atuais. Alice falou de suas poesias e contou que estava morando no Rio de Janeiro, onde fora procurar “um mundo mais arejado e menos machista”. Vaidoso, ele se exibiu o quanto pôde, apresentando sua biblioteca de obras clássicas e declarando seus autores preferidos. Foi como se as outras pessoas tivessem desaparecido da sala e os dois permanecessem envolvidos por uma nuvem de gelo seco. Leminski abriu uma pasta, tirou uma folha de papel e mostrou um poema que tinha feito naqueles dias — e que vinha chamando de Esplêndido Corcel. Eis um trecho:

o esplêndido corcel
vê a sombra do chicote
e corre, esplendores do cavalo
em labirintos de crina
incentivado pelo vento
cancela espaços de quimera
consumindo o tempo
pira que heróis incinera
(...)

Mais tarde Alice diria:

— Fiquei aquela noite com ele, saí no dia seguinte para voltar logo em seguida e ouvi-lo dizer: “Estou vidrado em você, gurria.” Não saí mais. Foi uma coisa absurda, uma paixão alucinada.

Alice sempre considerou este encontro uma “obra-prima do destino”, pois ela teria ido à festa muito a contragosto. Primeiro, por não ter sido

convidada; e, segundo, por ter informações que desabonavam Leminski. Nada contra sua honestidade ou honradez, apenas contra a sua imagem:

— Eu namorava um escritor, o Jamil Snege, que falava muito mal dele. Dizia que ele era arrogante, metido, pretensioso, o dono da verdade etc. etc.... De fato ele era, depois pudemos comprovar, mas em absoluta justa causa.

Na manhã do dia seguinte, ao voltar para o apartamento onde planejava encontrar-se com ele, Alice estava com o coração aos pulos e caminhava em direção oposta ao desfile militar de 25 de agosto, o Dia do Soldado. Foi um momento poético, um signo dizendo que se houvesse bom senso ela daria meia-volta e seguiria a parada. Mas ela foi em frente, no sentido contrário ao da correnteza, para nunca mais voltar.

A presença de Alice no São Bernardo, na condição de namorada de Leminski, iria tornar ainda mais difícil — se não impossível — a tarefa de manter as aparências. Agora, moravam no mesmo “apê” os dois casais e o pequeno Kiko, como vinha sendo chamado o mascote da turma. Na sala, os convidados eventuais se esparramavam pelas almofadas. Os mais constantes eram: Carlos João e Fredinho (filho da dona do cursinho Dr. Abreu); ainda Julinho Karatê (que tempos depois seria encontrado morto ao lado da amante, vítima de asfixia por gás e envenenamento por cianureto) e o artista plástico Franklin Horilka. Alice lembra-se com bom humor da primeira conversa para racionalizar as tarefas domésticas: quem lavaria as meias de Leminski? Seria a empregada, que já vinha lavando? Ou a nova namorada? Ou, ainda, Neiva, que para todos os efeitos era a esposa oficial? A situação continuava confusa entre os quatro e, na verdade, à luz de uma avaliação jurídica, acontecia ali um caso explícito de adultério.

A rotina passou a ser mais ou menos assim: ele dava aulas pela manhã, folgava à tarde e voltava para o cursinho à noite. A vida social no São Bernardo, portanto, começava depois das 11 e terminava por volta das 4 horas da madrugada. Ele continuava freqüentando apenas ocasionalmente as aulas de judô na Kodokan, mas, para compensar a falta de exercícios, treinava em casa amarrando a faixa preta na porta do quarto — como se fosse um adversário —, contra a qual deferia um elenco impressionante de gritos e golpes. Como num contragolpe, a vizinhança começaria a se manifestar.

Para complicar o quadro, um novo e intrigante personagem surgiria no São Bernardo. Seu nome era Olavo, tinha 22 anos e dizia estar chegando da Califórnia, “onde todos falam da nova onda, a Era de Aquarius”. Não era músico, poeta, muito menos intelectual, e não tinha uma obra ou projeto artístico para apresentar. Era bonito e gostava de fazer reverências ao sol e falar de horóscopo. Não morava em nenhum lugar, especificamente. Era um hippie com comportamento bissexual, o primeiro a surgir no “pedaço”. Chegou como amigo de Brodão, que conhecera no Rio de Janeiro, onde ouviu falar da turma de Curitiba. Sua presença no São Bernardo faria Lélcio citar o filme Teorema, de Pasolini, no qual o personagem de Terence Stamp faz amor com toda a família. Leminski escreveria um poema para Olavo, fazendo brincadeiras verbais com a frase Lavar o Olavo. Fez uma dedicatória onde dizia: “do beatnik para o hippie”. Apesar das evidências, não se conhece nenhum envolvimento homossexual de Olavo com qualquer membro do grupo. Mas, a se considerar as declarações de alguns amigos, “ninguém deve colocar a mão no fogo por isso”.

Para Carlos João, porém, aquelas noitadas tinham uma conotação estritamente cultural:

— O nosso maior contentamento era quando o Paulo chegava em casa, depois das aulas. Os papos se estendiam muita vezes até o raiar do dia. Os temas eram variados: de Glauber Rocha a Euclides da Cunha, passando por análises do Brasil arcaico e conversas sobre estética, de um modo geral. Hélio Oiticica tinha lançado as bases de uma exposição chamada Tropicália, que Caetano Veloso transformara em música e em movimento cultural. Falávamos disso.

Uma noite de inverno, em 68, Leminski foi visto bebendo sozinho no La Fontana de Trevi, o bar que agora freqüentava com o pessoal da academia, no andar térreo do mesmo edifício. Tinha os cabelos na altura dos ombros, usava barba também comprida e um sobretudo escuro que terminava bem abaixo do joelho. Passou boa parte do tempo lendo e fazendo anotações em guardanapos. Carregava um calhamaço de papéis e revistas que consultava a todo instante. Era uma figura única no ambiente, lembrando em muitos aspectos um poeta maldito do século XIX. Eu estava na mesa ao lado, com um grupo de amigos, todos estudantes, discutindo

calorosamente um tema polêmico e de ocasião: o festival de música da Record, que contrapunha de um lado os defensores da estética musical de “Roda Viva”, de Chico Buarque, e, do outro, a modernidade preconizada por “Alegria Alegria”, de Caetano Veloso. O festival tinha acontecido em outubro do ano anterior, mas as músicas continuavam nas paradas de sucesso. A certa altura, Leminski pagou a conta, colocou os alfarrábios embaixo do braço e falou, dirigindo-se à nossa mesa:

— Nesta polêmica eu sou mais o Caetano, colocando o Brasil no mundo eletrônico. Adeus, cavaquinho — e saiu.

14 de outubro de 1968. Alice está esperando Leminski chegar do trabalho no cursinho Abreu, o que aconteceria exatamente às 22:30 horas. Eles namoram e fazem amor como todas as noites, mas, por um motivo qualquer, nesse dia foi diferente para ela:

— Minutos depois eu sabia, de alguma forma misteriosa, que tínhamos feito um filho.

A intuição feminina funcionou. Alice engravidara e, assim que a barriga começou a aparecer, surgiriam também novos problemas no edifício, onde alguns moradores cogitavam passar um abaixoassinado para afastá-los do condomínio. A situação estava cada vez mais delicada:

— A notícia chegaria ao ouvido de dona Ruth, a proprietária do cursinho Dr. Abreu e fiadora do apartamento. Ela considerou que não podia ter em seus quadros um professor de vida dupla. O Paulo dependia do aval dela para alugar um outro apartamento. Assim, eu tive que ser literalmente oclusa.

A situação financeira da casa passava subitamente por um período de dificuldades. Fazendo cálculos na ponta do lápis, chegou-se à conclusão de que o valor do aluguel estava muito alto e seria conveniente encontrar um novo endereço mais afastado do centro e, portanto, mais barato.

Jurando que estava “tudo acabado” entre ele e Alice, que a relação tinha sido apenas “uma loucura momentânea”, Leminski conseguiria o aval desejado com dona Ruth. Ato contínuo, um novo apartamento foi alugado na rua Paula Gomes, próximo ao Cemitério Municipal, para onde foram

também Ivan, Neiva e Kiko. Agora, era Alice quem não podia ser vista, principalmente por dona Ruth, que costumava se materializar a qualquer hora, com o dedo na campainha, pois não havia telefone na casa:

— Certa vez fiquei escondida na despensa, um quartinho escuro e frio. Foi humilhante. Eu estava grávida e não tinha espaço nem para uma cadeira. Fiquei assim parada, esperando até a velha ir embora. É como diz a canção: o que a gente não faz por amor?!...

Com as finanças equilibradas, o sinal vermelho começou a piscar em “outro departamento”, que progressivamente ganhava mais espaço na vida da comunidade: as drogas. (É claro que este “problema”, amigo leitor, pode existir apenas na minha e na sua cabeça, já que tudo o que eles procuravam era mesmo o “nirvana”.) Foi assim que apareceu uma turma “barra pesada” no “guruato” do Leminski, que agora recebia aulas de violão do irmão Pedro. A nova rotina consistia em comprar um “galo” ou uma “perna” — o equivalente a 50 e 100 cruzeiros — de maconha por semana, para consumo coletivo. Alguns foram abandonando o hábito — subitamente ingênuo — de tomar o xarope Romilar (um expectorante que, quando ingerido em quantidade acima do normal, faz o sujeito falar com eloquência, funcionando como anfetamina) e trocavam-no por “picadas nos canos” — ou nos “barbantes”, como diziam alguns. O depoimento é de Carlos João:

— Uma tarde eu estava lendo no escritório quando o Pedro entrou esbaforido e agitado. Mal me cumprimentou, praguejando algumas coisas. Achei por bem voltar às costas e continuar a leitura. Ouvi então ruídos estranhos. Quando me voltei o Pedro estava colocando uma seringa sobre a estante e tirando um elástico do braço. Parecia mais tranquilo. Neste dia eu percebi que as coisas estavam ficando pesadas por ali.

O ex-aluno Ernani Buchmann lembra-se de ter visto Leminski no cursinho, durante um semestre inteiro, usando um indefectível suéter cor-de-rosa, mesmo em dias de forte calor. Por uma casualidade, descobriria logo depois que a manga comprida era para esconder as marcas de picadas no braço esquerdo.

Eles se aplicavam com anfetaminas destiladas e injetadas com uma seringa, ou “arpão”, quase sempre em péssimas condições de higiene e segurança. Pedro costumava dizer que canabis (maconha) era brincadeira de “estudante em férias”. Alice recorda-se:

— Por estar grávida, fiquei de fora dessa. Para compensar, fui fazer um curso de teatro, no Guaíra. Mesmo assim, meu diretor na escola, o Otávio, me pediu delicadamente para eu sair do grupo. Ele alegava que as atrizes já eram muito mal faladas e ter entre elas uma grávida solteira só poderia piorar a situação.

O resultado foi um abaixo-assinado de alunos e professores do curso de teatro tentando evitar a discriminação, posicionando-se contra o afastamento dela. Um conhecido ator, Sale Wolokita, professor de interpretação, assinou o documento em solidariedade, mas sua mulher, Flora, secretária de Otávio, recusou-se. Houve polêmica e muito desconforto durante o episódio, mas Alice acabou saindo da escola.

Para ela, então com 21 anos, o período de gravidez não seria nenhum convescote. Todos ainda viviam com o dinheiro que Leminski ganhava dando aulas, sendo esta a única fonte de renda do grupo. Em contrapartida, ele se sentia no direito de aproveitar intensamente todas as horas livres de que dispunha. Mas, longe da mulher grávida, é claro. Um dia, Alice acordou com febre, fome e um profundo mal-estar:

— Decidi arrumar minhas coisas e ir para a casa de uma tia. Um exame médico constatou anemia e inflamação nos rins. Fiquei lá para fazer o tratamento. Eu não podia voltar à vida desregrada sem colocar em risco a gravidez...

A saída dela da Paula Gomes não foi exatamente uma separação, apenas uma fuga estratégica. Depois de recuperar as energias — o que exigiu um retiro de pelo menos duas semanas — ela reapareceria para uma rápida visita. Encontraria Leminski sem barba e de cabelos curtos. Mas, antes, quando ele a viu chegar, saiu correndo para o banheiro e fechou a porta. Ela ainda pensou:

— Ele não pode ser tão covarde assim!

Certamente não era. Estava apenas querendo aparecer mais bonito e foi terminar de escanhoar a barba. Ele se comportava como se fosse o namorado e não o pai do filho que ela carregava na barriga. Neste momento, Alice percebeu que estava inexoravelmente se transformando em mãe e que Leminski parecia cada vez mais longe de ser um pai...

Eles passaram o dia juntos e decidiram que Alice continuaria na casa da tia até o nascimento da criança. Lá ela teria roupa lavada e boa alimentação, conforto que o apartamento da Paula Gomes não podia oferecer. E assim foi feito.

Houve um momento em que todos estavam produzindo e escrevendo regularmente para o caderno de cultura do Diário do Paraná, o “DP Domingo”. Eles cobriam as quatro áreas com desenvoltura (Carlos João agora fazia parte do grupo, escrevendo sobre MPB), sempre escoltados por Aroldo Murá, que continuava “alimentando as feras”:

— Eles eram estranhos, criativos e tinham gestos rebeldes que perturbavam a redação, mas pareciam ser a representação curitibana daquele processo de renovação que acontecia no mundo. Havia uma relação de sincronicidade entre as experiências sociais e pessoais que eles estavam personificando naquele momento, e o resto do planeta.

Num certo sentido, Murá estava certo. Ivan passou a comandar um programa na Rádio Colégio Estadual (depois Cultura), chamado Clube do Jazz, e se orgulha de ter colocado no ar, “pela primeira vez em Curitiba”, John Coltrane e John Cage. Ele abordava o jazz da linha modal como um assunto de vanguarda. Tinha um amigo, chamado Ney Macedo, rico e de bom gosto, que possuía uma maravilhosa discoteca de importados, “a melhor da cidade”. Foi estudar teoria musical e começou a desenvolver um projeto que chamava de “Pragmasom”, para música de vanguarda, com gravações de ruídos num túnel de Copacabana. Imaginou um concerto de piano dentro do túnel Novo, com carros e ônibus andando em apenas uma das pistas.

Ao mesmo tempo, passou a trabalhar no setor de música da Biblioteca Pública, onde um conjunto de quatro cadeiras (como cadeiras elétricas) acopladas a gravadores do tipo Akai, de rolo, forneciam uma programação

revolucionária, despejando decibéis nos ouvidos dos “bichos”. O ambiente era progressivo e civilizado nas relações. Podia-se ouvir Lalo Schifrin, música dodecafônica e coisas assim... Este autor freqüentava a sala no terceiro andar — sem nunca ter se relacionado com Ivan — principalmente para ouvir a programação de jazz, de um modo geral, e a música “A Whiter Shade of Pale”, com Procol Harum, em particular:

We skipped the light fandango

Turned cart wheels ‘cross the floor

I was feeling kind of sea sick

The crowd called out for more

Lélio Sottomaior cuidava da crítica de cinema e movimentava a programação dos cineclubes da cidade. A concentração dos cinéfilos acontecia no Cine de Arte Riviera, do Colégio Santa Maria (apenas uma referência, já que a sala de projeção era um anexo ao colégio). Sylvio Back, Valêncio Xavier, Manoel Karam e Dico Kremer estavam sempre na platéia participando dos debates. Eram todos jovens e brilhantes. Back, que já tinha realizado quatro curtas-metragens, preparava seu primeiro longa, Lance maior, com Reginaldo Farias e Irene Stephania no elenco. Leminski passou a freqüentar o cineclube atraído pelos eflúvios desta efervescência. Lélio, o agitador, falava entusiasmado sobre Oito e meio, de Fellini, os últimos filmes de Antonioni e Hitchcock; escrevia ensaios sobre o cinema industrial americano e, claro, divulgava à exaustão “as obras completas de mestre Godard”. Ao mesmo tempo, radicalizava na postura e nos trejeitos, descendo a rua XV de mãos dadas com o amigo Paquito e os lábios pintados de batom vermelho. Eram ameaçados, ofendidos e muitas vezes foram molestados fisicamente. Lélio recorda-se destes dias:

— Nós vivíamos na zona franca dos malucos, onde estavam os intelectuais, artistas e pessoas ligadas ao futuro. Ou, muito pelo contrário. Desafiávamos tudo e todos.

Uma reportagem publicada no Diário do Paraná, a 19 de janeiro de 1969, aborda a produção cultural do Grupo Áporo, mostrando uma foto com o

time completo: Leminski, Ivan, Lélío, Alice, Pedro, Carlos João e Neiva, sentados nas escadarias internas do Diário do Paraná. A legenda esclarece que o grupo nascera “para fazer de Curitiba uma cidade de homens que, face às coisas da cultura, tomem partido em termos agressivos”.

Levando ao pé da letra este item do manifesto, durante o II Seminário Nacional de Literatura, em sua versão 69, Leminski iria protagonizar um episódio que resultaria em trauma psicológico para alguns participantes do evento, que se realizava paralelamente ao Concurso Nacional de Contos — este ano premiando o escritor Rubem Fonseca, com a trilogia “Desempenho”, “Lúcia” e “O caso de F. A.”. As palestras do Seminário, intermediadas pelo acadêmico Adonias Filho, no auditório da biblioteca, aconteciam durante as tardes e recebiam ampla divulgação da imprensa. Na mesa, entre os palestrantes do dia, estavam o escritor José Louzeiro, o poeta Wladimir Dias Pino e a poeta Lupe Cotrim, professora de estética da USP. A certa altura de sua preleção, Cotrim fez uma citação de James Joyce em trecho, segundo ela, “extraído do polêmico livro *Finnegan’s Wake*”... Leminski, que estava na platéia com um grupo de amigos, reagiu imediatamente:

— Um momento! Joyce nunca disse isso em *Finnegan’s Wake*.

Deve haver algum engano.

A professora reagiu com surpresa, um tanto assustada, mas confirmou a informação. Leminski insistiu:

— Eu continuo afirmando que o trecho citado pela senhora não existe na obra mencionada.

O mal-estar foi crescendo e o bate-boca também. Agora em pé, Leminski dirigia-se para a platéia, desafiador:

— Ela não está falando coisa com coisa!

Ao tentar interferir, na condição de presidente da mesa, o acadêmico Adonias Filho se mostraria ainda mais descontrolado:

— O senhor é um imprudente! Está tumultuando os trabalhos e desdenhando da capacidade da professora Cotrim. — Eu não sou imprudente, senhor, sou apenas um provinciano que já leu muito e adora James Joyce. E não posso admitir que intelectuais de grande centros, como os senhores, venham aqui contar falsas histórias.

O depoimento de Louzeiro:

— A professora Cotrim começou a chorar. O Wladimir Dias acabou se envolvendo mas apenas gaguejava, e a confusão aumentou. Na platéia, Leminski agora falava coisas ininteligíveis.

No dia seguinte, quando Leminski reapareceu no Seminário abraçado a vários livros e cercado por um grupo maior de amigos, todos estremeceram. Assim que a sessão foi aberta, levantou-se e, dirigindo-se à professora Cotrim, falou com voz forte e poderosa: “Eu voltei para dizer que o trecho que a senhora citou ontem, professora, é de Ulisses e não de *Finnegan’s Wake*.” Um novo tumulto teve início, que só terminou minutos depois com a interferência de outros palestrantes, inclusive dos escritores locais que estavam à mesa.

Louzeiro, um maranhense radicado no Rio de Janeiro, onde atuava como contista e repórter policial, recorda-se de que sua admiração por Leminski começou neste momento. Ele consideraria o episódio, apesar do desconforto provocado, um ato de coragem e competência do jovem intelectual. Após o encerramento da tumultuada sessão, Louzeiro saiu com o grupo de Leminski pelos bares da cidade:

— Falamos de literatura, bebemos e comemos pinhão a noite inteira. Logo pude perceber que ele tinha muito conhecimento. Eu o convidei para aparecer no Rio, num próximo evento literário qualquer. Ele prometeu pensar no assunto.

Quer seja pela competência ou pela excentricidade, a partir deste episódio o poeta começou a ser notícia na imprensa local. Em 14 de novembro de 1968, o jornal *O Estado do Paraná*, na seção “Seis colunas”, assinada por Aramis Millarch, abordava o “Perfil de um homem: Paulo Leminski”:

Professor, poeta e judoca. Com seus longos cabelos e barba negra, jeito de atleta (que é) e sempre em companhia da jovem esposa, a pintora Neiva, Paulo pode parecer à primeira vista um “hippie” subdesenvolvido. Mas bastam cinco minutos de conversa com o moço para surgir uma nova imagem. Afinal, são poucos os barbudos na idade dele que dominam oito idiomas.

(...)

A notícia com Paulo: está escrevendo seu primeiro romance, de uma idéia originalmente aproveitada num trabalho para o concurso da Fundepar. Trata-se de uma ficção elaborada em linguagem de vanguarda onde o personagem central é o filósofo francês René Descartes.

(...)

Certo dia, alguém surgiu na Paula Gomes com uma idéia fabulosa e perturbadora: ir embora para o Rio de Janeiro. Arrumar as malas e zarpar pela rodoviária que, como dizem os curitibanos, é “a segunda estação da cidade” — a outra é o inverno. O apartamento se tornara inviável e a paranóia tomava conta dos verdadeiros moradores. Eles tinham perdido o controle da situação e viviam em estado permanente de “grilo”, expressão usada para designar uma “preocupação aguda de origem interna ou externa”. Leminski estava particularmente “grilado” com a informação que lhe fora passada no cursinho de que eles estavam sendo vigiados pela polícia (no caso, diziam, a Polícia Política). Os visitantes eram passageiros, mas deixavam rastros... Começaram a desaparecer objetos da casa. Umas peças de artesanato foram roubadas da parede. As relações de Leminski com o trabalho estavam em crise — ele vinha sendo descontado em seus salários pelas faltas constantes... Neiva não suportava mais:

— Eu entrei em depressão, cortei os cabelos bem curtos e esperei por uma mudança.

Pode-se dizer que, grosso modo, em termos de projeto outsider, os curitibanos se dividem em dois grupos: aqueles que planejam ganhar

dinheiro em São Paulo e os que sonham com as praias, os bares e a paisagem carioca; o lado lúdico da vida, enfim. Eles faziam parte deste segundo grupo e começaram a criar as condições para “cair na estrada”. Nestes dias de ditadura militar, o Rio de Janeiro oferecia como opção de sobrevivência o “desbunde espetacular”, uma prerrogativa da geração “sem lenço e sem documento” — para usar uma expressão celebrizada por Caetano Veloso. As dunas da Gal —ou “o píer do barato” — na praia de Ipanema, e o tablóide O Pasquim, reunindo a fina flor do humor e da inteligência brasileira, concentravam o que havia de mais criativo no país naquele momento. Eles se imaginavam neste cenário tropical, trabalhando e curtindo a vida como mereciam.

O assunto era abordado a todo instante, sempre com grande empolgação. Tinham restabelecido contato com José Louzeiro, que os incentivou de maneira decisiva. O velho amigo Brodão tinha oferecido um apartamento na Zona Sul para que pudessem se acomodar na hora crucial da chegada — e eles decidiram aceitar. Carlos João estava entusiasmado e prometeu partir o mais breve possível. Leminski e Alice teriam que conversar e decidir a vida deles. Lélío resolveu continuar em Curitiba e estava fora dos planos. Havia um frêmito entre as relações neste momento. O país vivia um período conturbado politicamente. Tudo estava conturbado.

11 de julho de 1969. No dia mais frio do ano nascia o primogênito dos Leminski. Alice estava sozinha em casa e assim que sentiu as primeiras contrações seguiu, às pressas, para o hospital. Antes, pediu para a tia avisar Leminski (o que significava ir à casa dele) e saiu de casa segurando a barriga. Curitiba era uma cidade de trânsito fácil nesta época e o caminho até o Hospital São Vicente foi percorrido em poucos minutos. Levada para a sala de parto, ouviu da médica de plantão que a criança estava com “apresentação de face”, ou seja, tinha o rosto para fora e não a cabeça, complicando o parto. Apesar de toda a dilatação, o bebê não saía. Foram feitas muitas tentativas, todas frustradas. A solução seria uma operação “cesariana” de emergência. Antes, porém, a médica quis saber:

— Existe alguém aqui que possa ficar responsável por você?

— Ninguém. Eles devem estar a caminho...

— Existe um risco de vida. Alguém precisa estar ciente disso. A questão é: se for feita a cesariana, o risco é seu; caso contrário, se formos pelo método convencional, o risco é da criança.

Ela decidiu no ato e assinou o documento autorizando a cesariana. Foi um momento de extrema solidão, que ela jamais esqueceria, apesar do sucesso da intervenção.

A tia chegou logo depois do parto e Alice pediu para ver a criança. Era um menino saudável, com muita tranqüilidade na face morena e rechonchuda. Ela olhou emocionada a criança e considerou que não se parecia com ela e nem com ele, mas com sua mãe Ângela.

Leminski chegaria ao hospital tarde da noite, bêbado, mas sem criar tumulto e problemas aparentes. Afinal, tinha um bom álibi, pois estivera com os amigos comemorando o nascimento do filho. — Ele ficou muito transtornado no hospital — diz Alice. — Passou a noite inquieto, sem poder dormir, e eu mesma fiquei incomodada com isso. Mas o bom é que ele estava lá. Assim que recebeu alta, Alice voltou para a casa da tia e esperou.

Uma semana depois ele reapareceu para irem juntos registrar o filho num cartório. Ela se lembra da cena:

— Ele passou a mão na minha cintura e falou que estava sentindo falta da curva, referindo-se às minhas formas antes da gravidez. Era um galanteador desajeitado.

O garoto foi registrado como Miguel Angelo Leminski, do signo de Leão. Alice escolheu o nome Angelo. Leminski preferia Miguel, nome do tio. Mas o garoto ficaria conhecido como Guegué.

Neste mesmo dia, Alice seria informada de que Leminski deveria partir. A decisão tinha sido tomada. Carlos João estava no Rio há uma semana — foi o primeiro a viajar — e tudo estava programado com Ivan e Neiva, que deixariam o pequeno Kiko temporariamente com os pais dela. Leminski seguiria na frente, uma espécie de batedor à procura de emprego e acomodação, e voltaria para buscá-la, juntamente com o filho. Levava alguns números de telefones anotados, referências de jornalistas para

jornalistas, e muita esperança de “pintar uma legal na Guanabara”. Três dias depois eles embarcaram.

CAPÍTULO 6

DELÍRIOS E NOITES CARIOCAS

Quando chegaram ao Rio de Janeiro, a 30 de julho de 1969, os três curitibanos sentiam-se como se estivessem pisando na Lua, repetindo o que fizera Neil Armstrong, o astronauta, duas semanas antes. Eles desembarcaram na rodoviária, respiraram fundo e seguiram direto para o Solar da Fossa, um casarão em Botafogo, quase ao pé do morro do Pasmado. Era uma antiga mansão de dois andares, com um pátio central e dezenas de apartamentos — 84, para ser exato — ocupados por artistas, músicos, poetas e pessoas excêntricas de um modo geral. O amigo Brodão era apenas um deles. O imóvel estava com os dias contados, aguardando uma decisão judicial para, finalmente, ser demolido e dar lugar ao primeiro shopping center da cidade, o Rio Sul. Eles bateram no apartamento de Brodão e esperaram eternos segundos até a porta se abrir. Ivan lembra-se da cena:

— O Brodão apareceu e tomou um susto, ficou pálido. Muito provavelmente porque tinha nos convidado sem esperar que aceitássemos o convite. Em Curitiba ele deu uma de bacana, mas na hora se borrou.

O problema estava criado. No Solar havia três tipos de apartamentos: os com dois quartos, os de quarto e sala e aqueles com apenas um cômodo. O apartamento de Brodão era dos menores — pela fresta da porta Neiva viu uma mulher cozinhando no banheiro — e a situação exigia uma solução rápida. Brodão teve a idéia de alojá-los no apartamento ao lado, onde moravam Olavo, o hippie, e um amigo de nome Serginho, que estavam viajando. Eles dormiriam ali aquela noite, apesar de estarem se sentindo “intrusos e invasores”. No dia seguinte não tiveram tempo para tomar fôlego: os donos do apartamento chegaram e um novo constrangimento estava criado.

Apesar do mal-estar, a questão foi discutida civilizadamente e chegou-se à conclusão de que eles continuariam acampados por ali até a situação

melhorar. E que fossem rápidos os movimentos. Todos os mecanismos foram acionados, todos os contatos estabelecidos e toda sugestão era bem-vinda.

Dias depois, Carlos João apareceu dizendo que estava na cidade há um mês e ainda “batalhava” por um emprego. Estava dormindo em Jacarepaguá, mas vinha ao centro diariamente para visitas-relâmpago às redações:

— No meio daquele tiroteio, foi um grande contentamento rever os velhos camaradas. Havia muito o que conversar. Traçamos estratégias e decidimos colocá-las imediatamente em prática.

Carlos João, que também estava sendo desalojado da casa de um amigo, iria morar provisoriamente no Solar, num outro apartamento — e, de repente, eles estavam novamente juntos. Aos poucos, foram se relacionando com os moradores daquela inusitada “república dos prazeres”. Os dias se passavam e seus corpos se acomodavam como água num recipiente. Carlos lembra-se com delicadeza da Baiana, uma mulata que mantinha uma espécie de pensão, servindo um PF (prato feito) barato e substancioso; havia um roqueiro, Flávio Espírito Santo, que dava aulas de inglês nas horas vagas; um jornalista da revista Manchete, que eles chamavam de Moura. Tim Maia, Cassiano, Hildon formavam a brigada da soul music. Os mais agitados eram os rapazes da banda Os Brasas, que acompanhava o pessoal da Jovem Guarda fazendo um “trabalho fixo” no programa de Carlos Imperial na tevê. Mas o folclore do lugar era maior: falava-se que por ali passaram Caetano Veloso, Gilberto Gil e Paulinho da Viola. Carlos João encontrou certa vez a atriz Darlene Glória pelos corredores, loura e espetacular — tendo ao lado um sujeito forte e bronzeado:

— É o Mariel Mariscot, que algumas vezes aparece por aqui cheirando a cadáver. Ele está namorando a Darlene — comentou um morador.

O temido policial fazia parte de um grupo especial de xerifes cariocas. Dizia-se, à boca pequeníssima, que era um dos homens mais cruéis do Esquadrão da Morte. Quando ele passava pelos corredores do Solar todos batiam três vezes na madeira. Uma tarde, Carlos atravessou o túnel do

Pasmado para tomar cerveja com Leminski num botequim do Leme. Eles tinham umas conversas pra levar:

— Eu chamei a atenção do Paulo, que estava desconectado do mundo, para duas músicas que se apresentavam naqueles dias conturbados: “Aquele abraço”, de Gilberto Gil, e “Irene”, de Caetano Veloso. Comentei que elas significavam uma despedida do Brasil e fiz um relato do que vinha acontecendo.

Em conversa com amigos jornalistas, no botequim em frente ao Correio da Manhã, Carlos João ficara sabendo que os músicos baianos tinham sido presos e detidos durante três meses na Vila Militar, em Realengo. Agora estavam finalmente liberados, mas o episódio fora considerado suficientemente grave e eles decidiram se mudar para Londres. Até já tinham partido. A reação de Leminski teria sido de desconsolo; ele ficou pensativo, mas logo tratou de mudar de assunto. Como sempre acontecia nestas horas, ele reagiria com o silêncio. Viviam-se os tempos do AI-5, o ato que suspendia as garantias constitucionais e elevava à categoria de guerrilha o confronto do aparato policial com as organizações de esquerda, em todo o país. Como ficaria registrado nos escaninhos da boa memória, 1968 conquistou a fama (pela sincronicidade planetária), mas foi em 1969 que o pau comeu solto nos porões da ditadura. As rádios de todo o país colocavam no ar o último sucesso de Caetano Veloso:

Eu digo sim

Eu digo não ao não

Eu digo é proibido proibir...

Nestes dias de Solar da Fossa, um fato curioso se repetiria. Sempre que Leminski surgia nos corredores, abraçado aos seus alfarrábios — antologias de guardanapos, rótulos de cerveja com anotações, folhas avulsas com textos originais —, as pessoas sentadas nas varandas saudavam-no em voz alta:

— Lá vem o Leminski com aquele catatau embaixo do braço! A repetição do refrão fazia o monge: ele passou a chamar o livro de Catatau. Até então

o título mais provável era Zagadka, que significa “enigma”, em russo-polonês.

Em carta a Augusto de Campos, escrita três meses depois da chegada ao Rio, ele mandava notícias dizendo que “Descartes está no trópico”, citando Panis et Circenses:

O nome da Obra vai ser (quase certo) CATATAU. Estou morando no Solar da Fossa onde morou Caetano. “Mandei plantar/folhas de sonho no jardim do solar..”. Caetano plantou, Leminski colhe. A minha hora vai chegar, está chegando.

Chegou o verão e com ele uma surpresa: Wilson Bueno aparece no Solar para dividir temporariamente uma kitchnet com um amigo. Como todos os outros, Bueno sonhava arrumar um emprego e estabilizar a situação, alugar um apartamento na Zona Sul ou algo assim. Enquanto o sonho não acontecia, canalizava sua libido para os prazeres de Ipanema e seus jovens poetas da geração “desbunde”. Certa madrugada, tipo quatro horas da manhã, ele e Leminski encontraram-se por acaso no jardim interno do Solar:

— O Paulo queria drogas e eu sexo. Estávamos os dois tresloucados. Fazia uma noite quente e decidimos garimpar em Copacabana.

Os dois saíram caminhando pelo Leme, passaram pelo Beco das Garrafas, onde tomaram uma cerveja no balcão e, disfarçadamente, sussurraram coisas no ouvido de alguns noctívagos. Nada conseguiram. Continuaram caminhando sem destino, mas a emenda mostrou-se pior do que o soneto. O dia amanheceu, o sol explodiu em cores nas bancas de jornais e eles sentiram um profundo desconforto com o calor. Era como se — de repente — começassem a derreter no asfalto:

— O Paulo tinha uma caneta e um caderninho, onde fazia anotações para o livro que estava escrevendo. Desanimados, sentamos no calçadão e contemplamos inertes o oceano. Foi quando ele resumiu o nosso drama: “Wilson, quer saber? É muito tarde para as drogas e muito cedo para o amor.”

Em Curitiba, onde cuidava do pequeno Miguel e vivia uma grande expectativa com relação ao futuro, Alice esperava. Em agosto de 1969, Leminski escreveria uma carta onde, entre outras coisas, confirmava que o livro deveria mesmo se chamar Catatau. E terminava fazendo pose de galã juvenil:

— Menina, quem te deixou prenhe foi um poeta que passou por aqui procurando uma etimologia.

Nestes dias, Leminski conheceria o músico Paulo Diniz, um pernambucano de Pesquera, que se tornaria famoso ao colocar nas paradas de sucesso uma música cujo refrão dizia:

“I don’t want stay here, I wanna to go back to Bahia”. (Leminski tentou corrigir, “Está errado, tem um verbo auxiliar em excesso, o certo é “I wanna go back to Bahia”. No fim, foi gravado “errado” propositadamente.)

A música chamava-se “Quero voltar pra Bahia” e falava do exílio de Caetano Veloso, na Inglaterra — e este seria mais um ponto de identificação entre os dois Paulos.

Diniz também morava no Solar — seu companheiro de apartamento era o locutor de rádio Adelzon Alves — e nos dias seguintes os dois passaram a se encontrar para tocar violão. Ficavam horas fumando baseado e conversando sobre música e poesia, tendo os jardins internos do solar como cenário. O curitibano ganhou algumas aulas de música e retribuiu a gentileza com um baú de informações e jogadas textuais. Foi a partir de uma frase pinçada nas páginas do Catatau que surgiria o título de um novo sucesso musical de Diniz: “Ponha um arco-íris na sua moringa.” (Depois que a música foi gravada, Leminski retirou a frase do livro, em homenagem.)

A situação no Solar da Fossa, que já estava difícil, subitamente ficou impossível. Uma manhã, os quatro — Carlos João agora fazia parte da trupe — tiveram que deixar o apartamento de Olavo. Perambularam pela cidade o dia inteiro, sem ter onde ir. Quando a noite chegou, aproximaram-se de um circo armado nas redondezas, explicaram a situação para o domador e foram autorizados a ocupar o picadeiro. Era uma segunda-feira e não haveria espetáculo à noite, o que facilitou as coisas.

No dia seguinte, após uma rápida reunião matinal, eles decidiram em regime de urgência procurar José Louzeiro, que morava com a mulher e quatro filhos no Beco da Lagoinha, em Santa Teresa. E para fazer qualquer contato, não havia como recorrer ao telefone. A única maneira era subir de ônibus ou bonde — neste caso, atravessando os Arcos da Lapa — e caminhar até a parte posterior do morro. Eles preferiram o bonde. A casa ficava atrás da mansão da Nunciatura Apostólica, a representação do Vaticano no Brasil.

O encontro com Louzeiro finalmente se revelaria uma dádiva. Ele trabalhava como repórter policial no Correio da Manhã e na Última Hora, e editava, “em regime de resistência”, o Jornal do Escritor, um tablóide especializado em resenhas e notícias sobre o mercado editorial. O jornal havia sido criado com objetivos políticos, para fortalecer a existência do Sindicato dos Escritores. Louzeiro conta como tudo aconteceu:

— Eu estava deitado, conversando com minha mulher, quando alguém tocou a campainha. Fui olhar da janela de cima e ele gritou:

“Oi, Louzeiro, é o Leminski.” Eles entraram e explicaram o drama que estavam vivendo. Minha mulher reclamou bastante, mas no final eu os deixei ficar.

O depoimento de Carlos João confirma a ousadia desta decisão:

— Foi um ato de coragem do Louzeiro hospedar aquele bando. Eu conhecia um livro de contos dele, mas não o conhecia pessoalmente.

De imediato, ficou decidido que o grupo ocuparia um quarto no andar de cima até as coisas de acalmarem. Louzeiro lembra-se de que, apesar do despojamento, às vezes exagerado, havia um clima de respeito e ousadia entre eles:

— Eu não entendia muito bem quem formava o casal básico. Porque não havia um casal básico. Eles estavam colocando em prática um conceito teórico anarquista de primeira linha, sem nenhum preconceito, sem nenhum peso.

Na opinião de Ivan, no plano afetivo o momento representava para Leminski um compasso de espera, um tempo de observação:

— Parecia que o Paulo estava testando a firmeza do meu relacionamento com a Neiva para tomar uma decisão na vida. Em público, ainda se comportava como o marido dela, pois eles não estavam separados legalmente e ela ainda usava o sobrenome Leminski.

Carlos João recorda-se de que naquele momento todos pensavam apenas em conseguir um emprego, o que só iria acontecer como resultado de muito trabalho:

— Na primeira noite, o Louzeiro deu um curso superintensivo de jornalismo para nós. Ele jogou alguns jornais sobre a mesa e começou a explicar como fazer um lead, o sub-lead etc.... Apesar de colaborar com os jornais curitibanos, nós não sabíamos fazer jornal. Era recomendável que eles tivessem pelo menos as noções básicas do jornalismo de redação, para fortalecer a missão marcada para começar na manhã do dia seguinte. Neste sentido, a cumplicidade de Louzeiro seria fundamental:

— Falamos e tomamos vinho até às 4 horas da manhã, quando fui para o meu quarto. O Leminski não dormiu. Ficou batendo na máquina até amanhecer, fazendo exercícios de redação. Minha mulher ficou uma fera. Logo pela manhã, eles tomaram café no andar de cima e saíram.

A missão foi bem-sucedida. Leminski conseguiria trabalho como copydesk n’O Globo e redator da Revista Geográfica, da editora Bloch. Dois dias depois começaria a trabalhar também como tradutor da agência Reuters. Tinha — em menos de uma semana — três empregos. Em seguida, Ivan seria contratado pelo Correio da Manhã para a função de redator, e Carlos João, repórter. Eles agarraram as oportunidades com “unhas e dentes”. Diz a lenda — ou a história, nunca se sabe — que ao negociar um longo trabalho com a revista Manchete, algo como a História da Humanidade em capítulos, o editor perguntou quanto tempo Leminski precisava para entregar o primeiro; ele teria respondido, olhando para o relógio na parede, que precisava apenas de uma máquina de escrever e uma xícara de café. O jornalista sorriu argumentando que não havia tanta pressa, mas que era admirável aquela determinação etc.... Era mais uma jogada de estilo, com a qual ele gostava de alimentar o mito da própria competência.

Como parte da estratégia de chegada ao Rio, os curitibanos passaram a escrever regularmente para o Jornal do Escritor, onde exibiam suas habilidades profissionais e falavam de suas obras. A presença e o trabalho do grupo no jornal seria marcante e ganharia uma chamada na primeira página, onde Louzeiro anunciava “para a próxima edição” o início da série “Vanguardas em Debate”, “com reportagens que pretendem ser, ao mesmo tempo, didáticas e polêmicas”.

Na edição de agosto, Ivan fazia sua estréia com o ensaio “Atlas Eclipticalis de John Cage”, onde argumentava: “Se você quer saber a verdade, a música de Cage é aquela que ouvimos quando tudo está quieto. Tudo aquilo que fazemos é música.” Na edição de setembro, Ivan e Carlos João assinariam em parceria uma entrevista com Décio Pignatari, sobre semiótica e comunicação, na qual o professor anunciava a importância do computador “como linguagem comum universal do fim do século”. Na mesma edição, Leminski apresentaria dois trabalhos de sua lavra: um ensaio sobre o concretismo, lançando luzes no movimento de poesia que se iniciara no Brasil nos anos 50, e um longo texto intitulado “Poema com aparato persa” (ver Apêndice 2), até agora inédito em livros.

Ficou decidido, ainda, que fariam uma abordagem sobre o Catatau, com direito a entrevista de Leminski e amostragem de fragmentos. Ivan foi destacado para escrever o artigo e encaminhar a entrevista.

O material seria publicado na edição de novembro, com direito a chamada na primeira página: “Paulo Leminski e Catatau: dois nomes que vão dar o que falar.” Na página 6, o artigo de Ivan ganhou o título “Descartes no Brasil Psicodélico & Tropical”. No centro da página, uma foto de Leminski, de perfil, deixava transparecer uma barba rala e os óculos de aros escuros. O livro foi apresentado como um texto de pensamento alto, ou seja, “recomenda-se a leitura em voz alta”. O tradicional tom de polêmica com os grupos de poesia engajada continuava em pauta:

— Os praxistas são ótimos rapazes, mas sem ira nem brilho. São obras que não têm pegadas.

Ao lado da entrevista, quatro trechos do livro. Era a primeira vez que se mostrava publicamente a prosa considerada revolucionária do Catatau. Eis

um trecho apresentado:

Disfarce, falésias de facécias... Meu falar é maior que eu: o apaga-eu, o apogeu, apage! Vivo para falar ou falo para viver? Falo mor de falir, falecer, o falecer maior e disfalando, afalego e disafaleço. Ah, estarrecer de meu estar e ser! Falo o que se falar; nem mars nem vênus; o que se diz por aí, o que se diz aí; o que se fala, acaso, nestas paragens é melhor falagem? (...)

Enquanto trabalhava nas diversas redações, Leminski jamais deixaria de escrever o Catatau. Estudava e lia com a mesma tenacidade de sempre. Passou a se aprofundar na obra de Charles Peirce e traduzir trechos de Joyce. Num determinado período, trabalhou no plantão da madrugada de O Globo. Neiva recorda-se destes tempos:

— Ele acordava às quatro horas da madrugada para ir à rua Irineu Marinho. Era um massacre... Depois passava em todas as outras redações onde fazia trabalhos esporádicos.

Após um mês de rotina pesada, tinha chegado para ele, finalmente, o dia de receber o primeiro salário. Louzeiro lembra das conseqüências:

— Ele apareceu em casa com um bolo de dinheiro no bolso, referente aos três salários. Fomos para um botequim em Santa Teresa onde bebemos quase a metade do que ele tinha recebido. No dia seguinte ele não foi trabalhar em nenhum dos empregos.

Ao mesmo tempo, todos continuavam colaborando com o Jornal do Escritor, onde Ivan publicaria um novo ensaio, desta vez sobre “Marshall McLuhan e a teoria da comunicação”. Fez entrevista update com Quentin Fiori, o designer de McLuhan, que estava hospedado num hotel da cidade. Carlos João escrevia resenhas e secretariava a redação. A rapaziada se mexia e conquistava espaços.

Quer pelas relações de Louzeiro com a cidade, quer por influência do grupo de poesia concreta, o fato é que eles ampliaram a rede de contatos com os escritores cariocas. Ficaram amigos de José Lino Grünewald, em cujo apartamento, no Corte do Cantagalo, aconteceria uma reunião

informal com Quentin Fiori, recepcionado por intelectuais e artistas brasileiros. Em meio à tertúlia, Leminski criaria um certo constrangimento no ambiente ao acender um baseado, aplicado numa “marica” de caixa de fósforo, que oferecia aos presentes como se fosse um cachimbo da paz. Foi interpelado discretamente por Décio Pignatari que recusou o convite e lhe lançou um olhar de censura, acompanhado de uma advertência:

— Eu não preciso de incentivo para fumar maconha, Leminski! Já tenho idade suficiente para decidir sozinho o que fazer.

Para “engrossar o caldo” de suas atividades, Louzeiro escreveria um artigo chamado “Os hippies que vieram em busca do sol”. Falava-se neles como “os curitibanos”. Louzeiro admite que o cotidiano da casa podia ser tenso em alguns momentos, devido ao excesso de contingente, mas foi sempre criativo. Ele acredita ter assimilado um conceito novo sobre a posse de livros e os cuidados com eles. Sua vasta e bem conservada biblioteca compunha o cenário de um dos cômodos da casa:

— Até conhecer o Leminski eu tinha ciúmes de livros, não os emprestava com medo de não serem devolvidos. Ele, ao contrário, dizia que livros eram para ser lidos e não guardados em prateleiras como objetos decorativos. Escrevia poemas em papel higiênico, nas revistas, nos meus livros, em qualquer superfície... Eu aprendi com ele que o importante não é o papel, mas o que está impresso nele.

O comportamento anticonvencional e a aparência de poeta maldito podiam dar uma falsa impressão de Leminski, atestam seus amigos desta época. Na verdade, ele poderia sem muito esforço ser confundido com um mendigo (hippie) andarilho. Louzeiro lembra-se de que levantavam-se suspeitas nos meios intelectuais sobre sua competência com as línguas estrangeiras. Alguém teria perguntado: “Afinal, quem já viu o Leminski falando inglês ou francês?”

— Eu vi — garante Louzeiro.

— Foi na Embaixada da Índia, no Rio de Janeiro. Era um evento cultural e o Leminski circulava pelas rodas falando ora em inglês, ora em francês, com grande desenvoltura. Esteve entre os alemães, falando obviamente em alemão. Ele era uma pessoa muito pura e sem maldade.

Foi Louzeiro quem programou o encontro de Leminski com o professor Antonio Houaiss, seu compadre. O que aconteceu naquela noite foi um choque de gerações unidas pelo mesmo interesse: a linguagem. Logo após as apresentações, Leminski mostrou um poema de sua lavra para mestre Houaiss, que na condição de filólogo obediente às normas gramaticais resolveu implicar com as contrações pra e pro que apareciam no texto. Houaiss contestou. Leminski explicou que a liberdade de poder escrever à maneira que se fala era a alma da sua poesia. A discussão se prolongou noite adentro e só terminou quando Leminski, decidido, anunciou:

— Pois bem, professor Houaiss, eu vou retirá-las agora em consideração ao senhor, mas quando chegar em casa eu as coloco novamente.

Foi também através de Louzeiro que ele e Ivan conseguiram agendar um encontro com o crítico e escritor Otto Maria Carpeaux, em seu apartamento de Copacabana. Eles conheciam e admiravam Carpeaux pela História da literatura ocidental, no caso de Leminski, e Uma nova história da música, no caso de Ivan, que relembra o episódio:

— O Paulo tinha preparado um texto curto e grosso, de uma lauda, sobre o tema “O Que é Poesia?”, onde defendia que a poesia era o nada. O Carpeaux leu, colocou o papel de lado e não fez nenhum comentário. Nós chegamos com alguma expectativa e descobrimos que o professor era gago. Foi uma frustração, pois o Paulo gostava de conversas rápidas, raciocínios fulminantes... aquele pique!

Eles saíram do apartamento do professor mais irreverentes do que nunca, sugerindo que o episódio tinha sido muito engraçado. Riram desbragadamente “com todo o respeito” e decidiram tomar uma cerveja num botequim para arrematar a conversa e baixar a pressão.

Para Alice, a espera em Curitiba representava um momento de dúvidas. Tinha sido combinado que Leminski mandaria as cartas para o endereço dos pais dele, no Seminário; seria uma forma de, esporadicamente, Alice poder levar Miguelzinho para visitar os avós. De fato, isto aconteceu algumas vezes, mas ela nunca encontrou uma carta especialmente para ela, apenas recados dentro de uma carta; algo do tipo “diga para a Alice que já estou preparando etc...”. Depois de seis meses, ela tomou uma

decisão: arrumou as malas e viajou para o Rio. Antes, deixou o cunhado Pedro, com quem vinha mantendo uma boa relação de amizade, saber disso. Ficou três dias na cidade e, surpreendentemente, não procurou por ele. Na segunda-feira estava de volta a Curitiba. A estratégia funcionou. Assim que soube, Leminski mandou uma carta urgente:

— O que está acontecendo?? Está tudo bem?!...

Alice respondeu com outra carta dizendo que nada estava bem, que, após seis meses de silêncio, o vazio de notícias tinha um significado claro para ela. Cinco dias depois ele voltou. Alice descreve a cena:

— Eu estava trabalhando numa loja de acessórios de automóveis, quando ele me apareceu encostado na porta, fazendo pose ao lado do irmão. Minhas pernas amoleceram, mas eu disfarcei. Ele falou: “E aí, boneca?”

Após uma história intensa de amor, um filho recém-nascido e seis meses de silêncio, Leminski continuava fazendo o jogo da sedução, chamando-a de boneca.

Neste momento — e cercada por essas circunstâncias — Alice faria uma descoberta importante, fruto de suas próprias suspeitas: a de que a “genialidade” de Leminski e suas excepcionais qualidades intelectuais — e mesmo de personalidade — haveriam de existir em detrimento de algum outro aspecto de seu caráter — e logo ela descobriu que era do emocional. Ele era capaz de fazer gestos intelectualmente grandiosos e arriscados mas, ao mesmo tempo, mostrar-se inepto para pequenas tarefas, como trocar lâmpadas, tirar documentos ou, simplesmente, demonstrar afeto consigo mesmo. Alice percebeu que o lado “responsável” da vida era uma violência para ele, que estava profundamente envolvido com o mundo das idéias e dos pensamentos.

24 de dezembro de 1969. O casal passa as festas de final de ano separados. Alice e Miguel na casa dos pais dela e Leminski no Seminário. Eles se encontravam diariamente para namorar e fazer planos para o futuro. Neste dia, Leminski apareceria dizendo ter composto uma música enquanto tocava violão com Pedro — aquela que seria a sua primeira canção, “Flor de cheiro”:

Você tem o cheiro de uma flor

eu não me lembro mais

lilás, jasmim, incenso

amor-perfeito e sassafraz

flores de há muito tempo atrás

Nesta época, teria início, informalmente, uma intensa parceria musical entre os irmãos, desenvolvida à custa de muitas talagadas de conhaque ou qualquer outra bebida forte e barata. Certa vez, Pedro surgiu com a primeira parte de uma música (inclusive a melodia) que vinha chamando de “Oração de um suicida”:

Vejo nos teus olhos tão profundo

as durezas que este mundo

te deu pra carregar

E vejo também

que sentes que tem

amor para dar

Perdi-me na vida, achei-me num sonho

A vida que levo não é a que quero

Não quero mais nada...

Pedro mostrou para o irmão observando que estava faltando uma segunda parte, que eles poderiam criar juntos. Leminski, então, apresentou uma sugestão de letra e melodia — que acabou sendo a definitiva — na qual alterou o sentido original do “suicídio”, transformando-o em ameaça física ao planeta:

Quando a terra se acabar
Você vai chorar
Não adianta mais
Vendo esta terra não compensa
Rezando na presença
De um gigante cogumelo
Teu retrato é poeira
Luminosa nebulosa
Brilha tanto e ninguém vê
Era um mundo tão bonito
Caprichado de milagres
Deus gostava de florir

A música “Oração de um suicida” passou a ser o “carro-chefe” da produção doméstica. Pedro era o intérprete e tinha encontrado uma dicção misteriosa para cantá-la, como sugerindo uma referência autobiográfica. Era o que ele chamava de “punch”. Pedro era visto freqüentemente entre os alpinistas que escalavam o pico do Marumbi, na Serra do Mar, onde era conhecido como Escoteiro. Suas escaladas e porres acompanhados do violão — e com uma turma divertida — acabaram influenciando o irmão que decidiu conhecer a cabana na montanha. No dia 4 de janeiro de 1970, o Diário do Paraná publicaria uma pequena nota com o título “No Marumbi Leminski Terminará o Catatau”. A nota seguia dizendo que “o erudito Paulo Leminski pretende passar dois meses vivendo numa cabana na Serra do Mar, se dedicando totalmente à parte final de sua obra, aguardada com vivo interesse nos meios literários do país”. A intenção de passar uma temporada na serra revelou-se, no final, muito remota. Nos dias seguintes

Leminski e Alice decidiriam o rumo de suas vidas de uma forma completamente diferente.

Foram horas de conversa sobre o que representaria para a estabilidade da relação uma nova separação física. Alice estava exigindo uma decisão e deixou isso claro. Leminski tentou tranquilizá-la, garantindo que voltariam juntos para o Rio, onde já se considerava “estabelecido”. Por influência das duas famílias, entretanto, ficou decidido que o pequeno Guegué ficaria em Curitiba sob a guarda de uma tia de Alice e de Dona Áurea, que dividiriam esta responsabilidade. Foi um momento de amargura para Alice:

— Na ausência do Paulo, eu tinha centralizado toda minha afetividade no Miguel. Sair de perto dele representou me dilacerar. Mas nós fomos, apesar de tudo...

Quando colocou o pé no Rio, em março de 1970, Alice não quis viver em comunidade. Alegando que não teria condições de acomodar o filho sequer razoavelmente, propôs que se pensasse num local definitivo para “erguer acampamento”. Neiva concordou prontamente, pois vivia a mesma ansiedade com o pequeno Kiko —e, assim, a temporada na casa de Louzeiro, que já durava quase dois meses, chegou ao fim.

Eles alugaram dois quartos vizinhos numa pensão da rua Hermenegildo de Barros, na Glória. Era uma casa de cômodos tipicamente portuguesa que, na definição de Louzeiro, tinha a qualidade de ser uma “cabeça-de-porco bem-comportada”. A pensão ficava a poucos metros da casa de Paschoal Carlos Magno, um benemérito da cultura que tinha vivido em Curitiba, onde ajudara a fundar o Teatro do Estudante, em 1948. Alice arranjaría um emprego como secretária num escritório de advocacia, no centro da cidade. Leminski, com 12 quilos a menos, escrevia regularmente para as revistas da editora Bloch. Eram tempos difíceis mas aguerridos, pois da janela via-se o Corcovado, o Redentor, que lindo...

Houve um período em que tanto Leminski quanto Ivan e Carlos João trabalharam juntos no Correio da Manhã, em diferentes setores. Ivan na editoria de economia, Carlos no caderno de cultura — na época editado por Celso Itiberê — e Leminski na chamada editoria geral, cobrindo crimes e problemas de bairro. Fizeram amigos que se mostrariam sólidas ao

longo dos anos. Conheceram Reinaldo Jardim, responsável pelo projeto gráfico do jornal, e Ruy Castro, na época deixando de ser “apenas” um repórter promissor para escrever artigo “de fundo” para a revista Playboy e outros upgrades. Em seu depoimento, Carlos João — que fora morar com um amigo em Ipanema — reconhece que o Jornal do Escritor também tinha se tornado um ponto de referência em suas vidas:

— O Wladimir Dias Pino, do poema-processo, e a turma de jovens poetas, como Kátia Bento, costumavam aparecer. O Paschoal Carlos Magno chegava oferecendo um livro e um dinheirinho para o meu almoço.

Leminski foi convidado a participar de um ciclo de debates sobre literatura no Museu de Arte Moderna, o MAM. Ele seria visto circulando no auditório com os rascunhos do Catatau embaixo do braço, distribuindo cópias para os participantes. Em seguida, houve uma confusão com a polícia que quase terminou mal para o seu currículo. Alguém falava ao microfone, quando agentes do DOPS infiltrados na platéia se aproximaram e lhe deram voz de prisão. Carlos João estava por perto e ficou atento. Eram tempos difíceis e todos sabiam que qualquer mal-entendido poderia resultar em prisão, tortura e, até mesmo, desaparecimento e morte dos suspeitos. Quando vislumbrou o poeta Décio Pignatari no saguão, Carlos correu para informá-lo, pensando que, talvez, quem sabe, o professor pudesse interferir em favor de Leminski. O tiro saiu pela culatra:

— O Décio reagiu com irritação. Ele deve ter pensado que o Paulo estava tendo problemas com drogas ou coisa assim. Na verdade, os agentes suspeitavam que os rascunhos eram manifestos subversivos. Algumas pessoas interferiram dizendo serem textos de teoria literária. Os “homens” olharam os originais e liberaram o Paulo que, como os policiais — mas por outro motivo —, saíra meio zozzo da confusão.

Os tempos difíceis trouxeram problemas incontornáveis para o casal, no ano do Milagre Econômico e do tricampeonato mundial de futebol:

— O dinheiro começou a ficar curto — lembra Alice.

— O Paulo trabalhava muito mas a grana entrava de forma irregular, pois ele continuava sem documentos e sem carteira assinada. Nós não

tínhamos o menor talento para administrar finanças. Para sobreviver, passamos a almoçar no bandejão do Correio da Manhã.

Em meados do ano, Alice ficaria novamente grávida. A notícia, paradoxalmente, trouxe alegria e apreensão para o casal. Assim que sua barriga mostrou-se saliente, ela seria demitida do emprego. Leminski adotaria um expediente inusitado para voltar para casa, no final do dia, com alguns trocados: guardava o dinheiro que lhe davam para o táxi e circulava de ônibus pela cidade.

Certa vez, ao voltar da cobertura de um crime no subúrbio, ele criaria a sua primeira música espontânea, sem o auxílio de violão e sem parceria, batendo o ritmo com as mãos:

Mãos ao alto

isto é um assalto

um insulto um sinal

O senhor me parece um homem de bem

Eu prefiro o caminho do mal

Não discuto

Eu chuto tudo pra escanteio (repete)

Sou lobisomem na lua cheia

Criança domingo no futebol

Eu tenho um Exu atrás da orelha (repete)

Procurando a navalha vermelha

O estanho jorrando à bangu

O entusiasmo com a experiência foi de tal ordem que o amigo Louzeiro decidiu lhe dar um violão de presente. Sua primeira providência foi

comprar o método “Paulinho Nogueira”, com o qual ensaiava diariamente, confirmando sua vocação para o aprendizado autodidático. Trabalhava exaustivamente para tirar no violão as músicas de que mais gostava. E tirou. Logo se faria acompanhar em qualquer clássico da bossa-nova ou em suas próprias canções. Seu desempenho durante os ensaios era simplesmente infernal. Ficava horas tocando a mesma nota musical, batendo com tal força nas cordas que os dedos começavam a sangrar. Mas ele não parava e o sangue esguichava pelo quarto. À custa do sofrimento de todos, incluindo os vizinhos, ele aprenderia a tocar violão em poucos meses. Ou, como preferia, “o suficiente para me acompanhar”.

Em julho de 1970 aconteceria o meu segundo encontro com Leminski, que eu aprenderia a chamar de Paulo, desta vez num botequim da rua Cândido Mendes, na Glória, a poucos metros da pensão. Eu fora levado por Carlos João, meu conhecido dos tempos de estudante, que naqueles dias praticamente morava na redação do Jornal do Escritor. Carlos promoveu as apresentações formais como se o encontro de dois anos antes, no La Fontana de Trevi, não tivesse existido — e assim deveria ser. Em seguida, Leminski abriu um sorriso maroto e disparou, com o dedo em riste:

— Curitibano em férias no Rio está sempre com dinheiro. Paga um mel?

Eu não estava em férias (participava como repórter de um encontro internacional da Columbia Pictures), mas lhe ofereci várias rodadas de uma batida de mel extremamente açucarada e com efeito devastador, como pudemos comprovar. Falamos de vários assuntos, mas o que mais me impressionou foi a sua eloqüência, construída a partir de uma mistura equilibrada de gírias e expressões sofisticadas. Vestia um sobretudo escuro — apesar do calor —, tinha os cabelos compridos e as unhas sujas e quebradiças. Mas sua conversa mantinha-se inteira: explicou as bases temáticas do Catatau, demonstrou erudição ao falar da história do Brasil, do movimento hippie na Califórnia e da modernidade na qual a MPB estava entrando pelas mãos de Caetano Veloso. Ilustrou a conversa confessando que não gostava de praia, que seria impossível para qualquer “pensador” viver no Rio de Janeiro durante o verão: “É como Descartes na Olinda do Catatau, o sujeito entra em parafuso.” Fez algumas piadas de fino humor e,

num determinado momento, me pareceu um mascate da cultura: a cada efeito causado na platéia, pedia um “mel” para o garçom.

Depois, me convidou para conhecer a pensão e o “resto do pessoal”. Lá estavam Alice, Neiva e Kiko, então com dois anos. Ivan estava trabalhando. Era um quarto pequeno mas aconchegante, onde o pé-direito do casarão fazia a diferença. Um janelão, com a boca escancarada, transformava em brisa de fim de tarde as rajadas de vento que desciam pelas escadarias de Santa Teresa. Sem dar trégua para a conversa, sentamo-nos no chão em formação indígena e fumamos dois baseados, que circulavam em sentido contrário:

— Ssshhh...

Num determinado momento, ele abriu a gaveta da escrivaninha, tirou uma caixa de fósforos e fez um sinal misterioso me pedindo para olhar o conteúdo. Havia duas pílulas brancas:

— Dois ácidos — murmurou. — Dois LSDs dos bons. Estou guardando para tomar no campo.

— Você sabe a procedência? — perguntei.

— Vem da Califórnia, é claro!

Ele aproveitou para traçar o perfil de Timothy Leary, o guru da geração lisérgica, “certamente uma das figuras mais inquietantes nesta virada de década”, arriscou. Falou o que sabia (e ele sabia alguma coisa) sobre o Lisergic acid diethylamide, o semi-sintético que estava se tornando o protótipo da droga alucinógena. Mais tarde fiquei sabendo que ele jamais tomou estes ácidos, que foram surrupitados por Paquito, o amigo de hélio, durante uma visita de fim de semana. A reação do Paulo, quando descobriu o prejuízo, teria sido explosiva: “Vou matar o vagou do Paquito.” Os outros consideraram o episódio “uma obra do destino”, um castigo merecido pelo egoísmo de não querer dividir os ácidos em quatro e proporcionar uma “viagem coletiva”.

José Louzeiro era um dos poucos amigos a visitá-los na pensão da Hermenegildo de Barros. Até por uma questão de espaço, eles não

costumavam “receber” em casa. Quando isso acontecia, compravam um garrafão de vinho Sangue de Boi, colocavam no centro da roda e a conversa se prolongava por várias horas. Carlos João chegava no meio da noite. Segundo Louzeiro, tudo era muito estimulante:

— O Leminski falava horas seguidas sem nenhuma contestação. Não era submissão, mas o prazer de ouvi-lo falar. Ele era um sonhador e eu sempre gostei de sonhar. Ele gostava de ler trechos do *Catatau* e nós gostávamos de ouvir. Estas noitadas eram uma delícia.

Em agosto, Alice e Leminski decidiram que era hora de buscar o filho em Curitiba — que já tinha um ano e começava a dar os primeiros passos. Eles foram, mas encontram uma série de dificuldades para separar o neto dos avós. Os pais de Leminski tentaram dissuadi-los a não voltar para o Rio, uma vez que Alice estava grávida e as dificuldades financeiras podiam continuar. Depois de muita conversa, a decisão final seria ainda mais surpreendente: a mãe de Alice, dona Ângela, seguiria junto para garantir os cuidados da criança, e o irmão Pedro os acompanharia como uma espécie de “enviado especial” dos pais dele. Na verdade, Pedro queria participar da “festa” que, supunha, estava acontecendo. Gravou uma fita com suas canções e foi para a rodoviária, com o coração cheio de esperança. Sonhava em esbarrar “por acaso” com Caetano, Gil, ou alguém que demonstrasse interesse por suas músicas.

A despeito de todas as atribulações e do excesso de contingente no quarto de pensão — agora eram quatro adultos e uma criança —, Leminski continuava levando com disciplina espartana seus estudos. Lia vorazmente Laforgue — que considerava “romântico no bom sentido” e do qual traduziria alguns poemas curtos. Preparou um artigo para a revista *Ele e Ela* com o título “A mulher é a mensagem”, onde sustentava que McLuhan nascera obsoleto, pois o sentido de “*Medium is Message*”, sua obra-referência, estava em Santo Tomás. Ao mesmo tempo, lia com sofreguidão *Les Paradis Artificiels*, de Baudelaire, livro que considerava “tremendo” por vincular-se às experiências psicodélicas modernas. Ao mesmo tempo, decidiu apresentar algumas pautas aos editores do *Pasquim*, elaboradas a partir de um enfoque sobre a nova cultura underground.

Alice começaria a fazer seus primeiros poemas nesta época, sem mostrar para ninguém, só para Leminski. Era o início de uma parceria também profissional entre eles.

Em seu depoimento, ela não deixa dúvidas sobre o que representaram estes três meses vivendo no quarto superlotado:

— Foi uma barra! Os dois irmãos bebiam alucinadamente, tocavam violão até não poder mais e no final brigavam. Logo depois, um tanto quanto frustrado, Pedro decidiria abandonar o sonho e voltar a Curitiba. A mãe de Alice, dona Ângela, aos 64 anos, faria o mesmo.

Os melhores momentos deste período, sem dúvida, seriam as visitas ao Pasquim, na rua Clarice Índio do Brasil, em Botafogo. Eles costumavam parar no botequim da esquina para bater papo e tomar cerveja com os novos amigos. Um deles, o jornalista Luiz Carlos Maciel, editava uma coluna de duas páginas com o título “Underground” e seria contemplado, mesmo à revelia, com a fama de um dos mais importantes gurus da imprensa brasileira. A tribuna “alternativa” comandada por ele abordava uma extensa pauta de assuntos pertinentes àqueles conturbados anos, desde as teorias de Marcuse, passando pelas experiências lisérgicas dos pioneiros, até o novo comportamento da juventude pós-68, com seus cabelos compridos e o símbolo da paz. Aliás, “Cabelo” era o título de um manifesto assinado por Jorge Mautner — que freqüentava as paradas de sucesso com a música “Eu queria ser uma locomotiva” — traduzindo para o “brasileiro” a onda internacional da peça Hair. Foi uma receita de sucesso para um público específico, aquele unido pelos mandamentos da contracultura. Maciel lembra-se do primeiro encontro com Leminski, na redação do Pasquim:

— No início achei que se tratava de mais um maluco que aparecia me procurando para discutir temas transcendentais. Eu demorei um certo tempo para perceber que se tratava de um intelectual, até porque ele não se comportava como tal. O Leminski era o espírito ambulante da contracultura.

Pelas mãos de Maciel, Leminski publicaria no Pasquim o “Indicionário”, uma seleta de gírias da época, analisadas sob o ponto de vista das

necessidades de fuga, como um código secreto de linguagem. Era o sinal dos tempos. Em sua apresentação, Maciel destacaria o caráter de vanguarda do trabalho:

— Tanto quanto sei, este Indicionário é a primeira tentativa de codificação do dialeto mais falado no underground brasileiro, o malaquês, o idioma do malaco ou vagau. O Leminski é um purista, interessado na preservação da integridade do malaquês.

Alguns dos 70 verbetes apresentados tinham suas explicações tão misteriosas quanto os próprios substantivos: mocó, necessa, babilaca, pinote, biritá, sujeira etc.... Este era, em resumo, o vocabulário do fumador de maconha. Muitas dessas expressões acabariam assimiladas pela cultura popular e hoje fazem parte do cotidiano da classe média, mas foram forjadas no lado marginal daquela sociedade. Assim:

Babilaca. Por dentro. Bom tê-las à mão. Também se diz “documa”.

Biritá. Tem sobre a água a vantagem de levantar a peteca. Vagau não é biritão. Etil não facilita a ação, o vagau é prático. “Biritá só pega bem na continuação” (Provérbio Malaquês).

Berro. Mantém o próximo à distância. Carregar é sujeira. Dá tecos.

Bode. Variedade de dormir, caindo na cama para acordar 18 horas depois. Sem sonho.

Pinote. O lance maior. Modalidade esportiva favorita do vagau. Distingue-se da corrida olímpica de fundos porque nesta o monitor dá um tiro para o ar. No pinote, o vagau se ganha levando tecos sem conta pelas costas.

(Ver Apêndice 3.)

Em contato com Maciel, Leminski teria notícias dos movimentos de vanguarda no mundo (eles falavam muito em Jimi Hendrix e Janis Joplin, tentando adivinhar quem seria o próximo a morrer de overdose; elegeram

Joe Cocker como barbada) e de Caetano Veloso, em particular. Ele e o irmão Pedro gravaram uma fita com várias músicas, que tentariam, através de Maciel, fazer chegar aos ouvidos de Capinam ou Gal Costa. Tudo deveria ser feito no melhor estilo maçom, por baixo dos panos. A grande imprensa vivia uma rotina de censura — e as notícias do calabouço e dos confrontos urbanos ou rurais eram constantemente confundidas com boatos. Nada se confirmava, tudo ficava resumido a insinuações. Esta situação de silêncio e medo acabou favorecendo o surgimento de uma “imprensa alternativa”, a guerrilha da informação. Maciel fora destacado pelo editor Tarso de Castro para conseguir uma colaboração regular de Caetano para o Pasquim, diretamente de Londres, o que acabaria acontecendo.

Na redação do Pasquim, os Leminski conheceriam também a jornalista Martha Alencar, recém-casada com o ator Hugo Carvana, e durante algum tempo a única mulher na redação do jornal. Para Alice, identificada com Martha inclusive pelo que havia de feminista na sua atitude, a jornalista foi uma espécie de “anjo da guarda” do cotidiano:

— Ela nos emprestaria dinheiro algumas vezes, para suprimos as necessidades básicas. Era uma pessoa doce e corajosa. O dinheiro era pouco, mas o significado, grandioso.

No final de 1970, apesar de todo o esforço despendido, Leminski continuava produzindo muito e recebendo pouco. Tomava várias “bolinhas” por dia, para se agitar e perder o apetite. Em carta a Augusto de Campos, de 30 de dezembro, ele diria:

Prossigo meu trabalho de formiga das letras treinando para o grande salto: cataqual? Continuo extraíndo as séries estocásticas (estoxicásticas, melhor melhorando) da língua. Ouço as pessoas (do povo prefiro, ascensoristas, flamenguistas, crioulos, que manejam maravilhosamente o código oral do português)... (Ver Apêndice 4.)

Essa extraordinária fertilidade criativa e intelectual era o sintoma de uma época rica em contradições, conflitos e hipertensões. Houve um momento — quando a gravidez de Alice e as dificuldades financeiras estavam bastante acentuadas — em que havia chegado para eles a hora de se haver

com todas as crenças da contracultura e adequá-las à responsabilidade de colocar gente no mundo. Os dois caminhos, que sempre lhes pareceram opostos, se encontravam finalmente. A questão era séria e algo tinha que ser feito:

— O Paulo não podia ser contratado na Enciclopédia por falta de documentos. O dinheiro do primeiro salário ainda estava retido no banco. Eu já estava entrando no último mês de gravidez quando decidimos voltar a Curitiba.

A retirada estratégica foi feita em duas etapas, para evitar desgastes com uma viagem de quase doze horas na poltrona de um ônibus. Eles pararam em São Paulo por uma noite, e ficaram hospedados na casa de Augusto de Campos. Alice recorda-se de que o filho de Augusto, Cid, então com 13 anos, mostrou-se fascinado pela sua enorme barriga:

— Ele pediu para passar a mão, sem saber que ali estava Áurea, que no futuro seria sua amiga.

Esta noite eles não saíram de casa. Ficaram bebendo vinho e conversando. Falaram sobre a volta a Curitiba e do filho que estava para nascer. Atualizaram as conversas sobre literatura e a nova roupagem da poesia, a música popular. Augusto estava em contato com várias experimentações na área, estudando e se aproximando de músicos como Anton Weber, Caetano Veloso e outros poetas do gênero. A certa altura, percebendo que a camisa de Leminski estava rasgada, Augusto lhe ofereceu uma do seu guarda-roupa, o que foi prontamente aceito. Eles foram dormir cedo esta noite, pois no dia seguinte teriam um longo trecho da viagem para percorrer. Ao deitarse, Alice experimentou a sensação de que a criança poderia nascer a qualquer momento.

CAPÍTULO 7

O DIA DA CRIAÇÃO

A Curitiba dos anos 70 é uma cidade muito diferente daquela arquitetada pelos pioneiros, movida a carroças e rodas d'água, e onde — até meados dos anos 60 — ainda se podia contar com a entrega diária de pão e leite na porta de casa. A cidade entrou na nova década passando por uma mudança radical em sua fisionomia, acompanhada de um crescimento populacional fulminante,^{12} depois de ser tratada no século XVIII como “localidade quase esquecida e praticamente isolada”, segundo o historiador Ruy Wachowicz, em sua História do Paraná. O ano de 1971, portanto, vai aparecer neste contexto como o divisor de águas em matéria de modernização urbanística da cidade.

Foi por um ato de decreto, assinado pelo então governador Haroldo Leon Peres, em plena ditadura militar, que o arquiteto Jaime Lerner tornou-se prefeito de Curitiba pela primeira vez. Este teria sido um dos poucos atos administrativos de Peres, que ocupou o governo por apenas oito meses, antes de ter seu mandato cassado por corrupção, numa denúncia inédita envolvendo espionagem, empreiteiros e propinas. Lerner sobreviveu à crise política e exerceu até o final o seu mandato. Fez uma administração de impacto, promovendo profundas mudanças na cidade, que ganharia novos espaços para os pedestres e um conceito cívico de participação comunitária. Nos anos seguintes, como um exemplo de postura politicamente correta, seriam criados parques e locais públicos. Em 1944, quando Leminski nasceu, Curitiba tinha 140 mil habitantes; em 1970, o arborizados, elevando de meio metro a 50 metros quadrados as áreas verdes por habitante, ou seja, quatro vezes mais que o padrão mínimo — de 12 metros — recomendado pela ONU e pela Organização Mundial de Saúde.

O centro da cidade se transfiguraria num piscar de olhos. Os bares e cafés, beneficiando-se das obras de circulação, ampliavam seus domínios,

instalando mesinhas e canteiros nas calçadas. Foram colocados bancos de praça, cabines de telefone — em acrílico azul — e bancas de jornais — também em acrílico — ao longo da avenida central, a Rua das Flores (flores que, felizmente, não eram de acrílico). No outro lado da cidade, um velho paiol de pólvora seria desativado e remodelado para dar lugar a um teatro de arena, o Teatro Paiol. O curitibano fazia parte da paisagem urbana e parecia gostar disso. A Boca Maldita, reduto popular e ponto de encontro de pessoas influentes na cidade, ganhava fama nacional como “formadora de opinião” por sua capacidade extraordinária de espalhar boatos, erguer e destruir reputações.

Neste sentido, a popularidade do prefeito Lerner acompanharia o ritmo das obras. Ele se tornava o darling da classe média curitibana ao ser identificado como símbolo de administrador eficiente e desenvolvido. Criou uma marca de modernidade administrativa com a qual apoiaria o marketing de suas futuras campanhas políticas.

As forças de oposição a Lerner, entretanto, contra-atacavam acusando o prefeito de promover sessões de “maquiagem” no centro da cidade, deixando de lado as obras de saneamento básico na periferia. Apontavam estatísticas indicando o surgimento de bolsões de miséria ao redor de Curitiba (que se consolidariam nos anos seguintes, formando as primeiras favelas da cidade), enquanto os bairros privilegiados continuavam cada vez mais privilegiados. Anos mais tarde — como se isso pudesse ser considerado um ajuizamento — Lerner ocuparia novamente o cargo de prefeito por mais duas ocasiões, uma delas escolhido pelo voto direto nas urnas. A partir dos anos 80, com a normalização do processo democrático, ele seria escolhido duas vezes governador e elegeria seu sucessor na Prefeitura — o engenheiro Rafael Greca de Macedo — perpetuando um estilo e uma marca de administração.

Quando chegaram a Curitiba, a 28 de fevereiro de 1971, Leminski, Alice e Miguelzinho foram para uma pensão na rua Ermelino de Leão, no centro da cidade. Era um casarão antigo, com vários quartos e um corredor comprido interligando todos os aposentos. O quarto deles era o último. O dono da pensão, um homem gordo, careca e baixinho, tinha o costume de aparecer sempre de forma inesperada, como se estivesse

permanentemente à espreita. Leminski o apelidaria de Minotauro. A pensão era chamada, então, O Labirinto do Minotauro.

A volta a casa revelou-se providencial: na madrugada do dia seguinte, Alice começou a sentir fortes contrações. Miguelzinho, então com um ano e oito meses, ficou assustado com a movimentação noturna, vendo sua mãe sendo levada às pressas para um hospital. Ele foi junto no táxi, pois não havia como deixá-lo em casa sozinho.

Áurea Alice Leminski nasceu de parto normal a 2 de março, ao meio-dia; signo de Peixes. O nome fora escolhido dias antes e era uma homenagem “às duas mulheres” da vida dele. Leminski chegou ao Hospital São Vicente novamente atrasado, já no final da tarde, mas sem provocar mal-estar. Estava apenas atrapalhado. Para Alice, o mais desesperador seria receber alta e ter que voltar para a realidade do Labirinto:

— Morávamos todos num quarto e agora tinha um bebê que trocava o dia pela noite, chorando de madrugada. Era uma cama de casal para os quatro. O Paulo, para se aliviar desta tensão, encontrou a saída da rua e passou a freqüentar novamente os bares da cidade.

Nestas circunstâncias aconteceria o meu terceiro encontro com Leminski, numa noite agitada no bar Cachorro Quente, entre cervejas e doses de conhaque. Faziam parte da roda o irmão Pedro — sempre com o violão —, o fotógrafo Haraton Maravalhas e o crítico Lélío Sottomaior, que reapareceria, surpreendentemente, com uma namorada. Na condição de colaborador do suplemento “DP Domingo”, do Diário do Paraná, editado por Aroldo Murá — o que me fazia, portanto, um herdeiro do grupo Áporo, ou algo assim —, propus a Leminski uma entrevista onde poderíamos atualizar seus conceitos sobre arte, literatura e vida. Ele concordou e passamos a noite conversando sobre os temas que seriam abordados na reportagem —que eu apresentaria depois para Murá como “a polêmica do próximo fim de semana”. Falamos de McLuhan, poesia concreta, megaprovincia, Woodstock — valorizando a performance de Joe Cocker e a consolidação do rock como expressão musical e agora, mais do que nunca, também de mercado.

Sua aparência física tinha se alterado um pouco desde aquele encontro no Rio, meses atrás. Agora ele usava os cabelos mais curtos e o rosto estava mais limpo, embora os dentes estivessem mais estragados e os óculos continuassem sujos. Como sempre, tinha planos para amanhã e para algumas semanas depois, sempre envolvendo atividades intelectuais. O máximo de lazer programado, por sugestão do irmão Pedro, eram as excursões ao pico do Marumbi com os alpinistas.

A certa altura, atravessamos a rua e fomos à farmácia Minerva comprar alguns frascos de xarope Romilar, com o qual garantimos o bom ritmo da conversa até o dia clarear... Ele não falava mais em “tomar picos”, apenas em conseguir alguns ácidos para “agitar os macaquinhos do sótão”, expressão que usava para dizer “fazer uso da parte de cima do casarão, ou seja, o cérebro”. Nesta noite, Pedro apresentou uma música nova, em ritmo de balada, que funcionaria como um hino da turma, por alguns meses:

Quando a noite cai

Sobre a cidade

Não vou ficar

De novo na saudade

Junto uma grana e vou buscar

Maria Joana,

Junto uma grana e vou buscar

Maria Joana

Maria Joana já passou minha paz pra trás

Há muito tempo eu não sou o mesmo rapaz

Como sempre acontecia, bebemos, rimos, cantamos e fomos para nossas casas com o dia amanhecendo.

Alice relata que após uma dessas madrugadas boêmias, em março de 1971, Leminski chegaria em casa cantarolando a música “Luzes”, que tinha acabado de compor:

Acenda a lâmpada às seis horas da tarde

Acenda a luz dos lampiões

Inflame a chama dos salões

Fogos de línguas de dragões

Vagalumes

Numa nuvem de poeira de neon

Tudo claro, tudo claro

A noite assim que é bom

A luz acesa na janela lá de casa

O fogo, o foco lá no beco e o farol

Esta noite, esta noite

Vai ter sol

Eles ficaram quase dois meses morando na pensão do Minotauro e fazendo as refeições na casa dos pais dele, no Seminário. Os cursinhos pré-vestibular passaram a assediá-lo com propostas tentadoras, melhorando sensivelmente o astral da família. O ex-colega Sanches, agora à frente do Curso Camões, fez uma primeira proposta salarial de balançar o coreto. O concorrente, Dr. Bardhal, ofereceu mais e acabou levando seu passe por um salário de primeiro time. Com boas perspectivas de trabalho e duas crianças para criar, eles decidiram alugar uma nova casa e foram morar na rua Brasília Itiberê, na Água Verde, a poucos metros do estádio do Atlético Paranaense, a Baixada. Era um casarão pintado de amarelo, com fogão a lenha, amplos quartos e janelões de madeira. O bairro era residencial e

agradável. Para ajudar Alice na tarefa de casa e nos cuidados com as crianças, foi contratada uma empregada doméstica, a Mary, uma “polaquinha por excelência”. Alice escreveria mais tarde em suas memórias:

— Nossa primeira casa, de verdade. Velhos e novos amigos. Marinho Galera, Getúlio Tovar, Paulo Bahr e o mano Pedro, todos parceiros.

Na lembrança do amigo Marinho Galera, um paulista de Araraquara e exímio tocador de viola, convivem ainda hoje, claramente, a imagem de uma casa espaçosa e uma criança recém-nascida — Áurea —, sendo ela objeto de todas as preocupações durante as estridentes noitadas de música:

— Como não havia telefone, a solução era passar de carro pela casa dos Leminski. Era comum encontrarmos as janelas abertas e as luzes acesas mesmo depois de três horas da madrugada. Nos fins de semana, quando todos apareciam com seus instrumentos, ele aproveitava para aprender um pouco de violão. Era de uma tenacidade incrível.

Das cantorias no casarão surgiria a primeira formação musical entre eles, um esboço de conjunto, com o irmão Pedro e o estudante de medicina Paulo Bahr no segundo violão: estava criado o trio Duas Pauladas e Uma Pedrada. Para animar a festa, eles passaram a freqüentar o bar da moda, o Bactuc, uma cave no alto da Alameda Cabral, onde um pequeno palco e as luzes dos refletores estavam sempre à disposição de fregueses talentosos. O lugar, decorado com simplicidade e modernidade gótica — sacos de estopa colados nas paredes —, era administrado pelos gêmeos Luiz e Toninho Stingen, que costumavam estimular sessões improvisadas ao convidar para um drinque de fim de noite os músicos eventualmente em temporada na cidade. Houve uma jam inesquecível com Vinícius de Moraes e Toquinho, na qual a grande atração foi Marinho Galera, com sua viola. No final, Vinícius estimulou: “Rapaz, você toca muito bem, pode viver disso se quiser.” Outra vez, Fafá de Belém agitou os porões do Bactuc, escandalosa, até o dia amanhecer. Ou, ainda, uma noite em que os músicos da banda Expresso 2222, de Gilberto Gil, criaram um verdadeiro happening fazendo um som acústico descontraído e informal. Rita Lee e os Mutantes também apareceram provocando frisson na madrugada.

Resumindo, o Bactuc fervia depois de meia-noite e apenas conseguiam entrar no recinto aqueles que cumprissem as exigências da casa: ter uma boa recomendação ou um sobrenome ilustre no mundo artístico. A gerência não fazia questão do freguês comum, aquele de fim de semana, até porque não havia espaço físico para ele. O trio Duas Pauladas e um Pedrada fazia ali algumas apresentações informais à guisa de ensaio. Cantavam coisas do tipo:

Esta voz está sendo ouvida em Marte

Esta voz está sendo ouvida em Marte

Esta voz está sendo ouvida em Marte...

Ou em qualquer parte além da morte

Desta vez deu sorte

Ou talvez nem volte

É uma pena

É uma pena que um rapaz

Tão moço, tão magro e tão profundo

Não fique pro almoço

Não fique pro jejum

Este rapaz não vai dar um quilo certo, mamãe

Este rapaz não vai ser muito certo, papai

Este rapaz não vai dar nada certo, não, de jeito nenhum

Esta voz está sendo ouvida em Marte

(letra e música de Paulo Leminski)

Logo surgiu uma oportunidade para o trio participar de um programa de televisão, no Canal 4, TV Iguaçu. Era uma apresentação em um programa vespertino. O produtor destacado para acompanhá-los era o conhecido Paulo Vítola, agora um homem de televisão, que marcou hora no estúdio e cuidou pessoalmente dos detalhes. Ficou combinado que a gravação aconteceria pela manhã e o programa entraria no ar, em vídeo tape, na tarde do mesmo dia. Eles decidiram apresentar um repertório à base de músicas próprias, escolhendo temas com leve sotaque caipira, ou “country”, como dizia o Pedro. Haveria muita expectativa em torno do evento. Mais do que expectativa, ansiedade.

No dia marcado, Pedro não resistiu à pressão psicológica e anunciou a decisão de tomar um ácido momentos antes da apresentação. Leminski e o outro Paulo — que seria chamado de Psicopaulo, devido à sua especialidade na medicina — não concordaram; mas, digamos, nesta época ninguém era muito contra nada — até porque de contra já bastavam as leis — e Pedro tomou o ácido. Uma hora depois estávamos todos — incluindo o autor desta biografia — dentro do carro do Psicopaulo seguindo para os estúdios da TV Iguaçu, propriedade do então governador Paulo Pimentel. A gravação, com Vítola no comando, aconteceu sem nenhum contratempo, apesar do sorriso enigmático e um certo olhar perdido do Pedro, enfocando um ponto qualquer entre as duas câmeras.

Eles encerraram a apresentação com um original de Paulo e Pedro Leminski:

foi sendo

cada vez mais difícil

ser feliz

este mundo

um hospício

fugi pelos furos do vício

entrei por um cano furado

uma cidade quadrada

é o fim da picada

Depois da gravação, seguimos todos — menos o Psicopaulo, que foi encontrar a namorada — para um boteco na rua Cruz Machado, zona de inferninho urbano em Curitiba, também conhecido como Fumacinha. Sentamos numa mesa de fundos e pedimos cerveja, conhaque e um aperitivo qualquer. A conversa estava exaltada e isso era compreensível, pois algo de muito importante tinha acontecido para eles. O Pedro viajava. A certa altura, houve uma explosão de ânimos. O Paulo considerou que eu estava de conversa fiada com Alice e criou uma espetacular cena de ciúme, levantando bruscamente uma cadeira com a qual tentaria me acertar:

— Pára de conversa fiada com a minha mulher — ele berrou, ameaçador.

O Pedro segurou a cadeira no ar, mas eu já estava três passos atrás, dizendo:

— Porra, Paulo, o que é isso?

A Alice, com aquela expressão de quem está sendo alvo da disputa — ou, melhor dizendo, da proteção extremada do seu homem —, olhava a cena com uma certa distância, como quem deixa acontecer... Olhei bem nos olhos dele quando voltamos a nos sentar:

— Porra, você não percebe que estou viajando de ácido??? Alice pra mim é um sargento. Estou olhando os apliques no jeans dela...

Ele me olhou sério por trás dos óculos:

— Ah, é?

Tudo se acalmou. Quer dizer, por alguns minutos, já que decidimos ir para a casa do Seminário, onde havia um aparelho de televisão disponível. Alguém comprou mais cervejas, uma garrafa de conhaque e fomos todos para o quarto do Pedro, esperar. Os velhos (dona Áurea e seu Paulo) acompanhavam com cautela toda aquela movimentação. Na hora prevista, uma decepção: o programa saiu do ar sem mostrar a apresentação deles. A

cada encerramento de bloco, na entrada dos comerciais, Pedro levantava o copo e exclamava, otimista:

— Agora vem!

Quando ficou evidente que o programa tinha se encerrado sem mostrar o Duas Pauladas e Uma Pedrada, ele já estava visivelmente descontrolado e passou a disparar improperios contra “esta televisão de merda”. Num gesto rápido e inesperado, saiu do pequeno quarto e voltou em seguida com um revólver na mão, um Taurus calibre 38. Abriu o tambor para colocar algumas balas na agulha. Alice se afastou da cena discretamente. Ficamos no quarto, eu e os irmãos, quando houve um princípio de tumulto. Pedro ameaçava:

— Vou dar um teco neste Vítola. Uma azeitona para ele entender com quem está lidando.

Paulo falou sério:

— Pedro, me dê essa arma...

Dona Áurea entrou no quarto e se escandalizou com a cena, no momento exato em que ele tentava tirar o revólver do irmão, os braços erguidos e a arma apontada para o teto. Ela colocou as duas mãos na boca:

— Meu Deus!

Eu dei dois passos em direção à janela, como que preparando uma fuga estratégica, caso fosse necessário. Mas logo tudo voltou ao normal. Ou quase.

Anos mais tarde, mesmo sem saber deste incidente, Vítola deixaria registrado em seu depoimento:

— O programa foi ao ar no dia seguinte e obteve uma grande repercussão. Foi uma ousadia e um sucesso a apresentação deles.

Certa vez, Leminski resolveu aceitar o convite de um aluno (por acaso, irmão de Ernani Buchmann, seu ex-aluno) e, em nome dos companheiros, combinou uma apresentação informal durante uma festa no apartamento dos pais do rapaz. Leminski chegou com a formação completa do Duas

Pauladas e Uma Pedrada, mais os dois violões e Alice. Ernani lembra-se das conseqüências:

— Foi uma confusão no bairro. Eles fizeram um show fantástico, mas o violão do Paulo era um absurdo aquela hora. Ele dava porradas nas cordas e o som saía pelas janelas, ecoando entre os prédios e despertando a vizinhança. Eles tocaram a noite inteira e, no final, quando foi encerrar uma música, o Paulo quebrou uma cadeira de estilo que a minha mãe tinha na sala.

Nesta mesma época, nascida nos bailes moderninhos da cidade, surgia uma banda de rock que rapidamente ganharia fama e notoriedade como a pioneira na tentativa de se afastar dos covers e apresentar sua própria produção musical. A Chave tinha sido criada em 1969 pelo baterista Orlando Azevedo, um português dos Açores, e pelo guitarrista Paulo Teixeira, o Paulinho, “o maestro”, aquele a quem cabiam os arranjos e a condução musical do grupo. No vocal, outro grande talento, Ivo Rodrigues, ou simplesmente Ivo, com voz poderosa e feeling de ator de teatro. Carlão Gaertner cuidava da iluminação e do equipamento, era o produtor, além de ser o amigo inseparável de Orlando. Havia também o “saca-trapo” (mais tarde, a função ganharia um novo conceito e seria chamada de roadie), nesse caso Helder, irmão mais novo de Paulinho, também conhecido como o Arcanjo dos Fios e das Ligações. Eram todos bonitos, cabeludos e tinham bom gosto para se vestir — acentuando uma preferência por tecidos de veludo e cetim. Na início, pontificavam nos guetos do rock tradicional que se formavam no clube Sírio e Libanês, onde os embalos de sábado à noite viraram um tormento na vida dos seguranças. Era comum a plaqueta pendurada na grade da bilheteria: “Lotação esgotada”. Os garotos, então, tentavam entrar pelos basculantes dos banheiros.

Lá dentro, a insopitável turba pulava e urrava ao som de Rolling Stones, Procol Harum, The Animals, Iron Batterfly e Mutantes, os standards da época. Ivo fazia pose de cantor de rock internacional se exibindo para uma multidão (no imaginário de todos, Woodstock) e conseguia levar ao delírio uma platéia formada não mais por adolescentes. Houve um momento — e isto aconteceu exatamente em 1971 — que A Chave era o conjunto musical de maior sucesso na cidade. Deu-se ao luxo de criar um espetáculo para

um público seletivo, convidados especiais para uma performance-concerto na Fundação Müller, batizada de “O Sangue das Máquinas”. Durante o show, máquinas e caldeiras funcionavam a todo vapor enquanto a banda improvisava melodias de acordo com os compassos criados mecanicamente. Tudo sob a bênção de John Cage, diziam os cartazes afixados nas paredes: “O som contra o silêncio”. “O silêncio é um absurdo”.

A Chave, segundo o conceito assimilado por Orlando, não deveria ser apenas um conjunto de rock para animar bailes de fins de semana. Em torno do grupo gravitava uma série de manifestações artísticas e culturais que se propunham interligadas, fazendo parte de um verdadeiro “laboratório de criatividade”. Orlando e Carlão tinham conhecido em São Paulo um projeto similar desenvolvido pelo professor de comunicação da USP, José de Jesus Patriani, do qual herdaram os atos de fundação e a fórmula jurídica para a montagem do laboratório. O primeiro passo foi alugar uma casa em Curitiba, onde pelo menos cinco pessoas e seus respectivos projetos pudessem se instalar.

A mansão escolhida ficava num trecho aprazível e arborizado da rua Padre Anchieta, nas Mercês, a poucos metros do Bactuc. Tinha dois andares e seria inteiramente pintada de branco, inclusive o telhado: era a Casa Branca da Chave. No porão, revestido com placas de isolamento, obtinha-se uma acústica perfeita para um estúdio de gravações, equipado com uma bateria, amplificadores, cabines e uma vasta discoteca de rock. Não era exatamente um estúdio profissional, pois faltava uma mesa para a equalização dos canais, mas prestava-se muito bem para os ensaios e gravações em rolos. Para compensar, no quintal havia árvores frutíferas e muito capim variado ou, como dizia o Ivo, “de crescimento selvagem e natural”.

No andar de cima, onde ficavam os três quartos e a grande sala, moravam, além de Orlando e Carlão — mais tarde o baixista da banda —, os artistas plásticos Toninho Stingenhen — o mesmo do Bactuc — e sua mulher Marília Guasque, além do jovem empresário Meningite, também identificado pelo nome verdadeiro de Ricardo Voigh, e um estudante conhecido como Jacaré, que logo partiu. Havia ainda a cadela Modesty Blase, um galgo russo de porte magnífico. O grupo produzia trabalhos com música,

ilustrações e textos. O autor desta biografia, então colunista de espetáculos do Diário da Tarde, passaria a fazer parte do grupo, cuidando dos releases para a imprensa ou redigindo qualquer texto de apoio às idéias em produção. O artista Rones Dunke, com traços surrealistas e espetaculares, era o ilustrador de plantão e autor dos principais trabalhos gráficos da banda. Conhecia a linguagem das capas de disco — gostava particularmente de Roger Dean, designer da banda inglesa Yes — e era fã de Jethro Tull, que ouvia enquanto pintava. O encontro do poeta Paulo Leminski com o grupo A Chave parecia inevitável.

— Foi um momento de grande efervescência — recorda Orlando. — Nós já tínhamos feito teatro com a Denise Stocklos, onde estavam também o Ariel Coelho e o Ari Pára-raios, ou seja, tínhamos uma experiência diversificada nas artes. Quando encontramos o Leminski, havia um clima perfeito para a criação.

Passava das três horas da madrugada quando alguém bateu na janela frontal da Casa Branca, gritando: “Ô, de casa!” Era o fotógrafo Haraton Maravalhas trazendo Leminski para promover as apresentações formais. Junto com eles estava Paulo Bahr — a outra paulada do trio. Foi uma agitação. Quem estava dormindo acordou e quem estava “viajando” apenas continuou. Apertaram-se alguns baseados, alguém apareceu com copos e garrafas e a noite continuou rolando. Carlão ligou a aparelhagem e colocou som nas caixas: Bob Dylan, Genesis, o que pediam. Lia-se pelos cantos o jornal Rolling Stones, em sua versão brasileira, lançado em novembro de 1971 com Gal Costa na capa (a foto com os pelinhos aparecendo). Não havia drogas reconhecidamente pesadas esta noite; o máximo em potência destrutiva que se consumia no ambiente, além da cannabis, era a cachaça Velho Barreiro.

— Começava assim um período muito louco, que foi a nossa convivência com o Leminski — diz Carlão. — Acredito que tenha sido fantástico para ambas as partes. Ele chegou com uma informação de última hora e muito ágil. Era um agregador e se desbundou com a nossa banda. Fomos os primeiros a gravar parcerias com ele.

De imediato, Leminski apresentaria o projeto “Em Prol de um Português Elétrico”, onde propunha uma pesquisa mais aprofundada no sentido de

adequar o idioma à sonoridade específica do rock'nd roll, “um ritmo feito para inglês ouvir, certo, Johnny?”. (Ele brincava dizendo que o título remetia à nacionalidade do Orlando, “o português elétrico”.) A parceria com a banda começava no exato momento em que o trio Duas Pauladas e Uma Pedrada chegava ao fim, com a mudança de Psicopaulo para os Estados Unidos, onde daria continuidade aos estudos. Diante da porta e com A Chave na mão, Leminski entrou de corpo e alma no mundo da música. Paulinho Teixeira, o guitarrista, lembra-se de ter visto Leminski e Alice chegarem ao estúdio como verdadeiros beduínos, “os nômades do deserto curitibano”:

— Traziam as crianças, penicos, sacolas com fraldas, garrafas de vodca e muita disposição. Ficávamos a noite inteira compondo e tocando. O Leminski, claro, sempre com um monte de papel embaixo do braço. Eram as páginas do Catatau.

Em artigo publicado n’O Estado do Paraná, ainda com o apadrinhamento de Millarch, Leminski definia o projeto: “A meta é atingir uma estética através de uma tecnologia. Assim, o projeto visa a: (a) libertar a música pop da imagem do inglês, reputado como veículo ideal para esse som; (b) contribuir para a criação de uma música BRASILEIRA (ao contrário dos reacionários folclóricos e saudosistas que tentam em vão incompatibilizar a cultura brasileira com a nova realidade industrial e eletrônica, que veio para ficar), ELÉTRICA E INDUSTRIAL.”

Ele escreveria as letras de várias músicas que entrariam para o catálogo da banda: “Blues Satanás”, “Povo desenvolvido é povo limpeza”, “Vai à luta”, “Mulher interessante”, “Luva de pelica”, “Me provoque pra ver” e “Buraco no coração”, a primeira a ser gravada em compacto simples:

você vive só pichando

a minha indisposição

meu humor não vale nada

então pra que me alegrar?

não quero mais nada
daquela condenada
que me deixou
com um buraco
dentro do... coração
hoje eu vivo só lembrando
tapeando o meu coração
nada mais me importa
se não o meu rock'nd roll
(não quero mais nada...)

Sobre estes trabalhos, Leminski costumava dizer:

— Quem já teve contato com os resultados obtidos até agora, pode perfeitamente pensar que, em Curitiba, se a percussão de Orlando, a voz de Ivo, a guitarra de Paulinho, o baixo de Carlão e os teclados do Eli, não conseguirem essa ligação da nossa fala, é porque ninguém mais vai conseguir.

Seu parceiro mais constante na banda era o cantor e guitarrista Ivo, um cabeludo, cinco anos mais novo, com quem os Leminski — inclusive as crianças — manteriam uma saudável relação de amizade por muitos anos. Leminski era fã do parceiro, que considerava “um dos melhores vocalistas do Brasil, o rock'n roll em pessoa”. A Casa Branca transformava-se, definitivamente, num centro de agitação contracultural. Por ali passaram, em diferentes épocas, atraídos pelo trabalho do grupo, Gilberto Gil e a banda Expresso 2222, com Perna, Bruce, Lanny (que deixou de presente um pedal de guitarra para o Ivo) e Tutti Moreno; Rita Lee e os Mutantes, o cantor Antonio Marcos e parte do elenco da peça Hair (com Sônia Braga e Altair Lima). Quando entrou no estúdio, pelo porão, Gil exclamou:

— Parece que estou em Londres!

Nesta mesma época surgiria na cena curitibana uma loura misteriosa, personagem que pode ser identificada como uma carioca de Ipanema aparentando 30 anos (portanto, mais velha que todos do grupo) e conhecida apenas pelas iniciais M. L. Era casada com um diplomata brasileiro e vivia no exterior, Londres, de onde acabara de chegar. Desembarcou no Brasil com 10 mil ácidos lisérgicos (LSD) embutidos em casacos de pele e outras miçangas — e, destes, pelo menos 1.000 estavam com ela em Curitiba. Chegou na cidade procurando por Paulo Leminski, do qual tinha ouvido falar como “uma pessoa interessante, o melhor representante da nova tribo psicodélica”. Era também jornalista e conhecia os curitibanos que trabalhavam nas redações cariocas.

O encontro com a loura aconteceu num fim de tarde na casa da Água Verde. Eles estavam sentados no chão da sala, fazendo a transação num tête-à-tête fabuloso, quando eu cheguei pela porta lateral. Logo pude perceber a cena: o Paulo mostrava-se bastante excitado com tudo mas, particularmente, com a presença da loura, que estava vestida com roupas longas, estampadas e adornada por um colete de cetim — bastante descontraída em sua elegância hippie. E era também corajosa, podia-se perceber. Quando exibiu o “produto” dentro de uma caixinha, pude vislumbrar dezenas de cilindros com a cor e a forma de pequenos grafites, que ela chamava simplesmente de “micro”. Confidenciou ter tido várias experiências com eles sempre em perfeita harmonia com as novas percepções. “Sem bad trip”, garantia. O negócio foi fechado, como se diz, “em consignação”. Ficou combinado que M.L. deixaria 300 ácidos, que deveriam ser pagos em três etapas, através de depósitos em conta bancária. Leminski comemorou o acordo tomando o primeiro ácido àquela mesma noite, enquanto desfilava uma extensa literatura sobre o assunto, fazendo citações magníficas de Aldous Huxley, Timothy Leary e toda a geração francesa do absinto. Suas “viagens” eram projetadas para o mundo intelectual e perceptivo; fazia referências lúcidas sobre o imaginário e o concreto; voava na criação de novas fórmulas, mas tinha o pé no chão com a realidade. Neste sentido, como apoio logístico, recorria ao que de melhor havia na literatura e no pensamento místico e esotérico. Dizia: “Vamos aos extremos da mente porque, no final, quem tem boa cabeça vai

se salvar: ‘just the strong survive.’” A paisagem para ele, então, estava ficando novamente colorida.

A quem interessar possa: dois dias depois de deixar Curitiba, M.L. seria presa pela polícia num quarto de hotel em São Paulo com mais de 5 mil “micros” de LSD. Ela fora se encontrar com o marido, o diplomata, que também tinha participação na operação. Na verdade, era mais uma curtição do que um tráfico, embora à luz de qualquer jurisprudência este argumento seja considerado irrelevante. Na prisão, envolvida numa manobra arquitetada pelos advogados do marido, M.L. foi convencida a assumir a culpa integral pelo flagrante, como estratégia para negociar a própria liberdade. No final, acabou ficando com o papel sujo da história: foi julgada e condenada a um ano de prisão, pena que cumpriu num dos presídios mais violentos do Brasil, o Carandiru. O companheiro ficou em liberdade e foi deslocado para uma embaixada na África, onde continuaria a carreira diplomática até virar uma zebra nas pradarias do Quênia. O episódio contribuiu para que o acordo entre M.L. e Leminski jamais fosse cumprido, pela parte dele. Quando informado da prisão da “sócia”, Leminski teve um sobressalto e mostrou-se paranóico, repetindo a todo instante: “Alice, se ela abrir o bico os homens vão bater aqui.” Nunca aconteceria. Como consequência, estima-se que ele tenha tomado pelo menos 40 ácidos, vendido outros tantos e distribuído o restante entre os amigos, nos dias seguintes. E advertia secamente:

— Cuidado para não pirar!

Esta foi a onda lisérgica que varreu Curitiba no início dos anos 70. Até hoje não se conhece com exatidão as consequências deste episódio, em plena era Garrastazu Médici — mas sabe-se que algumas frentes de criação (comportamental e cultural) surgiram como manifestações espontâneas em várias áreas: música, teatro e ócio explícito. A reação da sociedade foi imediata: os órgãos de repressão criaram uma entidade civil chamada Licopar (Liga de Combate ao Tóxico no Paraná), sustentada por doações de pais aflitos e indefesos. Tal instituição representaria o inferno astral da rapaziada durante algumas temporadas. A Licopar existia para alertar a família curitibana sobre as ameaças que pairavam “em nossa cidade”, colocando à disposição dos interessados um dicionário com palavras

usadas por viciados, as gírias da ocasião, uma espécie de Indicionário às avessas — e com segundas intenções. O pior de tudo: a entidade, depois de concebida ideológica e estatutariamente, foi instalada a quatro quartos da Casa Branca.

Leminski nunca teve problemas com a polícia, mas os rapazes d'A Chave receberam certa vez a visita inesperada “e cordial” do coronel Polido, o mentor intelectual da Licopar. Ele estacionou o carro policial na porta, acompanhado de um paisano, e foi entrando... Encontrou Carlão e Ivo na sala principal, conversando. Olhou para todos os lados, desceu aos estúdios — falou pouco e perguntou bastante — para, finalmente, pedir a colaboração do conjunto na missão de “bem conduzir os destinos da nossa juventude”. Carlão, que fez o papel de anfitrião, registraria o constrangimento:

— O Ivo ficou um pouco apavorado e saiu de perto... Eu fiquei tranqüilo porque o pior — que seria alguém estar fumando um baseado naquela hora — não aconteceu. Pelo contrário, o coroa ficou impressionado com o que viu, com a organização do grupo. E com isso ganhamos um certo tempo de imunidade.

A vida continuaria sem mistério para os Leminski, com todos perfeitamente adaptados ao casarão da Água Verde, ele desenvolvendo a atividade de professor e Alice a de mãe. Leminski passava boa parte do tempo no sótão da casa, para onde tinha transferido alguns livros — incluindo uma coleção de revistinhas eróticas (tipo sueca, de sacanagem) — e montado um pequeno escritório, com mesa, cadeira e máquina de escrever. Algumas vezes, porém, o lugar seria usado como cenário para as fantasias eróticas do casal, quando Alice personificava uma dama da sociedade e ele um escritor pobre morando numa “água furtada”. No meio da noite, quando o poeta estava trabalhando e as crianças dormindo, Alice aparecia de surpresa vestindo sua melhor camisola para provocar um romance proibido, digno de um Flaubert:

— O Paulo gostava de sexo com fetiche, embora não tivesse nenhuma tara inconveniente. Eu diria mesmo que, como amante, ele estava no ponto certo.

Mesmo trabalhando no cursinho, Leminski aceitaria uma proposta para voltar ao jornalismo. A revista chamava-se Joy — Indústria e Comércio e era editada pelo colunista Carlos Jung para divulgar arte, negócios e sociedade — não necessariamente nesta ordem. Era uma publicação financiada extra-oficialmente pelo extinto Banco Bamerindus, “o banco da nossa terra”. Ele e Alice eram os redatores e, além de cuidar dos textos dos colaboradores, ainda criavam oportunidades para publicar suas próprias produções. Na redação, o casal conheceria os artistas plásticos Retamozo, Solda e Rogério Dias, responsáveis pelas ilustrações e diagramação da revista. Rogério era discípulo bem aplicado de Guido Viaro e tinha uma sólida formação acadêmica, mas estava progressivamente se afastando das telas para trabalhar com objetos. Era um performático e tinha participado como ator na peça A semana, de Denise Stocklos. Na parceria com os novos amigos do texto, Rogério daria soluções plásticas e gráficas para diversos trabalhos da dupla durante muitos anos. O primeiro deles foi o cartaz da 1ª Noite de Poesia Paranaense, onde Leminski era um dos organizadores e apresentador oficial da cerimônia. Rogério recorda-se:

— Na noite do evento, o Leminski subiu ao palco para fazer uma bela homenagem a Helena Kolody, que ele chamava de “Padroeira da poesia paranaense”. Destacou a leveza e o aspecto ingênuo de sua poesia, fazendo uma defesa, inédita na província, com relação ao trabalho de uma mulher. Disse que Helena era “o Mário Quintana de saias”. Leu alguns poemas dela e mandou “aquele abraço pra minha mãe Helena”.

Com Retamozo e Solda, Leminski conheceria o humor e, do ponto de vista operacional, aprenderia um truque que lhe seria útil num futuro próximo: eles publicavam seus trabalhos meticulosamente editados, em qualquer jornal ou revista — sem se preocupar com a qualidade da publicação —, apenas de olho no fotolito, que recolhiam da gráfica e guardavam numa gaveta. No final de alguns meses tinham material suficiente para editar um livro —ou algo assim — com pelo menos 60% de redução no preço de custo. Com isso, os artistas curitibanos obtinham um padrão gráfico sofisticado, em relação à “geração mimeógrafo”, ao incorporar a melhor tecnologia para participar da guerrilha de informação que envolvia a imprensa naqueles anos. Debochados, adotavam uma atitude rock para se explicar aos visitantes:

— Aqui a fome é loura!

1972. No ano da morte de Leila Diniz e Torquato Neto, os seres marginais — jornalistas, economistas de esquerda, professores, tiras e desempregados de um modo geral — se reúnem no bar Elle e Ella, que vai entrar nesta história com o codinome de Bife Sujo. Era um bar comum, ordinário mesmo, com uma dúzia de mesas espalhadas no andar térreo e outro tanto no mezanino. Parecia, mas não era um lugar violento. O dono, um chinês-moçambicano, Eduardo How, era constantemente criticado pela freguesia, que o acusava de “desertor”. O garçom Pedro resolvia diplomaticamente estas questões. Podia-se tomar cerveja e jogar no bicho sem se afastar do salão. As estrelas do lugar, nas noites de agitação, eram o cantor Ivo e um quibe frito inteiramente falso em sua tradição culinária, ao incorporar um surpreendente e abominável ovo cozido como recheio.

Foi ali, num final de noite, que Alice e Leminski sentaram-se para tomar cerveja e começaram a brincar, sem nenhum compromisso, com um mote caipira que estavam investigando. No final, estava concebida uma canção que seria adotada como hino pelos alpinistas do pico do Marumbi, para onde iam quase todo fim de semana. Esta seria a única parceria musical do casal ao longo da vida. Leminski diria depois: “É uma música feita para excursão, que deve ser cantada como uma forma de repetição à manivela, um realejo.” O resultado era engraçado e provocava boas reações no trem:

Nós fumo cantá numa festa

na festa dum batizado

o anjo não tinha nascido

só tinha bebida

eu não tinha jantado

Então fumo cantá noutra festa

na festa d’aniversário

o vento soprava as velinha

e o dono da festa
já estava apagado
Então fumo cantá noutra festa
na festa dum casamento
os noivo já tinha três filho
e o mais crescidinho
já era sargento
Então fumo acabá num velório
dum cara chamado Gregório
o morto não tava bem duro
e o vivo do padre
cantava a comadre
(repete indefinidamente)

Foi numa destas excursões ao pico do Marumbi, onde fazia parte do Círculo de Marumbinistas de Curitiba, que Pedro conheceria Elly Maria Trymtje Bertomeu Y Zuidhoff, uma filha de holandeses e espanhóis, de 17 anos. Elly era ruiva, sardenta, graciosa e, além de tudo, pára-queda. Eles casaram rapidamente e foram morar num edifício no centro da cidade, na praça Carlos Gomes, onde teriam dificuldades de ordem “moral” com o síndico. O homem se mostrava irredutível em sua posição conservadora e não admitia relações informais no prédio, exigindo deles uma certidão de casamento. Elly usava uma aliança na mão direita durante a tarde, no trabalho, e ao entrar no prédio, à noite, passava para a esquerda, com a intenção de confundir a vigilância. A curta temporada no edifício chegou ao fim depois que Pedro deu dois tiros na parede do apartamento, como

um aviso para a vizinhança. Em seguida, como que impelidos pelas circunstâncias, foram morar na casa dos pais dele, no Seminário.

A publicidade surge na vida de Paulo Leminski em meados de 1972 e coincide com o fim das aulas no Curso Dr. Bardhal, quando estaria encerrando a carreira de professor, no sentido clássico da palavra. Mais tarde, ao avaliar a importância do magistério em sua vida, ele diria:

— Eu sou um professor frustrado. Acho que sou um professor na medida em que consigo transmitir clareza, porque procuro clareza para mim, para as coisas que me interessam. Mas acontece que na mecânica de transmissão do saber há um ponto incompatível com o meu lado contracultural, meio hippie, meio bandido. Acordar às 8 horas, em plena segunda-feira, para dar aula é incompatível comigo. Peguei toda uma banditice meio boêmia, que é um dado fundamental meu. Sou um bandido que sabe latim.

Assim, a primeira agência onde Leminski trabalharia como redator se chamava Lema Publicidade e era administrada por um carioca de nome Carlos Augusto. Ali, ele reencontraria o time de artistas plásticos (ou gráficos, dependendo da função no momento) que havia conhecido na revista Joy: Rogério Dias, Retamozo e Solda, que seriam companheiros de bar e prancheta. O fotógrafo Dico Kremer, que freqüentara o cineclubes anos antes, fazia parte da equipe. A curta experiência na Lema, entretanto, teria na sua história apenas a função de trampolim para o futuro, ou, como ele mesmo dizia, “um estágio remunerado” para o que viria a seguir, quando, aí sim, se tornaria um dos principais nomes do texto publicitário curitibano.

Em outubro, Carlos João voltaria a Curitiba, mas apenas de passagem. Usava os cabelos até os ombros e se fazia acompanhar de amigos cariocas, um casal, o jornalista Luís Augusto Gollo, que tinha deixado um emprego no O Globo para “cair na estrada”, e sua namorada Dalva. Estavam partindo para uma viagem pela América Latina, que percorreriam de ponta a ponta, durante os dois anos seguintes. Era o êxodo de uma geração ameaçada pela repressão, sem oferta de trabalho e sem perspectiva de vida nas grandes cidades. Os jornais mais influentes do país estavam com suas redações tomadas pelos censores; o Correio da Manhã, com postura

reconhecidamente de oposição, capitulava diante das pressões políticas e econômicas. O mesmo acontecia com O Estado de S. Paulo, Jornal do Brasil, Tribuna da Imprensa (o jornal mais censurado durante a ditadura) e quem mais se atrevesse a encarar o AI-5. Sair para os Andes, andar com os nativos nas alturas de Matchupichu ou catar cogumelos nos bosques da Bolívia era, para eles, uma perspectiva de vida bastante considerável.

O reencontro de Carlos João com Leminski e Alice seria emocionante. Eles se abraçaram e colocaram a vida “em dia”, retomando a conversa interrompida numa tarde carioca. Em seguida, todos foram levados à Casa Branca, onde Ivo cantou durante o ensaio da banda como se fosse um show ao vivo no Madison Square Garden. Foi de arrepiar. Quando o dia estava amanhecendo, eles decidiram passar o fim de semana juntos, escalando o pico do Marumbi, numa grande excursão organizada por Pedro. Carlos João recorda-se:

— Viajamos de trem na manhã de sábado com destino ao alto da serra. À noite, em volta da fogueira, alguém jogava cachaça para levantar labaredas e aquecer o ambiente. O frio era de rachar e tudo se concentrava no violão e nas músicas. Desde os dias da pensão, no Rio, o Paulo tinha aumentado o repertório de canções e agora se exibia também como um músico.

O porre desta noite foi memorável. A certa altura, no meio da neblina mais insondável, Leminski aplicou um golpe de judô no irmão Pedro, que foi lançado ao chão, resultando numa clavícula quebrada. Ele se mostraria preocupado e sério com as conseqüências da brincadeira, repetindo que “não tinha sido para machucar”. O carioca Gollo, que fazia algumas fotografias deles nestes dias, atesta que, apesar do incidente, tudo acabou bem:

— Eles fumaram um baseado, que funcionou como um cachimbo da paz. No dia seguinte, logo cedo, encontrei o Paulo junto ao que sobrara da fogueira, ainda cheio de energia, com uma caneca de cachaça e suco de laranja na mão. O porre dissipava-se como a névoa da manhã para todos nós, menos para o Polaco, que continuava a desferir golpes e frases no ar.

Mas a confusão não acabaria aí. Durante a viagem de volta houve um princípio de tumulto num dos vagões, envolvendo apenas as mulheres.

Alice e Elly entraram em atrito com as garotas de um outro grupo, por motivos absolutamente pueris. Foi uma cena de ciúmes, onde Leminski era o alvo da discórdia. Logo depois, quando as duas se preparavam para uma confrontação física em praça pública, na estação ferroviária, outra confusão, mais séria e violenta, teve início envolvendo os dois irmãos e um grupo de rapazes. A polícia chegou com a sirene ligada e ameaçou prendê-los. Num movimento rápido e preciso, Alice ergueu Miguelzinho no colo e se colocou entre os policiais e o camburão, implorando para que libertassem seu marido, fazendo uma encenação formidável. Elly se comportaria da mesma forma. Diziam aos policiais, enfaticamente, que a prisão dos rapazes seria uma punição para elas e para as crianças — não para eles. Mantiveram a ladainha até conseguir o que queriam. Anos depois, Alice resumiria o episódio reconhecendo que havia amor e cumplicidade entre os irmãos, mas era uma relação perturbada por muita competição pessoal.

1973. O ano começa com a morte de Paulo Leminski, o Velho, vítima de um ataque cardíaco fulminante. Ele tinha se afastado da bebida havia alguns anos, mas sofria de complicações renais e faleceu durante uma crise aguda. O inesperado acontecimento abalou profundamente a estrutura da família. Pedro mostrou-se bastante descontrolado e, para surpresa de todos, pôs-se a dividir a herança (algo como um revólver calibre 38 e um sabre do Exército Brasileiro) mesmo antes do anúncio oficial do óbito. Ele estava de olho na arma que já conhecia e manuseava como se fosse sua. Leminski mostrou-se revoltado com a atitude do irmão e decidiu, com toda a autoridade que o momento lhe conferia, que o revólver ficaria com ele. Houve uma violenta discussão. Durante todos os momentos da crise — e mesmo durante o velório — o álcool seria consumido em quantidade exacerbada.

Nestes dias, para complicar o quadro de desentendimentos familiares, após uma briga com Pedro, Elly decide viajar para a casa da mãe, em Buenos Aires. Estava grávida, mas, magoada com as cenas de ciúmes do marido, nada revelaria em casa. Pensava apenas em ficar sozinha e “dar um tempo”. Pedro suportaria por três meses esta situação. Logo conseguiu o dinheiro da passagem com dona Áurea e estava também seguindo para a capital argentina. Ele e Elly foram felizes por algum tempo. Pedro recebeu a

notícia da gravidez com orgulho e alegria — e imediatamente escreveria uma carta para o irmão, contando a novidade. Falava de planos para o futuro e do começo de uma nova fase. Era como um pedido de reconciliação com todos. Leminski responderia com outra carta postada para Buenos Aires. Esta troca de correspondência entre os irmãos oferece uma rara oportunidade para se conhecer, sem censura, o universo afetivo que os cercava. Leminski escreveu (sempre em minúsculas):

oi, brother!

depois de alguns dias de expectativa (para saber como você estava se saindo nas américas latinas), tua carta pintou debaixo da minha porta (a mãe estava aqui, foi ela que viu primeiro), eu não podia ficar mais contente do que fiquei quando soube que tudo tinha corrido bem, que você aterrisou sem incidentes, que a elly está bem, que vocês voltaram a se entender e, mais do que tudo, saber que vou ser tio (alivia um pouco a dor da perda do maior leminski de todos saber que mais um leminski vai nascer) & aqui a gente vai se refazendo aos poucos deste ano de pesadelos & a mãe está mais animada e reage com uma força incrível (mulher de samurai é assim) & está até saindo sozinha para fazer pagamentos.

A carta segue com outros comentários descontraídos, agora sobre uma série nova da Tv, Kung Fu,

um monge zen chinês, desde pequeno recebendo um treinamento espiritual e físico incrível, daqueles de deixar o julinho se babando, karatê, desviar de lanças, ukemis sensacionais, andar sem fazer ruído, provas zen para entender e dominar o medo, a dor e a dúvida (um misto de ninja com iluminado).

A seguir, Leminski descreve com riqueza de detalhes uma seqüência espetacular da luta entre o monge e um grupo de índios do Oeste americano, com direito a nomenclatura dos golpes aplicados pelo ator David Carradine (ver Apêndice 5).

A certa altura, Leminski notificava o irmão de um trabalho que encomendara a um artesão amigo:

O primo da Alice vai fazer minha placa para pôr no jardim:
LEMINSKI, PROFESSOR DE LÍNGUAS MORTAS, CIÊNCIAS
OCULTAS E ASSUNTOS ENCERRADOS.

Terminava falando de uma terrível dor de dente e da remessa de dinheiro pelo National City Bank: “Foram 500,00, mas o problema é que vai levar quinze dias para chegar.”

No PS, aconselhava o caçula a não ter preguiça de escrever:

“Comunique-se. Não nos deixe imaginando tuas dificuldades sem ter meios de te socorrer quando preciso.”

A morte do companheiro acentuaria em dona Áurea, então com 63 anos, uma melancolia que já lhe era notável por natureza. Mesmo com toda a sua apreciável aceitação da realidade, a situação com a viuvez apenas se agravou, e ela, subitamente, deixou de se alimentar. Sua profunda apatia ficou sendo motivo de preocupação para todos. Na verdade, ela e o marido, apesar da superfície turbulenta do cotidiano, tinham vivido como dois apaixonados e não seria exagero dizer que mantiveram-se numa bolha de paz e harmonia durante todos estes anos. Nunca foram vistos brigando e acredita-se mesmo que isto nunca tenha acontecido. Na opinião de Alice, “eram dois pombinhos que se bastavam”. Como solução de emergência, para manter o fio de vida que a sustentava, ficou decidido que dona Áurea iria morar com o filho mais velho — e numa casa que deveria ser alugada imediatamente. Assim, Pedro e Elly ficariam morando na casa do Seminário e tudo estaria (aparentemente) resolvido.

A nova casa tinha como principal característica a pintura cor de vinho nas paredes externas e ficava na esquina da travessa Amando Mann, no bairro das Mercês. Era de madeira, cercada por um muro estreito de concreto armado e tinha três quartos mas não tinha sótão; era, portanto, menor do que a anterior. Dona Áurea, depois de passar algumas semanas com as irmãs (todas solteiras, morando na mesma casa paterna), chegaria para ocupar um quarto com as crianças, enquanto o terceiro aposento seria transformado em escritório e biblioteca. Na parede havia um quadro-negro

onde Leminski fazia anotações de momento, frases ou palavras quase sempre relacionadas com os trabalhos em progresso. Ele continuava escrevendo o Catatau, que já tinha quase 200 páginas.

Neste mesmo ano, um novo desemprego e uma nova crise financeira, desta vez atenuada pelo fato de poderem contar com a pensão de Dona Áurea, que ajudou a “segurar a barra” das despesas do cotidiano. Enquanto isso, a parceria musical com Ivo — que sempre chegava com a namorada Ju e o violão embaixo do braço — ganhava força e intensidade. Dedicado somente à música e às cervejas, Ivo dispunha das tardes livres e de energia suficiente para cantar como se hoje fosse o último dia de rock. (Entre os covers gostava de “Eve of Destruction” e “Georgia on my mind”, com os quais botava os botequins abaixo). Leminski e Ivo fizeram história na cidade. Qualquer motivo, por mais prosaico que fosse, era suficiente para um churrasco improvisado, mesmo durante a semana, com muita música, baseados e crianças. (Algo que lembraria o sítio dos Novos Baianos, em Jacarepaguá, também conhecido como o “mosqueiro do Galvão”). Ivo chegava cantando a música dos Mutantes que fala em curtir a vida “enquanto a turma da cidade dá um duro até às 6”:

— Era comum colocarmos as poltronas no quintal, para aproveitarmos o sol. Depois, todos dormiam e podia chover que as poltronas ficavam lá. Eu passava de carro no dia seguinte e as poltronas continuavam lá...

A parceria Leminski-Ivo (e, por extensão, com a banda A Chave) renderia dezenas de músicas, inclusive o reggae “Sou legal”, cantado com batidas jamaicanas:

sou legal eu sei

agora só falta convencer a lei

que eu sou real eu sei

agora só falta convencer o rei

eu sei que sou real

mas isso não sei se vão deixar dizer

eu sei que tudo mais vai pro beleléu
a terra, o mar, o céu
mas nesta hora eu quero mais é estar
com a turma do pinel
(gritando:) com a turma do pinel

O trabalho com música era apenas mais uma de suas atividades, digamos, artísticas. Ele continuava produzindo poemas e trabalhando desesperadamente no Catatau. No dia 30 de julho, o jornal O Estado do Paraná publicaria um grande artigo intitulado “O Catatau: um calhamaço grilante”, assinado por Diogo Bello, advogado e diretor de teatro. Nele, Leminski é apresentado como um ex-universitário que “polemizava com os mestres, acabando com as aulas e que, numa certa ocasião, conseguiu mencionar 116 objeções ao professor palestrante, Osvaldo Arns, enquanto este discorria sobre Introdução Artística”. Na entrevista que se seguia, Bello perguntava:

— O Catatau é uma transa cabalística só comunicável aos iniciados ou terá acesso à massa?

A resposta:

— O Catatau verifica uma categoria de ilegibilidade. Os estatutos dessa categoria não estão elaborados teórica e nem pragmaticamente: só depois de muitas Galáxias e Catataus é que se vai saber o que fazer com textos ilegíveis porém procedentes. Eu não sei para que servem. Só sei fazer.

Em agosto, quando completaria 29 anos, Leminski estava com a agenda cheia, começando com duas palestras na Escola de Belas Artes, pelas quais receberia 600 cruzeiros. Conseguiu comprar um tênis quédís, uma calça USTop e pagar a metade dos “50 contos” cobrados por um método de violão; a outra metade foi um presente de aniversário de dona Áurea. Aproveitando a boa maré, ele e Alice embarcaram numa viagem com A Chave para Londrina, onde a banda se apresentaria sábado à noite num clube local. Foram todos de Kombi, levando alguns equipamentos e

fazendo uma boa brincadeira pelo caminho. Ivo estava com a namorada Ju, alguns baseados na bota e o violão em punho, equipamento adequado para suportar sete horas na estrada. Leminski e Alice ficaram hospedados na casa de Marília e Toninho Stingenhen — que tinham deixado a Casa Branca e o Bactuc e agora trabalhavam numa agência de publicidade como arte-finalistas. Londrina, então no auge de sua impressionante ocupação territorial, era conhecida como “a capital do café”.

A imprensa local repercutiria a passagem de Leminski e da banda pela cidade. No dia 5 de agosto, a Folha de Londrina publicaria um ensaio assinado por Leminski sobre Maiakóvski, intitulado “O suicídio da vanguarda”, ocupando uma página inteira do suplemento “Rascunho”. Ele escrevera, na verdade, “O suicídio como vanguarda”, mas, vítima de um erro de revisão, o sentido foi modificado. No texto de apresentação, ilustrado por uma fotografia do carioca Gollo feita no pico do Marumbi, ele é apresentado como “o único paranaense incluído no compêndio sobre poesia concreta no Brasil e agora fazendo músicas com o conjunto A Chave”. Gostava de definir o rock, sem nenhum sentido pejorativo, como “uma música feita pelos incompetentes para os inconformados”, num casamento perfeito entre as partes.

Em dezembro, uma notícia para abrandar o espírito de toda a família: no dia 9, nascia Elly Tryntje Leminski, primeira e única filha de Pedro, que agora passava uma boa parte do tempo em casa lambendo a cria e aproveitando para “dar um tempo” na boemia. Ele tinha feito um acordo com a mulher: se fosse menino, ela escolheria o nome; se fosse menina, a escolha seria dele — e foi o que aconteceu: Pedro decidiu multiplicar a Elly. Eles moravam na casa do Seminário e dona Áurea acompanhou tudo de perto, ajudando a nora na hora do parto. Ellinha veio ao mundo com cabelos louros, diferente da mãe (ruiva) e do pai, que tinha cabelos castanhos. A paternidade viria abrandar um pouco os ânimos de Pedro, que sempre se mostrou afetuoso com a menina.

Nesta época, surgem os primeiros sintomas da doença que abalaria a saúde de Miguelzinho por vários meses. Brincando sozinho numa escada de três degraus, ele teria, aparentemente, torcido o pé direito, que inchou na altura do tornozelo. Alice não gostou do que viu, colocou o garoto num

táxi e seguiu para o massagista, que recomendou uma chapa de raio X. Nenhuma fratura foi constatada. Dias depois, Miguelzinho passaria a mancar com o outro pé, que também foi inchando lentamente. Eles voltaram ao médico, fizeram novos exames, mas o problema não foi diagnosticado; e, para desespero de Alice, novos inchaços apareceram em outras articulações. A doença se manifestava com dores e dificuldades de locomoção. O garoto, nestes dias, adquiriu o hábito de desenhar, ler e escrever. Tinha — todos diziam — o jeito do pai, cerebral, analítico, embora se diferenciasse dele na fragilidade física. O pouco dinheiro de que dispunham, os Leminski o usavam agora com médicos e remédios. A única exceção foi a compra de uma televisão, um eletrodoméstico considerado agora artigo de primeira necessidade.

Para escapar da pressão do cotidiano, Leminski começou a reescrever o Catatau, ou melhor, a datilografar as páginas, passando a limpo e corrigindo os originais com a ajuda de Alice. Era o “ataque final”. Eles ficavam em casa à noite, trabalhando e conversando com os amigos, que continuavam aparecendo com freqüência. O escritório era uma babel de livros e papéis, onde a grande estrela do palco era uma máquina de escrever Remington, com estrutura de ferro, típica de colecionadores. Nas horas vagas, mais churrasco e cerveja.

Um dos mais jovens freqüentadores da casa era um garoto chamado Helinho Pimentel, de apenas 16 anos, que aparecia sempre com carros enormes e belas amigas — uma delas de nome Sandrinha, era a namorada secreta de Caetano Veloso (ao que tudo indica, secreta para os outros, menos para sua mulher Dedé). Helinho tinha os cabelos compridos encaracolados e uma semelhança física com Carmen Miranda, de quem herdara a boca e os trejeitos. Era também um representante da “classe dominante”, mas não tinha veleidades intelectuais e nem se deixava atrair por teorias literárias ou afins:

— O Paulo Leminski foi uma bomba atômica na minha cabeça, mas não pelo que representava como escritor ou poeta. Eu tinha 16 anos e não fazia a menor idéia deste universo intelectual. Fui atraído pela visão genial e contemporânea que ele tinha da vida, sempre sintonizado com o mundo e dividindo esta sabedoria com a gente. Para nós, pivetes, era um fator de

segurança saber que um sujeito daqueles também tomava ácido. Era o meu guru. Com ele aprendi que as brincadeiras (como as drogas, o rock, o sexo e as artes) são coisas sérias. Ou vice-versa: se você as tiver levando a sério demais, são apenas brincadeiras.

Uma tarde, chegando na casa das Mercês, encontrei o Paulo aproveitando o violão e o talento do Ivo para fazer um revival musical. E entrei na brincadeira. A partir de uma série de canções consideradas clássicas de Roberto Carlos, tentávamos escolher o verso mais romântico e apaixonado, numa forma de explicitar uma das melhores qualidades musicais do Rei. Cantamos o repertório inteiro da Jovem Guarda: “Namoradinho de um amigo meu”, “Pensando bem”, “Quero que vá tudo pro inferno”, “As curvas da estrada de Santos”, “Como é grande o meu amor por você” e todas as outras. Estávamos esparramados na cozinha, de onde se podia avistar, através da porta dos fundos, dezenas de garrafas vazias — a maioria de conhaque Dreher e cervejas — empilhadas junto à cerca. No final, o verso escolhido pelo Paulo como the best of the King (na verdade, de autoria de Antonio Marcos) foi:

*... peço a alguém pra me contar sobre os teus dias
anoiteceu e eu preciso só saber
como vai você
que já modificou a minha vida...*

Ele argumentava:

— Não é demais? A garota não quer mais ver o sujeito que, sem saída, pede para alguém “me contar sobre os teus dias”...

Nos dias seguintes, como treinamento de base e harmonia no violão, ele escreveria uma balada romântica no mesmo estilo que, dizia, deveria ser gravada por Wanderléia, a Ternurinha:

*Não dei pra ninguém
Aquilo que você mandou eu não dar*

Deixei meu amor

Ficar na solidão

Filhinhas da mamãe como eu

não dá

não dão

não deu

Houve uma noite memorável na casa das Mercês, quando eles receberam a visita da escritora e líder feminista Rose Marie Muraro, e, por coincidência, da loura M.L., a moça dos ácidos, agora completamente reintegrada à vida civil. Alice defendeu as honras da casa desfraldando a bandeira do feminismo, mas havia outras pessoas na sala, presenciando o que ficou conhecido como “A noite das mães”, uma longa discussão sobre trabalho, socialismo e maternidade. Rose Marie, no auge da fama como ativista, gozava de um conceito além do trivial, na condição de executiva da Editora Vozes e intelectual de opiniões lúcidas e corajosas. A Editora Vozes, com frei Ludovico e Rose Marie Muraro à frente, se posicionava naquele momento histórico, com um regime autoritário no poder, ligeiramente à esquerda da intelectualidade brasileira. O dia amanheceu e a conversa ainda se desenrolava. Os homens na sala, depois de um certo momento, apenas ouviam. Sobre este encontro, Alice diria:

— Trouxeram a papisa que motivou discussões fundamentais, mas havia no ambiente M. L. e uma garota, a Verinha, que tinham um desempenho prático do feminismo. As duas, como mulheres liberadas que eram, viajavam livremente no circuito do sol: Ipanema, Arembepe, Bombinhas... Foi uma noite muito interessante, movida a não sei que substância.

No dia seguinte, num táxi, Rose disse à Alice que achava muito legal a sua teoria, mas que não podia levá-la a sério como feminista. Tudo por causa de Leminski, na sua opinião, um absolutista.

Alice retrucou:

— Bem, não se deve ser absolutista no sentido contrário. Que tal imaginar que eu e o meu homem vamos crescer e melhorar juntos?

Rose Marie insistiu:

— Isto é possível em tese, mas como conviver com alguém que fala com esse volume de voz?

Neste momento alguém colocou o dedo no ponto mais sensível da relação dela com Leminski, já que o objetivo, neste caso, não era quebrar a supremacia masculina vigente e nem desenvolver uma disputa de valores com o parceiro. Como num passe de mágica Alice percebeu, conversando com Rose num táxi, que ele era absolutamente centralizador; pior, não era igual aos outros homens, pois falava mais alto do que qualquer outro homem.

Em julho de 1974, motivado por um fato qualquer do cotidiano, Leminski escreveria um pequeno artigo (ele não gostava desta palavra, preferia “texto-ninja”), anotação em apenas uma lauda datilografada — que jamais seria publicada — com um título sucinto: “Trotsky”. De resto, não havia nenhuma citação explícita ao líder político russo no corpo do texto, no qual ele comparava a guerra fria URSS x USA, ao casamento eternamente litigioso entre Elizabeth Taylor e Richard Burton (ver Apêndice 6).

No final do ano, para compensar as vicissitudes de um período de baixo astral financeiro, surgiria um episódio capaz de alegrar a vida de qualquer um, principalmente de Paulo Leminski, um tropicalista de primeira hora. Aconteceu numa tarde de sábado, quando ele andava sobre o muro lateral da casa, fazendo um exercício rotineiro de equilíbrio. Alice estava no quarto lendo, quando um carro parou em frente ao portão. Leminski falou “tem gente aí, benzinho”, pulou do muro e foi conferir quem chegava — e quase perdeu a voz. Eram Caetano Veloso e Gal Costa, esvoaçantes, descendo de um carro enorme. Ele não acreditou no que viu. Ficou nervoso e resolveu fazer uma surpresa para Alice, que já perguntava, curiosa:

— Quem é, Paulo?

Alguém bateu na porta, Alice foi atender e deu de cara com Caetano e Gal. Leminski vinha por último, tentando se controlar. Ele ficaria particularmente perturbado com Gal, muito mais do que com Caetano, diria mais tarde Alice. Depois das primeiras conversas, todos foram para o quarto, onde os músicos sentaram-se na cama e o casal no chão. Caetano contou que tinha ouvido falar de Paulo Leminski na casa de Augusto de Campos, que lhe mostrara alguns trechos do *Catatau*. Leminski, por sua vez, começou a tirar poemas das pastas e a falar sem parar, tentando deixar claro que conhecia o trabalho de todos os poetas de Salvador. Falou dos poemas de Augusto gravados por Caetano no ano anterior, como parte da obra chamada *Caixa preta*. Falaram de música, poesia e literatura — e, como num passe de mágica, os códigos se interagem. Ele estava finalmente conhecendo o homem que musicava poemas. A conversa durou horas e nela houve espaço para o trivial, comentários sobre afinidades recíprocas de um Brasil rico e diversificado culturalmente.

Este seria o primeiro de uma série de encontros entres eles. No dia seguinte Leminski e Alice foram assisti-los no Teatro Guaíra e, no final do espetáculo, depois de uma conversa rápida nos camarins, todos saíram pela noite. Definindo este primeiro encontro, Leminski diria:

— Foi um traumatismo na minha vida. O Caetano era o meu ídolo e chegou sem avisar, de surpresa. E, para não deixar barato, veio com a Gal, divina-maravilhosa, simplesmente fatal.

As conseqüências deste encontro em sua vida se fariam notáveis não apenas na seleção de camisas mais coloridas e roupas tropicais, como na própria essência de sua sensualidade. Ele passou a tirar, com mais facilidade, a roupa que cobria a sua nudez mais atávica. O polaco encontrava os embaixadores dos trópicos e suas doutrinas de prazer, capazes de derreter qualquer puritanismo ou ascetismo de imigrante. Leminski planejou com Alice viagens futuras para o Rio e Salvador. Começou a esboçar, do ponto de vista intelectual, a tese que chamaria de *Pororoca*, “a ponte arco-íris”, o encontro das correntes paulista e baiana. O Yin e o Yang. Ele advertia:

— Sempre tive medo da Bahia, da alegria da Bahia, das tentações do calor, de Dionísio — esse verdadeiro patrono da Bahia, que o Senhor do Bom Fim

tenta em v3o catequizar e exorcizar: Senhor do Bom Começo e dos sete pecados. Tenho medo que o term3ometro a 40 graus e o azul das praias me dissolvam.

UM CAPÍTULO À PARTE

O ano de 1975 começa com a volta à publicidade e termina com o lançamento do Catatau, uma obra que merece um capítulo à parte na vida de Paulo Leminski. Nesta época, Vítola tinha deixado a televisão e estava abrindo a agência P.A.Z., em sociedade com alguns amigos publicitários. Logo nos primeiros meses ele receberia a visita de Leminski, que foi objetivo:

— Acabei de escrever meu livro e estou com o potencial redacional livre pra trabalhar. Tem vaga aí?

Eles formaram um time de criação muito conceituado no mercado publicitário. A eles viriam se juntar os ex-companheiros da Lema: Solda, Retamozo e o fotógrafo Dico Kremer. Cada um, em sua especialidade, podia ser considerado “craque” na comunicação. Eram profissionais que recebiam os melhores salários e viviam num ambiente franco e criativo. Como Vítola mesmo reconhece, eles não tinham suporte teórico e trabalhavam basicamente com a intuição:

— Todos éramos iniciantes. O papel do Leminski, neste contexto, foi muito importante. Ele nos fez entender que havia uma linguagem própria para cada veículo, o rádio, a TV, o jornal... Ele apresentava algumas teorias e esperava para ver os artistas resolverem na prática... Era um animador cultural.

Como redator de publicidade, Leminski orgulhava-se particularmente da campanha criada para a Imobiliária Galvão, na qual estruturara a mensagem central a partir do texto base:

A Galvão acha fácil

O imóvel que você acha difícil

O cartunista Solda, o mascote da equipe, revela que Leminski tinha outra função além de animador e redator. Era também a antena do rádio:

— Quando ele se levantava da cadeira e se afastava da mesa, o rádio parava de tocar. Todos gritavam: “Volta Leminski, deixa esta música terminar...” Ele então corria para a posição e o rádio voltava a funcionar. Ele dizia: “É duro este papel de antena da raça.”

O gaúcho Retamozo, que também dividia o espaço e a conversa com eles, observa que Leminski tinha uma peculiaridade notável:

— Ele não reclamava de nada. Era um sujeito zen, sempre de bom humor, uma característica rara no curitibano. Aqui é o muro da lamentação do universo, todos reclamam de tudo. Um baiano tem orgulho do outro, mas o curitibano, não. O Leminski era o oposto; qualquer um na sala apresentava uma idéia e ele reagia: “Gênio!” E normalmente era mesmo.

Foi neste clima e nestas condições que se viabilizaria a primeira edição do Catatau. Em nenhum momento Leminski considerou procurar os órgãos oficiais ou uma editora estabelecida no mercado. Queria a obra marginal, maldita, no sentido da contracultura, da independência dos próprios movimentos. Na P.A.Z. ele encontraria soluções técnicas e parceiros para o livro, que foi sendo montado dentro da agência, utilizando-se as facilidades e o relacionamento comercial com as gráficas da cidade. O sonho estava se realizando.

A capa do Catatau, escolhida por ele e montada pelo cartunista Miran, mostrava uma seqüência de pequenos desenhos primitivos, cenas de luta na sala de uma tumba em Beni Hasan, no Egito antigo. Tudo em preto e branco como num fotograma; apenas o nome Catatau em vermelho. Na contracapa, uma foto com os esqueletos de uma dupla sepultura descoberta em Grimaldi, em 1895, identificada como da espécie *Homo sapiens* do tipo negróide. As fotos receberam tratamento em laboratório para fortalecer o contraste, antes de serem encaminhadas ao fotolito. O livro foi diagramado com 218 páginas e uma advertência do autor: “Repugnado Benevolentiae — Me nego a ministrar clareiras para a inteligência deste catatau que, por oito anos, agora, passou muito bem sem mapas. Virem-se.” No final da história — ou do texto — ficou assim o discurso cartesiano:

Este pensamento sem bússola é meu tormento. Quando verei meu pensar e meu entender voltarem das cinzas deste fio de ervas? Novamente: a maré de desvairados pensamentos me sobe vômitos ao pomo adâmico. É essa terra: é um descuido, um acerca, um engano de natura, um desvario, um desvio que só não vendo. Doença do mundo! E a doença doendo, eu aqui com lentes, esperando e aspirando. Vai me ver com outros olhos ou com os olhos dos outros? AUMENTO o telescópio: na subida, lá vem ARTYCHEWSKY. E como! Sãojoãobatavista! Vem bêbado, Artyshevsky bêbado... Bêbado como polaco que é. Bêbado quem me compreenderá?

Por isso, eles acharam graça quando as equipes de revisão e past-up botaram o olho no texto e ficaram sem entender o que estava certo ou errado e sem acreditar no que lhes diziam: que era assim mesmo. Alice foi obrigada a pegar a tarefa e transformou-se na revisora e montadora do Catatau, com o que se ocuparia durante várias semanas neste inverno. Um inverno, aliás, que entraria para a história da cidade.

17 de julho de 1975. Eles estavam dormindo, cedo pela manhã, quando alguém bateu na janela do quarto, freneticamente. Alice acordou e ouviu uma voz estranha gritando coisas ininteligíveis. Leminski continuava dormindo. Estava frio. Ela se levantou, abriu a janela e reconheceu Orlando, o baterista da Chave. Ele anunciava em estado de euforia a boa nova: estava nevando em Curitiba.

— Venham todos ver — gritava.

Alice acordou Leminski e as crianças. Eles abriram a porta e viram que estava tudo branco — e fizeram uma festa também. Orlando levou os pequenos para o quintal onde, juntos, tentaram construir um boneco de neve, com cenoura no nariz e cachecol. (Não havia neve para tanto, mas, enfim, eles tentaram.) Alice saiu para comprar conhaque no botequim da esquina enquanto desfrutava esses momentos mágicos:

— Eu empurrava um guarda-chuva contra o vento, quando ele foi deslocado para trás e eu recebi uma golfada de neve no rosto. Continuei caminhando de boca aberta, comendo e sentindo o gosto da neve. Neste

dia o Paulo só foi trabalhar à tarde. Pela manhã, nós três derrubamos uma garrafa de conhaque.

A neve entraria para o folclore da cidade como o dia em que a frieza do curitibano derreteu. Foi registrada uma catarse coletiva em vários bairros durante boa parte da manhã. Muitas pessoas se abraçaram e se cumprimentaram nas ruas, falando umas com as outras, eufóricas. Era a terceira vez que nevava em Curitiba, mas a última tinha acontecido em 1928 e ninguém lembrava mais. Agora estava nevando bastante, “como na terra dos nossos avós”, e todos eram testemunhas disso. No dia seguinte, o jornal O Estado do Paraná estampava em manchete de primeira página, ilustrada por uma foto aparentemente clonada de uma paisagem européia:

CURITIBA BRANCA DE NEVE

A neve se dissiparia em algumas horas, mas seus efeitos continuariam fazendo a fama e a alegria da cidade durante muito tempo. Imediatamente foram lançados concursos de música, poesia e fotografia sobre a neve. As imagens seriam congeladas e reproduzidas como uma lembrança eterna do grande happening.

No dia 28 de setembro, em entrevista ao Diário do Paraná, Leminski esquentaria a temperatura cultural ao refletir publicamente sobre aquele que era, na sua opinião, o grande dilema da intelectualidade brasileira:

— Como dizem os poetas concretos, a cultura brasileira é periférica pois é um setor da cultura latino-americana que, por sua vez, é um pequeno setor da cultura do Terceiro Mundo. Então, ou você está colonizado ou você está atrasado, se recusar as informações de fora. Um dos nossos intelectuais da Boca Maldita, dito engajado, se recusa a aprender o idioma inglês porque, se assim o fizer, acredita, ficará à mercê de revistas como Playboy, Newsweek, Times etc.... Ele escolheu o atraso, preferindo ser topeira. Eu optei, estrategicamente, por ser colonizado. Falo várias línguas, principalmente o inglês. Ou seja, eu sou antropofágico.

Foi estimulado por esta inclinação que ele lambeu os beijos quando recebeu de presente dois exemplares de uma edição sofisticada da Revista de Antropofagia que Augusto de Campos criara como brinde de aniversário para a empresa paulista Metal Leve S/A. A edição, com apenas 100

exemplares, trazia em tamanho natural as 1ª e 2ª Dentições, referente aos anos 1928-1929.

Ele ficaria com um exemplar e me daria o outro de presente (de Natal), com o seguinte comentário:

— Este é o melhor exemplo de imprensa alternativa, no segmento cultural. A vanguarda fazendo o Brasil existir com soberania, mesmo que isso tenha custado a violabilidade do bispo Sardinha, atazanado em seu Sarcófago histórico.

Um movimento musical liderado por Vítola e Marinho Galera, reunindo músicos e compositores locais, vinha crescendo dentro da agência P.A.Z. Leminski fazia parte do grupo que ajudou a batizar de MAPA — Movimento de Atuação Paiol. Eles se apresentariam regularmente no Teatro Paiol, durante os três anos de existência do movimento. Assim aconteceria a primeira apresentação de Leminski diante de uma platéia — num show com banquinho, violão e microfone — com músicas de seu repertório. Era a porção MPB convivendo com a verve de roqueiro radical, em mais uma de suas contradições explícitas. Surgiriam a partir de agora as parcerias musicais com Marinho Galera e outros músicos desta praia, entre eles José Oliva e Celso Pirata, para quem ele escreveria a letra de “Estratégia”:

Dia vai vir

Você vai ter que travar

Batalhas de verdade

Ai da tua estratégia

Ai da tua tática

Ai da tua defesa

Ai do teu ataque

Se você não fez bom uso

Do tempo da sua paz

Pense nisto, rapaz

E nunca, nunca, nunca mais

Olhe pra frente

Sem antes olhar pra trás

A música o aproximaria também de Jorge Mautner, um artista multimídia, militante de primeira hora da contracultura, poeta, violinista e autor do sucesso “Maracatu atômico”, na interpretação de Gilberto Gil. Mautner e seu fiel escudeiro, o violonista Nelson Jacobina, procuraram por Leminski assim que chegaram em Curitiba para cumprir uma curta temporada. Mautner tinha ouvido falar do poeta na casa de Gil e conhecia as histórias (ou lendas, nunca se sabe) que circulavam sobre ele:

— Como eu sou judeu, falávamos muito sobre o tema. O Leminski tinha um senso de humor incrível. Ele contou uma piada que falava do êxodo do judaísmo, quando havia um rabino que tinha chegado ao máximo em sofisticação: elevado a níveis desconhecidos a arte da lamúria. Ou, então, aquela do rabino famoso à beira da morte, cercado por um séquito de discípulos, que balbuciou no ouvido do mais próximo: “A vida é como uma xícara de chá.” A frase foi se espalhando entre as centenas de pessoas que se enfileiravam nas condolências: “Ele disse que a vida é como uma xícara de chá.” O último da fila ouviu e perguntou: “Afinal, por que a vida é uma xícara de chá?” A pergunta fez o caminho de volta até o primeiro da fila, que a devolveu ao rabino: “Afinal, por que a vida é como uma xícara de chá?” O rabino, surpreso, respondeu: “Ora, então, a vida NÃO é como uma xícara de chá.”

O entendimento entre ele e Mautner foi instantâneo. A partir do primeiro encontro, na Cruz do Pilarzinho, eles se viram aproximados por uma série de afinidades. Ambos gostavam de drogas, sexo, rock’n roll e lutas marciais — Mautner praticava aikidô, era comunista, místico e leitor de Ezra Pound. No segundo dia de espetáculo, Leminski foi convidado a subir no palco para abrir suas apresentações cantando músicas de sua fase mais madura: “Valeu”, “Luzes” e “Mudança de estação” — que apresentava de forma visceral e pungente, dando verdadeiras “porradas” no violão. O resultado

se traduzia num show bastante descontraído e afinado com o espírito da contracultura. Estas experiências se repetiriam sempre que Mautner voltasse a Curitiba:

— Eu fiz o convite para o Leminski participar da Revolução Caótica Permanente e ele aceitou na hora. Alice Ruiz foi convidada e concordou em participar como comissária de todas as mulheres. Nós queríamos que o povo brasileiro pudesse ler e escrever. O Leminski citava o economista e pensador Adam Smith: “A riqueza das nações é a cultura dos seus povos.” Ao contrário do que muita gente pensa, o Leminski era um sujeito muito sério.

Com a chegada da primavera, começariam os arranjos finais do Catatau, em termos de revisão e composição. A gráfica apresentara um custo pelo trabalho de impressão que, segundo ficou acertado com a agência P.A.Z. — contra a qual seria emitida a fatura —, ele pagaria mensalmente, em suaves parcelas e, caso não o fizesse, seria descontado do salário. Leminski concordou e decidiu finalizar a obra, dedicando-a “à glória de Paulo Leminski o Velho, pelas mensagens em código, pelo sangue de Kzysztow Arciszewski. Para Alice pelo saber, querer, ousar e calar. Para Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos”. Decidiu também que não teria texto de orelha e nem prefácio assinado por qualquer “notável”, uma vez que não se pretendia que a obra viesse decifrada ou mesmo recomendada. O livro era para ser um enigma e assim seria até o final.

Não fossem eles todos publicitários, trabalhando na P.A.Z., a idéia do cartaz talvez não tivesse existido. O fato é que alguém sugeriu uma peça promocional, em forma de cartaz, lembrando que poderia ser aproveitada em futuros lançamentos. O objetivo, como sempre, era chamar atenção através do impacto da mensagem. Leminski conversou com o fotógrafo Dico Kremer e, juntos, decidiram fazer uma foto do autor nu, como John Lennon e Caetano Veloso, num fundo infinito. E foram para o estúdio. No cartaz, ele aparece encobrendo o sexo com as pernas cruzadas em posição de lótus. Estava de barba e cabelos compridos profundamente negros. Sobre sua cabeça, um título sucinto:

CATATAU

O cartaz foi impresso e posteriormente colado em murais de bares, cafés e livrarias, para anunciar o lançamento do livro. Era uma propaganda esquisita para um produto cultural, mas ao mesmo tempo se mostrava eficiente, pois conseguia chamar a atenção das pessoas.

O cineasta Sylvio Back lembra-se de que encontrou Leminski fazendo a entrega das páginas do livro, já compostas e finalizadas, para a Grafipar, onde seriam finalmente impressas:

— Ele fez uma piada dizendo que o encarregado da composição, ao tentar corrigir alguns trechos, criou palavras mais interessantes que as dele e que, portanto, seriam mantidas no texto. Chamava o funcionário de co-autor. Ele se despediu do calhamaço de papel beijando as folhas, dizendo pra elas: “até já”.

Finalmente, em dezembro de 1975, o livro ficaria pronto. Foram impressos 2 mil exemplares, sendo que mil seriam enviados diretamente para a livraria Ghignone, onde aconteceria a noite de autógrafos e seria feita a distribuição. A outra metade seguiu para a casa das Mercês, onde ficaria amontoada no sótão. A festa aconteceu na calçada da livraria, na Rua das Flores, exatamente em frente ao bar Cometa, um dos pontos favoritos da boemia intelectualizada. Leminski receberia uma pequena e ruidosa multidão de amigos e assinaria vários livros. Assinaria não, colocaria as impressões digitais com tinta vermelha de carimbo, usando para isso o polegar esquerdo. Lá estava o pessoal do Bife Sujo, jornalistas amigos e estudantes. O sonho tinha se tornado realidade.

Depois do lançamento do Catatau, quando, sem dúvida, ele colheu os louros do sucesso, era hora de trabalhar. Arregaçou as mangas e colocou em prática o que chamava de “distribuição qualitativa do produto”, uma estratégia criada para superar o aspecto artesanal da distribuição. Envelopou e despachou pelo correio dezenas de livros com endereços certos: os influenciadores de opinião. O que o afetava, e muito, era ser ignorado pelos “criadores”. Assim, ele contabilizava:

— Pessoas básicas no Brasil e até mesmo fora do Brasil têm o Catatau. O Octavio Paz, no México, tem o Catatau, Julián Rios, na Espanha, tem o Catatau. No Brasil, Décio Pignatari, Caetano Veloso, Darcy Ribeiro e até

Mário Shöemberg têm o Catatau. Eu fiz uma escolha para um público em condições de impactar.

Nesta época, já morando no Rio de Janeiro, fui encarregado de levar dois exemplares autografados do Catatau para Nelson Motta e Gláuber Rocha. Apenas Nelson receberia o dele; Glauber jamais seria encontrado. Quando ele me passou um dos livros, fez questão de mostrar o que escrevera: “Para Gláuber, o criador do anti-cinema, uma pequena amostra da anti-literatura (e logo abaixo, como uma assinatura:) Do Leminski”. Ele me entregaria ainda outros vinte exemplares para serem distribuídos, segundo os meus critérios, entre os vários amigos que tínhamos no Rio: “Você sabe para quem entregar, compadre.” Devo informar que semanas depois, ao ser despejado da pensão onde morava, na Lapa, fui obrigado a deixar para trás metade destes livros como forma de pagamento para o meu senhorio. Não que a velha Beatriz manifestasse interesse pela obra, muito pelo contrário, mas jamais me seria permitido voltar aos meus aposentos, mesmo para resgatar objetos pessoais. Um amigo que morava em Santa Teresa garante ter visto, dias depois, uma pilha de livros — aparentemente com as feições do Catatau — em frente do casarão, esperando o caminhão do lixo. Ele estava no ônibus e nada pôde fazer.

O resultado da estratégia de lançamento do Catatau se revelaria compensador. O livro chamaria a atenção da crítica especializada e, mesmo sendo editado fora do eixo Rio-São Paulo, sem a chancela de editora importante, ocuparia um bom espaço na mídia nacional. A revista Veja não apresentaria, de imediato, exatamente uma resenha, mas daria a notícia em mais de uma página, tratando o Catatau como um evento que estava sendo esperado — um objeto cult com trâmite num certo substrato da inteligência brasileira. A resenha seria feita logo depois pelo cronista e poeta Afonso Romano de Sant’anna, que não elogiaria e nem picharia a obra, mas dedicaria uma coluna inteira com o título “Porre Verbal”. O poeta Geraldo Carneiro escreveu um artigo elucidativo sobre o Catatau nas páginas do jornal Opinião. O crítico Léo Gilson Ribeiro foi mais longe, saudando o Catatau como “o livro do ano” nas páginas do Jornal da Tarde, onde advertia:

Décadas se passarão até que o Brasil reconheça neste esplêndido, profundo, perene Catatau, uma de suas imagens mais radicais e tão perfeitas quanto as transmitidas por Os sertões, Grande sertão: veredas, Fluxofloema, Serafim Ponte Grande e pouquíssimos outros trechos de prosa poética e revolucionária criatividade, equivalentes, em suas devidas proporções, à fundamental tomada de posição de um Joyce, de uma Virginia Woolf, de um Raymond Queneau, de um Céline, a uma forma de ser e de dizer já pretéritas e que só se enfrentam com o “Não” rebelde de uma nova forma, insólita, ousada de dizer esse ser. Catatau já é uma das obras-primas da língua portuguesa, é uma espécie de Pedra de Roseta à espera de pacientes Champollions.

Alice lembra-se de que estas palavras — e outras tantas do longo artigo, todas elogiosas — deixaram Leminski mais do que eufórico, histérico. Enquanto ele se agitava de um lado para outro, ela continuaria imperturbável, apenas olhando... Ele reagiu:

— Você não vai vibrar?

Ela respondeu que não estava surpresa, pois afinal este era o reconhecimento esperado para o talento dele etc.... Mas Leminski gritava, exclamava “genial!”, relendo o jornal a todo instante. Alice percebeu que ele estava acumulando problemas de reconhecimento, ou seja, o não-reconhecimento o deixava desequilibrado. Ao mesmo tempo — era fator considerável que ele estava esperando mais de oito anos por este momento. Era uma celebração justa.

Semanas depois a revista José, editada por um grupo de poetas cariocas, publicaria um longo artigo do crítico baiano Antonio Risério, com o título “Catatau: Cartesanato”. Risério não conhecia pessoalmente Leminski mas era amigo de Augusto de Campos, que lhe presenteara com um exemplar do livro. Incentivado por Augusto, Leminski escreveria uma longa carta (ver Apêndice 7) a Risério, na qual revelava a disposição de estabelecer “uma ponte mágica e epistolar” com a Bahia. Risério tomou a iniciativa e escreveu um texto-roteiro para a leitura do Catatau, onde, no final, se descortinava outra apoteose:

Para encerrar, digamos que o Catatau ocupa um lugar raro na prosa literária brasileira. O que pintou depois das aventuras textuais de Guimarães Rosa? Quase nada. Uma exceção, sem dúvida, é o livro-viagem Galáxias, de Haroldo de Campos. Por tudo isso, o Catatau é uma surpresa e uma alegria. Não só em termos brasileiros. O livro de Leminski deve, sem esforço, ser colocado ao lado do que há de melhor na produção literária do continente. Ao lado de Cortázar, do melhor Cortázar, aquele da Prosa del Observatorio, e do cubano Cabrera Infante, por exemplo.

E as reações não pararam aí. O poeta uruguaio Eduardo Milán, secretário pessoal de Octavio Paz, escreveu:

A más de diez años que Paz dijera que la vanguardia poética estaba en Brasil, hoy, y sin hablar de Vanguardia, se sigue produciendo la poesía más creativa. Sigue sendo difícil encontrar, en lengua española, niveles poéticos igualables a los de Augusto-Décio-Haroldo; la síntesis teórica era inmensa. Y al nivel de los más jóvenes: raro encontrar experimentos de formulación teórica tan precisa como Catatau.

E, para finalizar, o professor e crítico Bóris Schnaiderman, que Leminski tanto admirava como tradutor de poetas russos, fez o seguinte comentário, inserido num ensaio para a editora Perspectiva, de âmbito nacional:

Aliás, toda esta problemática da relação prosa/poesia passou a apresentar-se de modo completamente novo, depois de obras como as de Joyce e a prosa de Khlébnikov ou, em nosso meio, o Catatau de Paulo Leminski. Temos, modernamente, ora a fusão de prosa e poesia, a explosão dos seus limites, ora justamente o contrário, um sublinhamento da relação entre ambas, cada uma com sua especificidade.

No plano doméstico, a reação ao Catatau foi lenta e nada efusiva. O ponto principal — e que ninguém podia ignorar — era que o livro tinha saído,

estava nas livrarias e deixava de ser uma “lenda do Leminski”. Uma lenda de oito anos. Ele, por sua vez, provocava “a onça com vara curta”:

— Que apareçam os críticos!

Meses depois foram publicadas algumas críticas em jornais locais, sendo que duas delas vinham assinadas pelos poetas e escritores Jamil Snege e Jaques Brand. Sobre o primeiro — que tinha sido namorado de Alice em tempos idos — Leminski diria, sem alimentar maiores polêmicas: “Fez um artigo que honra a inteligência local, pela finura das observações, pela perspicácia de leitura que revela, pelo respeito a um trabalho honesto.”

Quanto a Brand, que na verdade escreveu o artigo “Do Bigorriho para o Mundo” antes mesmo do lançamento do livro, destacando o ego do autor e sua “jogada publicitária” ao posar nu para um cartaz, mereceu dele mais do que um comentário. Ele foi para a máquina e escreveu uma resposta que foi publicada no mesmo jornal, dias depois, com o título “Do mundo para o bigorriho”:

O que irrita Brand é que eu usei técnicas de propaganda para lançar um livro de literatura. Como se a literatura — numa sociedade de mercado e consumo — fosse algo de santo ou pátrio. Décio Pignatari ficou surpreso quando expus a promoção do Catatau. Publicitário, Pignatari disse que o Catatau era o primeiro livro que aparecia dentro de uma perspectiva inovadora de promoção e marketing. Eu tenho o defeito de acreditar em evolução, em progresso e em saltos qualitativos. Isso, literariamente, faz de mim um monstro e Brand me aponta com o dedo.

E, como epílogo, algumas semanas depois do lançamento do “bumerangue”, ele mesmo se permitiria emitir uma opinião sobre o Catatau, oferecendo algumas chaves de entendimento, como sempre de escritor para escritor:

O Catatau procura gerar a informação absoluta, de frase para frase, de palavra para palavra: o inesperado é sua norma máxima. A seqüência das frases de um texto coloca uma

lógica. Mas nessa busca da informação absoluta, sempre novidade, novidade sempre, por uma reversão de expectativa, ele produz a informação nula: a redundância. Se você sabe que só vem novidade, novidades vêm, e deixa de ser novidade. O Catatau é, ao mesmo tempo, o texto mais informativo e, por isso mesmo, o texto de maior redundância. Tese de base da Teoria da Informação. O Catatau não diz isso. Ele é exatamente isso.

Depois, divertia-se quando alguém conseguia superar o constrangimento e dizer: “Sinto muito, Leminski, mas este texto é ilegível.” Ele retrucava, confiando o bigode:

— Estas palavras falam mais de você do que do livro. Tenho acumulado elogios dos mais conceituados críticos literários do país. Assim, entre você e o Haroldo de Campos, eu fico com o Haroldo.

Com algumas peças de roupa e vários livros na mochila, Leminski e Alice embarcaram para São Paulo com a intenção de levar o Catatau pessoalmente para os amigos e mestres — e, é claro, aproveitar para deixar alguns exemplares nas redações dos jornais. Nestes dias, na chamada Paulicéia Desvairada, finalmente, eles conheceriam Risério e Régis Bonvicino, sendo que deste último eles tinham recebido pelo correio o livro de estréia, Bicho Papel, meses antes. O encontro aconteceu na casa de Augusto de Campos e, segundo Alice:

— Estavam o Régis e os dois irmãos Nepomuceno, o Guto e o Marcelo. Eles tinham em média 18 anos e nos foram apresentados como representantes da novíssima geração. Num certo sentido, a minha dificuldade de relacionamento com o Régis começou aí, quando ele comentou, em particular, que um dos irmãos não merecia atenção por ter tido meningite na infância. Achei muito estranha esta discriminação. Ele e o Paulo se tornariam amigos.

No dia seguinte, Leminski e Alice foram levados por Lygia e Augusto de Campos para um encontro com Antonio Risério, que estava hospedado com a mulher, Mônica, na casa de Pedro Tavares de Lima, em Vila Madalena (por acaso, na rua Purpurina, onde eles ficariam algumas vezes

no futuro). Surpreendentemente, dez minutos após as apresentações, Leminski se aproximou, deu um forte abraço em Risério, seguido de um inesperado golpe de judô e uma explicação:

— Não sejamos formais um com o outro...

Eles fumaram alguns baseados e beberam algumas cervejas naquela noite. Mônica e Alice se entenderam bem, enquanto os dois firmavam pactos de cumplicidade, principalmente tendo em vista a esquerda literária. Leminski dizia, brincando:

— Nós temos em comum o fato de que gostamos de bater pra tirar sangue do nariz.

Ele e Alice curtiram dias animados e produtivos em São Paulo. Na volta, aproveitaram para dar uma parada no Rio de Janeiro, onde havia um encontro marcado com Neiva e Ivan num cartório do centro. Eles iriam formalizar a ação de desquite — o que permitiria aos casais, num futuro imediato, legalizar suas situações jurídicas. Uma carta precatória emitida pela 1ª Vara de Família desfazia o casamento que os unira durante os últimos treze anos. Neiva voltaria a usar seu sobrenome de solteira, Maria de Souza. Menos de um mês depois, a 17 de fevereiro de 1976, o pequeno Kiko (na verdade, Paulo Leminski Neto), agora com 8 anos, surpreendentemente ganharia um novo registro civil, com o nome de Luciano da Costa, filho de Neiva e Ivan. Estava para sempre sepultada a identidade de Kiko, que jamais seria chamado assim novamente.

De volta a Curitiba, eles se defrontariam com a doença de Miguelzinho, que continuava misteriosa e perversa. Alice chegaria ao limite máximo de tolerância, decidindo entrar na fila do Hospital de Clínicas, onde conseguiria tratamento gratuito e especializado. Miguelzinho seria atendido pelo dr. Orival Costa, que após várias baterias de exames e uma investigação no passado clínico da família chegaria ao diagnóstico de artrite reumatóide, uma doença hereditária mas de tratamento possível. O médico teria encontrado sintomas idênticos no histórico clínico da avó Áurea. Diagnosticar a doença seria meio caminho andado para resolver o problema.

A cura de Miguel, portanto, acontece no exato momento em que a situação financeira do casal voltava a se complicar. As relações profissionais de Leminski com a P.A.Z. tinham se deteriorado nas últimas semanas, como uma consequência natural da vida paralela que ele levava como escritor. O Catatau ainda ocuparia a sua força de trabalho mais produtiva por diversos meses, com constantes viagens ao Rio, São Paulo e onde quer que fosse possível lançar e divulgar o livro. Enquanto isso, eles continuavam vivendo de trabalhos esporádicos — free-lancer — em redações de publicidade. Tinham agora mais duas agências para onde produzir: Múltipla e Exclam. Para o lugar dele, na P.A.Z., foi contratado o ex-aluno Ernani Buchmann:

— Não havia compatibilidade de horários entre Leminski e a agência. Eles me chamaram para cobrir uma ausência crônica dele. O Vítola estava morando no Rio e, com isso, o Leminski tinha perdido um pouco de sua imunidade. Os diretores diziam que não podiam contratá-lo, pois ele não existia como cidadão e continuava sem carteira de identidade.

A visita de Caetano e Gal foi o último acontecimento marcante na casa das Mercês. Houve um momento em que o edifício entrou em colapso físico, tornando-se inviável qualquer pretensão de se continuar vivendo nele. Um buraco de quase meio metro no assoalho, próximo à porta da cozinha, impedia o trânsito por aquela área, mas a madeira se mostrava podre em todos os aposentos. Eles decidiram ir embora e Alice passou a consultar os classificados dos jornais à procura de ofertas de imóveis. Em poucos dias o problema estava resolvido. A nova casa, também de madeira, com fogão a lenha e sótão, ficava num bairro tradicional da periferia, numa das mais antigas colônias de imigrantes poloneses da cidade.

CAPÍTULO 8

A CRUZ DO PILARZINHO

Assim que colocou o pé na nova casa pela primeira vez, Miguelzinho falou sem hesitar:

— Eu não quero morar aqui! Esta casa é mal-assombrada.

Houve um momento de perplexidade e silêncio entre eles. Só depois de respirar fundo Alice falaria calmamente sobre as vantagens de se viver naquele grande espaço, cada um com seu quarto e um sótão para todos. Era noite e ela argumentou que durante o dia certamente ele teria uma visão menos tenebrosa do lugar. O garoto tinha apenas 8 anos, mas ficou analisando tudo, por todos os ângulos. Andou pelo quintal, onde descobriu um poço de água e uma grande (para ele) árvore carregada de folhas, uma laranjeira. Alice ficou por perto mostrando o quintal amplo que — ela sugeria —deveria ser bem aproveitado. Tentou construir em palavras um futuro possível para a família naquele novo ninho.

Leminski foi para o sótão reconhecer o terreno onde os 1.000 exemplares do Catatau ficariam estocados até serem totalmente distribuídos. A casa, na rua Jorge Khoury Bhraim, 874, tinha quatro cômodos em baixo, além da cozinha equipada com dois fogões, sendo um a lenha. No escritório, o quadro-negro estava de volta à parede com as habituais anotações em giz. Na sala, um velho baú de madeira e várias almofadas espalhadas acomodavam os visitantes. Cadeiras apenas na mesa da cozinha.

Logo nos primeiros dias, Alice e Miguel se impuseram a tarefa de construir uma pequena horta no jardim ao lado da casa — e assim foi feito. Salsa, cebolinha e algumas verduras foram as primeiras mudas que vingaram. Em pouco tempo eles passaram a colher os temperos com as próprias mãos. E sentiam prazer nisso. Num certo sentido, tudo voltava a ser poesia para eles. Inclusive para Miguel, que fazia seus primeiros poemas projetados para compor um livro sobre os bichos, sua grande paixão. Ele adorava

tigres, ursos, águias, animais selvagens. Também gostava de escaravelhos, besouros; onde eles estivessem, embaixo dos postes de luz ou na porta da cozinha, Miguelzinho estava por perto, investigando. Ele mesmo, se ícone fosse, poderia ser considerado um passarinho frágil e sensível.

O bairro do Pilarzinho é um dos mais antigos de Curitiba e sua história remonta ao final do século XVIII. Seus primeiros habitantes foram os colonizadores portugueses, seguidos de imigrantes alemães e poloneses, que se estabeleceram na região a partir de 1858. O nome se refere à Capela de Nossa Senhora do Pilar, uma das mais antigas da cidade, construída em 1782. Diz a lenda — ou a História, como se queira — que a chegada dos poloneses foi saudada com gritaria e protestos contra os indesejados “arruaceiros e vagabundos”. Na verdade, sabe-se que estas eram ameaças dos colonos alemães, fornecedores de produtos granjeiros, lenha e verduras aos moradores de Curitiba. Em 1872, acusam os registros históricos, havia 150 pessoas vivendo no Pilarzinho, “em 30 lotes divididos em 5 hectares cada lote”. Por ali, na virada do século, se estabeleceram os Prudlik, Grzybowski e Kowalski. E, agora, em meados de 1976, os Leminski, frutos da mesma árvore.

A repercussão da publicação do *Catatau* e a visita-surpresa de Caetano Veloso representariam para Paulo Leminski um acúmulo de energia nesta virada de página. Energia que se faria acompanhar de uma certa notoriedade, agora também em escala nacional. (É bom que se diga que este processo, em nível local, demorou pelo menos três anos, tempo exigido para se consolidar a lenda de que “Caetano apareceu sem avisar na casa do Leminski”.) O poeta continuava adotando um layout maldito e armazenando idéias radicais na cabeça, como um samurai das letras. Acentuavam-se-lhes, nesta época, as contradições: era erudito e popular, arrogante e humilde, carinhoso e mordaz, trabalhador e preguiçoso, preto e branco. Tinha os dentes mais estragados, mas isto não importava, pois planejava mergulhar numa grande safra de produção poética para criar um volume capaz de ser chamado de livro; seria a primeira reunião de suas poesias. Alice já armazenava também uma significativa safra de poemas, que vinham sendo publicados eventualmente em suplementos culturais ou revistas de literatura.

Na cidade, ainda sob os efeitos da onda lisérgica, Leminski desfrutava, mais do que nunca, da fama de um sujeito socialmente imprevisível, identificado pelo establishment como, no mínimo, inconveniente. Nada nele era politicamente correto; muito pelo contrário. Um freqüentador assíduo da Boca Maldita, integrante da turma “do lado de lá”, o jornalista Carlos Alberto Pessoa, ou simplesmente Nêgo, reconhece que havia uma forte discriminação contra Leminski nesta época:

— Faziam piadinhas maliciosas, quadrinhas com rimas chulas e outros comentários desairosos. Podia até haver o estigma de drogado, de desleixado, de sujeito que não gostava de tomar banho, mas o que o pessoal não perdoava mesmo era a inteligência e o talento dele. Isso era imperdoável.

Os órgãos oficiais da área de cultura, de olho no padrão acadêmico da classe média curitibana, não lhe davam a mínima atenção. Tratavam-no com distanciamento. Como também é possível que poucos executivos na área cultural tivessem capacidade (ele diria “instrumental”) para identificar o universo de suas preferências intelectuais. Em seu cardápio literário e musical, não havia oferta de quantidade — e muito menos a abordagem de temas de caráter “abrangente e popular”, bem ao gosto das secretarias de cultura. Seus produtos — mesmo enquanto idéias — traziam a marca registrada do novo, em detrimento do belo. O setor de editoração da Fundação Cultural de Curitiba, entidade criada por Lerner e responsável por vários títulos “nobiliárquicos” para autores locais, levaria mais de quinze anos até publicar um trabalho de Paulo Leminski. Ele nunca seria convidado (curiosamente, por Aramis Millarch, agora mais cauteloso, cuidando dos interesses do Estado) para fazer parte do catálogo de autores, onde estavam nomes como Jamil Snege, Manoel Carlos Karam, Valêncio Xavier e outros menos conhecidos. E, se convidado fosse, certamente não aceitaria, pois estava em sua fase mais radical:

— Curitiba é uma cidade de caretas. Jamais vou virar estátua aqui porque tenho uma bagana no bolso. A minha missão é outra. E o “missionário” passou a “despachar” do casarão da Cruz do Pilarzinho, levando romarias de pessoas excêntricas ao bairro durante mais de uma década — naqueles que seriam seus anos mais produtivos. Caravanas se formavam

espontaneamente para conhecer “o tal Leminski, um sujeito fascinante e de posições extremas”. Vinham de todos os cantos da cidade e do Brasil. Ele curtia:

— Os meninos ficam fumando dentro dos carros e alguém tem a idéia: “Vamos visitar o Leminski?” Aparecem aqui em bandos. Fazem perguntas que um aluno deveria fazer ao professor na sala de aula. Fumamos um, falamos sobre tudo, tocamos violão e eles vão embora produzir alguma coisa, porque, eu digo sempre: sem produção não há salvação.

Esta talvez seja a principal virtude de Leminski no relacionamento com os jovens: ele os fazia produzir. Todos — com exceção do irmão Pedro, é claro! — saíam de uma conversa com ele acreditando na capacidade de transformar o exercício intelectual e criativo numa categoria de trabalho, com direito a mão-de-obra, proventos, férias, 13º salário etc... Propunha transformar em realidade o sonho romântico de uma geração voltada para a criação: viver de literatura, arte ou até mesmo de jornalismo (que agora deixava de ser uma atividade para advogados de carreira). Este era o sonho. Para ele, qualquer um que tivesse sérias pretensões intelectuais na vida deveria trabalhar duro para ser mais do que um profissional competente: um profissional brilhante. Este era o caminho para a verdadeira liberdade, a liberdade de criar. Adotando um certo tom de soberba, sugeria a adoção de um “espírito olímpico” de disputa que beirasse o confronto “só pra animar a festa”. Era competitivo mas mantinha um forte espírito de equipe, tornando a causa sempre coletiva e distribuindo faíscas de otimismo e autoestima (mais do que estima, crença) entre todos que o cercavam. Descobria com facilidade o que o “outro” tinha de melhor e, com satisfação e cumplicidade, fazia a revelação:

— Ivo, com certeza você é um dos melhores gogós do Brasil. Cantando de calça jeans, camiseta e tênis, sem nenhuma fantasia. O rock é básico.

Ou, então:

— Soldinha, você está no mesmo nível ou acima dos caras do Pasquim. O que você tem se chama talento!

Nestas horas, como parte da estratégia, gostava de reafirmar a necessidade de estudos e especialização:

— A receita é de Pound, mas serve até mesmo para quem escreve horóscopo em jornal: vamos beber das fontes originais e dispensar as diluições. Depois de conhecer os clássicos fica fácil identificar os diluidores.

Falava sempre na célebre equação “quanto maior o repertório, menor o auditório”. Tinha um discurso para subverter esta ordem:

— Temos que fazer John Cage e Joyce chegar às massas. Elas também precisam desses conceitos para viver melhor. Não traz a felicidade, mas ajuda a entender o mundo. Daqui a algum tempo alguém vai programar Cage como música de elevador. Isto é evolução.

Os garotos ouviam e percebiam que muito de suas “pregações” faziam sentido. Ao lado de algumas contradições explícitas — outras ele expunha involuntariamente —, havia também uma grande e fundamental coerência: sua própria vida era o exemplo concreto de que sonhar era possível. Lutava bravamente para viver de poesia. Era um ser profundamente ideológico. Não planejava comprar um apartamento na praia, o carro do ano ou estabelecer convênio com o BNH para adquirir a casa própria — mas sim “brincar” com coisas sérias e aprender com as novas tendências da arte.

A casa da Cruz do Pilarzinho seria muito freqüentada a partir da segunda metade dos anos 70. Leminski costumava se referir ao fenômeno como uma particularidade de Curitiba, uma cidade culturalmente dividida em “guruatos”, espaços administrados por gurus. Assim, ele identificava “o guruato do Oraci Gemba, no teatro; o guruato do Karam, também no teatro. O guruato do Sylvio Back, com a turma do cinema. Temos ainda o guruato da Boca Maldita, uma região cheia de profetas”. E se autodefinia:

— Eu fico com os marginais. Fui empossado Ministro-Sem-Pasta da Marginália.

Quando era levado a acumular o cargo de embaixador da cultura local, Leminski gostava de levar os amigos “de fora” ao Templo das Sete Musas, onde Dario Vellozo, o simbolista, construía um altar de adoração à cultura helênica, uma espécie de maçonaria do conhecimento filosófico. Era o Instituto Neo-pitagórico, onde o centro de toda as atenções, como o próprio nome diz, era Pitágoras. O templo obedecia a uma arquitetura clássica, réplica dos edifícios gregos, mantendo a mística das colunas

monumentais. Um dos que foram levados por ele ao templo é Décio Pignatari:

— Era uma coisa estranha, onde havia um altar e um vaso com terra retirada do túmulo de Pitágoras. O Leminski adorava este fanatismo.

Um dia, surgiu na Cruz do Pilarzinho um jovem motoqueiro pilotando uma 250 de escapamento aberto. Tinha uma cicatriz no rosto e era bastante selvagem nos gestos. Não trazia uma missão específica, queria apenas bater papo e conversar sobre generalidades. O rapaz se apresentou como sendo Fernando Blim. Leminski achou curioso: Blim?

— É o barulho das “garrafinhas” (ampolas) no meu bolso; quando eu ando elas fazem blim, blim...

Leminski percebeu que tinha encontrado uma onomatopéia viva para brincar nos próximos dias e dedicou alguma atenção ao rapaz, um aspirante ao mundo das letras e da criatividade. Estabeleceu como premissa universal que “poeta é quem se considera”. Eles conversaram e tomaram algumas cervejas. Falaram de suas paixões pelos grafites agressivos, pelas gangues da madrugada, spray na mão, tudo pela poesia espontânea: Celacanto provoca maremoto; Lerfa mu.

Dias depois, o motoqueiro voltou à Cruz do Pilarzinho para mostrar aquele que seria o seu primeiro poema, sua primeira produção literária, submetendo-a aos rigores do “professor”. Leminski olharia o texto com atenção mas não identificaria a natureza das palavras, dispostas em coluna como uma poesia concreta. Ele reconhecia vagamente algumas grafias. Seria no idioma húngaro, a língua magiar? Não. Blim explicou:

— São as drogas que eu já tomei: dexamil, desbutal, themiram, abulimim, mandrix...

Outra vez, um grupo de adolescentes apareceu procurando um nome para a banda que estavam criando. Os ensaios musicais já haviam começado mas faltava um distintivo, um slogan que pudesse soar forte e que tivesse o apelo da “sacação”. Eram duas meninas e dois rapazes na faixa dos 17 anos, bonitinhos e rebeldes, fazendo uma música tosca e rudimentar intelectualmente. Eles chegaram sacando um baseado de meio metro, um

presente para o poeta, cantaram alguma coisa no violão, mas, no final, depois de duas ou três canções, não chegaram a um acordo. Os garotos receberam com reservas a sugestão de Leminski:

— Fratura Exposta — repetia ele, com um sorriso malicioso.

Em junho de 1976, um novo encontro com Caetano Veloso, durante a passagem da trupe Doces Bárbaros por Curitiba. Desta vez, Leminski conheceria Gilberto Gil e Maria Bethânia — que, como Gal Costa, fazia parte de um universo menos intelectual, pouco se interessando pelas conversas. Gil apareceu uma noite na Cruz do Pilarzinho, com o percussionista Djalma Corrêa e o guitarrista Perinho Santana. Foi o primeiro encontro entre eles. Leminski, sentado no chão da sala, passou a mão no violão e pôs-se a tocar, cantando músicas como quem diz poemas, ao estilo Bob Dylan — ou algo ainda mais tosco. Gil também tocava um pouco e, a certa altura, improvisaria um “toque” ao novo amigo:

— Pare de beber, pare de beber

pare de beber, rapaz...

Leminski baixou a cabeça, acusando o golpe, mas reagiu imediatamente, pedindo o violão emprestado para improvisar sobre a mesma batida:

— Pare de parar... pare de parar

pare de parar, rapaz...

Eles não falaram abertamente, mas ficou claro que Gil tinha informações de que o álcool estava marcando presença em excesso na vida do poeta. A despeito disso, eles passaram a noite bebendo e dando “uns tapas” nuns baseados, enquanto a conversa girava fácil pelos trezentos e sessenta graus do sumário.

Nos dias seguintes, enquanto o espetáculo Doces Bárbaros permanecia em cartaz na cidade, eles se encontrariam nos lugares mais inusitados. Houve uma conversa com Caetano Veloso numa mercearia de secos e molhados, ao lado do Teatro Guaíra, quando falaram sobre Hélio Oiticica e Torquato

Neto. Alice fazia parte do grupo — e o autor desta biografia registraria em fotos este momento:

Leminski aparece de sobretudo escuro e Caetano tomando uma Coca-Cola com seu casaco estilo London London. Ao longo da conversa, eles trocaram idéias sobre tropicalismo, Pagu e o filme Doces Bárbaros, que o cineasta Jom Tob Azulay tinha acabado de rodar. (Depois, Leminski repetiria algumas vezes, em circunstâncias adequadas, a frase “Boa noite, Oswaldo!”, com a qual Caetano encerrava sua participação no filme tropicalista.)

7 de julho de 1976. A turnê Doces Bárbaros é interrompida e os músicos Gilberto Gil e Chiquinho Azevedo são presos por porte de maconha, em Florianópolis. Existem fortes indícios de que seria uma maconha adquirida num hotel, em Curitiba, por um outro músico da banda, dois dias antes. O fato é que o episódio trouxe sérias conseqüências para a vida de muita gente. Durante o período na prisão, Gil aproveitaria para compor temas sobre a indesejada experiência (a música “Gaivota”, por exemplo, tem como cenário o caminho para a praia de Canavieiras, paisagem de uma das janelas do presídio) e assumir intelectualmente o chamado “delito”, repudiando a hipocrisia e provocando uma discussão nacional sobre o assunto. O pai do músico, o médico José Gil Moreira da Silva, apareceria nos jornais para garantir que o filho não era marginal, trabalhava honestamente e podia ser considerado muito responsável. Chegou a publicar um pequeno livro médico sobre o tema *Canabis sativa*.

Na casa dos Leminski, onde sempre se fumou diante das crianças, o assunto foi muito discutido, ainda que involuntariamente. Eles disseram para os filhos que aquilo [marijuana] não lhes fazia mal, desde que ninguém soubesse que fumavam, caso contrário também poderiam ser presos. Agora, a conversa tinha sido provocada pela tia de Alice, que chegou com os olhos arregalados, alardeando: “Aquele amigo de vocês, o músico, é um drogado e está preso em Florianópolis.” Alice argumentou com convicção dizendo que devia haver algum engano, pois era público e notório que Gil sustentava a família, ganhava muito dinheiro e tinha energia suficiente para fazer grandes espetáculos no palco. Houve um silêncio eloqüente entre elas. Em nenhum momento da conversa Alice

tentou negar, dizendo que Gil não fumava ou algo assim — até porque ele mesmo tinha sustentado o contrário:

— Eu não tive coragem de assumir para não magoá-la. Tínhamos um pacto, eu e o Paulo, de nunca fumar na frente de nossas mães. E assim fizemos a vida inteira.

Dias depois, Leminski criaria um poema que chamaria de “Riso para Gil”:

teu riso

reflete no teu canto

rima rica

raio de sol

em dente de ouro

everything is gonna be allright

teu riso

diz sim

teu riso

satisfaz

enquanto o sol

que imita teu riso

não sai

Sabe-se que como consequência do infortúnio da prisão, Gilberto Gil se aproximaria espiritualmente do pensamento oriental, ligando-se à teosofia e mantendo um novo hábito alimentar através da macrobiótica. Era o que se chamava de “evolução espiritual ou mística”. Leminski, é claro,

acompanharia este processo com vivo interesse, acreditando mesmo que “agora tudo começa a fazer sentido”.

Não se pode afirmar que ele tenha tido uma visão premonitória do que aconteceria exatamente nove dias depois, quando os jornais curitibanos amanheceram com uma notícia espetacular na primeira página. A Tribuna do Paraná chegou a decorar a manchete com tintas vermelhas, para anunciar em letras garrafais:

Baianos lançaram nova moda?

TAMBÉM AQUI,

CANTOR É PRESO

COM MACONHA

No centro da página, uma grande foto mostrava o guitarrista Ivo atrás das grades, com os cabelos caindo pelos ombros. Era uma foto de arquivo onde, desafortunadamente, ele aparecia atrás de grades cenográficas. Ivo tinha sido preso por agentes da Delegacia de Entorpecentes no momento que entrava num edifício no centro da cidade. A notícia continuava: “O artista do conjunto A Chave foi denunciado por um garoto que notou quando ele deixou cair um pequeno pacote de plástico contendo a ‘erva’ e avisou a polícia.” Ivo conseguiria se livrar do chamado “flagrante delito” mas seria indiciado em inquérito policial, o que representaria, no somatório dos acontecimentos, o máximo em baixo astral para os próximos dias. “Sujou”, ele mandou avisar.

Curiosamente, estes dois dramáticos acontecimentos transformados em notícias policiais viriam contribuir para solidificar a estética contracultural do grupo. Havia algo de patético em se querer rotular o cabeludo Ivo de criminoso ou delinqüente; logo ele, um sujeito reconhecidamente pacífico e ingênuo. (Dizem que certa vez tentou entrar no cinema com a namorada, mas sem os bilhetes. Quando o porteiro pediu os ingressos, ele explicou que “já tinha superado isso” e continuou andando...) De qualquer forma, o

trauma estava deflagrado. Era necessário agora dar um tempo nas coisas. Em novembro, os Leminski aceitariam o convite para a festa de aniversário de Moreno Veloso, filho de Caetano e Dedé, que fazia quatro anos. Depois de reunir algumas economias, eles embarcaram num ônibus da Penha e seguiram para o Rio de Janeiro.

Ficaram hospedados na casa do poeta Duda Machado, na época casado com Suzana de Moraes — ela, por sua vez, filha de outro poeta, Vinicius. Na festa, Leminski conheceria Moraes Moreira e reencontraria Risério e Jorge Mautner. Eles passaram horas conversando, sentados no chão da sala, ouvindo Caetano cantar uma música que estava terminando de criar. Depois do último acorde, Caetano comentou que algumas vezes encontrava dificuldade para dar nome às canções. Leminski observou que, em caso de dúvida, costumava “puxar” as duas primeiras palavras do poema, adaptando-as como um título. Caetano murmurou: “Um Índio”? A música foi gravada com este nome por Maria Bethânia no LP *Doces Bárbaros*, em 1976, e pelo próprio Caetano no álbum *Bicho*, no ano seguinte.

Ao contrário do que aconteceria no futuro, quando selariam uma forte e fecunda parceria, Leminski e Moraes Moreira quase não conversaram esta noite. De fato, este primeiro encontro não passou das apresentações. Mesmo assim, quando o casal voltava a Curitiba, cinco dias depois, sentia-se com as esperanças e os ânimos renovados. Afinal, tinham se aproximado um pouco mais dos ídolos e das pessoas pelas quais sempre manifestaram especial carinho e admiração.

No final do inverno, os Leminski conheceriam um jovem e dinâmico empresário, Luiz Henrique Garcez de Oliveira Mello — o Gordo Mello — com o qual trabalhariam no desenvolvimento de pelo menos dois projetos literários. Gordo Mello, sujeito com ares de poderoso, reconhecidamente rico e folgazão, era uma figura folclórica em Curitiba. Diz a lenda — ou a história, nunca se sabe — que certa noite ele criou o seguinte constrangimento no Teatro Paiol, durante uma apresentação do conjunto MPB4: sacou uma latinha de cerveja do bolso, dessas com arroz dentro, e passou a acompanhar o grupo, fazendo o que chamava de “percussão”.

Quando um dos músicos protestou, pedindo clemência, ele ponderou, compenetrado:

— Não, bicho, pode tocar aí que eu garanto aqui.

Com planos de se lançar no ramo editorial e posteriormente na política, Gordo Mello decidiu fundar a Editora Etecetera — e escolheu como trabalho de estréia a edição de um livro de Leminski, o poeta da terra. Logo na primeira conversa entre eles, surgiria a idéia de uma edição misturando fotos e textos. O projeto visava a aproveitar os flagrantes da cidade que o veterano fotógrafo Jack Pires vinha coletando há mais de um ano. Leminski conhecia as fotos e via poesia nelas. Jack era paulista e durante os anos 50 e 60 trabalhara nas grandes revistas nacionais. Era um especialista em imagens do cotidiano, fotos de gente do povo. Agora, em fim de carreira mas ainda produtivo, era espezinhado pelos “artistas” da cidade que iriam apelidá-lo de Jack, o Ex-trepador. Ele não se aborrecia, apenas pedia “juízo” aos “meninos” com quem trabalhava agora, no mesmo sobrado onde Retamozo mantinha seu estúdio de arte. Jack fazia parte da turma.

Foi assim que certa vez ele apareceu na Cruz do Pilarzinho com dezenas de fotos 18 x 24, que seriam espalhadas pelo chão para permitir uma visão global do material. Leminski buscou uma pasta de poemas no escritório e, junto com Alice, passaria horas selecionando os textos que se identificavam melhor com as fotos. No final estava concebida a caixa “Quarenta Clics em Curitiba”, reunindo quarenta fotos e quarenta poemas. Leminski escreveria no prefácio:

Jack Pires me convidou para sua festa e nessa festa havia pipoqueiros, menores abandonados, gente do êxodo rural jogada pelas praças pensando no destino, vagabundos, mendigos, biscateiros. Uma Curitiba popular, cotidiana, cômica, dramática, trágica.

“Fotografia” quer dizer “escrever com a luz”. Fotos. Grafeim. É o que Pires faz. Um poeta que escreve com a luz. Logo vi.

Aproximamos fotos e poemas como ideogramas japoneses. Entre foto e poema — a faísca de uma nova poesia.

Nenhum texto foi escrito para uma foto. Foi buscada a relação/contradição texto/foto. Os poemas estavam prontos já. E deu certo.

Esperamos Pires e eu, que tenha dado certo.

Uma das fotos mostrava uma mulher comum, do povo, dormindo sentada num banco de praça, com ares de tranqüilidade.

O poema escolhido como referência:

Depois de hoje
a vida não vai mais ser a mesma
a menos que eu insista em me enganar
aliás
depois de ontem
também foi assim
anteontem
antes
amanhã

O lançamento de Quarenta clics em Curitiba, no dia 23 de dezembro, na Livraria Ghignone, seria marcado pela confusão. As capas, onde as folhas soltas — mais de 40 — deveriam vir encartadas, não ficaram prontas a tempo, provocando uma correria no quartel-general de Gordo Mello. Um funcionário fora encarregado, de forma desesperada, de conseguir pelo menos 50 caixas na gráfica, para quebrar um galho. Ele voltou com algumas dezenas de caixas, que acabaram rapidamente na fila dos autógrafos — e a solução foi se desculpar, garantindo que os compradores as receberiam em casa, ou, se preferissem, poderiam retirá-las durante a semana na própria livraria. Quem comprou, levava as folhas soltas na mão.

Leminski e Jack escolhiam as cartelas para fazer a dedicatória de acordo com cada leitor/amigo. Assim, por exemplo, Leminski separou uma foto onde havia uma criança e um longo caminho de jardim ao fundo, como background, para escrever com caneta vermelha: “Para Martins, amigo velho e irmão, admiração e carinho do Leminski”.

Jack Pires escolheu a foto de dois garotos sentados por trás de um monte de jornais — na Casa do Pequeno Jornaleiro — aproveitando a poesia de Leminski para dizer: “Martins, só mesmo um velho para descobrir detrás de uma pedra toda a primavera”.

Apesar das aporrinhações e contratempos da noite, eles se divertiram tomando uns drinques com os amigos e reforçando o folclore do momento, criado pela inusitada união de Paulo Leminski com Jack Pires e Gordo Mello. Uma espécie de geléia geral curitibana.

Semanas mais tarde, já refeitos da ressaca, os Leminski foram surpreendidos por uma visita matinal de Gordo Mello, que chegou na hora do café para comunicar a uma família ainda sonolenta:

— Meninos, estou alugando uma casa perto daqui. Vim avisá-los que vamos ser vizinhos.

Alice recorda que todos colocaram as mãos na cabeça, inclusive o Miguelzinho, que exclamou:

— Não!!!

Leminski teria dito:

— Mello, pense bem...

No final de 1976, finalmente, Miguelzinho estava curado dos problemas nas articulações. O casal continuava vivendo de trabalhos ocasionais para agências de publicidade — o que possibilitava levar uma vida sem nenhuma ostentação mas também sem muitas dificuldades. Eles tinham criado uma espécie de agência própria de produção de texto, trabalhando em casa para vários clientes.

Leminski costumava contabilizar:

— Além das biritas, nossos consumos são modestos: um ou dois discos por mês, um show por quinzena e um livro por semana. Temos conseguido manter o padrão.

O item sagrado das despesas era a escola das crianças. Certa vez, quando havia pouco dinheiro e duas contas para pagar — a luz e o colégio —, eles decidiram ficar no escuro por alguns dias. Até porque, nesta época, mesmo os momentos ruins eram bons.

No início do inverno — como um antídoto para — o poeta baiano Waly Salomão, que ouvira falar de Leminski e do Catatau através de Augusto de Campos e Caetano Veloso, de quem era amigo e parceiro, chegava de mansinho na cidade. Waly, que na época se assinava Sailormoon ou Sailorsun, o marinheiro da lua ou do sol, era parceiro de Jards Macalé na música que representava o hino da contracultura: o clássico “Vapor barato”, na interpretação memorável de Gal Costa no disco *A todo vapor*, de 1971. Agora, depois de uma temporada em Nova York, Waly estava desenvolvendo o projeto *Babilaques*, feito de anotações, poesias informais e textos-sacadas — e surgiu em Curitiba atraído pela “pedra magneto da poesia”, como ele mesmo definiu, repetindo Haroldo de Campos:

— Eu fui a Curitiba com o único fito de conhecer Paulo Leminski. Ele chamou minha atenção, a partir da revista *Invenção*, por ser um erudito e um louco ao mesmo tempo, um heterodoxo, fazendo um trabalho que me interessava muito. Eu gostava da idéia de atravessar o paideuma da poesia concreta, se abeberar dela e sair pelo outro lado com uma proposta pessoal. Ninguém trabalhava como ele, nesta linha. De um modo geral, outros poetas — como o Cacaso — rejeitavam absolutamente a poesia concreta. Eu achava esta posição ignorante. Então resolvi fazer a ponte Norte-Sul. Ele não tinha telefone e eu guardava na memória dois nomes que deveria procurar em Curitiba: o fotógrafo Júlio Covello e o jornalista Toninho Martins Vaz.

O Waly me encontraria através do Júlio, que ele conhecera no Rio durante os anos do desespero. Eu estava em Curitiba fazendo um jornal alternativo chamado Scaps, em parceria com Retamoço, enquanto tomava fôlego para uma volta estratégica para a Guanabara — antes, porém, tinha que cuidar da saúde, temporariamente abalada pelos excessos.

Quando nos encontramos no hotel, Waly preferiu fazer o trajeto até a casa do Paulo num ônibus, para conhecer melhor a cidade e poder voltar nos dias seguintes. Ele planejava ficar em Curitiba “até esgotar o assunto”:

— O Leminski era um grande apreciador de Cannabis sativa. Fazíamos verdadeiras toras, algo parecido com uma flauta doce, com se diz na Mangueira, com a qual embalávamos horas e horas de conversa. Entre uma baforada e outra, ele sempre tentava me aplicar um golpe de judô, o que deixava tudo muito elétrico. A conversa era concentrada e ao mesmo tempo dispersa, pela própria natureza da Cannabis.

Nesta época, todo o trabalho que produzíamos era publicado no caderno de cultura do Diário do Paraná, o chamado “Anexo”, onde Retamozo, o único verdadeiramente contratado, agitava as massas. O jornal estava deixando de ser uma empresa dos Diários Associados e passava por uma fase de transição, o que favorecia a apropriação quase clandestina de suas páginas. E nós o fazíamos com a intenção de contra-atacar o silêncio dominante. Waly trazia também na mochila vários exemplares de Folias brejeiras, de José Simão, uma pequena antologia hedonista sobre as grandes vedetes brasileiras, de Luz Del Fuego a Virgínia Lane. Fizemos uma edição com direito a capa de caderno: o Paulo editou as Babilagues e eu as Folias Brejeiras. O trabalho foi realizado com bastante agilidade, de maneira que Waly ainda estava na cidade quando o jornal circulou com a edição especial.

Para Waly, este encontro representou a superação de muitas barreiras ameaçadoras, inclusive a geográfica. Havia algo de científico nesta alquimia, definida por ele como explosiva:

— O Leminski era uma pessoa nada convencional, cheia de vitalidade, um agitador no mais alto significado do termo. Não engolia um papo médio, queria o melhor, nada de “sopa rala”. Ele sempre me pareceu uma cunha, um divisor de águas na poesia brasileira, reunindo o marginal e o erudito como ninguém.

Passamos uma tarde andando pela cidade praticamente sem destino, vagando entre um bar e outro. O Waly dizia: “Esta é a melhor maneira de se conhecer um lugar.” Foi quando fizemos a foto registrando o trio — com

Waly de braços abertos sob a Cruz do Pilarzinho — momentos antes de entrarmos num ônibus. Estava frio e soprava um vento gelado, apesar do céu profundamente azul. Uma tarde tipicamente curitibana. Em seguida, fomos ao Bife Sujo tomar cerveja; Waly, como um bom árabe, se escandalizaria com o quibe frito recheado com ovo cozido que lhe seria oferecido. Apesar disso, a tarde transcorreu alegre para todos. O Paulo era, na mesa do botequim, o apresentador oficial do folclore da cidade. E assim seria por muitos anos.

No início de 1977, cansada de guerra e acometida por uma forte crise de depressão, dona Áurea era motivo de preocupação para todos, com sinais visíveis de apatia e inanição. Ela simplesmente parou de comer. Prostrada numa cama, mantinha-se sob os cuidados das cinco irmãs na antiga casa dos Pereira Mendes, na rua Duque de Caxias. Como consequência imediata, uma nova crise se instalou entre os irmãos. Tal como havia acontecido anteriormente, Paulo costumava rechaçar com muita energia as atitudes intempestivas de Pedro. Agora, o irmão mais velho exigia toda atenção e cuidados com dona Áurea, que não podia ter aborrecimentos “em hipótese alguma”. O grande problema com Pedro, na maioria das vezes, eram as dívidas financeiras que ele assumia e não conseguia pagar. Como se diz na gíria, era um joguete fácil na mão dos agiotas. Ele e a mãe viviam com o dinheiro da pensão deixada pelo pai, que se mostrava insuficiente para cobrir todos os gastos. Em meio às tórridas discussões, Leminski reafirmava a necessidade de Pedro arrumar um emprego urgentemente: “Afiml, você já tem 30 anos, brother?”

Na primeira semana de maio fizemos uma viagem a São Paulo, Paulo e eu, onde ele programara visitar Augusto de Campos e fazer contatos com seus amigos poetas. Embarcamos num ônibus noturno da Penha levando duas garrafinhas de Coca-cola misturadas com cachaça — o popular “samba” — que foram reabastecidas no caminho. Passamos a noite bebendo e conversando com empolgação, as always. Devo dizer que, para desespero dos outros passageiros, o Paulo liberava enormes bolas de fumaça do cigarro, enquanto gesticulava nervosamente, tirando e colocando os óculos de aros escuros. Como um reflexo total de imprudência, dormimos dez minutos antes de chegar em São Paulo e descemos quadrados na rodoviária.

Durante os três dias previstos de agitação na Desvairada, ficaríamos hospedados no apartamento de Risério e Mônica, no bairro de Perdizes. Risério acabara de escrever os fascículos sobre Caetano e Gil da série MPB, publicada pela Editora Abril, e estava em contato direto com os músicos, o que garantia uma boa fonte de informação. E informação era tudo que buscávamos.

O apartamento era uma espécie de república poética da nova geração, ponto de encontro para Régis Bonvicino, Walter Silveira, Lenora de Barros, Ornar Khouri, Jorge Caldeira e muitos outros, que recebiam as visitas ocasionais dos “professores” Augusto, Julio Plaza, Décio Pignatari e Zé Agripino.

Havia alguma expectativa neste grupo em torno da visita e do trabalho de Paulo Leminski. Augusto, que estava lançando REDUCHAMP, em parceria com Julio Plaza (ensaio sobre Marcel Duchamp), nos avisaria que no dia seguinte, um sábado, teríamos um almoço na casa dele, onde deveriam aparecer Regina Vater e Sebastião Uchôa Leite, que manifestaram o desejo de conhecer Leminski. No dia e na hora marcados lá estávamos, tocando a campainha no apartamento de Augusto, que já fazia sala para o irmão Haroldo e o professor Pignatari. Sem tergiversar um minuto, o Paulo pediu algo para beber e sentou-se no chão, acomodando-se no tapete. Bebeu com grande sofreguidão e nenhum comedimento, apesar dos olhares de preocupação de Augusto. Ele suportou cerca de meia hora de conversa animada, mas logo cansou e acabou dormindo, ressonando como um grande urso. Os convidados chegaram e ele continuaria dormindo. As reações diante daquele corpo inerte, no meio da sala, foram diferentes. Regina Vater não lamentou muito. Ela apenas sorriu e comentou:

— Faz sentido. Foi como me disseram que ele era.

O poeta Sebastião Uchôa, um pouco impaciente, chegou a sugerir a remoção do corpo para um dos quartos, já que estava atrapalhando o trânsito em frente das poltronas. Augusto, no papel de anjo da guarda, interferiu:

— Vamos deixar ele dormir... Eles viajaram a noite inteira.

Eu confirmei:

— *Sim, estamos muito cansados, isso é verdade...*

O Paulo acordaria horas depois, quando as visitas já tinham ido embora, pedindo “urgentemente” uma cerveja bem gelada. Nestas temporadas em São Paulo, ele observava prioridade absoluta para os contatos dito “profissionais” com seus mestres. Tinha perguntas a fazer, inquietações para deflagrar e descobertas a anunciar. O mais influente era Augusto de Campos, embora todos tivessem sua parcela de responsabilidade em seu projeto intelectual. Risério lembra que o ritual era quase sagrado. Na hora de sair para encontrar Décio Pignatari, por exemplo, ele dizia em tom de brincadeira:

— *Então, Risério, tudo pronto! Vamos lá tirar sangue do velhinho?...*

Houve uma conversa, entre ele e Risério, ambos sentados no chão do apartamento, minutos antes da nossa despedida, que entraria para o anedotário de sua vida. Um tanto quanto intrigado, Risério perguntou:

— *Percebo por suas preferências de leitura que Freud não tem nenhuma importância, nem mesmo como linguagem. Como pode alguém no mundo moderno dispensar Freud?*

A pergunta foi uma surpresa. Bem ao seu estilo, Paulo ergueu lentamente a cabeça, ajeitando os óculos e a sobancelha, deu uma baforada no cigarro e reagiu com precisão:

— *Acontece que eu não tenho psiquê. Eu sou a Besta das Araucárias. Não me faz a menor falta o universo freudiano. Até mesmo porque tudo está na mitologia grega.*

Logo depois estávamos na rodoviária, voltando para Curitiba com um grande volume de livros e revistas embaixo do braço.

Nesta época, Leminski revelaria seus planos de viver apenas de jornalismo, trabalhando em casa, e — o que era o grande desafio — mantendo-se dentro da mesma faixa de produtividade, com o rigor de horários e tudo. Tal iniciativa pode ser encarada, neste momento, como uma armadilha para urso, na medida em que a nova rotina o deixaria mais próximo da vodca e longe dos olhares vigilantes dos chefes de redação. Alice, por sua vez, aceitaria um convite para fazer parte de uma equipe de propaganda e,

ao se afastar de casa durante as tardes, deixaria a cena armada para a elaboração de um crime.

Os tempos tumultuados teriam imediatas conseqüências na vida doméstica do poeta. Os excessos com o álcool afetariam visivelmente seu equilíbrio emocional. Certa vez, ao tentar acordá-lo durante um pesadelo, Alice foi atacada no pescoço e quase agredida. Ele urrava e vociferava palavrões mas continuava dormindo, em transe. Quando finalmente acordou, não fazia a menor idéia do que tinha acontecido. Seu estado de irritabilidade o deixava por vezes em alta voltagem, como um vulcão prestes a explodir. Foi o que aconteceu em Florianópolis, durante um evento de literatura onde estavam também Décio Pignatari e o escritor Domingos Pellegrini, um representante da chamada “poesia engajada” e, portanto, seu adversário em potencial.

Depois de tomar alguns drinques, Leminski dormiu durante a palestra de Pellegrini, cujo teor conhecia muito bem e já tinha sido motivo de polêmica entre eles. Neste dia, porém, Pellegrini apresentaria uma palestra diferente das anteriores, menos fechada e mais simpática às experimentações dos poetas concretos. Sem saber disso, Leminski, acordado pelos aplausos finais, levantou-se, pediu a palavra e começou uma argumentação que aos presentes soaria quase como um teatro nonsense. Em pouco tempo a platéia percebeu que ele tinha assistido a outra palestra. Ouviram-se alguns risos contidos... Leminski, que já não estava entendendo nada, ficou irremediavelmente desnorteado quando Pignatari saiu em defesa de Pellegrini. Confuso, ele não prestou atenção em Alice, que tentava impedir a catástrofe, alertando-o baixinho, com o canto da boca:

— Paulo, não é nada disso!

Ele suportou duas ou três vezes as intervenções dela, até reagir com um sonoro palavrão para, em seguida, continuar esbanjando cátedra em seu equívoco. Quando finalmente descobriu o que estava acontecendo, Leminski sentiu o golpe. Tal exibição de ego não lhe facilitava as amizades. Muito pelo contrário.

No dia seguinte, durante um passeio no balneário de Camboriú, quando se mostrava sóbrio, Pignatari aproveitou para reforçar seus apelos, pedindo

que ele cuidasse um pouco da saúde. Os três caminhavam pela praia, envolvida numa bruma de inverno, quando Leminski ouviu algo parecido com um sermão. Décio falou textualmente — e com muita calma — que alguém com o potencial dele não tinha o direito de se destruir daquela maneira etc.... Ele ouviu em silêncio — como se o silêncio fosse uma estratégia — e nada argumentou, mesmo quando era isso que se esperava dele. Não era difícil perceber que estava com os nervos à flor da pele e que, mesmo com todos os disfarces, esta tinha sido uma parada indigesta para ele.

Certa vez, no auge de uma crise, Leminski destruiria o violão na parede depois de atirá-lo em Alice. Era o violão que tinha sido presente de José Louzeiro. Ele ainda mandaria o instrumento para uma oficina especializada, mas não havia nada para ser feito: o violão estava morto e o casamento abalado. Para tentar salvar o que consideravam “um verdadeiro caso de amor, uma love story”, a reação do casal foi imediata. Alice intensificaria a carga de trabalho na agência de publicidade (chamada Século XX) e Leminski escreveria resenhas em jornais locais para estimular a discussão sobre o Catatau, agora reforçado pelo leferendum bem qualificado de Caetano Veloso. Tudo levava a uma mudança de hábitos — e ele efetivamente passou a beber menos, substituindo o conhaque e a vodca por bebidas mais suaves, ou ligth, como dizia: vinho branco, cerveja ou martíni, sem nunca misturá-las. Na avaliação de Alice, ou as coisas mudavam entre eles ou a relação amorosa estaria irremediavelmente comprometida. Alterar o hábito alimentar era um bom começo.

Em meados do ano, a mãe de Alice sofreu um acidente estúpido, porém com sérias conseqüências. Ela foi atropelada num dia de chuva, no centro da cidade, tendo como resultado uma clavícula quebrada e leves escoriações pelo corpo. Nada aparentemente muito grave, mas na idade dela uma fratura de osso não seria algo fácil de resolver — e dona Angela passaria por um longo calvário de tratamentos e operações. Ela iria falecer em decorrência deste acidente, exatamente um ano e dez cirurgias depois. Ao longo deste tempo, Alice se afastaria circunstancialmente da Cruz do Pilarzinho para dar assistência à mãe — e esta fase coincide com outro problema de saúde na família, desta vez com o próprio Leminski.

Depois de uma tarde de cerveja com os amigos, ao deitar-se, ele passou mal e vomitou. Como sempre acontecia nestes momentos, tentaria camuflar a situação. Alice, percebendo que algo estava errado, levou uma bacia para o quarto, que logo ficou manchada de sangue. No dia seguinte, um médico conhecido, o dr. Jamur, apareceria para uma visita rápida. Leminski estranhou a movimentação na casa e, mais uma vez, tentaria fugir da raia. Na hora da consulta, ameaçou se aproveitar do fato de que o médico era especialista em semiologia médica — uma área com muitas afinidades com a semiologia da lingüística — para transformar a conversa num encontro de intelectuais. No final, depois de ser examinado, o diagnóstico não lhe pareceria duro demais. O dr.

Jamur foi categórico:

— Sim, é grave. Você pode morrer em poucos meses, mas tenho certeza que, no seu caso, o pior seria a degenerescência dos neurônios.

Assustado, assim que o médico saiu Leminski voltou-se para Alice e anunciou:

— Fofa, não boto mais nem uma gota de álcool na boca! Depois de permanecer por algum tempo estacionado na fase light, fazendo uma espécie de vestibular para a abstinência, Paulo Leminski parou completamente de beber. Ficou restrito aos baseados e aos cigarros “caretas”, que continuava fumando com grande voracidade. Para compensar os impulsos de oralidade, bebia refrigerantes compulsivamente, que lhe eram servidos em taças de champanhe. Nesta época, já fazia parte do layout um vasto bigode, no melhor estilo Emiliano Zapata, que ele adotara com o propósito de esconder os dentes estragados.

Convidado a dirigir um canal de televisão — a TV Paraná, uma empresa dos Diários Associados — desembarca em Curitiba, “para ficar”, o jornalista e poeta Reinaldo Jardim. Considerado um profissional de elite, responsável pela histórica reforma gráfica do Jornal do Brasil, nos anos 50, Jardim tinha o perfil de um jornalista ligado às artes visuais. Ele ficaria pouco tempo na televisão. Logo seria convidado a criar o projeto de reforma do Diário do Paraná, onde cuidaria particularmente do suplemento cultural “Anexo” e

se encontraria com Retamozo, que comungava das mesmas preferências estéticas. Com seu reconhecido espírito de aventureiro, Jardim logo envolveu-se na criação de um outro jornal diário, o Correio de Notícias, onde pôs em prática uma concepção modular de diagramação, concebendo um jornal vistoso e visualmente apelativo (no bom sentido, é claro). Teve início, então, uma fase bastante efervescente de produção cultural na cidade, com quatro frentes ativas na imprensa: além do suplemento do Correio, estavam a todo vapor o “Anexo”, do Diário do Paraná, e Raposa, um jornal de idéias e grafismos, editado pelo cartunista Miran, que todos chamavam de Mirandinha. Havia também, pelo lado civil da sociedade, uma certa distensão política, com o país vivendo os “brandos anos Geisel”, quando aconteceria a tal abertura democrática “lenta e gradual”.

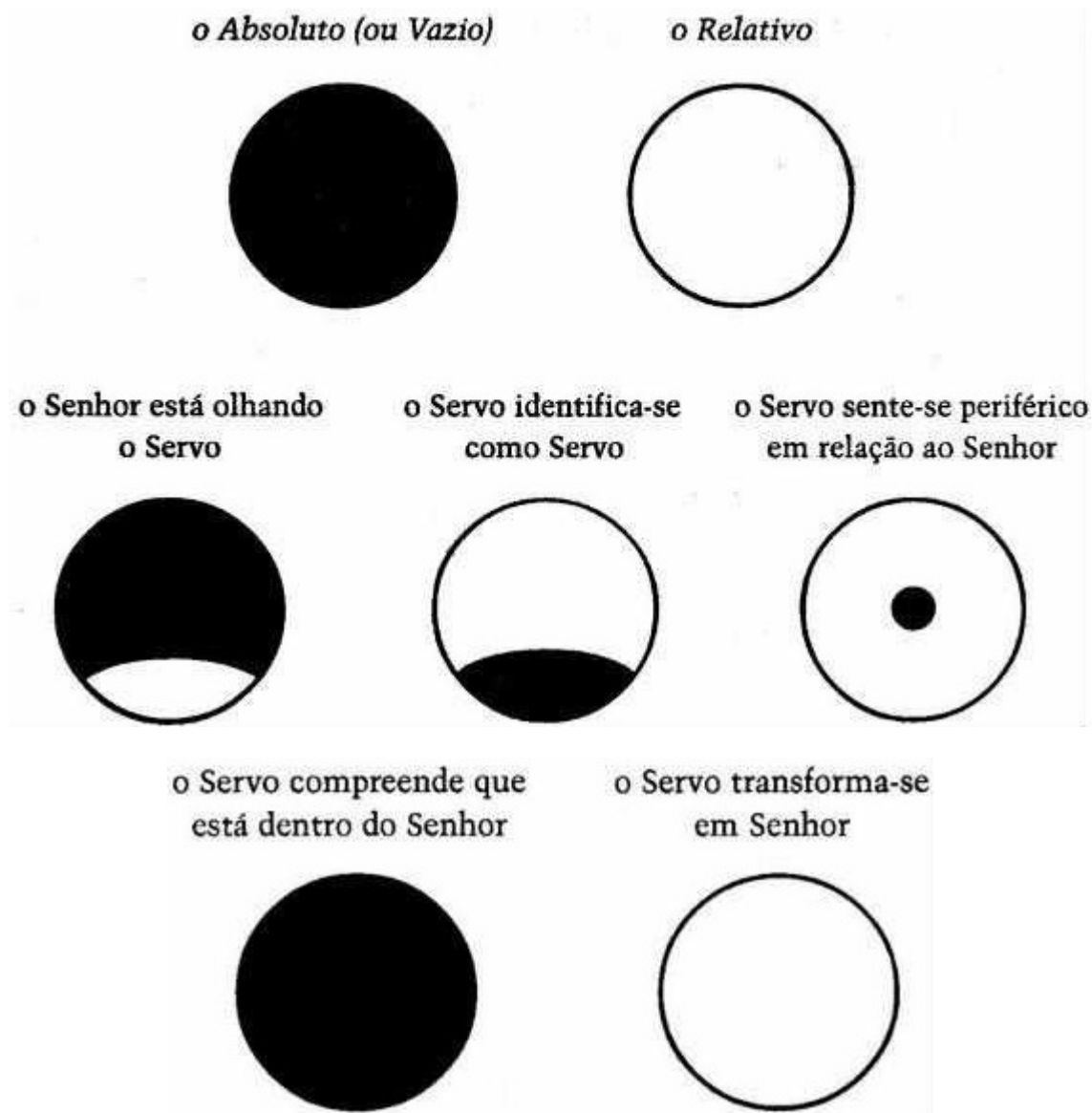
Em seguida, Jardim criaria um escritório de promoção com o propósito de transformar Curitiba em Pólo Cultural — e editaria semanalmente um jornal com o mesmo nome em quatro versões, uma para cada “arte”. Leminski logo estava trabalhando com ele, cuidando do segmento Inventiva, dedicado a “textos, experimentos e vanguarda”. Os outros eram Espaço (arquitetura), Artes (espetáculos) e Grafia (o jornal da foto). Em todas as publicações, Leminski teve atuação constante e significativa, mostrando uma profusão de poemas, ensaios e textos em prosa. O poeta Waly Salomão, mesmo morando no Rio de Janeiro, participava destas invenções:

— Houve um momento em que Curitiba tinha a melhor produção nacional em publicações de arte e literatura. Um acabamento gráfico de primeira com profissionais cuidando de textos, desenvolvendo grandes idéias temáticas e com ousadia. Era muito sofisticado.

Em carta ao amigo Régis Bonvicino, datada de 27 de janeiro, Leminski exultava: “O troço aqui tá bom pacas, tá dando pra se mexer. Recebendo um alô teu e de Risério de quando em vez dá até pra agüentar.”

Em 29 de abril de 1977, confirmando sua paixão pela cultura oriental, Leminski publicaria uma edição especial do Anexo abordando o tema “Zen e as artes marciais japonesas”, com design de Retamozo. Na capa do suplemento, ocupando a página inteira, aparecia o intrigante e elucidativo

Jogo do Senhor e do Servo, “criado por um mestre Zen para significar o relacionamento do praticante zen com a Verdade Última”:



O ensaio tinha como título “Zen: o fruto de um silêncio de Buda” e apresentava oito koans, “anedotas zen para abrir sua cuca”. Um desses koans, o de número 8, tinha como título “O Mestre Ikkyú e o Eremita”, de que Leminski gostava particularmente (ver Apêndice 8).

Suas contribuições para a imprensa diária foram bastante significativas. Ele abria as páginas democraticamente (“neste negócio de democracia temos que ser muito seletivos”) e propunha a discussão de temas pouco convencionais, dando um sentido de evolução ao seu trabalho, quase

sempre com um cunho didático permeando as abordagens. No dia 6 de julho, também no Anexo, publicaria uma página dupla, com dois artigos diferentes. Num deles, falava pela primeira vez, dez anos depois, da “contribuição do grupo Áporo” para Curitiba, concluindo: “Éramos um bom grupo. Mas, entre os que foram e os que chegaram, ficou o espírito de uma época em que criar era um esporte nesta cidade.” No segundo texto, “Onde está a poesia?”, ele mesmo respondia:

A poesia está na literatura. A poesia está na letra de música popular. A poesia está no cartum e em experimentos gráfico-plásticos. A poesia está nesses três lugares. Existe tanta poesia em Drummond quanto em Caetano, Millôr Fernandes e John Lennon.

A produção não se limitava apenas a uma amostragem em âmbito local. Vendo ampliar seu ciclo de amizades e parcerias, Leminski articulava-se nacionalmente com os “fazedores de coisas”, participando de diversas experiências literárias. Na revista Código no. 3, editada em Salvador por Risério e Erthos Albino, ele apresentaria um trabalho gráfico onde o centro do desenho era a palavra POESIA, circundada por raios de frases (como raios de sol) com suas múltiplas definições e respectivos autores. Assim, para Mário de Andrade, poesia é “tudo o que meu inconsciente me grita”. Para Roman Jakobson, “é a mensagem voltada para a mensagem”; para Oswald de Andrade, “é a descoberta das coisas que nunca vi”; para Fernando Pessoa, “um fingimento deveras”. E assim por diante... Ele tinha compilado, ao longo dos anos, a definição de vários escritores sobre poesia. Ao mesmo tempo, participava da revista Muda, editada em São Paulo por Augusto de Campos, onde publicaria o poema que, no futuro, lhe serviria como uma grife:

o pauloleminski
é um cachorro louco
que deve ser morto
a pau a pedra

a fogo a pique
senão é bem capaz
o filhadaputa
de fazer chover
em nosso piquenique

Todas estas atividades, constantes e regulares, faziam aumentar o volume de originais em seus escaninhos. A visão de uma pilha de poemas sobre a mesa acabaria estimulando nele a expectativa de publicar um livro com regras e sintaxe puramente poéticas. Enquanto isto não acontecia, ele seguia musicando a poesia.

Em novembro de 1977, finalmente a estréia em disco. Depois da grande “batalha” em que se transformou a fase de produção, em São Paulo, ficava pronto o compacto simples d’A Chave, com duas músicas by Leminski: “Buraco no coração” e “Me provoque pra ver”, apresentada no estilo rock-a-billy:

Você não cansou
De me convencer
Que eu sou o cara duro
Que vai te amolecer
Mas pode me crer
Você sendo tão pura, baby
Vai desaparecer
Eu sou o cara duro
Que vai te amolecer

Se o dia é de sol
Sou eu que faço chover (ha ha ha)
Sou de carne e osso
E adoro uma tentação
Me provoque pra ver
Pura, pura, pura
Este teu jeito de pura
É pura provocação
Me provoque pra ver

A festa de lançamento do disco aconteceria no ginásio do Círculo Militar, tendo o músico Manito, do conjunto Os Incríveis, como convidado especial, tocando sax tenor na banda. Em artigo publicado na Folha de Londrina, no dia 22, Leminski responderia às críticas de alienação que se fazia ao “roque brasileiro”:

— É claro que não se trata de uma manifestação autenticamente nacional. Mas essa discussão nasce sempre viciada por esquemas artesanais, pré-industriais, nostálgicos. Como se a cultura brasileira fosse um objeto de substância rara que tivesse que ser preservado de influências estrangeiras e de ataques de corsários franceses, holandeses, ingleses, fenícios...

A estréia em disco vai coincidir, paradoxalmente, com o momento em que a banda A Chave deixaria de existir. Cansados de tentar uma independência financeira, depois de quase dez anos “na estrada”, os meninos capitularam. Atraídos para outras atividades, Orlando e a namorada Wilma partiram para a criação de um estúdio de fotografia; Eli formou-se engenheiro químico e foi trabalhar numa empresa do setor; o baixista Carlão continuaria na produção de shows, agora como músico da banda Bartenders; Ivo e Paulinho deram continuidade às respectivas carreiras

participando do Blindagem; que nos anos seguintes gravaria em vinil a grande produção musical de Paulo Leminski.

Nestes dias, Gilberto Gil voltaria à cidade, agora com o show Refavela, em temporada no Teatro Guaíra. Na banda que o acompanhava, estava Lúcia Turnbull, guitarrista que Leminski havia conhecido anos antes como integrante da banda Tutti Frutti, de Rita Lee. O grupo faria uma visita à Cruz do Pilarzinho, quando todos passaram a noite conversando e tocando violão. Lucinha, como é conhecida, lembra-se do charme derramado pelo poeta, que dias depois lhe mandaria um telegrama dizendo:

— Um beijo no lóbulo da orelha esquerda.

PS: Devolva o arrepio.

O ano de 1978 traria a perspectiva de mudança de emprego para o casal. Alice se afastaria da agência de publicidade para escrever nas revistas da Grafipar, a mesma editora onde o Catatau fora impresso. A gráfica editava uma profusão de pequenas publicações, sendo que uma delas, chamada Peteca, permitia contos eróticos e horóscopos picantes. Alice passou a escrever ensaios e histórias em quadrinhos, contando com os desenhos de Solda e Rogério Dias — que editavam também Passarola, então a revista de bordo da Varig. Leminski voltaria a trabalhar na P.A.Z. com Retamoço e Mirandinha, o que significava uma aproximação maior do jornal Raposa, onde era um dos editores.

Tudo parecia perfeitamente encaixado e sobre controle, com as atividades profissionais a mil, quando a doença de dona Áurea se agravou. Ela foi internada no Hospital Militar e faleceu no dia 12 de fevereiro. A notícia deixaria a todos desarvorados. Pedro voltaria a beber durante o velório, a ponto de perder a cabeça e provocar um grande bate-boca com o irmão — o que representaria o rompimento das relações entre eles. E desta vez seria pra valer.

Alice acredita que — sem nenhum exagero — dona Áurea possa ter morrido de tristeza:

— Sem o companheiro, ela foi progressivamente perdendo o prazer de viver. O casal tinha uma cumplicidade de vida muito grande. Ela foi ficando muito triste até parar completamente de comer.

Dona Áurea foi enterrada ao lado do marido Paulo Leminski, no jazigo da família, no Cemitério da Água Verde.

A morte da mãe, somada à crise afetiva com Alice, reforçaria em Leminski a disposição assumida de se manter abstinência por algum tempo. A canabis — não incluída por ele na categoria das drogas — continuaria sendo sua companheira inseparável. Em carta ao amigo Bonvicino, a 13 de abril de 1978, referia-se a esta nova empreitada como “o mesmo que domar um touro enfurecido”:

meu fígado deu um stop, parei de beber total: está fazendo uma semana que não provo álcool, se der não provo mais. cheguei à conclusão q o álcool até agora tinha me dado, mas ia começar a me tirar, não quero acabar como f pessoa com hepatite etílica aos 44 anos. pound e maiakovski, os maiores poetas do século, não bebiam.

No dia 24 de julho — mais de três meses depois, portanto — ele escreveria a outro amigo (por acaso, este biógrafo) uma longa carta onde voltava a falar da abstinência, agora encarando-a como um projeto mais amplo, envolvendo vida e obra e que, finalmente, resultaria na idéia (estética) de delírio e rigor ou visceralidade tropical e geometria cartesiana:

aqui

multiplico minhas

formas

até o extremo limite de minhas forças

polo raposa poesia livros propaganda

isto é até onde posso ir sem sacrificar o rigor

ando aliás fanático pela idéia de rigor

o que é um contrasenso
fanatismos nada têm de rigorosos
um rigor digamos romântico
apaixonado
de descoberta
invenção
sóbrio
estou na fase mais exata de minha poesia

A casa da Cruz do Pilarzinho se encaminhava para ser reconhecida como um dos elementos mais autênticos do underground curitibano. Festas e tertúlias, encontros profissionais e churrascos se sucediam em ritmo de cavalaria rusticana. Leminski receberia a visita de Sinval de Itacarambi, seu ex-colega do mosteiro, que, de passagem pela cidade, acabaria dormindo uma noite no sótão do casarão. Alice estava viajando — e os dois passaram a noite conversando sobre as lendas e histórias do mosteiro — e sobre o avanço de suas respectivas religiosidades. Para Sinval, agora um jornalista trabalhando como diretor da Rede Globo, este reencontro serviria para consolidar uma velha amizade:

— Eu reencontrei o Leminski ainda bastante elétrico, orgulhoso de seus valores e humilde por contradição. Relembramos as boas coisas do mosteiro e fizemos algumas análises sobre o nosso universo intelectual. Ele estava mais maduro e senhor dos seus passos literários. Finalmente, começava a ter o seu talento reconhecido.

Ao mesmo tempo, o casal Leminski continuaria se relacionando com outros representantes da intelectualidade local. Mantinham contatos com os poetas da Cooperativa de Escritores, que reunia Domingos Pellegrini, Reinoldo Atem, Raimundo Caruso e Hamilton Farias, reconhecidamente de esquerda e representantes da literatura politicamente engajada. No primeiro encontro com Reinoldo, num botequim, Leminski se mostraria

irônico e, no mínimo, atrevido, ao ouvir dele a lista de compositores e músicas preferidas:

— Mas, me diga uma coisa, depois da Segunda Guerra não tem nada?

Apesar das aparentes animosidades, eles ficariam amigos. Alice e Leminski estavam lendo A Revolução Russa, de Trotski, quando Atem e a mulher Sueli foram presos pela polícia política. O motivo pueril seria uma escolinha para crianças que estaria funcionando sob a didática de Karl Marx. O assunto parecia uma piada, mas era grave. Eles ficaram preocupados porque na escola havia outras crianças, filhos de outros amigos. Foi um momento de tensão na cidade. Alice lembra-se com carinho do episódio, por estar nele embutida a revelação de um sentimento de fraternidade ideológica com os amigos, com os quais esteticamente tinham posições distintas e mesmo antagônicas. Leminski costumava dizer: “A realidade objetiva é a prostituta mais barata no mercado das idéias”, referindo-se às poesias cujas temáticas versavam sobre “bóias-frias ou metalúrgicos do ABC”. A convivência entre ele e os rapazes da cooperativa renderia muita polêmica intelectual nos jornais locais. Atem lembra que era uma questão de marketing entregar antes para Leminski qualquer livro a ser lançado pela Cooperativa:

— O Polaco certamente iria ler e cair de pau na imprensa, acusando a obra disso ou aquilo. Assim, o livro tinha alguma chance de ser comentado.

Então, certo dia, depois que a poeira baixou, Pedro apareceu na casa do irmão brandindo um exemplar da revista Panorama com a reportagem sobre o caso da escolinha — e, orgulhoso, mostrava a foto de Ellinha, uma das crianças arroladas na confusão. Seguiu-se uma grave divergência entre os irmãos. Leminski considerou um absurdo — “uma pobreza”, ele dizia — alguém se envaidecer por ter seu filho apontado como criminoso, ou mesmo envolvido num caso policial. Ele acusava o irmão de aceitar ser notícia a qualquer preço, nunca pelas vias normais de produção, como músico ou poeta. Foi um bate-boca danado. Pedro saiu pela porta para nunca mais voltar. No final, Miguelzinho, que tudo ouvia, virou-se para os pais e fulminou:

— Falem a verdade: vocês não são militantes porque se preocupam comigo e com a Área.



Os Pereira Mendes com Áurea em pé, atrás do pai militar.



Paulo Leminski, o pai.



O casamento de Áurea e Paulo em cerimônia reservada na casa da noiva.



Paulo Leminski Filho com 3 meses, no dia do batizado, e com 3 anos.



Posando com o irmão Pedro, nos estúdios da Foto Kabza.



À direita, na chácara dos padres, com o também oblato Artur.



Ameaçado de "cair" no lago: distância da água.



Turma de formandos do internato paranaense.
Leminski é o primeiro em pé, à direita.



Leminski é o primeiro à esquerda, em pé, de batina branca.
D. João Mehlmann aparece na frente, à direita do abade.



Recebendo os cumprimentos e o cheque de João Feder, d'*O Estado do Paraná*, pelo concurso de poesia, 1966. Foto Edson Jansen.



Recebendo um golpe do mestre e amigo Aldo Lubes, na Kodokan.



Entre o pai e Neiva, em Guaratuba, litoral do Paraná.



Oficialmente o pequeno Kiko ganhou o nome de Paulo Leminski Neto.



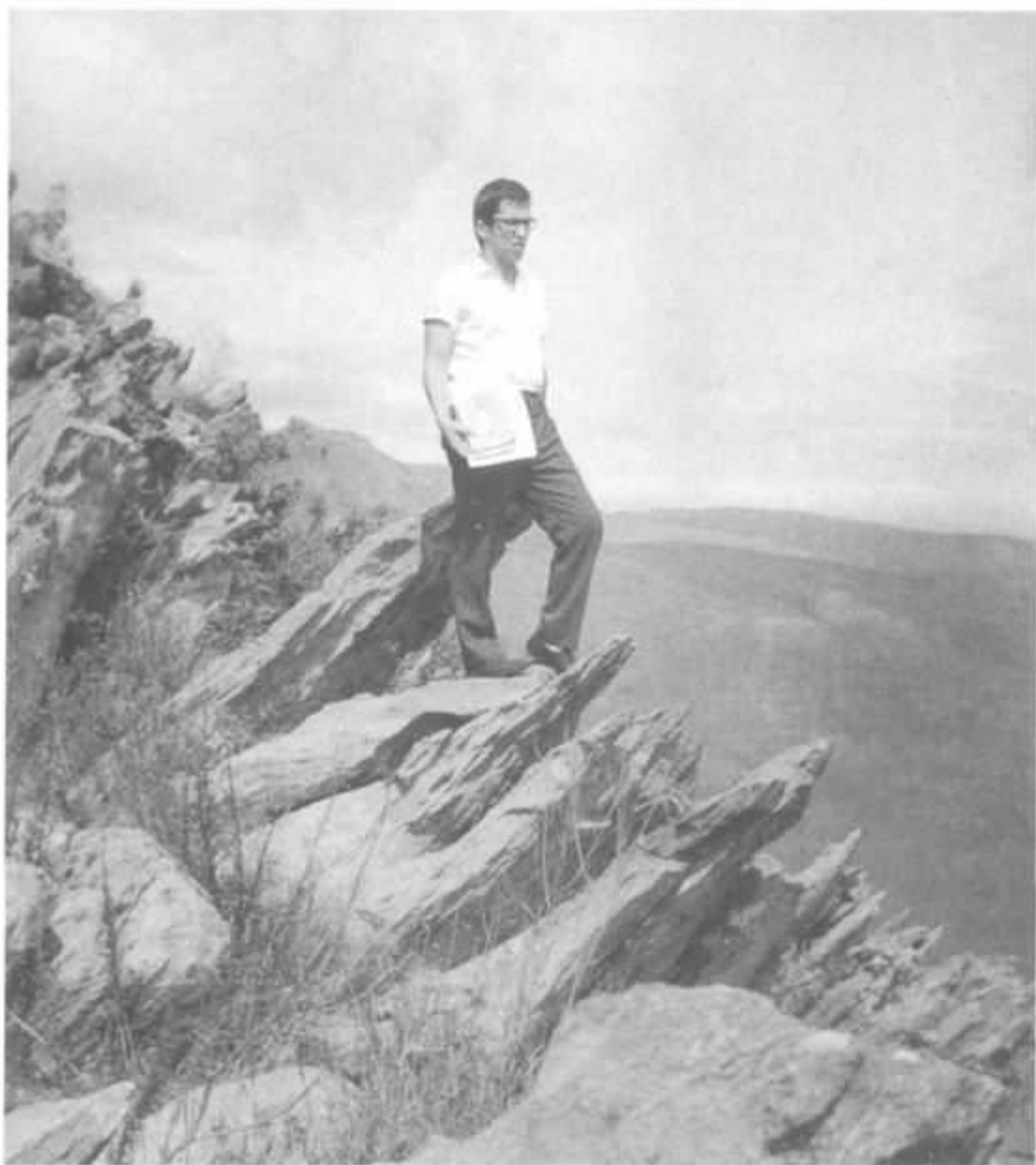
Oficialmente o pequeno Kiko ganhou o nome de Paulo Leminski Neto.



Com físico de judoca, ao lado de Roberto Pontual, Luiz Costa Lima, Lygia e Augusto de Campos e Lila Pignatari. Belo Horizonte, 1963. Foto Décio Pignatari.



Ainda na Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, com Haroldo de Campos e Pedro Xisto. Na mão esquerda, uma aliança.



Aos 18 anos, na serra da Rola Moça, fazendo pose com um exemplar da antologia *Noigandres* nº 5, seu *rosebud*. Foto Augusto de Campos.



O início do Grupo Áporo: Leminski, Lélío e Ivan, no São Bernardo, 1967.



O início do namoro com Alice, no Bar Cometa.



Pedro Leminski, o escoteiro, em pleno exercício de alpinismo.
Arquivo Elly Leminski.



Capa da primeira edição de *Catatau*, 1975,
e foto tirada por Dico Kremer para o cartaz de lançamento do livro.



Noite de autógrafos do *Catatau* na livraria Ghignone, 1975.



Com Jack Pires na apresentação do álbum
40 cliqs em Curitiba, 1976. Foto Jack Pires.



não fosse isso
e era menos
não fosse tanto
e era quase

p leminski



Capas das primeiras edições de *Não fosse isso e era menos*,
não fosse tanto e era quase e *Polonaises*, 1980.



O Seqüelas do Alcoolismo: Leminski, Rogério Dias e Solda.
Percussão para aproveitar a tremedeira. Foto Francisco Kava.



Na fase "bigode", com Vítola, Marinho Galera e Ivan Graciano, filho da dupla caipira Nhô Belarmino e Nhá Gabriela. Foto Nega Miranda.



O casal com Caetano Veloso num armazém de secos e molhados, Curitiba, 1976. Foto Toninho Vaz.



Com Gilberto Gil no inverno curitibano. Foto Orlando Azevedo.



Fazendo pose de oficial, atrás de Jards Macalé. À esquerda, na fila de baixo, Mara, a namorada secreta. Foto lambe-lambe.



Com Risério, Régis Bonvicino e Alice, em São Paulo.



A partir da esquerda, Alice, a artista Ana Carolina, Leminski, Reinaldo Jardim e a jornalista Dinah: usina de criação.



Com Alice e Waly Salomão, de braços abertos sob a cruz do Pilarzinho, 1977. Foto Toninho Vaz.



Leminski (em pose de oficial polonês), Ivo, Suca (com a pequena Ângela), Alice e Naná, na primeira casa do Pilarzinho, 1980. Foto Toninho Vaz.



Entre copos, garrafas e livros, na primeira casa do Pilarzinho, 1982.
Foto Júlio Covello.



De cara limpa, trabalhando numa agência de publicidade. Foto Dico Kremer.



poemas
miguel angelo Leminski

Poemas de Miguel Angelo Leminski,
filho do poeta.



Áurea, com 9 anos, de modelo *belle époque*. Foto Lina Faria.



Com Alice, em Ipanema, 1981: procurando um sentido. Foto Júlio Covello.



Durante uma entrevista, com Estrelinha, 1984. Foto Júlio Covello.



Debilitado fisicamente, tomando sopinha na casa de Fortuna, São Paulo, 1988.



Magro e doente nas escadarias do Templo das 7 Musas, no Instituto Neo-pitagórico. Foto Dico Kremer.



Fazendo música com Fortuna, São Paulo, 1988.
Foto Mônica Vendramini / Folha Imagem.



Berenice Mendes, a última mulher.
Foto Pablito Pereira.



Talvez a última foto, com Jaime e o filho Rafael Lechinski.
Curitiba, 1989. Photopress.



Guerra dentro da gente,
livro infantil, Scipione, 1988.

p. leminski

la vie en close
c'est une autre chose

c'est lui

c'est moi

c'est ça

c'est la vie des choses
qui n'ont pas
un autre choix

β

La vie en close, livro póstumo,
Brasiliense, 1991.

OUTRO CAPÍTULO À PARTE

Foi após um período de calma e prosperidade, quando a Cruz do Pilarzinho podia ser comparada a um verdadeiro paraíso, que um novo e poderoso acontecimento surgiria na vida deles. Nesta época, com 9 anos, Miguelzinho seguia os passos do pai e fazia aulas de judô na escola. Uma tarde, depois de sair do banho, ele parou no meio da cozinha e fez um comentário aparentemente desprezioso:

— Mãe, depois que comecei a treinar judô, ganhei um músculo novo.

Alice ergueu a cabeça, fechou o livro que estava lendo e, intrigada, foi conferir o que se tratava. O tal músculo era uma bola localizada embaixo do braço direito, na altura da axila. Ela tocou com o dedo para reconhecer através do tato o que esperava que fosse uma trivial íngua ou, na pior das hipóteses, uma distorção muscular.

Mas Miguelzinho não acusava nenhuma dor. Ela congelou:

— Na verdade eu entrei em pânico, mas tinha que disfarçar do Miguel. No dia seguinte fomos procurar o dr. Costa, que tinha tratado da artrite dele e era uma pessoa de confiança. O médico foi categórico, dizendo que era necessário fazer uma biópsia urgentemente.

A intervenção aconteceria no Hospital das Clínicas, com Miguelzinho recebendo anestesia local para a retirada de uma amostra do tecido que continuava crescendo. Na data marcada para se conhecer o resultado dos exames, estando Leminski ocupado com o trabalho na P.A.Z., durante a tarde, Alice foi sozinha ao hospital. Uma enfermeira lhe informaria que o envelope só deveria ser aberto na presença do pai e da mãe, juntos. Em transe pelas ruas, ela voltou para casa imaginando coisas. Mesmo usando de todas as argumentações, somente após uma semana de tentativas uma nova entrevista seria marcada. A cada dia, Leminski apresentava uma desculpa diferente para evitar o encontro com o diagnóstico do filho. Quando a paciência de Alice se esgotou, ela entrou decidida num táxi e mandou o motorista seguir para a P.A.Z., na altura do Centro Cívico. Entrou

no prédio e voltou em poucos minutos trazendo Leminski pelas mãos. Mandou tocar para o hospital.

Minutos depois, eles estavam frente a frente com uma junta formada por quatro médicos, além do dr. Costa, o encarregado de dar a notícia. O palco era uma grande mesa de reuniões. O médico começou explicando que os exames haviam constatado um tumor maligno, mas que os prognósticos eram bons, pois fora detectado no início de formação etc. etc... Alguém disse que havia uma chance remota de o tratamento funcionar etc... O médico explicava, mas suas palavras não pareciam encontrar o sentido exato da verdade; eram palavras fugidias, disfarçadas por uma coreografia de intenções anestésicas. Neste momento, Leminski jogou o corpo para trás e suspirou:

— Ah! Graças a Deus. Pensei que fosse pior!

Alice virou-se pra ele e murmurou crispada:

— Mas, Paulo, é o pior!

Ela jamais vai esquecer aquele olhar:

— Acho que neste momento o Paulo desejou cortar a minha cabeça como os imperadores faziam com os mensageiros que traziam más notícias. Ele parecia não querer entender o que estava acontecendo. Foi quando eu percebi que teria que cuidar dele também.

Os médicos explicaram detalhadamente os procedimentos que deveriam ser adotados nas semanas seguintes, quando seriam realizados novos exames para definir a origem do câncer, já que o gânglio inflamado era um sintoma, não um diagnóstico. O casal saiu do hospital e, por sugestão de Leminski, seguiu andando em direção à livraria do Chaim, atrás da Universidade do Paraná. Alice caminhava pensando em como iria encarar o filho, sabendo que ele estava ansioso por conhecer o resultado dos exames. Como um elemento agravante, era óbvio que Miguelzinho tinha discernimento suficiente para entender TUDO o que estava acontecendo. Parados num sinal de trânsito, Leminski tentaria tranquilizá-la:

— Fofa, aconteça o que acontecer eu não vou voltar a beber.

Em casa, Alice procurou o tom certo para conversar com o filho e falar de uma doença séria — sem jamais dar nome à doença — que eles deveriam tratar com muita dedicação e paciência; só assim conseguiriam bons resultados. Como um bom menino, o garoto prometeu se empenhar para manter a situação sob controle, garantindo fazer a parte dele. Desde então, Miguelzinho deixaria de subir no pé de laranjeira, a sua brincadeira favorita. Dias depois Alice escreveria este poema-referência:

Tem palavra
Que não é de dizer
Nem por bem
Nem por mal
Tem palavra
Que não é de comer
Que não dá pra viver
Com ela
Tem palavra
Que não se conta
Nem prum animal
Tem palavra
Louca pra ser dita
Feia bonita
E não se fala
Tem palavra
Pra quem não diz
Pra quem não cala
Pra quem tem palavra

Tem palavra

Que a gente tem

E na hora H

Falta

A relação entre Leminski e Alice entraria novamente num período conturbado. Motivos não faltavam. Os médicos haviam decidido fazer uma cirurgia na barriga de Miguelzinho, suspeitando ser ele portador de um câncer de origem visceral ou, no mínimo, relacionado com o aparelho digestivo. Nenhum raio X e nenhum outro exame poderia detectar o ponto exato onde a doença se alojava. A cirurgia foi marcada para o Hospital das Clínicas, onde Alice passou a noite acompanhando todos os movimentos. No final, os médicos encontraram o que procuravam: o distúrbio estava na linfa, alojado no hilo hepático, tornando impossível a radioterapia. Havia perigo de lesões no fígado — e o tratamento adequado seria a quimioterapia. Durante todo este tempo, Leminski manteve-se fora da área de estresse familiar, fazendo com que todos os seus projetos profissionais e intelectuais se transformassem numa grande válvula de escape.

Em fevereiro de 1979, ele deixaria Alice e os problemas em Curitiba para acompanhar os músicos da banda Blindagem numa curta temporada no Teatro Opinião, no Rio, com o show Blues do Sul. Leminski viajou de ônibus com Ivo, que estava com uma nova namorada, Suca. Nos encontramos em Ipanema, quando ele me perguntou onde poderia dormir nas próximas três noites, sugerindo “um canto qualquer para jogar o boneco quando o dia amanhecer”. Fomos juntos à casa de Márcio Borges, em Santa Teresa, onde ele ficaria hospedado. (Na época, a produção musical do Clube da Esquina, de um modo geral, e a de Milton Nascimento, em particular, estavam no auge do sucesso, e Márcio era um de seus artífices). Os dois passaram dias conversando sobre tudo, quando tiveram uma boa interação intelectual.

Na noite de estréia do show “Ivo e a banda Blindagem” — como estava no cartaz —, o Jornal do Brasil publicou reportagem com o título “A música do Sul não vem de sandálias havaianas”, com direito a uma foto do cantor, que declarava estar chegando ao Rio com “esterco na bota e um sotaque

carregado no r". O Paulo era apresentado como "um poeta concreto, o principal letrista da banda". A sessão maldita da meia-noite se cobriria de sucesso durante as três noites de espetáculo, para um público fiel e caloroso. No repertório havia pelo menos oito músicas by Leminski. Entre elas, uma balada com toque caipira no refrão, entoado por três vozes:

Não posso ver sangue

Fico logo vermelho

Querendo chorar

Não posso ver sangue

Fico logo vermelho

Querendo chupar

Não posso ver

Água, poço, rio, mar

Que eu já começo

A tirar a roupa

Louco pra mergulhar

Não posso ver ninguém

Que eu já quero, que eu já quero

Namorar

(...)

De volta a Curitiba, ele daria um grande impulso na produção musical, com a criação das músicas "Valeu", "Mudança de estação" e "Verdura", esta composta a partir de uma notícia de jornal. Alice fazia a leitura em voz alta sobre o tráfico de crianças na Colômbia, e ele aproveitaria a idéia para concluir a letra em que vinha trabalhando há dias. Para Miguelzinho, a melhor música do pai, no entanto era "Valeu" que ele cantava durante o tratamento.

Alice passaria a viver uma crise pessoal com a doença do filho, quando se reconhecera perdendo uma certa alegria que talvez nunca pudesse recuperar:

— Eu e o Paulo estávamos diante de algo que exigia muita estrutura, uma coesão familiar que nos faltava naquele momento. Havia uma afinidade intelectual, mas agora o intelecto não servia para nada. Para complicar as coisas, o Miguel apresentaria uma reação negativa à quimioterapia. Nenhum alimento parava no estômago dele. Foram meses de angústia e sofrimento.

Foi assim, neste clima dramático e dilacerante, que eu os reencontrei na Cruz do Pilarzinho, uma certa tarde. Foi uma visita rápida, marcada pelo desencontro e pela tensão, quando nenhum deles conseguiria me falar da doença do Miguel. Não havia energia para nada. Minutos depois da minha chegada, quando a situação já estava insustentável, o Paulo anunciou que precisava dormir, e saiu da cozinha. Alice perguntou:

— *Você quer ver o Miguel?*

— *Claro que quero... Ele está doente?!*

Ela não respondeu e entrou no quarto, desaparecendo por trás de uma cortina de pano. Eu nem tive tempo de montar uma equação, mentalmente, pois logo ela retornou fazendo um sinal, afastando a cortina para o lado. O Miguel estava deitado na cama com um livro nas mãos — e me dirigiu uma saudação bastante serena e enfática, quase cerimoniosa na sua simplicidade:

— *Oi, Martins.*

Sentei-me numa cadeira ao lado e conversamos por alguns minutos sem que eu percebesse a gravidade de sua doença. Ele apenas se expressava num tom exageradamente grave e profundo para alguém de sua idade. Falamos das particularidades de alguns animais, ele fazendo um pequeno relatório de suas últimas descobertas. Era evidente que não estava podendo andar. Cheguei a considerar a volta dos problemas com as articulações, a artrite, mas nunca imaginei aquele anjo com câncer. Quanto

ao astral dominante na casa, preferi creditá-lo como contingência rotineira das rugas de um casal, nada além disso. Mas, por essas e por outras, quando voltei para a cozinha senti uma vontade incontrolável de sair dali. Minutos depois eu caminhava pelas ruas do bairro amargando uma sensação estranha e forte, que só veio se esclarecer dias depois quando conheci a verdade.

Em meio a toda esta carga emocional, Leminski conseguiria conceber um novo livro, que chamaria de “Minha classe gosta, logo é uma bosta”. Era uma novela que nunca seria publicada, visto que ele próprio, no final, duvidava de suas qualidades. O livro apresenta-se ainda hoje como um documento emblemático deste período típico de traumas e desequilíbrios. Neste sentido, era mesmo revelador, pois o texto mantinha o máximo de distanciamento da realidade, sem fazer nenhuma menção à vida cotidiana. Apresentava o duelo do personagem Privada Joke, um outsider engajado na contracultura, versus Slogan, o sujeito que defendia o socialismo. Estavam criados, em tese, os dois representantes máximos do pensamento da geração, que atravessam centenas de páginas se digladiando teoricamente.

Em carta ao amigo Bonvicino, Leminski encontraria razões técnicas e emocionais para a rejeição da obra:

Talvez o q eu quis fazer com certos meios não seja possível de fazer com esses meios. Quero fazer ficção. Mas sem enredo. Romance. Sem personagens.

Realidade. Com idéias apenas. Talvez meu material (contracultura &/x marxismo) dê ótimos ensaios. Dê impulso à minha poesia. E me dê motivos para viver. Mas não dá um romance. Alice disse: “V. quer fazer um romance q não ousa dizer seu nome...”

Para Alice, este período representou um afastamento compulsório dos assuntos literários:

— Pela primeira vez na vida, eu que me habituara a ter orgasmos com os textos do Paulo, não conseguia prestar atenção. Ele mostrava novas

páginas do livro, mas eu não conseguia ler. Ele estava totalmente envolvido com este trabalho e eu com a situação do Miguel. Até que um dia...

Miguelzinho morreu em 30 de julho de 1979, logo após completar 10 anos. Alice ficou sabendo no exato momento em que olhou pela janela da sala e viu o carro do tio se aproximando. Ela não queria acreditar, mas naquela hora, 9:30 da manhã, não haveria outro motivo para ele estar ali, em pleno inverno. Terminando por fulminá-la de certezas, o velho, um reconhecido durão, desceu do carro aos prantos. Miguelzinho estava há alguns dias internado na UTI do Hospital das Clínicas, depois de suportar oito meses de tratamento — ao longo dos quais foi se enfraquecendo até entrar em coma. Os últimos tempos tinham sido difíceis para eles. Durante semanas, Alice conseguira se comunicar com o filho pelo tato, até que o último vestígio de força desapareceu da pequena mão. Agora, chegava ao fim um doloroso período de peregrinações por farmácias, laboratórios e hospitais. Alice acredita que o “encontro” entre Leminski e o filho se deu apenas nesta reta final:

— O Paulo mudou de atitude e voltou a me olhar nos olhos, coisa que não fazia há meses. Eu quis me separar, tive um xilique... Ameaçado, ele ficou no hospital alguns dias cuidando do Miguel, levando o filho ao banheiro, trocando de roupa etc.... Seu olhar voltou a mostrar leveza, ele estava conseguindo. Estava sem beber há quase um ano. Isto aconteceu na última semana de vida do Miguel.

Miguelzinho foi sepultado no jazigo da família, no cemitério da Água Verde, ao lado dos avós, Paulo e Áurea. O poeta Régis Bonvicino e a mulher Mônica (ex-mulher de Risério) chegaram um pouco antes do enterro. Eles tinham sido avisados por Leminski e imediatamente pegaram um avião em São Paulo. Durante o velório e mesmo durante o enterro, Leminski permaneceu num imenso silêncio. Alice identifica este sintoma como uma profunda tristeza:

— Naquele momento eu não me senti sozinha, várias vezes percebi no Paulo um movimento de cuidar de mim. Era preocupação mesmo. Mas ficamos o tempo todo silenciosos.

Depois do enterro, algumas pessoas seguiram para a casa do fotógrafo Dico Kremer, onde mais tarde se uniria a eles o músico Walter Franco, que estava se apresentando na cidade. A certa altura, Alice teve sua atenção despertada para a voz de Leminski, pairando sobre todas as outras, falando animadamente sobre música e criação. Ela se perguntava: “Como ele pode?...”

É possível que, junto com o filho, Leminski e Alice estivessem enterrando neste dia todas as esperanças de uma vida futura para eles. No momento, o que era certo é que havia muitas feridas a serem cicatrizadas — e eles deveriam tratar disso juntos e, de preferência, carinhosamente. Então, Régis e Mônica os convidaram a seguir com eles e passar uns dias em São Paulo. Seria uma forma de se afastar da pressão à qual certamente estariam expostos em Curitiba. Eles aceitaram. Deixaram um bilhete na porta da casa do Pilarzinho, avisando que estariam ausentes, e pegaram um avião no mesmo dia. A curta temporada na Paulicéia não traria boas conseqüências para a vida do casal. Alice consideraria a viagem inoportuna:

— A Mônica estava grávida e, com toda razão, cuidava do filho que ia nascer. O Paulo e o Régis falavam como verdadeiros deuses sobre poesia, idéias, literatura, enfim, tudo que não fosse relacionado com a vida imediata. Eu era a única a estar vivendo uma morte. Depois de uma semana estávamos de volta a Curitiba, onde procuramos nos reconstruir. Afinal, havia a Áurea, por quem tínhamos que viver, e a poesia, que dava algum sentido às nossas vidas.

Como sempre acontecia nestas horas, Leminski adotaria um comportamento bastante retraído, esquivo mesmo, quando o assunto era a morte do filho. Não gostava de falar de “coisas que dizem respeito à natureza”. Sua manifestação mais efusiva ainda era a poesia. Nestes dias, escreveria um poema chamado “Parada cardíaca”:

Essa minha segura

essa falta de sentimento

não tem ninguém que segure

vem de dentro

Vem da zona escura

donde vem o que sinto

sinto muito

sentir é muito lento

Em carta de 17 de agosto, ele seria lacônico também com Bonvicino:

— Mergulhamos Alice e eu no trabalho. Alice prepara livro com material deixado por Miguel, textos, desenhos, poeminhas, fotos, a sair ano q vem. É em signos que se fica, o resto não passa de moldura.

Dois meses depois, escrevendo para Risério, ele fazia referência a uma entidade do candomblé:

— Aqui a barra pesada (miguel agora é erê), mas a gente vai levando trabalho e saúde. Estamos trabalhando muito. E, finalmente, em carta escrita no dia 1º de outubro para este biógrafo, Leminski já não falava mais da perda e apenas fazia considerações sobre o futuro:

Gil e Caetano levaram (enfim!) fitas minhas. Caetano declarou amor eterno a “Verdura” que não dá pra sair neste lp dele “Cinema transcendental”, já gravado, mas ele vai cantar “Verdura” no show “Cinema” e grava depois. Grafipar pode editar meus textos de humor, o volume: HERRAR É UMANO. Gil convidou a gente a passar dezembro na casa dele na Bahia. Tamos guardando \$ para.

Logo depois, quando a árvore favorita de Miguelzinho, a laranjeira, tombou de velha ao lado da casa, Leminski fazia um poema curto em homenagem ao totem:

árvore caída

vira amarela

última vez na vida

Antes do final do ano, Caetano e Gil voltariam a se apresentar em Curitiba, em espetáculos diferentes, quando se mostraram bastante solidários com a dor dos amigos. Na noite de estréia no Teatro Guaíra, Gil os homenagearia em cena aberta cantando “Aqui e Agora”, a música preferida de Miguelzinho. Ele disse apenas: “Para a Alice e ela sabe por quê”. Para Leminski, Gil cantou “Logunedé” — e todos aplaudiram freneticamente. Era a consagração do poeta em sua própria casa. Dias depois, Leminski escreveria a este biógrafo dizendo:

mano

gil dedicou uma música todo dia para mim

junto com um puta comercial (me chamou de “poeta
realce”,

“uma das inteligências mais faiscantes do país”)

isso no guairão cheio

já caetano foi mais sóbrio

ao cantar “cajá” — pedido meu —

apenas disse que eu era “o grande paulo leminski”

tudo quer dizer: ego feito por milênios.

A viagem a Salvador, depois de superada a etapa da poupança, acabou acontecendo em janeiro de 1980. Esta seria uma das poucas ocasiões em que Leminski viajaria de avião (como no dia do enterro de Miguelzinho), agora ao lado de Alice e Áurea, então com 8 anos. Um dos fatores decisivos para a escolha do transporte, sempre que uma viagem o obrigava a sair de Curitiba, era o pânico das alturas. Leminski dizia que “aviões não fazem sentido, logo não posso acreditar neles, apesar de vê-los voar...”.

Mas o caminho até a Bahia era muito longo para ser encarado pelo chão, de ônibus.

Ficaram hospedados no apartamento do poeta Erthos Albino, na Pituba. Neste primeiro dia, Leminski não sairia de casa, enquanto Alice e Áurea fariam uma rápida incursão pela cidade. No dia seguinte, sol brilhando, praia garantida, eles tomaram o caminho da Boca do Rio, seguindo para o point da constelação baiana. Estavam alegremente reunidos Caetano Veloso, Moraes, Paulinho Boca de Cantor, Pepeu, Baby Consuelo etc.... Quis o destino que este verão fosse efervescente em Salvador, um conagraçamento diário para vinte talheres. Alice recorda-se de que Leminski foi recebido como ídolo pelo grupo:

— Quando Caetano o apresentou, todos fizeram uma festa. Falavam dele como um grande poeta e músico, um tratamento que ele nunca havia recebido. A nossa alegria somente seria ofuscada pela dor que estávamos sentindo pela perda do Miguel.

Leminski reencontraria Moraes Moreira, com quem desenvolveria parceria em pelo menos uma dúzia de músicas consolidadas e outras tantas interrompidas. Foi convidado e aceitou se apresentar na abertura do show de Jorge Mautner, no Teatro Vila Velha, quando cantou músicas do seu repertório. Tudo sem beber uma única gota de álcool. Em nenhum momento ele se mostraria deprimido ou mesmo frustrado por não estar bebendo. Eles chegavam pela manhã na praia e saíam para almoçar no final da tarde, sempre debaixo de um sol escaldante. Visitaram o terreiro de candomblé da ialorixá Stella de Oxóssi, que cantaria para eles “O Canto de Oxóssi”, na língua nagô. Foram a Santo Amaro da Purificação, a convite de Caetano, conhecer a casa dos pais dele, onde se encontrariam com Maria Bethânia e dona Canô. Durante todo o tempo, Leminski mostrava-se extasiado com a descoberta deste novo Brasil, com aroma de dendê.

Em Salvador, eles reencontrariam Waly Salomão numa festa de Largo, no Rio Vermelho, tentando convencê-los a ficar para o carnaval. O episódio é engraçado, pois sentados num bar, contemplando a folia, Waly contaria em detalhes a fantástica história da turista francesa que quase foi estuprada durante uma festa de rua, em meio a uma multidão. O marido em cima do trio elétrico assistindo à mulher cercada por sete negões, sem nada poder

fazer... A turista charmosa entrou em pânico, mas o barulho ensurdecedor da música, além do calor e o aroma de cerveja no ar, transformava tudo em agonia... O homem, aos berros, pedia ajuda à distância, mas ninguém prestava a menor atenção. E os negões ao redor da moça... Leminski não deixaria Waly terminar a história — e, dirigindo-se a Alice, falou sério:

— Benzinho, acho que não vamos ficar para o reinado de Momo, vamos embora mais cedo.

Outro episódio divertido aconteceria durante uma madrugada, quando eles voltavam para a Pituba num ônibus lotado de homens. Todos negões. Alice vestia um short de tamanho normal, mas suficiente para chamar a atenção dos marmanjos. Leminski, roxo de constrangimento, não sabia onde colocar as mãos:

— Para descer do ônibus tivemos que passar por uma passarela humana e os negões abriram a ala com muita malícia. Quando saltamos, um deles colocou a cabeça pra fora da janela e gritou:

— Vai se tratar bem hoje, hein, Bigode?

No dia 22 de janeiro, os amigos da Boca do Rio prepararam uma grande festa pelo aniversário de Alice, que foi abraçada e beijada à moda baiana, com direito a fortes amassos. Leminski morria de ciúmes mas se controlava, sabendo que, afinal, estavam ali para isso, para participar do jogo lúdico da vida. A pequena Áurea encontraria os filhos de Paulinho Boca e Moraes e passaria o tempo todo entre as crianças, não muito longe dali. Assim chegava ao fim um agradável período de férias para eles.

De volta a Curitiba, Leminski era outra pessoa. Muitas dúvidas tinham desaparecido dentro dele, que agora mostrava-se mais seguro e com o ego aparentemente restaurado. Além de ser um artista reconhecido nacionalmente, ele estava completando dois anos sem beber, o que era outro motivo de júbilo. Atendendo a pedidos, trabalharia na tradução para o espanhol da primeira e última páginas do Catatau — enviando-as posteriormente ao poeta Julián Ríos, no México. Dedi cava-se a leitura de biografias (“bilac, antero de quental, pessoa, vitor hugo”, diria em carta a Bonvicino) e aproveitava a boa fase para se dedicar a um novo projeto, desta vez embalado pelo entusiasmo dos fotógrafos da ZAP, um estúdio

(sendo P.A.Z. ao contrário) criado para prestar serviços de publicidade. O sócio de Dico Kremer, Márcio Santos, teve a idéia e eles prepararam uma edição quase artesanal dos poemas, um grande livro intitulado “Não fosse isso e era menos, não fosse tanto e era quase”. Na verdade, o projeto arrastava-se há mais de um ano em trâmites de produção, ameaçando se transformar numa nova lenda, desta vez sobre o “livro de poemas do Leminski”. No dia 9 de maio de 1980, o cartunista Dante Mendonça publicaria n’O Estado do Paraná, uma entrevista com o título:

Vai sair outro livro do Leminski. Olhai a prova!

Na ilustração, o facsímile da nota fiscal emitida pela Grafipar, para 1.000 exemplares, especificando um livro de 80 páginas, tamanho de revista, papel importado, capa dura e plastificada. Na entrevista a Dante, concedida na época de governadores e prefeitos biônicos, Leminski explicava a natureza da obra:

— São oitenta poemas, uma seleta de minha produção de 63 para cá, feita por um punhado de amigos. Então, não existe nenhum poema biônico; os poemas não estão ali por um arbítrio meu, mas sim por uma eleição do gosto de inúmeras pessoas, entre elas Augusto de Campos, Alice Ruiz, Caetano, Gil, enfim, os poetas que fazem parte da minha ecologia.

Uma das dificuldades operacionais da edição era que o livro tinha sido projetado em foto-traço, ou seja, fotografando-se e ampliando-se as letras da máquina de escrever. O resultado gráfico era vistoso e se traduzia num produto híbrido, bastante limpo em sua cor dominante branco, mas “sujo” na medida em que fazia as letras “estourarem” na ampliação. Na abertura, nenhuma dedicatória especial, apenas um agradecimento em forma de poema:

grande angular para a zap

as cidades do ocidente

nas planícies

na beira mar
do lado dos rios
feras abatidas a tiro
durante a noite

de dia
um motor mantém todas
vivas e acesas LUCROS

à noite
fantasmas das coisas não ditas
sombras das coisas não feitas
vêm
pé ante pé
mexer em seus sonhos

as cidades do ocidente
gritam
gritam
demônios loucos

por toda a madrugada

No mesmo empenho editorial, a ZAP produziria o primeiro livro de Alice, Navalhanaliga, graças ao esforço de Márcio Santos, que tomaria para si a tarefa da diagramação, foto da capa e acompanhamento gráfico. Era a reunião de dez anos de produção poética de Alice, que escreveria a dedicatória:

para Miguel Angelo Leminski

não era ainda pessoa

e já sonhava

não é mais pessoa

e ainda sonha

Ainda em 1980, aproveitando algumas sobras do Não fosse isso..., Leminski lançaria um novo livro de poesia. Um elenco de 32 textos que tinham como identidade, segundo seu próprio conceito, “uma natureza voluntariosa, quase uma poesia retumbante”, que ele chamaria de Polonaises. Retamozo desenharia a capa a partir de um manuscrito original de Leminski em polonês, borrifado com gotas de sangue (em vermelho) como um elemento dramático. Na penúltima capa, ao lado da ficha técnica — onde se percebe que a produção acontecera dentro da agência de publicidade Eskala —, uma foto mostra o autor encostado diante de um painel com uma montagem de manchetes do jornal El Dia, de Managuá, em contagem regressiva para a queda do ditador Somoza. O cenário era a casa do jornalista Raimundo Caruso, um dos poetas da Cooperativa, que acabava de chegar do México, onde estivera acompanhando os acontecimentos políticos na Nicarágua. Polonaises seria dedicado ao professor Bóris Schnaiderman e apresentaria em suas páginas o poema “Esplêndido Corcel”, com o qual Leminski tentara, doze anos antes, impressionar Alice no primeiro encontro. Mas tinha um outro poema, sem título, aparentemente à deriva nas páginas:

um poema
que não se entende
é digno de nota
a dignidade suprema
de um navio
perdendo a rota

Foi no outono de 1980, durante uma mudança de estação, que Leminski voltaria a beber. No início timidamente e, logo depois, de forma vertiginosa. Tudo começou com algumas rodadas de chope num restaurante, em companhia de amigos. Ele ergueu o copo dizendo: “Depois de dois anos sem beber, não vai ser uns goles de chope que vai me comprometer.” Alice, que também não bebia há vários meses, por solidariedade, lembra-se que o efeito do álcool em sua cabeça foi devastador. Esta noite eles conversaram sobre um tema que Leminski e Áurea vinham insistindo nas últimas semanas. Eles achavam que Alice deveria ter outro filho. Ela, de imediato, rechaçaria a idéia argumentando que, para isso, seria necessário uma mãe inteira, saudável — e ela não estava se sentindo assim. Áurea rebatia prometendo ajudar nas tarefas domésticas, argumentando que tudo funcionaria melhor com uma criança em casa. Foram algumas semanas de conversa, até que...

Alice ficaria grávida no dia 6 de junho de 1980 (ela memorizou a data por conta de uma transa sexual inusitada entre eles), mesmo contra todas as evidências. A principal, era que ela não tomava pílula há vários anos, sem nunca ter engravidado. Tivera um problema no ovário e, desde então, se acreditava virtualmente estéril. Por tudo isso, nas semanas seguintes, ela diria que a criança que estava vindo fazia questão de chegar. Ao contrário das vezes anteriores, quando se sentiu deprimida durante a gravidez, agora ela havia decidido que nada abalaria o seu humor.

Em agosto de 1980, eu voltaria à casa da Cruz do Pilarzinho, após um ano de ausência. Foi, como sempre, uma visita de amigos, sem nenhum

protocolo. Eu estava apresentando minha namorada carioca, Naná, que foi recebida por Leminski com uma única pergunta, dirigida surpreendentemente para mim:

— É ela? — perguntou em voz alta, querendo saber se devia considerar um namoro sério, algo que pudesse merecer uma certa solenidade.

Diante da confirmação, virou-se para Naná e fez o convite:

— Então, comadre, vamos tomar uma? Vai cerveja ou conhaque?

Leminski e Naná, que era professora universitária e ex-militante do PC do B, conversaram muito sobre o poeta sergipano Mário Jorge, falecido aos 25 anos, que ela conhecera em Aracaju. (M) morreu num acidente de carro, em 1973, depois de levar uma vida intensa e exagerada com sua verve de poeta maldito e contracultural.) O casal, por sua vez, fazia um rico relato da viagem a Salvador, no início do ano, e da relação de amizade que vinham mantendo com os músicos baianos. O frio era curitibana no Pilarzinho: 10 graus.

Depois do almoço, Ivo apareceria com a mulher Suca, a filha Angela — com apenas dois meses — e o violão. Passamos a tarde tomando cerveja e cantando as novas parcerias da dupla. Alice entrava no terceiro mês de gravidez. O fogão à lenha deixava escapar labaredas pelas aberturas da chapa, onde fumegava um panela de pinhão, que seria servido acompanhado de uma porção de sal. “Sal e pimenta”, coisa de polaco, ele diria. Ficamos sentados na escada da varanda, onde fizemos a foto mostrando um bom pedaço da casa de madeira. (A mesma paisagem captada pelo filme Vida e sangue de polaco, de Sylvio Back, onde Leminski aparece dizendo preferir a expressão polaco ao invés de polonês.) Enquanto conversávamos, ele repetiria um gesto que era a sua marca registrada, em âmbito doméstico: quando ouvia uma notícia que considerava espetacular, ou apenas notável, não respondia diretamente ao interlocutor, mas levantava-se e desaparecia pelo interior da casa, aos gritos:

— Alice... Alice... Escute o que o Martins está dizendo...

Estas manifestações davam densidade e espessura ao seu cotidiano. Havia vibração no menor gesto, tudo lhe era magistral. Assim, por força destes próprios desígnios, planejamos promover o lançamento de Não fosse isso... e Polonaises no Rio de Janeiro. Como ponto de partida, argumentei que o livreiro Rui, da Muro, em Ipanema, era meu amigo e não seria difícil agendar uma data para o evento. Eles acharam a idéia maravilhosa e vibraram com a perspectiva de poder voltar à Guanabara, agora em outras circunstâncias. Nos despedimos com um “até breve”.

O ano de 1981 traria uma seqüência de boas surpresas na casa da Cruz do Pilarzinho, onde a harmonia parecia estar de volta. A primeira das conquistas foi a compra de um telefone, 223-7866 (sem dúvida, um bom milhar), com o qual eles iriam virtualmente encurtar as distâncias e desacelerar a prática de escrever cartas para os amigos. Em compensação, passariam a gastar uma pequena fortuna mensal com ligações telefônicas. Ainda assim, a boa notícia chegaria mesmo num táxi, no dia 4 de março. O amigo Retamozo e sua mulher Gorda (que na verdade era magra) chegariam trazendo o disco Outras palavras, de Caetano, onde estava gravada a música “Verdura”, de Paulo Leminski (tecnicamente, por ter criado a harmonia, Ivo deveria constar como parceiro):

De repente me lembro do verde

A cor verde

A mais verde que existe

A cor mais alegre

A cor mais triste

O verde que vestes

O verde que vestistes

O dia em que me viu

O dia que me vistes

De repente vendi meu filho
Pruma família americana
Eles têm carro
Eles têm grana
Eles têm casa
E a grama é bacana
Só assim eles podem voltar
E pegar o sol em Copacabana
E pegar o sol em Copacabana...

Foi uma festa. Eles tocariam a faixa dezenas de vezes, sempre tecendo os melhores comentários sobre o disco e a gravação — que neste mesmo ano seria escolhida como tema musical do filme *O rei da vela*, de Zé Celso e Noilton Nunes, que também apareceram no *Pilarzinho*. Enquanto ouviam a música repetidas vezes, a capa do LP circulava de mão em mão, todos querendo conhecer detalhes da gravação. Neste dia, em meio a tantas comemorações, Alice sentiria as primeiras contrações.

7 de março de 1981. Depois de uma gravidez tranqüila e verdadeiramente diferenciada, nascia Estrela Ruiz Leminski, signo de Peixes. Se fosse homem seria Leon, em homenagem a Trotski, já que Leminski estava envolvido nestes dias com a organização de esquerda Libelu — Liberdade e Luta. Estrela veio ao mundo de manhã cedo, junto com os primeiros raios de sol. Desta vez, o pai não apenas estava presente na maternidade como ajudaria a cortar o cordão umbilical. É bem verdade que um dia antes ele tinha tomado um porre daqueles de perder o rumo de casa. (Sabe-se que estava com uma namorada, a dona de um bar.) Durante a madrugada, quando finalmente apareceu em casa, ele e Alice tiveram uma áspera discussão, que parece ter provocado as contrações. Eles saíram às pressas, no meio da noite, e chegaram ao hospital às 6 horas da manhã, com Alice

segurando a barriga com uma das mãos. Estrela nasceu às 6:25 — e quando isso aconteceu, Leminski estava ao lado, com um relógio na mão, colhendo informações para o mapa astral do bebê. Ele foi o primeiro a exclamar:

— É uma menina!

Quando tudo terminou, tinha as marcas das unhas e do relógio na palma da mão. O médico deu o nó no cordão umbilical e passoulhe uma tesoura, pedindo para ele cortar. A enfermeira tirou a criança do colo da mãe e entregou-a a ele, que desajeitadamente a embalou por alguns minutos. Em seguida, saíria do quarto deixando atrás de si um enorme ponto de interrogação, até retornar minutos depois com uma cesta de frutas para Alice. Chegou dizendo que sentira vontade de ajoelhar-se diante de cada mulher que encontrara na rua. Estava profundamente emocionado com o ato da maternidade. Estes acontecimentos teriam, no futuro, uma forte influência em seu comportamento, ajudando a quebrar alguns mitos e remover algumas barreiras. Ele tinha vivido uma experiência inédita, bastante revolucionária, que poderia, finalmente, transformá-lo num grande pai. Ou algo assim. Em carta a Bonvicino, um mês depois, Leminski deixaria escapar um sentimento igualmente inédito em seus textos:

tem acontecido coisas, maravilhosas, coisas fundamentalmente maravilhosas, coisa linda é essa estrela, doce de leite e coco de amor.

Antes do final do ano, juntando os direitos autorais da música gravada por Caetano e o dinheiro de um prêmio literário que Alice ganhara com Navalhanaliga, eles comprariam um carro de segunda mão, um fusquinha verde, ano 70, que seria batizado de Verdura. Leminski jamais aprenderia a dirigir, razão pela qual sempre dizia que o carro não era dele e sim de Alice. Na verdade, mesmo viajando de carona, ele tinha medo do trânsito e freqüentemente entrava em pânico, sentindo-se à mercê dos acontecimentos. O ideal seria que o tempo e o espaço, entre um ponto e outro do cotidiano, fosse sempre mínimo.

Nesta época, Leminski e Alice tiveram uma conversa profunda seguida de uma decisão que mudaria o rumo de suas vidas. Ou a rota. Baseados num

leque de argumentos, inclusive a própria infidelidade dele, até então mantida na obscuridade das conveniências, eles decidiram “abrir” o casamento. Na verdade, sabese que Leminski vinha mantendo alguns “casos” amorosos, com mulheres conhecidas ou não. Uma delas, a loura Mara, era viúva, jovem e proprietária do bar Kappelle, um belo ambiente decorado como uma pequena igreja — com altar e púlpito — bastante freqüentado pelos rapazes no final dos anos 70. Como um bom seminarista, Leminski dizia sentir-se “em casa, tomando o vinho do padre na sacristia”. O estúdio de fotografia de Jack Pires e Retamozo, e a redação do jornal Scaps, enquanto existiu, ficavam no prédio ao lado, na rua Barão do Cerro Azul. Durante algumas madrugadas Leminski foi visto como o último freguês a sair do Kappelle, quase sempre acompanhado. Mara confirma:

— Não vou negar este fato. Mas eu não esperava nada da relação com ele, apenas amizade. Ele ficava até o final da noite, quando eu fechava o caixa e saíamos pela madrugada. Era divertido e bem melhor que a solidão.

Alguns amigos contabilizaram pelo menos quatro “namoradas” para ele num período de dois anos. Tinha inclusive uma moça reconhecidamente lésbica e uma colega da agência Múltipla, onde ele agora trabalhava como redator. Alice, por sua vez, conheceria um rapaz, um caso definido por ela como “superficial”, mas suficientemente poderoso para causar o efeito de uma bomba na vida conjugai. Para complicar a situação, eles tiveram um romance duplo certa noite, quando dois amigos ficaram para dormir. Alice deitou-se com o rapaz num dos quartos e Leminski ficaria com a moça em outro. A experiência seria amarga para todos, reconhece Alice:

— Foi uma tolice o que fizemos. Nenhum de nós tinha o perfil para esta situação. Nos agredimos e sofremos muito com estes casos mal resolvidos.

O que se seguiu foi um período de desarranjo conjugal, durante o qual Leminski expressaria seu ciúme de forma estranha e totalmente nova. Ele passaria a pressionar Alice diariamente para conhecer detalhes de sua transa com o namorado — ou qualquer outro caso que ela pudesse ter. Ele queria conhecer tudo, inclusive as passagens mais íntimas e espetaculares. Para confundir ainda mais as emoções, ele mesmo passaria a contar detalhes de seus casos extraconjugais. Era uma forma curiosa de paranóia

ou fetichismo, uma manifestação embalada e resguardada por suas próprias defesas e temores.

*O lançamento de **Não fosse isso... e Polonaises** em terras cariocas seria finalmente marcado para o começo de agosto de 1981, na livraria Muro. Programou-se um lançamento triplo, uma vez que Alice estaria autografando a tradução de 10 haikais de mulheres japonesas, uma edição artesanal e sofisticada da Noa Noa, de Santa Catarina. Eles chegaram carregando caixas de livros e seguiram para o nosso apartamento, em Ipanema, onde Naná preparara um quarto de hóspede. (Na verdade, tivemos que deixar as crianças na casa de amigos para recebê-los). Áurea ajudava a cuidar de Estrela, que com quatro meses fazia a sua primeira viagem nesta galáxia. Eles tinham uma entrevista agendada para o mesmo dia com a repórter Cora Rónai, do Jornal do Brasil, que apareceria na hora combinada: onze da manhã. Eles conversaram animadamente sobre assuntos referentes a poesia e literatura — e, sendo ela filha do imortal Paulo Rónai, tudo ficaria mais fácil. A reportagem seria publicada no dia seguinte no “Caderno B” com o título “Paulo e Alice, o poema como inutensílio”, onde ele refletia:*

— A poesia não é literatura. Ela está muito mais próxima das artes plásticas e da música do que da ficção, embora seja feita com palavras. A diferença é que na poesia as palavras têm uma função diferente da que têm na prosa.

A reportagem, ilustrada com uma foto do casal, ajudaria a divulgar a promoção — da qual eu havia sido investido de produtor —, e a noite de autógrafos no dia seguinte seria um sucesso. Ainda bem! Lá estavam os amigos Caetano Veloso, Moraes Moreira, Julio Barroso e a cantora Alice Pink Punk, do grupo Gang 90 e Absurdetes. Uma revista de Curitiba mandou uma equipe registrar o evento e quem apareceu foi o fotógrafo Julio Covello — que aproveitaria para rever seu velho amigo Waly Salomão, que chegou de repente com o artista Luciano Figueiredo. A comunidade curitibana apareceria em peso para prestigiar a festa do Polaco. (Menos Ivan e Neiva, que agora viviam outra vida, morando em Copacabana com o pequeno Luciano.) Carlos João conversava animadamente com velhos companheiros e tentava surpreender o fotógrafo Zeka Araújo, lembrando

os “bons tempos” do Correio da Manhã. Presentes no local o rádio e a televisão... Na época trabalhando como editor da TV Bandeirantes, no Rio, consegui garantir a presença de uma equipe de jornalismo — que colocaria a reportagem no ar no dia seguinte, em rede nacional. Uma fita com músicas by Leminski, inclusive “Verdura”, “Valeu” e todas as gravadas em estúdio pela banda Blindagem, tocava sem parar. Como o repertório não era suficiente para completar o rolo, os DJs Laurinho e Willie incluíram músicas de John Lennon, Elvis e Dylan, bem ao gosto do autor. No final, os Leminski venderam uma quantidade suficiente de livros para garantir a viagem de volta, comprar algumas novidades e tomar várias cervejas.

O trabalho na agência Múltipla, de onde Leminski vinha tirando “o leite das crianças”, reeditava a mesma equipe de anos anteriores na P.A.Z., com Solda e Rogério Dias formando uma dupla impagável, conhecida na cidade como o Duo Deno; com a chegada de Leminski, a formação passaria para um trio, o Seqüelas do Alcoolismo. Eles faziam poesias a quatro mãos (ver Apêndice 9) e compunham músicas engraçadas que cantavam informalmente em bares e casas de amigos. Como o próprio nome sugere, todos bebiam muito. Costumavam derrubar uma garrafa de vodca durante a tarde, no bar da esquina, onde efetivamente trabalhavam. Solda lembra que tudo dava certo, apesar dos conflitos com a direção da agência:

— A gente voltava no final do expediente para passar a limpo e encaminhar a arte para ser feita no dia seguinte. O caos era apenas aparente. É verdade também que ninguém nos pagava para que trabalhássemos no botequim, mas era assim que a coisa funcionava.

No repertório do Seqüelas, despontava uma paródia de sambaenredo curitibano criado para animar as tardes no trabalho. A letra era de Leminski, com ajuda de Solda:

Foi na Antiga Grécia

Que nasceu a Filosofia

Mas em Curitiba

A coitada entrou numa fria

Pois na Faculdade de Filosofia

Foi submetida

A um corte epistemológico

Que a fez cair na vida

(onde foi?)

Foi na Antiga Grécia...

A brincadeira com música acabaria tornando-se séria depois que a banda Blindagem gravou um LP com sete músicas dele, a maioria em parceria com Ivo, que aparece como vocalista em todas as faixas. O disco fora gravado em São Paulo, pelo selo Continental, com Almir Sater na viola de apoio. Em seguida, Paulinho Boca de Cantor, Moraes Moreira e o conjunto a A Cor do Som — formado por remanescentes dos Novos Baianos — fariam o mesmo. A Cor do Som daria nome ao disco gravado em 1981: Mudança de estação. Os contatos foram feitos através de Helinho Pimentel, agora morando no Rio e trabalhando como empresário do grupo.

Mas seria mesmo o resultado da parceria com Moraes Moreira que deixaria tudo em pratos limpos para ele. A música “Promessas demais” seria escolhida como tema de abertura da novela Paraíso, da Rede Globo. Ele havia criado a letra no ônibus, durante uma viagem para o Rio. Ao mostrá-la para o parceiro durante o ensaio, Moraes resolveria — com a ajuda do guitarrista Zeca Barreto — a parte melódica. Agora, ele podia ouvir a música diariamente, a todo volume, na voz de Ney Matogrosso:

Não precisava não

Acenar

Tanta felicidade

O rio que vai me levar

Não passa na tua cidade

(...)

Sobre a sensação de ouvir sua própria canção tocando na televisão, ilustrada por um trabalho gráfico de Hans Donner, Leminski diria:

— A coisa mais parecida é o orgasmo.

A parceria com Moraes renderia outras três canções no LP *Coisa acesa*, de 1982. Ao todo, foram 12 músicas. O grupo MPB4 escolheria “Baile no meu coração”, que seria gravada também em Portugal pelo conjunto Os Trovantes. Por conta do trabalho e da amizade que nascia entre eles, Leminski e Alice voltariam muitas vezes ao Rio de Janeiro, agora hospedando-se na casa de Moraes, no Horto Florestal. Eles seriam compadres “a vera”, desde que Moraes e Marília foram escolhidos como padrinhos de Estrela. Num desses encontros, e diante da perspectiva agradável de passar uma tarde chuvosa compondo e bebericando, os dois decidiram tomar um LSD. Não discutiram muito com o destino e mandaram as pastilhas pra dentro. Moraes lembra-se de que estava na expectativa, esperando algo acontecer, quando Leminski levantou-se bruscamente e denunciou:

— Porra, este ácido é fajuto! Mais de meia hora e nenhuma rima!

Nesta temporada carioca, Leminski conheceria o compositor Antonio Cícero — irmão da cantora Marina — que, como ele, era um letrista de música popular com acentuada formação erudita. Cícero seria um interlocutor à altura para questões de “poesia musicada”, uma de suas especialidades:

— Nossas conversas foram concentradas neste universo poético da MPB. Troquei idéias com Leminski sobre este específico segmento lítero-musical, que ele chamava de “neoconcreto”.

Em seguida, Ângela Maria gravaria “Sempre Angela”, escrita especialmente para ela (em parceria com Fred Góes, poeta carioca), e usaria a faixa para dar nome ao disco. Leminski reagiria com entusiasmo ao saber da novidade através de um telefonema de Moraes:

— É a glória!

Quando estas coisas, longamente esperadas, começaram a acontecer, a consequência imediata seria uma trégua nas dificuldades financeiras. Eles conseguiam finalmente equilibrar as finanças ganhando um bom dinheiro com direitos autorais e ainda fazendo trabalhos publicitários esporádicos. Em janeiro de 1982, a revista Veja publicaria uma ampla reportagem com o título “Um Brilhante Maldito”, destacando que “o agressivo Leminski sai do anonimato literário e invade as rádios com boas canções”. Na legenda da foto, o bigode em primeiro plano, uma linha e dois slogans: “Leminski: arredio a badalações, autodefine-se como ‘uma besta dos pinheirais’.” Na outra foto, na página seguinte, ele aparece tocando violão sentado nas escadas da casa do Pilarzinho. Em meio a uma série de elogios, uma constatação da revista: “Agora, com duas canções entre as mais executadas nas rádios FM do país — ‘Mudança de estação’, com a Cor do Som e ‘Chapéu de marinheiro’, com o grupo Blindagem —, ele conquista uma popularidade tão justa quanto avessa à sua personalidade.”

Para consolidar a vivência com o mundo da música, Leminski conheceria Itamar Assumpção, “o nego Dito”, um legítimo representante do lado marginal da MPB. Eles tinham sido apresentados meses antes num show de Arrigo Barnabé, em Curitiba. Deste encontro nasceria uma sólida amizade e algumas parcerias. Eles ficaram três noites conversando, na Cruz do Pilarzinho, fumando verdadeiras toras e bebendo todas — mas sempre se afinando em idéias musicais e outras linguagens pertinentes. Num certo sentido, considerando o pendor marginal de cada um, eles eram “farinha do mesmo saco”. Itamar ganharia um exemplar do Catatau e, como o Descartes da história, ficaria a ver navios. De volta a São Paulo, aproveitaria a viagem de ônibus para ler os poemas que ganhara e considerava mais “digestivos”. Sua primeira parceria musical seria com Alice — para uma música chamada “Navalhanaliga”. Com Leminski, ele faria “Vamos nessa”, gravada no disco Sampa Midnight, no ano seguinte.

Em meados de 1982, ficaria pronto o livro de poemas de Miguelzinho, um trabalho das Edições Piratas, de Recife, que Alice produziu desde o início. Kátia Bento, a poeta que se tornara amiga deles na época do Jornal do Escritor, no Rio, trabalharia na composição artesanal dos onze poemas. Um deles:

Sou um gatão

como um tigrão

Sou um felino

como um menino

Na foto da capa, trabalhada em sépia e assinada por Dico Kremer, Miguelzinho aparece como sempre viveu: andando descalço, com o tênis na mão, em meio às barracas de um acampamento.

Parece história, mas tudo aconteceu num único dia. Eu estava em Curitiba em companhia de um amigo carioca que manifestara o desejo de conhecer Paulo Leminski, além dos livros e da fama. Era o jornalista Cosme Coelho, meu colega na TV Globo, para o qual eu agendara, informalmente, uma visita a Cruz do Pilarzinho. Era como que, ao apresentar de viva voz meus amigos poetas, só então eu pudesse dar por encerrado o relato vivo das histórias curitibanos, temas de muitas conversas de botequim. Quando chegamos, no início da noite, encontramos Alice afivelando as malas, se preparando para passar três dias em São Paulo. Diante desta perspectiva, o Paulo não conseguia disfarçar a excitação pela nossa entrada em cena, o que lhe garantia um motorista para o Verdura e, como conseqüência, uma noitada movimentada e festiva pela cidade:

— Fofa, podemos te levar na rodoviária, o Martins sabe dirigir.

Seguimos os quatro no fusquinha. Assim que Alice desapareceu na porta de vidro, caminhando em direção ao ônibus, ele entrou no carro passando-me as chaves e indicando o destino:

— Vamos ao bar do Pudim! É um botequim ao lado do cemitério, onde a qualquer momento podemos ser surpreendidos com a chegada sempre espetacular de Rita Pavão e suas coristas — referindo-se a uma conhecida bailarina da cidade.

O bar do Pudim, quer dizer, do jeito que o encontramos, mais parecia um velório. Mas o Paulo não perdeu o rebolado:

— Calma, rapazes. Elas costumam chegar de repente... Vai ser uma festa!

Ele pediu um conhaque, que veio acompanhado de uma cerveja não muito gelada. A conversa girava em torno de suas últimas produções, tanto musicais como literárias. Logo vieram mais um conhaque e outra cerveja. E depois outros. Falamos animadamente de tudo, durante quase duas horas, sem que a Rita Pavão — e sequer uma única corista — desse o ar de sua graça. Já estávamos sensivelmente atingidos pelo efeito das biritas, quando ele decidiu recuperar o tempo perdido propondo uma saída estratégica até a churrascaria do Coritiba, no estádio do Alto da Glória:

— Vamos comer uma carne, um churrasco tipicamente paranaense, com aquele corte América do Sul...

Na rua, tivemos uma surpresa desagradável, pois procuramos mas não encontramos o Verdura. Ficamos parados por alguns minutos girando no exato local onde o carro deveria estar, tentando entender o que estava acontecendo. De braços abertos, o Paulo subitamente explodiu no óbvio:

— Roubaram o carro! Não acredito. A Alice vai me matar! Como isso foi acontecer, meu Deus?

— ...

— Martins, você travou bem a porta quando chegamos?

— Claro, Paulo, mas ladrões não respeitam isso...

— Incrível! A Alice não vai acreditar que foi simples assim: entramos no bar do Pudim e roubaram o carro!

Desolado, sentou-se no meio-fio compondo mais uma cena tipicamente chapliniana. O Cosme, tentando abrandar a nossa estupefação, ponderava que o carro estava velho e não era nenhum modelo cobiçado, portanto, “quem iria roubar!”.

Neste momento, um desconhecido que subia a rua proferiu uma pergunta esclarecedora:

— Por acaso vocês estão falando de um fusquinha verde?

O carro descera sozinho a ladeira da rua Nilo Peçanha, seguindo por dois quarteirões até atravessar a rua, subir na calçada e bater no muro de um terreno baldio. Foi um acontecimento inusitado para as crianças que acompanharam tudo de perto, correndo ao lado em grande algazarra. Alguns ônibus tiveram que desviar e uma manobra mais brusca de uma Kombi quase provocou um acidente. Quando chegamos o Verdura estava cercado de garotos que se perguntavam quem seria o dono do “carro fantasma”. No final, apenas um pára-choque levemente amassado. (Mais tarde, Alice promoveria uma pequena investigação para concluir que houve falha humana, pois o freio de mão não tinha sido acionado.)

Minutos depois, na churrascaria do Coritiba, a cena que nos aguardava não seria menos insólita: todas as mesas estavam reservadas para jantares de confraternização, como só acontece nesta época do ano. As cadeiras, mais de duzentas em formação militar, aguardavam inclinadas num sinal respeitoso de “ocupadas”. Mesmo assim, o garçom decidiu abrir uma exceção, afastando para o lado uma mesa com três cadeiras. As reservas, feitas por duas grandes empresas, estavam marcadas para as 21 horas e o relógio na parede indicava 20:30.

Diante da constatação, o Paulo fulminou o garçom com um estranho pedido:

— Pode trazer oito cervejas e churrasco para três.

O homem ainda nos varreu com o olhar antes de perguntar:

— Oito cervejas?

Eu tentei influenciar:

— Bem, Paulo, ele pode abrir duas cervejas agora, depois pedimos mais duas...

Ele insistiu argumentando com aquela lógica meio amalucada que manifestava em algumas situações:

— Vocês podem imaginar como este lugar vai ficar quando as pessoas chegarem? Não vamos encontrar o garçom com facilidade e a cerveja vai acabar em questão de minutos...

E dirigindo-se ao garçom:

— Faça o que estou dizendo: oito cervejas. E deixe todas abertas, por favor!

— Mas, Paulo, veja bem...

No final, vieram seis cervejas, tomamos quatro e deixamos duas pagas, abertas e sem tocar. Na saída, ele fez o último comentário olhando para o garçom:

— É melhor sobrar do que faltar.

É claro que, até então, nenhum freguês havia chegado.

Um dia, um telefonema. Era Luis Schwarcz, da Editora Brasiliense, fazendo um convite. Ele oferecia uma oportunidade para Leminski participar da coleção Encanto Radical, um sucesso da editora paulista — na época uma das mais importantes no mercado brasileiro. O petisco era uma coleção de biografias rápidas, quase um perfil, sempre com personagens de impacto no mundo da cultura, como Emiliano Zapata, Oswald de Andrade, Bob Marley e Antonin Artaud.

Os olhos dele cintilavam quando propôs escrever sobre Cruz e Sousa, o poeta negro catarinense, e Schwarcz aceitou. Os dois combinaram prazos, forma de pagamento e se despediram. Ato contínuo, Leminski pôs-se a trabalhar com exclusividade no projeto. O material de pesquisa já estava em casa, ao alcance das mãos.

Como um fã de Cruz e Sousa, costumava dizer: “Fosse um negro norte-americano, ele tinha inventado o blues. Brasileiro, só lhe restou o verso, o soneto e a literatura para construir a expressão da sua pena.” Em prazo recorde pôs o ponto final naquela que seria a primeira de uma série de biografias que escreveria para a Brasiliense, a partir de 1983. Seu estilo sucinto acompanhava um conceito de “idéia” do personagem, que poderia muito bem ser apresentada em poucas palavras. Leminski não acreditava em obras prolixas, como as de Lobsang Rampa e outros místicos, que amontoavam “verdades supremas” em mais de vinte volumes. “Não é mais filosofia; é mercado editorial”, acusava. O livro Cruz e Sousa, o negro branco, em formato de bolso e com 80 páginas, seria dedicado:

ao lado negro, do lado da minha mãe, para Gilberto Gil, pai de santo, guru, sensei, mestre zen, brilho do 3º mundo, mimo de todos os orixás. Para Cassiana Lacerda,^{13} pelo amor ao Símbolo.

O lançamento da biografia de Cruz e Sousa suscitaria pelo menos duas reações distintas da crítica, partindo de dois interlocutores importantes para ele. Num rompante de sinceridade, Risério faria restrições ao livro, considerando o resultado final uma frustração: “Eu esperava mais do tema, principalmente vindo de Paulo Leminski.” Para contrabalançar os valores dos quesitos, o sambista Nei Lopes, um conceituado estudioso da cultura negra brasileira, lhe escreveria uma carta dizendo-se entusiasmado com o livro.

Nei mandaria, via editora Brasiliense, seus dois livros abordando a cultura e as agruras da comunidade negra no Brasil. Depois disso, os dois trocariam correspondências e telefonemas. Leminski apresentaria o ensaio Alegria da senzala, tristeza das Missões, que havia publicado num suplemento cultural. Em seguida, receberia uma nova carta de Nei Lopes, que suscitaria a seguinte resposta:

Mano: que baile você me deu! Suas considerações sobre a Alegria da senzala e tristeza das Missões são setas certeiras como as flechas de Oxóssi. Te proclamo desde já meu mestre e consultor máximo em assuntos afro.

E encerrava com uma saudação em ioruba, que significa “até logo, irmão”.

A biografia de Cruz e Sousa funcionaria como um talismã. As relações com a editora se fortaleceriam com a entrada em cena de Caio Graco Prado — o principal executivo da Brasiliense — que assumiria o papel de grande incentivador do trabalho de Leminski no campo literário. Caio e Schwarcz se mostrariam receptivos às idéias do poeta, que passaria a exercer uma saudável influência em seus editores, apresentando uma safra de sugestões editoriais das quais se encarregaria também das traduções. Assim, Leminski traduziria e a Brasiliense publicaria Pergunte ao pó, de John Fante (a única que não foi indicação sua); Folhas das folhas da relva, de Walt Whitman; O supermacho, de Alfred Jarry; Satyricon, de Petrônio

(traduzido do latim); Sol e aço, de Mishima; Um atrapalho no trabalho, de John Lennon, e Giacomo Joyce, de James Joyce. Suas afinidades com as obras da geração beat o levariam a traduzir Vida sem fim, de Ferlinghetti, e a sugerir a edição — da qual escreveria o prefácio — de Cartas na rua, de Charles Bukowski. (Qualquer semelhança entre ele e o personagem Henry Chinaski, um “sujeito ávido de uísque, cerveja, vinho e sexo”, não é mera coincidência.)

Seu trabalho como tradutor chamaria a atenção dos especialistas. O crítico Ariovaldo Augusto Peterlini, professor da USP, escreveria na Folha de S. Paulo:

— Paulo Leminski está entre os tradutores que amam o perigo. Depois de Joyce, Petrônio. O Satyricon (texto latino escrito provavelmente sob Nero, por um suposto Petrônio) é um desafio que impõe audácias. E como é audacioso o artista que há em Paulo Leminski. “Entre trair Petrônio e trair os vivos”, escreve ele no prefácio, “escolhi trair os dois, único modo de não trair ninguém.”

O próprio Leminski diria que, ao traduzir Satyricon, o fizera com o máximo de fidelidade ao sentido original, mas usando uma linguagem “de hoje”. Assim, a expressão “Por Júpiter capitolino” seria traduzida simplesmente por “Céus!”

O professor Antonio Houaiss, também na Folha de S. Paulo, comentaria a tradução de Giacomo Joyce:

— Texto destinado ao frêmito, à emoção, a fundas concupiscências interiores, é texto que dá prazer à vida pois dá prazer de ler: o que se logra, aqui, no original e na tradução.

Em seguida, Leminski decidiria encarar outro desafio ao propor a tradução de Malone Morre, de Samuel Beckett, consolidando seu engajamento no “difícil”, primando pela escolha de textos considerados “pedreiras”. No caso de Beckett, traduziria simultaneamente do inglês e do francês — idioma original da obra. Em sua apresentação, ele afirmava: “Beckett é um senhor das palavras que usa, nunca um escritor comum, desses que são usados pelas palavras.” O resultado final, em português, levaria em conta valores dos textos nas duas línguas. Ele diria:

— Neste boom de traduções, do qual eu participo, se traduzem obras B ou C quando ainda tem coisas A que não foram editadas no Brasil. Eu tenho sete livros traduzidos, todos eles esgotados, e alguns de valor enorme, como Beckett e Joyce, que considero as melhores coisas que fiz na área. Numa jogada um pouco diferente, posso incluir também John Lennon, com o qual eu pratiquei uma transcrição.

Ainda em 1983, Leminski publicaria uma coletânea de poemas — pela primeira vez com distribuição nacional — que chamaria de Caprichos e relaxos, reunindo 150 páginas de trabalhos publicados anteriormente em Polonaises, revista Invenção e Não fosse isso..., além de letras de música e dos capítulos inéditos “Ideolágrimas”, “Sol-te” e “Contos semióticos”. A obra tinha apresentação de Haroldo de Campos e Caetano Veloso, que destacava na última capa:

— Esse livro de poemas é uma maravilha, porque os poemas de Leminski são muito sintéticos, muito concisos, muito rápidos, muito inspirados. Ele é um personagem único no panorama da curtição de literatura no Brasil. Eu acho um barato. Deve ser instigante para os poetas do Brasil o aparecimento desses novos poetas. Leminski é um dos mais incríveis que apareceram.

A crítica — como havia acontecido com o Catatau — receberia o livro com entusiasmo. O jornalista Mário Sérgio Conti, da revista Veja, saudaria o lançamento:

— Leminski alerta para o fato de que alguns de seus poemas devem ser ditos em voz alta, e até cantados, para serem plenamente usufruídos. Mas o melhor dele são os poemas impressos — é na luta com as palavras no branco e preto da página que ele ocupa o lugar de um dos nomes mais inovadores da atual poesia brasileira.

Régis Bonvicino, mesmo sendo uma pessoa “de casa”, juraria isenção crítica ao afirmar categoricamente, em resenha publicada no Jornal da Tarde:

— Sem exagero, o melhor livro de poesia do ano.

A professora e crítica Leila Perrone-Moisés, no jornal O Estado de S. Paulo, mostrava-se sensibilizada com a obra:

— Samurai e malandro, Leminski ganha a aposta do poema, ora por um golpe de lâmina, ora por um jogo de cintura. Tão rápidos que nos pegam de surpresa; quando menos se espera, o poema já está ali. E então o golpe ou a ginga que o produziu parece tão simples que é quase um desaforo:

acordei bemol.

tudo estava sustentado

sol fazia

só não fazia sentido

Outro analista, Marcos Augusto Gonçalves, na época editor do caderno “Ilustrada”, da Folha de S. Paulo, saudaria a “Volta a trivialidade de Paulo Leminski”, não exatamente com elogios diretos, mas com inquietações: “Leminski emite uma voz multidirecional, uma voz cujos estilhaços podem atingir em cheio o leitor mais sofisticado ou irritá-lo — quando então estará acertando o leitor menos literário, se bem que esperto.”

O sucesso de crítica seria acompanhado do sucesso de venda — e, em menos de um mês, a primeira edição de 3 mil exemplares de Caprichos e relaxos estava esgotada. Os editores decidiram rapidamente rodar uma segunda fornada, de 5 mil exemplares, que repetiria o sucesso da primeira. Então, uma terceira e última edição, de 10 mil exemplares, em parceria com o Clube do Livro, seria lançada e esgotada no ano seguinte. Ele aparecia na mídia para esnoabar:

— Agora vou dar um tempo em publicidade, deixar de lado o discurso exato e preciso; quero reconquistar o direito de ser nebuloso.

Em janeiro de 1984, uma nova mudança de endereço para os Leminski. Sem se preocupar com dinheiro, eles escolheram uma casa em melhores condições que a atual e igualmente ampla — e mudaram-se para a rua Antonio Cesar Casagrande, ainda no Pilarzinho. A escolha seria por um bangalô de madeira, de estrutura baixa, com varanda e um amplo jardim

na frente, ao estilo japonês. À esquerda da porta principal, na sala, num espaço marcado pelo desnível do piso, ficava a biblioteca, mais revirada de livros do que nunca, um verdadeiro caos de propósitos literários. Na parede, um pôster de Miguelzinho com o poema de Alice ocuparia o espaço principal da sala. A estante de bambu, a radiola, as grandes almofadas e o velho baú compunham os elementos básicos. Na garagem, o fusquinha Verdura resistia à passagem do tempo.

Quando apareceram no bar da esquina, pela primeira vez, alguns vizinhos comentaram que aquela casa não trazia sorte para seus moradores. O último casal a morar nela — disseram — separou-se depois de uma briga sensacional, daquelas de quebrar móveis e atirar louças pela janela. Leminski e Alice riram da história, dizendo que eles iriam quebrar, sim, mas era a tradição de baixo astral, fazendo daquela casa o lugar onde seriam felizes para sempre.

E a felicidade pode assumir algumas vezes a faceta do reconhecimento público. Foi assim com a entrevista publicada pela revista Veja com o escritor e crítico Nicolau Sevcenko, que, instado a falar da experiência cultural de sua geração, definiu-a como uma geração sem palavras, “não por não ter vocação para falar, mas porque sua palavra não era solicitada pelo espaço público, que já estava ocupado pela ditadura”. Assim, como consequência, tínhamos uma geração “que traz um enorme anseio pelo respeito às individualidades e diferenças, de uma abertura à multiplicidade das manifestações culturais em todos os níveis”.

O entrevistador, Guilherme Cunha Pinto, quis saber “onde se pode notar esse caráter introspectivo da cultura atual”. A resposta de Sevcenko:

— Na poesia de Paulo Leminski, por exemplo — nadei, nadei, não dei em nada —, um jogo de aliterações vinculado ao concretismo, mas cuja textura vem toda da beat generation, de uma geração marginalizada, corroída, sem perspectivas. Tudo que respira, conspira. Na poesia de Leminski, há a síntese de uma vivência e experiência histórica muito fragmentada e concisa.

Em seguida, Leminski mergulharia no projeto de uma nova biografia: Bashô, a lágrima do peixe, sobre aquele que era, na sua opinião, “o maior

poeta que o Japão já produziu”. Suas pesquisas sobre haikais o remeteriam a duas fontes de consulta: o original, em japonês (Nippon Haishô Taikei, editora Kanda Hosui), e uma tradução em inglês para Haiku, de R. H. Blyth. O livro seria dedicado “a Kenjiro Hironaka, Makoto Yamanouchi e Aldo Lubes, meus mestres de judô, na Kodokan. Para Alice Ruiz que, entre tantas coisas, ainda acha tempo para ser uma haikaisista japonesa do século XVIII. Para Augusto de Campos, inventor da poesia japonesa no Brasil”. Em nota editada no final do livro, ele recomendava também a produção de haikais de Millôr Fernandes, como referência do gênero.

O trabalho dava resultados e ele desfrutava de privilégios concedidos apenas aos grandes autores. Planejava completar um ciclo de biografias que, no futuro, deveriam ser publicadas num único volume chamado “Vida”. Os dois outros livros eram sobre Jesus, que seria lançado em 1984, e Trotski, em 1986:

— São quatro maneiras de como a vida pode se manifestar: a vida de um grande poeta negro, simbolista, que se chamou Cruz e Sousa; Bashô, um japonês que abandonou a classe samurai para se dedicar apenas à poesia, e é considerado o pai do haikai; Jesus, profeta judeu que propôs uma mensagem que está viva há 2.000 anos; e Trotski, o político, o militar, o ideólogo e revolucionário. Quero homenagear a grandeza da vida em todos esses momentos.

A biografia de Jesus — dedicada a Domingos Pellegrini, Alice Ruiz e Paulo Cesar Bottas, um frei dominicano, também compositor — traria novamente a marca da polêmica, ao propor uma nova leitura do Personagem, inclusive tratando de aspectos considerados “tabus”:

— Para mim, Jesus é um sinal que deve ser lido a cada geração. E cada qual dará a sua própria interpretação, conforme o seu repertório e interesses. Numa parte do livro — que chamei de Parabolário — traduzo diretamente do grego as principais parábolas de Jesus, com um minicomentário. Eu tenho a pretensão de ter feito a leitura de Jesus para a minha geração. Jesus é a soma das interpretações que provoca. Eu sou um homem religioso mas não sou alinhado a nenhuma seita.

A Folha de S. Paulo abriria espaço para o lançamento do livro, em artigo assinado por Eduardo Sganzerla, com o título: “O Evangelho Segundo Leminski”, sugerindo que Jesus “parece ter tido uma ternura especial por uma das irmãs de Lázaro, de nome Maria. A outra irmã, Marta, viu a caçula sentada aos pés do mestre, flagrou o namoro e, por ciúmes, a chamou para a cozinha”. O livro surpreenderia, sobretudo, por se atrever a propor a releitura de uma das biografias mais consolidadas ao longo dos séculos.

A boa fase profissional se fortaleceria com as propostas da Folha de S. Paulo, para uma coluna semanal, e da revista Veja, que o queria como resenhista de livros, ao lado de Marcelo Rubens Paiva e Paulo Sérgio Conti — o mesmo que havia feito a crítica a Caprichos e relaxos. Leminski aceitaria na hora as duas propostas e começaria a trabalhar como uma máquina, escrevendo preferencialmente durante as madrugadas:

Andar e pensar um pouco

que só sei pensar andando.

Três passos, e minhas pernas

já estão pensando.

Aonde vão dar estes passos?

Acima, abaixo?

Além? Ou acaso

se desfazem ao mínimo vento

sem deixar nenhum traço?

Motivados pelo alto astral da temporada, Leminski e Alice voltariam a falar com frequência em casamento. Fizeram planos —nunca concretizados — para legalizar a situação civil e consolidar a relação amorosa que já completava 15 anos. Ao mesmo tempo, Leminski desenvolveria com Guilherme Arantes a trilha sonora do musical infantil Pirlimpimpim 2, da

Rede Globo. Foram sete músicas em parceria, sendo que a mais tocada nas rádios era “Xixi nas estrelas”, nome do show de Arantes, no Canecão. Eles trabalhariam diariamente pelo telefone, fazendo ligações entre São Paulo e Curitiba. O músico improvisaria um pedestal para o telefone em seu estúdio, para que pudesse cantar e falar com Leminski sem sair do piano.

O especial Pirlimpimpim 2 iria ao ar numa Sexta-feira Nobre, como era chamado o programa. Eles assistiriam o programa na casa de Ernani Buchmann, onde uma equipe de televisão apareceria para registrar a cena: o poeta assistindo ao próprio musical no vídeo.

Depois, ele diria envaidecido:

— Agora eu saio na Globo assim: Paulo Leminski — e, embaixo — poeta. Exatamente como eu queria. Mas leva vinte anos para se conseguir isso.

Apesar do relativo e planejado sucesso de Pirlimpimpim, Leminski não ficaria satisfeito com o resultado final do trabalho. Argumentaria que “o projeto não decolou, faltou química entre eu e o Guilherme”.

Certa vez, diante das evidências de que suas origens estavam numa aldeia polonesa chamada Narájow, Leminski decidiria fazer uma investigação minuciosa no mapa-múndi. Debruçado sobre a mesa da biblioteca, ele gastaria um bom tempo tentando resolver este mistério, sem nada conseguir. Narájow, definitivamente, não estava no mapa. Já havia desistido quando percebeu uma mosca pousar sobre o mapa, dentro do território da Polônia. Calmamente ele pegou uma caneta e fez um círculo no ponto exato onde o inseto esfregava as patinhas — para decidir que ali estava Narájow! Logo depois, criaria o poema:

uma mosca pouse no mapa

e me pouse em Narájow,

a aldeia donde veio

o pai de meu pai,

o que veio fazer a América,

o que vai fazer o contrário,
a Polônia na memória,
o Atlântico na frente,
o Vístula na veia
que sabe a mosca da ferida
que a distância faz na carne viva,
quando um navio sai do porto
jogando a última partida?
onde andou esse mapa
que só agora estende a palma
para receber essa mosca
que nele cai, matemática?

Em março de 1984, quando estava em São Paulo fazendo a entrega da tradução de Pergunte ao pó (Ask the Dust), Leminski ouviria do editor Caio Graco uma proposta inesperada:

— Quanto você quer de salário mensal para escrever um romance para a coleção Cantadas Literárias? O prazo para entrega dos originais é setembro.

Leminski pediria alguns minutos para responder. Depois de fazer os cálculos “na ponta do lápis”, tendo como base os gastos mensais da casa e projetando a inflação para o período, ele chegaria a um valor que lhe permitiria viver confortavelmente durante quatro meses, mesmo se afastando das agências de publicidade. Ele apresentaria a cifra para o editor que responderia no ato:

— Negócio fechado.

O romance (ele diria “novela”) iria se chamar Agora é que são elas — e seria um pretexto, segundos suas próprias palavras, “para criar uma história na velocidade do fliperama, com texto fragmentário, capítulos curtíssimos e cortes bruscos”. Seria uma novela com começo, meio e fim — não necessariamente nessa ordem. O primeiro parágrafo dizia, em tom surpreendentemente confessional:

Aos 18 anos, pensei ter atingido a sabedoria.

Era baixinha, tinha sardas e tirei-lhe o cabaço na primeira oportunidade.

Não ficou por isso.

A lei falou mais forte. E tive que me casar, prematuro como uma ejaculação precoce.

Nem tudo foram rosas, no princípio.

Nos pulsos ainda me ardem as cicatrizes de três malsucedidas tentativas de suicídio.

Mas eu não posso ver sangue. Sobretudo, quando meu.

Assim decidi continuar vivo.

Principalmente porque o mundo estava cheio delas.

De Marlenes. De Ivones. De Déboras. De Luíças. De Sônias. De Olgas. De Sandras. De Edites. De Rosas. De Evas. De Anas. De Mônicas. De Helenas. De Rutes. De Raquéis. De Albertos. De Carlos. De Júniors. De... (ihh, acho que acabo de cometer um ato falho). De Joanas. De Veras. De Normas.

A história, apresentada ao leitor sem nenhuma explicação, narra as aventuras textuais de um estudante de astronomia (o narrador) que está sendo analisado por Vladimir Propp, escritor russo, autor da Morfologia do conto fantástico, que também era conhecido como um grande bebedor de

vodka. Norma é a filha de Propp, com quem o estudante mantém relações amorosas. Leminski misturava mais uma vez ficção com realidade, sempre trabalhando com inverossimilhanças. Para não estimular grandes expectativas quanto às chaves de leitura, convém lembrar que o livro seria dedicado “ao delito de deixar o dito pelo não dito”.

A noite de autógrafos, bastante concorrida, aconteceria a 30 de novembro no Instituto Goethe. Através de sua obra, Leminski ficaria novamente exposto às críticas.

Em artigo publicado na Folha de S. Paulo, no mesmo mês do lançamento, o crítico Eduardo Ramos Quirino, depois de observar que a narrativa de Leminski “é muito influenciada pelo Joyce de Retrato do artista quando jovem, mais uma pitada de Flaubert e um outro tanto de Dostoievsky”, concluiria:

— Assim, o forte do romance é sua narrativa e sua construção e não a linguagem como se poderia esperar vindo de um poeta. Enfim, um belo romance, o suficiente para curar Paulo Leminski daquele problema de bexiga que teve junto com Guilherme Arantes.

Fernando Py, em O Globo, dedicaria eloqüente artigo intitulado “Estilhaços”:

O livro é assim, um mosaico à primeira vista disparatado, mas que se revela, a uma leitura atenta, um conjunto bastante consistente de estilhaços que o leitor é convidado a remontar. À sua maneira.

Apesar disso, o livro passaria a sofrer do estigma de malamado pela crítica. Talvez em função de o próprio autor ter renegado a obra, afirmando não ter atingido o objetivo que pretendia:

— O romance não é mais possível. Agora é que são elas é um romance sobre a minha impossibilidade de escrever um romance. Em ensaio publicado anos depois (revista da USP, 1989), o conceituado Bóris Schnaiderman falaria do “romance enjeitado”, como um equívoco da crítica e não da obra:

Na base disso e de uma releitura do romance de Leminski, tenho que contrariar a opinião consagrada da crítica, os desafetos e amigos do poeta e a própria opinião deste, pois, na medida em que posso tratar desse tema, considero Agora é que são elas uma das obras de ficção brasileira mais interessantes dos últimos anos.

Em seguida, o professor pergunta:

Para começar, qual dos detratores desse romance seria capaz de escrever um trecho de prosa tão ágil, numa linguagem tão realizada como a da seqüência que vou transcrever?

Com aquela cara de homem fingindo estar interessado no papo de uma mulher apenas porque está com vontade de comê-la, com aquela cara de mulher costurando e bordando pensamentos apenas porque está a fim de ser comida por ele, cheguei, caprichei, relaxei, lembrei tudo o que tinha aprendido em Kant e Hegel, repassei toda a teoria dos quanta, a morfologia dos contos de magia de Propp, o vôo 14-bis, cheguei e não perdoei: — Tem fogo?

Assim, uns dos textos menos realizados da carreira literária de Paulo Leminski, aquele que mais apanhou da crítica, ainda era considerado muito bom ou acima da média. (Consolidando esta posição também no mercado, o livro ganharia uma 2ª edição nos anos 90. Caso estivesse vivo para saber disso, provavelmente ele diria: “Entre vocês e o Bóris Schnaiderman, eu fico com o Bóris.”)

Uma tarde, em maio de 1985, quando minha mãe convalescia de um câncer num hospital especializado, em Curitiba, tivemos uma conversa profunda e séria na Cruz do Pilarzinho. Certamente motivados pela minha aflição e dor, falamos da morte durante um longo tempo, embora eles não estivessem exatamente tentando me consolar. Era — como vamos dizer? — mais uma atividade intelectual do que um ato de comiseração. Eu me sentia como que sugado pelas últimas noites mal dormidas, quando Alice

nos revelou que tinha “visto” Miguelzinho dias antes num teatro, sentado nas poltronas vazias da platéia. Era uma visão mágica na qual, honestamente, ela acreditava; uma comunicação extra-sensorial com o filho que partira prematuramente. Divergimos neste ponto, quando expusemos nossos conceitos sobre o status do ser após a morte — que eu, apesar de uma autêntica formação cristã, chamava de O Nada. Eu argumentava que O Nada não era ruim, mas algo parecido com o que acontecia antes de você nascer: nada. O impacto da morte (se natural, por acidente ou doença) era a única variável. Na substância, então, existiria o ser e o nada.

Durante boa parte do tempo, Paulo se manteve em silêncio, contrariando um comportamento natural dele. Apenas ouviria e, no final, ponderaria dizendo acreditar que as pessoas, em vida, constroem uma alma capaz de se perpetuar como uma extensão da existência, muito além da existência. Não ofereceu mais detalhes e, na verdade, era como se não os tivesse. Mais tarde, ele resumiria tudo num poema com o pomo às avessas, mais uma vez desfigurando o confronto ao desviar o olhar exclusivamente para a vida:

leite, leitura,

letras, literatura

tudo o que passa,

tudo o que dura

tudo o que duramente passa

tudo o que passageiramente dura

tudo, tudo, tudo,

não passa de caricatura

de você, minha amargura

de ver que viver não tem cura

No dia 24 de junho de 1985, ele faria uma trégua no trabalho para participar — como convidado especial — do evento Um Escritor na Biblioteca, um bate-papo informal com estudantes no auditório. A sabatina seria coordenada pelos poetas Reinoldo Atem e Marise Manoel para um público eminentemente jovem. Marise abriria a conversa perguntando se, à luz de tantos títulos já editados, “você hoje abandonaria a sua principal teoria estética, ou seja, a poesia como inutensílio?”:

— Não, ao contrário, eu comecei por uma profissão de fé no inutensílio. Quer dizer, a poesia não tem que estar a serviço de nenhuma causa, de nenhum pressuposto. A poesia é um exercício de liberdade. Hoje sabemos que, a nível científico, existe uma função poética na linguagem, detectada pelo lingüista russo Roman Jakobson. A função poética está presente na linguagem de um modo geral e não apenas na poesia feita pelos poetas.

Alguém na platéia quis saber:

— Como é seu processo de criação? Existe inspiração? — Disciplina profissional. Eu não sou poeta de fim de semana, nem faço por hobby, como quem faz poesia quando vai para a praia. Faço poesia 24 horas por dia. Montei a minha vida de tal forma que a produção textual me permite pagar o aluguel no fim do mês, a escola das minhas filhas, o meu cigarro, o vinho. Antigamente, eu trabalhava mais no sentido de adquirir aquela perícia artesanal que todo mundo tem que ter. Agora, acho que as coisas estão mais automatizadas em mim. Quer dizer, com dois toques eu estou chutando em gol.

Enquanto falava, usava um quadro-negro colocado à sua disposição. A certa altura, mencionaria a presença na platéia do poeta Alberto Cardoso, um veterano trovador de reconhecidas virtudes, cujo principal talento não estava exatamente em escrever as líricas, mas dizê-las. O resultado da palestra, acrescido de outros comentários e amostras de poemas, seria transformado em livreto editado pela Biblioteca, como acontecera com Antonio Callado, Márcio Souza, Thiago de Mello, Helena Kolody e Fernando Sabino. Ele assinava a publicação, na última página, fazendo uso da frase que adotara como lema:

Para ser poeta, é preciso ser mais que poeta

Paulo Leminski

Na equipe que trabalhava no projeto editorial estava uma bela e jovem intelectual, Josely Vianna Baptista, que seria amiga do casal Leminski — ou algo mais para ele, considerando a opinião de alguns amigos. Josely, ou Jose, como era conhecida, trabalhava na tradução do monumental *Paradiso*, de Lezama Lima, considerada a obra máxima do neobarroco hispano-americano. Ela o escolheu para fazer a primeira leitura crítica do trabalho. Naturalmente, esta confluência de interesses e atividades os aproximaria e eles passariam a sair juntos. E o que era melhor: brigavam de vez em quando. Ela considerava que Leminski “facilitava” demais os poemas; ele replicava dizendo que poemas “deveriam nascer quase por acaso”. Falava numa “faísca”, onde estava a poesia:

pedirem um milagre
nem pisco
transformo água em água
e risco em risco

A idéia de encurtar a distância entre expressão e realização o levaria a desenvolver um pensamento-síntese dos seus estudos zen e a verbalizar esta postura diante do cotidiano criando o slogan *Distraídos Venceremos*, em contraponto ao popular *Unidos Venceremos*, dos movimentos de política sindical. Assim, quando a conversa com os amigos passava pelas “estratégias de combate para abrandar a zona de sufoco”, ele — como um bom Dom Quixote — sacava e brandia as palavras-bálsamo:

— *Distraídos venceremos!*

Em 8 de julho, corroborando a fase de franca ebulição, estreava no pequeno auditório do Teatro Guaíra o espetáculo-performance *Polonaises*, com o trovador Cardoso e outros jovens artistas fazendo uma leitura de seus poemas. Com uma parede branca ao fundo, um ator aparecia em cena empunhando um spray para escrever “Pau no Leminski”. Outros atores passavam como transeuntes, assustando o desvairado pichador, que

solta o primeiro poema: “o paulo leminski é um cachorro louco, que deve ser morto...” etc.... Em meio à confusão urbana, o próprio Leminski apareceria no cenário para gritar: “Parem, eu confesso, sou um poeta!” Fotos coloridas projetadas pelo fotógrafo Carlos Macacheira mostravam o poeta aos pés da Cruz do Pilarzinho e em cenas domésticas com Alice. Durante uma hora, tempo de duração do espetáculo, seriam apresentadas nove músicas (com Marinho Galera ao violão) e diversos textos.

Dois meses depois, em setembro de 1985, estava programada uma viagem a Londrina para o lançamento de vários livros, numa única noite de autógrafos. A festa aconteceria no reduto ético-intelectual da cidade, o bar Valentino, onde uma clone da cantora Nina Hagen apareceu para dar uma pitada de nonsense à festa. Nestes dias, eles conheceriam dois jovens que se tornariam amigos e admiradores do casal. Os poetas Rodrigo Garcia Lopes e Ademir Assunção, ambos de 17 anos, que podem ser incluídos entre aquelas pessoas que foram “tocadas” por Leminski, sensibilizadas por seu talento e carisma, como eles mesmos reconhecem. Ademir assinaria uma reportagem de página inteira no caderno cultural da Folha de Londrina: “Paulo e Alice no país das maravilhas e o que eles estão vendo por lá”. Leminski seria apresentado nas páginas como o poeta responsável pela “insurreição da fantasia”. Este encontro teria uma forte influência na vida de Ademir, mais conhecido como Pinduça, que se inquietaria o suficiente para considerar a possibilidade de sair de Londrina e estudar em outra cidade. E foi o que acabou acontecendo.

Em 1986, chegava ao fim a série de trabalhos de encomenda para a editora Brasiliense, onde a partir de agora ele seria apenas um autor. Continuará recebendo pagamentos ocasionais pelos direitos das obras — tanto de discos como de livros —, mas aceitará o convite de Ernani Buchmann para recompor a dupla de criação com Solda, na agência Exclam. Os dois voltariam a frequentar o bar da esquina, para desespero das respectivas mulheres e patrões. Escolhiam os ambientes mais simples para beber, quase sempre uma padaria ou botequim com mesas de bimbolim (totó) e sinuquinha. A cada rodada, um litro de vodca era consumido. Sua aparência física dava sinais de decadência, os cabelos, finos e lisos, estavam agora mais ralos — e o porte atlético se consumia, por vezes permitindo a saliência ululante dos ossos da clavícula. Dos dentes, na

arcada de cima, apenas ruínas. Como decorrência destas tardes desregradas, Solda também apresentaria problemas de saúde, fazendo com que ambos tivessem algo mais em comum além da paixão pelo humor e poesia.

Os dois amigos estabeleceriam uma saudável cumplicidade para administrar a produção feita em parceria, estabelecendo como regra que o autor assumido seria aquele que primeiro pudesse fazer uso do texto ou da idéia. Assim, uma palavra ícone criada por Solda aparece assinada por Leminski na página 137 do livro *Caprichos e relaxos*: a foto do poeta com o quimono oriental e o título *Kamiquase*, escrito com a caneta pilot. Da mesma forma, o slogan *Quem tem Q.I., vai!* seria uma criação coletiva, com a participação de Retamozo.

Alguém teria falado primeiro:

— Bem, eu tenho que ir.

O outro emendou:

— Quem tem que ir, vai.

O último teria dito:

— É isso: quem tem Q.I., vai!

O trabalho na agência era constantemente interrompido pelas viagens a São Paulo, onde ele mantinha sempre uma extensa agenda a cumprir. Em outubro, seria convidado e aceitaria ministrar um curso sobre poesia, com duração de uma semana, na Faap — Fundação Álvaro Penteado — onde abordaria temas como *Arte na sociedade de consumo*, *Poesia concreta e vanguardas* e *a Presença do hai-kai no Brasil*. Ele reencontraria Itamar Assumpção e Pinduca, agora trabalhando como repórter de *O Estado de S. Paulo*. Itamar produzia aquele que seria o primeiro disco da cantora *Fortuna*, chamado *Só*. No dia 21 de outubro, o “*Caderno 2*” do *Estadão* publicava uma entrevista assinada por Ademir com o título “*Poesia na idade média*”, onde Leminski sustentava:

não existe nenhuma língua no mundo que seja superior a outra quanto ao seu potencial expressional. Todas as línguas

são igualmente capazes de expressar. São igualmente ricas, são igualmente musicais. A língua grega em si, não é dotada de propriedades que a torne superior à língua, digamos, vietnamita. Tudo vai das circunstâncias. Então, a questão é saber se, por exemplo, Shakespeare seria o grande teatrólogo que é se ele não tivesse coincidido com o apogeu imperial da Inglaterra.

Foi Pinduca quem levou Leminski ao bar Madame Satã, uma agitação das boas na noite de São Paulo, onde ele conheceria Arnaldo Antunes, na época lançando seu primeiro livro de poesia, *Psia*. Arnaldo era o principal nome do grupo Titãs e ostentava em seu breve currículo de 26 anos uma prisão espetacular por porte de heroína e vários feitos literários nada acadêmicos — fatos que, certamente, contribuiriam para aproximá-los definitivamente.

Arnaldo lembra-se da primeira vez que Leminski apareceu num ensaio dos Titãs:

— Ele chegou dizendo: “Posso dar uma voltinha nessa guitarra?” E já foi pegando o instrumento e tocando alguns acordes. O pessoal reagiu: “Pô, que sujeito folgado!” Depois nos acostumamos com aquela maneira relaxada de ser e nos tornamos amigos. Ele aparecia no apartamento do Aguilar, da Banda Performática, vestindo um blusão de couro e querendo ouvir Sex Pistols. Parecia um punk.

Na volta a Curitiba, Leminski colocaria uma antiga idéia em prática, ao reunir seus ensaios num único volume que chamaria de *Anseios crípticos* e seria impresso pela editora Criar, de Curitiba. O livro apresentava, em 143 páginas, textos publicados anteriormente em diversos jornais e revistas, além dos prefácios para as traduções de Beckett e John Fante. Alguns trabalhos eram inéditos. Ele apresentaria o livro como sendo uma busca de sentido:

O sentido, acho, é a entidade mais misteriosa do universo. Relação, não coisa, entre a consciência, a vivência e as coisas e os eventos.

O sentido dos gestos. O sentido dos produtos. O sentido do ato de existir.

Me recuso a viver num mundo sem sentido.

Este anseios/ensaios são incursões conceptuais em busca do sentido.

Pois isso é próprio da natureza do sentido: ele não existe nas coisas, tem que ser buscado, numa busca que é sua própria fundação.

Só buscar o sentido faz, realmente, sentido.

Tirando isso, não tem sentido.

Nos ensaios, apresentava digressões a respeito de temas os mais diversos, colocando em evidência “O Último Show de Rock. Quem Chora?”, “Click. Zen e a Arte da Fotografia” ou “Punk, Dark, Mini-mal, O Homem de Chernobyl”. Continuava fazendo do labor artesanal da escrita o seu assunto favorito. Em “Sem eu, Sem tu, Nem ele”, expunha:

O primeiro personagem que um escritor cria é ele mesmo. Só os imbecis procuram um eu atrás do texto literário. Em literatura, a própria “sinceridade” é, apenas, uma jogada de estilo.

Um escritor medíocre não consegue ser “sincero”. Técnica, coração.

Para ser sincero, é preciso dispor das técnicas que indiquem, signem, sinceridade. Sem isso, a mais pura das explosões verbais, a mais direta, a mais “espontânea”, será apenas mais uma manifestação de imperícia literária. Um amontoado de bobagens que o tempo vai se encarregar de destinar ao lixo, onde jazem as ilusões.

Este mesmo raciocínio apareceria no filme *Ervilhas da fantasia*, um curta-metragem dirigido por Werner Shumann e que fora gravado na biblioteca de sua casa. Depois de ouvir o diretor gritar *Gravando!*, Leminski sustentaria o valor da saga de um poeta que supera a fase romântica dos 18 anos para continuar fazendo poesia ao longo da vida:

— Ser poeta quando jovem é fácil. Continuar acreditando na beleza da linguagem, como Drummond e Mário Quintana, que fazem isso há 60 anos, é um ato de heroísmo ou santidade.

ÚLTIMO CAPÍTULO À PARTE

17 de dezembro de 1986. Neste dia Pedro Leminski acordou decidido. Fez a barba com capricho, vestiu uma camisa bem alinhada e saiu para comprar uma corda de náilon numa loja de ferragens. Não se sabe por quê, escolheu uma corda branca. Ele estava morando numa pensão na rua Paula Gomes, próximo à casa das tias, onde fazia as refeições diariamente. Vivia mergulhado em forte crise depressiva, com sinais visíveis de alcoolismo — e, certamente, contava apenas com as tias e a sorte para sobreviver. Estava separado de Elly há muitos anos e não falava com o irmão há pelo menos seis, quando passou a ter notícias dele através dos jornais. Às vésperas de completar 40 anos, Pedro tinha perdido as esperanças de encontrar uma profissão ou mesmo um trabalho regular que pudesse lhe permitir levar uma vida normal. Sua revolta e inquietação deram lugar a uma apatia assustadora. Passava as noites perambulando pela cidade, entrando e saindo de bares, agora sem o violão e sem amigos. Ele vinha tomando remédios pesados que eram incompatíveis com a bebida, mas continuava bebendo.

Neste dia, caprichou para confirmar a rotina. No horário de sempre, apareceu para o almoço na casa das tias, que fizeram alegres e repetidos comentários sobre a sua esmerada elegância. Almoçou calmamente e, antes de sair, deixaria recomendações sobre como gostaria de ter o jantar, pedindo para a tia Izelite levar um prato de sopa na pensão, às 19 horas em ponto. Argumentou que não estava se sentindo bem e deveria passar a tarde na cama, descansando:

— Vou deixar a chave aqui. Quem chegar pode entrar sem bater.

Era impossível saber o que se passava naquela cabeça atormentada. Na hora combinada, as tias Luiza e Izelite prepararam um farnel com um prato de sopa e fatias de pão, pegaram a chave que ele havia deixado sobre a cômoda e saíram. Caminharam os duzentos metros que separam as duas casas e, ao abrir a porta do quarto, receberam um forte impacto. Pedro estava pendurado com uma corda no pescoço na posição inequívoca de

um enforcado, ainda que com os pés no chão e os joelhos dobrados. O corpo pendia apoiado no guarda-roupa, indicando que a corda havia cedido ao seu peso. Tia Luiza aproximou-se o suficiente para notar que do canto da boca escorria um líquido branco — como também percebeu que naquele corpo não havia mais vida. Foi como um soco no estômago. Ela recuou e tratou de afastar a irmã para fora do quarto enquanto gritava pedindo socorro. Um rapaz que ocupava o aposento ao lado apareceu com ares de espanto. Houve um momento de indecisão entre eles até que o rapaz desfez o nó em torno do pescoço. O corpo agora jazia inerte, dobrado, com o tronco sobre a cama e os joelhos no chão. Tia Luiza balbuciou alguma coisa nervosamente indicando que precisava dar alguns telefonemas e que estaria de volta em poucos minutos. O rapaz tentaria tranquilizá-la, mas sempre insistindo para que alguém notificasse a polícia. Tia Luiza agarrou a irmã pela mão e saiu apressada da pensão.

Não longe dali, Leminski e Alice viviam uma cena doméstica trivial quando o telefone tocou. A notícia o deixaria absolutamente transtornado. Ele ouvia sem acreditar no que a tia falava. Era como se estivesse diante de um texto clássico de tragédia grega, algo beirando a ficção. Ao mesmo tempo, tudo fazia sentido e, na verdade, este desfecho já era mesmo esperado. Ainda assim, Leminski desmoronou ao transmitir a Alice os detalhes que acabara de ouvir, enquanto se vestiam.

Na pensão havia um camburão da polícia estacionado na porta. Alice ficaria dentro do carro, a uma curta distância, esperando. Leminski encontraria tia Luiza na calçada — ela estava conversando com alguns policiais — e, em seguida, desapareceria porta adentro. Logo depois, Elly e a filha Ellinha chegaram num táxi. Alguém habilmente as separou, puxando Elly para um canto com o propósito de informá-la sobre o que poderia encontrar lá dentro. Ela ouviu atentamente e seu rosto se crispou. Quando voltou, segurou a filha pelo braço e, abaixando-se à sua altura, contou-lhe que o pai estava morto e que ela não iria entrar desta vez. Alice recorda-se da cena:

— Eu pude ver o joelho da Ellinha dobrando diante do impacto da notícia. A mãe amparou-a com um forte abraço e as duas saíram dali.

Na noite do velório aconteceria o pior. Leminski comportava-se como um alvo atingido em cheio pela tragédia do irmão — e pela primeira vez falaria em suicídio com Alice, argumentando que “o melhor dos projetos humanos acaba invariavelmente em tragédia”. Estava pessimista como nunca. Fazia do ritual da morte um momento de meditação profunda, recusando-se a ficar contemplativo, “dar um tempo” ou esfriar a cabeça. Agitava-se diante do cadáver do caçula, como que trazendo para si a responsabilidade pelo episódio. Ele passaria a noite com amigos no botequim ao lado do cemitério, com o copo na mão. Falava em “pedir a conta pro garçom”, entabulando uma conversa que, para Alice, soava irreconhecível. Pedro Leminski seria sepultado no dia 18 de dezembro, ao lado do pai, da mãe e do sobrinho Miguel.

Dois dias depois, a coluna do Correio de Notícias abriria com o título “Adeus, Pedro Leminski”:

Meu irmão, que escolheu partir esta terça-feira, era, sobretudo, um poeta. Dos poetas sempre foi forte nele uma recusa de viver a vida comum, os dias comuns, as tarefas comuns, a mecânica banalidade do dia-a-dia burguês.

Infenso a toda disciplina, sua paixão era a natureza.

Marumbinista da fase áurea do marumbinismo, era alpinista e estar com ele num acampamento no meio do mato era como estar com um chefe de escoteiros. “Escoteiro” era seu apelido na “Serra”, como diziam os marumbinistas dos anos 60, para designar aquele verde viver à sombra do Marumbi.

Tinha alguma coisa de colono polaco e alguma coisa de índio. Jamais aceitou o mundo moderno, o mundo do salário, dos horários, dos compromissos inadiáveis.

Sempre foi rebelde a tudo, à escola, à autoridade, à ordem dos outros.

Nos anos 60, viveu intensamente toda a margem e toda exceção.

Era muito hábil com as mãos, um verdadeiro artista, capaz de muitos artesanatos, capacidade que jamais quis colocar no mercado.

Era músico e compositor.

Foi meu único professor de violão.

Na passagem dos anos 60 para os 70, fizemos muitas composições juntos.

Entre elas, a “Oração dos suicidas” que a Blindagem gravou em seu LP.

A primeira parte, letra e música, é toda dele.

Pedro fez ainda inúmeras outras canções que trago na memória, algumas da mais absoluta pureza lírica.

A vida é demais para os poetas.

Sobretudo para os melhores.

Pedro, quando queria e quando podia, era dos melhores.

Ainda sobre os efeitos da morte do irmão, Leminski se preparou para o lançamento triplo de Trotski, Anseios crípticos e o mais recente trabalho de tradução, Fogo e água na terra dos deuses, o poema egípcio. A festa aconteceria no dia 8 de fevereiro, na livraria Dario Vellozo. Em seguida, o lançamento de um novo livro de poemas sustentaria o astral num nível, digamos, aceitável para as circunstâncias: estava chegando às livrarias *Distraídos* venceremos, reunindo textos produzidos entre 1983-1987, onde Leminski dizia acreditar ter atingido um horizonte longamente almejado: a abolição (não da realidade, evidentemente) da referência, através da rarefação. “Seria demais, certamente, supor que eu não precise mais da realidade.”

O livro, de 134 páginas, era — como ele mesmo dizia na primeira página — um gesto “Em direção a Alice, cúmplice nesse crime de lesa-vida chamado poesia. Para Antonio Cícero, Arnaldo ‘Titã’ Antunes e — sobretudo — para Itamar Assumpção”. A obra seria recebida com entusiasmo pela crítica. Em contundente artigo intitulado “Rimas, Hai-Kais e Compulsão. Leminski voltou”, publicado no jornal O Estado de S. Paulo, Flora Figueiredo anunciava:

— Pleno de sutis e mirabolantes momentos, Distraídos venceremos traz de volta a poesia do curitibano Paulo Leminski, depois do sucesso de seu livro Caprichos e relaxos publicado em 1983. A nova obra contém poemas escritos desde então e vem agora, mais uma vez, confirmar o brilho e a versatilidade do autor.

Na página 89, encontra-se um poema em forma de bilhete, com características biográficas, representativo destes dias de incertezas:

Último aviso

caso alguma coisa me acontecer.

informem a família

foi assim, assim tinha que ser

tinha que ser dor e dor

esse processo de crescer

tinha que vir dobrado

esse medo de não ser

tinha que ser mistério
esse meu modo de desaparecer

um poema, por exemplo,
caso alguma coisa me suceder,
vá que seja um indício

quem sabe ainda não acabei de escrever

Em abril de 1987, uma surpresa agradável.

Obedecendo a um impulso natural, Alice voltaria a trabalhar em publicidade, agora fazendo dupla de criação com Retamozo na agência Umuarama, cuidando da imagem do Banco Bamerindus. O envolvimento com o trabalho externo promoveria os primeiros sinais de mudança em sua vida pessoal. Ela decidiria por fazer terapia e freqüentar o AA como uma forma de indicar um caminho capaz de solucionar parte dos problemas que vinham enfrentando. Áurea acompanharia a mãe, participando das reuniões da chamada Ala Teen, reunindo os filhos de alcoólicos. Leminski, depois de se dizer “sensibilizado” pela sutileza do convite, decidiria fazer análise também, ainda que por um curto período.

Sua palestra de apresentação na reunião mensal do AA seria considerado um show de lucidez, quando surpreenderia e comoveria uma platéia tão numerosa quanto eclética, formada por desembargadores, artistas, empregadas domésticas e marceneiros.

Ele começou dizendo:

— Não existe nada mais delicioso na vida do que birita. Uma boa dose de vodca bem gelada. Mas é preciso merecê-la. Eu hoje tenho que admitir que não estou sendo digno deste prazer.

E continuaria desfilando argumentos imbatíveis e charmosos a favor da abstinência, do equilíbrio espiritual e da vida saudável. Sua experiência no AA seria curta, apesar da encenação. Ele, que se notabilizara por assumir posições firmes e determinadas, agora vivia se esgueirando, tentando evitar qualquer confronto, em qualquer circunstância. Alguns amigos se afastariam dele — não necessariamente por mesquinha ou desprezo, mas para não beber junto, enquanto sua vida estivesse conturbada. Todos sabiam que ele passava por um processo no qual estava imerso há muito tempo e do qual teria que se livrar sozinho. Como dizem seus patrícios “polacos”, para definir um certo estado de torpor provocado pelo álcool, ele estava ficando de “miolo mole”. Apesar disso, reagiria com alegria ao saber que Wilson Bueno estava na cidade planejando o lançamento de um jornal de cultura, patrocinado pelo governo, que se chamaria Nicolau. Eles se encontraram para planejar futuras edições temáticas, das quais Leminski seria sempre um assíduo colaborador. Ele aparecia na porta da sala de Bueno gesticulando de maneira ambígua, com uma mão no sexo e a outra voltada pra cima, em forma de concha:

— Um autor que se preza tem que ter volume, Bueno. Na primeira edição do Nicolau, em julho de 1987, Leminski apresentaria um abrangente panorama da nova poesia paranaense, chamando atenção para nomes que considerava promissores. Era como se ele estivesse passando o bastão para uma nova geração de poetas. Falava de Marcos Prado (que morreria logo depois, ainda jovem, por excessos etílicos), Rodrigo Garcia Lopes e Josely Vianna, aquela para quem, declaradamente, ele arrastava as asinhas. Era visto murmurando entre suspiros:

— Ah, Bueno, aquela pintinha no olho da Jose vale mais que toda a poesia do mundo.

O que aconteceria, então, seria uma dose dupla de Josely, pois, sem dúvida, houve muita harmonia entre eles quando traduziram outros poetas e chegaram a ensaiar, ludicamente, uma série intitulada “Poemas Neon-Barrocos”, unindo influências pop, haikai e a “nossa cornucópica tradição barroca”. Leminski tinha acabado de traduzir e lançar Fogo e água na terra dos deuses, que era um assunto que interessava particularmente a ela. Moça tímida, Josely iria sempre se comportar com extrema discrição. Ele a

chamava de Transpenumbra, apelido “neobarroco” que havia inventado. Na época, Josely começou a namorar o artista João Virmond Suplicy, que seria parceiro de Leminski em mais um bólido poético. Eles freqüentavam o Café Poesia, perto do Teatro Guaíra, onde uma noite Virmond desenhou um leque num pedaço de papel, escrevendo em cima: “ó liberdade”. E Leminski, no ato, completou: “vento/onde tudo/ cabe”. Quando estavam saindo, Josely voltaria para pegar a anotação que ficara jogada sobre a mesa. A cena se repetiria nos dias seguintes, em outros bares, quando nasceram outras composições a partir de textos dele ou vice-versa. Como, por exemplo:

vazio agudo/ ando meio/ cheio de tudo.

Quando Josely se afastou de sua vida, motivada, sobretudo, pelo excesso de álcool e pelas constantes crises de saúde que vinha atravessando, Leminski sentiria o golpe, registrado no poema que chamou de “Transpenumbra”:

tempestade
que passasse
deixando intactas as pétalas
você passou por mim
as tuas asas abertas
passou
mas sinto ainda uma dor
no ponto exato do corpo
onde tua sombra tocou
que raio de dor é essa
que quanto mais dói

mas sai sol?

Não seria surpresa, portanto, a partir destas noitadas e destes envolvimento, a volta das crises com Alice. Como também é verdade que o principal motivo das neuroses seria o álcool, agora deixando marcas visíveis em seu físico debilitado. (Ele estava se tornando uma pálida lembrança do atleta que fora um dia.) Além de tudo, havia sinais evidentes de que o nosso herói estava namorando, em São Paulo, uma moça chamada Aninha. Alice, que de tudo era informada, continuava escondendo dos amigos esta situação, que nas últimas semanas tornara-se insustentável. Eles viviam uma guerra de ciúmes em casa, quase sempre em prejuízo das crianças.

Aliás, Guerra dentro da gente seria o título de uma fábula infanto-juvenil que Leminski escreveria em julho de 1987. Sua principal interlocutora na construção do texto seria a pequena Estrela, que passava as tardes ao seu lado, em casa. Na apresentação do livro, ele propunha “menos guerra e mais amor”, ao contar uma história “onde os milagres são freqüentes, onde existem armas para acabar com todas as armas. Afinal, toda palavra aqui é um gesto de amor”. Ele estava lidando com dois dos seus temas favoritos: paixão e guerra.

E foi para discorrer sobre paixão, especificamente, que a Funarte o convidou para a série de debates Os Sentidos da Paixão, ao lado de nomes conhecidos como José Miguel Wisnik, Sérgio Paulo Rouanet e Marilena Chauí. O coordenador do evento, Aduino Novaes, ligara oferecendo o tema de uma forma abrangente, cabendo a ele definir o assunto específico que gostaria de apresentar. Leminski escolheria falar de “Poesia: a paixão da linguagem”. Uma semana depois estava no Rio, onde debateria durante mais de uma hora, defendendo um curioso postulado: o de que poetas podem ser um erro de programação genética.

— O poeta é aquele produto que saiu com falha. Entre dez mil sapatos, um sapato saiu meio torto. É aquele sapato que tem consciência da linguagem, porque só o torto é que sabe o que é o direito. Então, o poeta seria, mais ou menos, um ser dotado de erro, e daí essa tradição de marginalidade,

romântica, do século XIX pra cá, do poeta bandido, banido e perseguido, vivendo socialmente em condições adversas.

Ele chamava atenção para o interesse súbito pela palavra paixão, lembrando que Affonso Romano de Sant'Anna tinha lançado um livro, Paixão e política, e Alice um outro chamado Paixão chama paixão. Fez charme com a platéia, onde estava o seu amigo Antonio Cícero, que ele apresentaria como “grande poeta, irmão da cantora Marina”. Lá pelas tantas, surpreendentemente, disparou:

— O amor é como o boxe, um esporte aristocrático que depois se popularizou. A paixão, como a conhecemos, foi cultivada pelos poetas provençais, na aristocracia da nobreza do Sul da França no século XII, o amor cortês. Daí, sai toda a poesia portuguesa com as cantigas de amigo, D. Dinis, que foi o conteúdo da nossa poesia moderna.

Do sinal de candura e do fino humor da obra, o seu particular caso de amor continuava cada vez mais tempestuoso. As brigas com Alice se sucediam, muitas vezes diante das filhas, que acompanhavam tudo em silêncio. Silêncio que era um ato coletivo; eles já não tinham mais o que dizer, estavam ficando mesmo sem assunto. Ao mesmo tempo, o progresso de Alice no trabalho a colocava a bordo de jatinhos executivos em viagens constantes para Rio e São Paulo. Usava blusas de seda, tailleur e bolsa de couro, adotando um modelo condizente com a função que exercia: era a nova diretora de criação da agência, trabalhando 12 horas por dia. Algumas vezes Leminski ligava no meio da tarde mas ela não podia atender. A secretária era gentil: “A Alice retorna a ligação mais tarde, depois da reunião.” Os papéis se invertiam, a gata estava subindo no telhado.

A reação dele diante desta nova realidade seria quase de desespero. Acusava Alice de estar traindo pressupostos de vida que tinham estabelecido como parâmetros para a eternidade. Ela contraatacava dizendo que era um absurdo ele pensar assim, pois quem trazia o dinheiro agora era ela, trabalhando com publicidade — e argumentava em defesa própria: “E o que faremos com suas namoradas? Vamos colocá-las em baixo do tapete?”

Pela primeira vez, Alice tentaria sugerir uma clínica especializada em tratamento de alcoolismo, a qual ajudaria a pagar, se fosse o caso. Leminski descartou a idéia de imediato. A gota d'água, porém, aconteceria durante um almoço, quando eles receberam a visita de Solda, agora trabalhando com a mulher do exparceiro. Alice percebeu quando Leminski fez um movimento brusco por trás dos livros, escondendo alguma coisa. Era uma garrafa de vodca — e ela acreditava que ele não estava bebendo. Com muita habilidade e dissimulação, ele tinha conseguido enganá-la por alguns dias. Aos amigos mais íntimos confessava ter criado um espaço atrás da estante que chamava de “litroteca”.

Os tempos que se seguiriam seriam infernais. Para complicar a situação, Leminski contrairia uma doença venérea, ou algo parecido, que se traduzia numa espécie de verruga na glândula do pênis. Assumindo uma idéia infeliz de automedicação, decidira fazer a cauterização com as próprias mãos. Trêmulo, deixaria cair o conteúdo do frasco sobre os órgãos genitais e a queimadura atingiria as áreas do pênis e do saco. O resultado foi catastrófico. Ele berrava, uivava, mas, como dizia o seu dístico favorito: “*hic filius lacrimat mater non audit*” — aqui o filho chora e a mãe não ouve. À noite, desesperado, ligaria pedindo ajuda ao amigo Rubão, dono do bar que freqüentava, o Camarim, ao lado do Teatro Guaíra. Rubão entrou no carro e, atravessando a cidade como uma ambulância, chegaria em poucos minutos à Cruz do Pilarzinho. Mas, em vez de resolver, complicou ainda mais o problema, recomendando a aplicação de xilocaína no ferimento. A intenção era aliviar a dor, mas o remédio agiu de forma contrária, acentuando a queimadura e terminando por cauterizar toda a região. Leminski berrava e bebia vodca em grandes talagadas. Em menos de 48 horas o ferimento infeccionou e ele foi levado ao Hospital São Vicente onde, mesmo sedado, continuava gritando de dor.

Alice chegaria de São Paulo a tempo de acompanhar estes momentos dramáticos, tomando conta da situação. O ferimento era uma chaga só, em carne viva. A equipe médica, depois de promover a assepsia do local com a ajuda de anestesia geral, recomendaria que o paciente fosse transferido para uma enfermaria de queimados. Estavam, na verdade, se preparando para a crise de abstinência alcoólica que deveria surgir nas próximas horas. Ao lado de outros internos, e próximo ao monumental sofrimento alheio,

todos queriam crer, ele teria alguma chance de amenizar o seu. E o que aconteceria nos próximos dias seria mesmo comovente.

Leminski transformou-se no animador de festas da ala dos queimados, contando e ouvindo histórias com maestria. Usava de toda sua erudição e talento para alinhar enredos adequados à ocasião, trazendo à luz as mais edificantes fábulas sobre sofrimento e dignidade humana. Era reconhecido por todos como “o poeta e músico Paulo Leminski”. Ele estava mesmo iluminado, diante de uma platéia de queimados. É verdade também que passaria boa parte do tempo com os olhos cheios de lágrimas, tentando resolver os enormes sofrimentos daqueles que o cercavam.

Ao seu lado, envolto em ataduras de gaze, jazia um homem com queimaduras de terceiro grau em 80% do corpo — um desconhecido de quem apenas se podia enxergar os olhos e ouvir os gemidos. Leminski adotaria o cidadão como seu ouvinte preferencial, criando com ele uma irmandade instantânea. Sem apresentar sinais de depressão, ainda encontraria tempo para fazer uma revisão no Catatau, acrescentando um glossário ao texto original, conforme solicitação de uma editora gaúcha, que manifestara o desejo de reeditar a obra. Ele ainda comentaria com um amigo sobre o infernal cheiro de queimado no ambiente, que definia como “hiper-realismo”. Foram sete dias de enfermaria, em outubro, quando ele produziu o poema “Sete dias na vida de uma luz”:

durante sete noites

uma luz transformou

a dor em dia

uma luz que eu não sabia

se vinha comigo

ou nascia sozinha

durante sete dias

uma luz brilhou

na ala dos queimados
queimou a dor
queimou a falta
queimou tudo
que precisava ser cauterizado
milagre além do pecado
que sentido pode ter
mais significado?

No oitavo dia, o poeta voltaria para casa com a recomendação expressa de manter repouso e seguir rigorosamente os conselhos médicos. Sentia-se fisicamente esgotado, mas o que mais lhe doía certamente não eram as queimaduras. Tudo estava ruim.

A esperança da família em mantê-lo afastado da bebida não se sustentaria por muito tempo. Uma noite, na mesma semana que teve alta, ele não apareceu em casa e nem no dia seguinte. Voltaria no terceiro dia, abatido e confuso. Ficara as últimas 48 horas ligado no “piloto automático”, bebendo e cheirando cocaína com alguns amigos, nos bares. Usava apenas ocasionalmente o “pó”, que considerava uma droga da burguesia, “coisa de garotos da bolsa de valores” — numa referência explícita à nova tendência da juventude em ganhar dinheiro acima de tudo. Eram os yuppies — ou yaps, como ele dizia — que estavam chegando. O ponho tinha acabado anos antes, mas só agora o pesadelo começava efetivamente.

Em contato com médicos e companheiros do AA, Alice se familiarizaria com o comportamento dos alcoólicos, conhecendo suas famílias e compartilhando seus dramas. Por iniciativa própria, consultaria uma adequada literatura sobre o assunto. Ouviria conselhos médicos indicando que a última tentativa de fazê-lo parar de beber seria negociar o casamento, condicionando uma coisa a outra. Uma reação que talvez demorasse um pouco a surtir efeito, mas que tinha boas chances de dar

resultado, tal a dependência de Leminski com a família. Apoiada moralmente por Áurea, Alice preparava o espírito para a grande decisão, que seria um ultimato curto e grosso.

Por outro lado, Leminski mostrava-se cada vez mais irascível, algumas vezes mesmo destemperado. Não raro reforçava uma postura suicida, falando em “morrer com dignidade”. Continuava produzindo poemas densos cujas temáticas iriam traduzir estas inquietações. Um deles dizia:

tudo em mim
anda a mil
tudo assim
tudo por um fio
tudo feito
tudo estivesse no cio
tudo pisando macio
tudo psiu
tudo em minha volta
anda às tontas
como se as coisas
fossem todas
afinal de contas

Seu hábito de pensar e trabalhar andando, durante as madrugadas, ganharia um impulso extra com a ansiedade que estava sentido. Certo dia, após uma discussão com Alice durante o almoço, retirou-se da mesa, jogando bruscamente a cadeira para o lado. A pequena Estrela, com apenas seis anos, comentou:

— Acho que vocês têm razão. Vamos ter que nos separar do pai.

Assim, Alice e as meninas decidiram partir. Ou melhor, decidiram que Alice e Estrela sairiam de casa e que Áurea ficaria mais algum tempo com o pai, enquanto fosse possível e necessário. Na verdade, Áurea passaria a cuidar dele, ajudando na administração mínima da casa, preparando o café da manhã, separando as roupas para a diarista etc.... Este período se revelaria importante para o relacionamento deles. Mesmo não sendo o modelo paterno que Áurea idealizara — o grau de desleixo era absolutamente insuportável —, eles se gostaram mutuamente, consolidando, por fim, uma cumplicidade. Áurea recorda-se destes dias:

— Meu pai estava muito vulnerável e debilitado fisicamente. Ele passou a conversar comigo como se eu já fosse uma mulher, querendo saber minhas idéias e opiniões. Eu preparava uma sopa e ficávamos no quarto conversando, ele tentando interpretar certos fatos, usando-me como referência para fazer uma leitura das relações.

Uma tarde, Áurea ligaria para Alice avisando que o pai estava passando mal em casa. O clínico Júlio Capriotti seria imediatamente acionado e, ao se inteirar dos sintomas, recomendaria a internação. Alice apareceria com Estrela para ouvir, durante uma conversa rápida com o médico, que o diagnóstico era de pré-cirrose hepática e enfisema pulmonar. Uma hemorróida renitente e sangrenta fazia parte do quadro clínico. Algumas vezes, quando se levantava e caminhava, pedaços de papel higiênico ou guardanapos manchados de sangue lhe caíam pelas calças.

A situação, segundo o parecer médico, era grave, mas ele ainda poderia viver alguns anos caso concordasse em seguir uma dieta rigorosa, estruturada a partir da eliminação quase absoluta de gorduras. Pelo menos era o que se esperava dele: o máximo de rigor na recuperação da saúde abalada. Mas os fatos quiseram diferente. Antes mesmo que alguém apresentasse qualquer reação, Leminski anunciaria à família um pacote de decisões pessoais de grande impacto: sair de casa, parar de beber e voltar apenas quando estivesse definitivamente recuperado. Sentindo-se ferido no seu orgulho, murmurou para Alice que já tinha causado muitos problemas e que o próximo gesto era dele. “É uma questão de tempo”, garantiu.

Alice e as meninas voltariam para casa, enquanto ele se mudava para o apartamento do jornalista Jaime Lechinski e da artista Leila Pugnali — ele assessor de comunicação do prefeito Jaime Lerner, de quem o poeta se aproximaria muito nesta fase. Chegaria empunhando uma mala de couro, com algumas peças de roupa, papel e canetas. O casal era amigo também de Alice, o que facilitava as coisas. Logo no primeiro dia, Jaime chamou Leminski para uma conversa em particular, quando lhe confidenciou que era alcoólico e membro do AA, razão pela qual na casa não havia um bar, propriamente. Explicou que ele e a mulher Leila tentavam evitar que houvesse bebidas alcoólicas por perto, como prudência mínima contra as tentações. Era uma farsa que estavam criando para estimular uma abstinência na qual, acreditava-se, Leminski estava empenhado até a medula.

E, efetivamente, ele pararia de beber por algumas semanas, quando escreveu, a pedido dos Titãs, um texto para ser usado como press release, chamado “Consciência selvagem x Capitalismo selvagem”, onde sustentaria que os Titãs representavam “o que restou do rock, suas letras são o que restou de um país falido, um vice país vice governado, vice feliz, viceversa”.

Em casa, tomava chá pela manhã e recebia as visitas diárias de uma psiquiatra, a doutora Margarida, e do médico, dr. Júlio. Diante de uma receita de tranqüilizante que lhe fora recomendado — Urbanil — sentiu-se motivado a escrever um texto em forma de receituário, sobre um tal Boinil, ironicamente definido por ele como “um remédio para boi dormir”. Estimulado pelos amigos anfitriões, Leminski participava com entusiasmo das tertúlias programadas para preencher as noites — agora regadas a suco de laranja e refrigerantes.

O poeta suportaria quase dois meses esta situação. Depois de combinar tudo com Alice, ele faria as malas e voltaria para o Pilarzinho — uma vez que, supunha-se, ele estava mesmo empenhado em parar de beber. Mas o período de abstinência duraria pouco. Logo ele era visto novamente nos bares, cercado de amigos e garotas. Voltaria a chegar tarde em casa, quase sempre cheirando a cigarro e bebida. A situação doméstica, portanto, atingia o seu limite. Alice tinha procurado um astrólogo para fazer um trabalho de regressão e, durante a conversa gravada em fita, ela falava da

separação eminente do casal, dizendo que eles haviam “chegado ao fim da linha” etc.... À noite, quando todos dormiam, Leminski —morto de curiosidade — confiscou a fita na gaveta da cômoda e ouviu as revelações de Alice. Assim que terminou, foi ao quarto acordá-la:

— Fofa, você vai mesmo se separar de mim?

Alice respondeu, enfática:

— Mas, Paulo, eu estou dizendo isso há meses e você não ouve! Pode parecer um capricho do destino, mas o fato é que Alice, Áurea e Estrela saíram de casa no dia 24 de dezembro de 1987. “Deus”, diria ele, “porque tanta precisão?” Elas saíram carregando as malas e ele ficaria sozinho na Cruz do Pilarzinho. Alice levaria o carro e deixaria o telefone, única partilha possível nesta comunhão de bens.

No dia seguinte, eles seriam vítimas de um desencontro incrível, quando combinaram jantar em família na noite de Natal. O destino manipularia os movimentos, fazendo Leminski pegar um táxi e seguir para onde Alice estava; ela, na mesma hora, entrou no Verdura e foi para a casa do Pilarzinho. Bastante nervosos e vivendo momentos de frequências distintas, eles não se encontrariam mais esta noite. Alice recorda-se da frustração:

— Acabamos jantando sozinhas, eu e as meninas. Foi um jantar triste de uma despedida que não houve. Desta vez nem o acaso ajudou.

O silêncio na casa era insuportável. Ele tinha a impressão de que a cabeça podia estourar a qualquer momento. Quando o telefone tocava, corria e se atirava como um naufrago avistando uma bóia na tempestade. Foi assim que eu o encontrei pela penúltima vez, em Curitiba, numa quinta-feira ensolarada. Quando liguei de um telefone público, por volta das 11 horas da manhã, era apenas para marcar um encontro. Foi ele quem atendeu:

— *Leminski!*

— *Salve, Paulo, estou ligando pra dizer que estou na cidade...*

— *Martins, é você? Venha pra cá AGORA!*

— Paulo, escute...

— Entre num táxi e VENHA!

Quando cheguei pude perceber o jardim descuidado, a grama alta e alguns galhos na varanda. Havia nuvens negras pairando sobre a Cruz do Pilarzinho. Ele estava sozinho na cozinha tomando cerveja. Entrei olhando para os lados, desconfiado, achando tudo esquisito.

Logo perguntei:

— Onde estão Alice e as meninas?

Ele respondeu com a voz contrita:

— Alice foi embora. Estamos separados. Áurea e Estrela foram com ela.

Visivelmente triste, contou-me detalhes da separação — sem blasfemar uma única vez. Estava monossilábico, como que esperando que eu adivinhasse tudo que estava acontecendo só ao olhar para ele. Dizia que, nestas horas, “o importante é a elegância”. O máximo que faria seria se lamuriar, convencido de que Alice não era mais a mesma pessoa, que tinha mudado de vida:

— *Ela agora é uma executiva de publicidade. Resolveu fazer carreira e viver na ponte aérea. Não me ama mais. Está morando com as meninas num apartamento no bairro do Ahú.*

Ficamos ali na cozinha, tomando cerveja e esmiuçando o cotidiano. Ele contaria que enganava alguns amigos com uma suposta abstinência. Falou nos dignos propósitos do AA — obviamente, omitindo o diagnóstico de cirrose —, mas deixando claro sua determinação com relação ao destino. A vida com o álcool era intolerável, mas sem ele era impensável:

— *Tenho que tomar uma birita pra levantar a peteca, ver o mundo pela ótica certa.*

A menção ao AA seria o primeiro sinal de gravidade que emitiria, ainda que tentando matreiramente escamotear o assunto. Era próprio dele desmanchar qualquer princípio de dramalhão que pudesse estar sendo armado, ainda que por motivos reconhecidamente justos. Eu argumentei,

sem muita convicção, falando da minha experiência pessoal, de quem estava levando uma vida mais saudável, com caminhadas freqüentes e redução drástica no consumo de bebidas alcoólicas — cerveja, no meu caso. Nenhuma sugestão para “estacionar a máquina” ou assumir a caretice, apenas uma tentativa de diminuir o ritmo da locomotiva. Sugeri que ele fizesse o mesmo, que planejasse gastar as energias com longas caminhadas pelos campos do Pilarzinho, um lugar favorecido pela qualidade do clima e excelência do ar. Ele ouviria meus argumentos mas não os levaria muito a sério. Estava profundo em sua angústia, parecendo dizer com o olhar:

— Martins, nada de paliativos, ok?

Eu ainda voltaria ao tema, tentando torná-lo intelectualmente palatável:

— Isto vale para covardes como eu, Paulo, que têm medo de morrer. Estou chegando aos 40 e decidi me cuidar para prolongar um pouco mais o prazer. Mas você sempre me pareceu um destemido.

Sua reação foi o silêncio. Quando ergueu a cabeça, lançou-me um olhar oblíquo, mudando de assunto e falando da queimadura no púbis e nos dias passados na enfermaria; uma experiência marcante, pude perceber. Embora estivesse cansado e desorientado, em nenhum momento me inspirou preocupação do ponto de vista físico. Tinha o raciocínio mais lento, é verdade, mas ainda assim conseguia sustentar uma conversa acima do trivial. Estava mergulhado num estado de espírito que chamava de Marasmo Carlos. Usava as indefectíveis sandálias franciscanas — ao lado dos tênis, seu calçado favorito —que lhe acentuavam o aspecto messiânico.

Num determinado momento da nossa conversa, toquei inadvertidamente num assunto proibido. Usando de um falsete quase profissional, mencionei um encontro com o pequeno Kiko, filho de Neiva, dias antes no Rio:

— O garoto está com uns 18 anos, toca num conjunto de rock pesado e tem a sua cara. Você não acha muita coincidência! (Silêncio)

— OK... Não vamos falar do assunto, é isso!

Ele estava de costas enchendo o copo e, curiosamente, não apresentou sequer uma negativa que pudesse desfazer a dúvida. Algo como, “o que é isso Martins, de onde você tirou essa idéia?”. Pelo contrário, pincelou um silêncio absolutamente intrigante que se prolongou por longos segundos. E mais não falou e nem lhe foi perguntado. Terminamos a noite encharcados de birita, depois de uma maratona que durou mais de 10 horas de consumo frenético.

No dia seguinte, ele teria uma nova surpresa com a visita inesperada da ex-cunhada Elly e da sobrinha Ellinha. Elas estavam passando de moto — com Ellinha na garupa, abraçada à cintura da mãe — quando decidiram descer para uma conversa rápida. Encontraram-no sozinho em casa, bebendo e mexendo nas prateleiras da biblioteca, revirando livros e papéis. Os três ficaram sentados nas almofadas da sala, durante um bom tempo, conversando serenamente num tom até mesmo surpreendente para Elly:

— Foi a melhor conversa que eu tive com o Paulo durante a vida inteira. Ele parecia muito tranqüilo e bastante profundo na sua solidão. Estava despido de todas as vaidades, com um semblante de monge. Falou coisas lindíssimas...

Ao lado de uma vida poética e filosófica realmente rica, as questões práticas naufragavam em águas profundas. Depois de sofrer uma crise hepática na redação — quando teve que ser levado às pressas para um hospital —, Leminski seria finalmente demitido da Exclam. Ernani Buchmann, agora no papel de patrão, não via mais condições de mantê-lo na agência:

— Ele não conseguia mais trabalhar. Estava disperso, tomando vodca durante a tarde. Um dia meus sócios pediram uma definição. Ele, que já tinha perdido a mulher, estava agora perdendo o emprego.

Afastada dele há algum tempo, Josely receberia um telefonema de uma amiga dizendo-se preocupada com o poeta, que parecia estar mal de saúde, isolado e sem se alimentar adequadamente. Elas foram encontrá-lo na desordem da casa, entre montes de papéis velhos e livros que se espalhavam pelo chão da biblioteca e, curiosamente, também no quintal dos fundos. Josely percebeu que Leminski estava com os cabelos

alvoroçados, óculos quebrados e muito magro. Ela questionou singelamente as lentes quebradas, dizendo que um escritor precisava ter uma boa visão do mundo. Ele, sensível como sempre e com o espírito afiado, lembraria da equação do sábio chinês, que dizia: “como no jade facetado, existem pelo menos três pontos de vista: o meu, o teu e o verdadeiro”. “As outras faces”, concluía, “sendo reflexos cambiantes, fabulares, de outros olhares com o sentido do silêncio no centro.” Mesmo assim — e apesar das filigranas — elas praticamente o arrastaram até uma ótica na cidade, onde foram aviadas as novas lentes.

Leminski aproveitaria este encontro para pedir a Josely que guardasse em sua casa alguns pertences que lhe sobraram no desmanche do lar: o quimono de judô, com a respectiva faixa preta, uma pequena mala de couro com um estilingue dentro, algumas caixas com livros, fotografias, cartas e inéditos — inclusive os originais de *Metaformose*, um ensaio de 50 páginas em forma de “viagem pelo imaginário grego”, que ele escrevera em dezembro de 1986, ou seja, dois anos antes. Na caixa maior, Josely encontraria um pequeno papel, meio borrado, onde estava escrito:

Maremotos em mares mortos. Pai morto. Mãe morta. Filho morto. Irmão morto. Como querer que minha vida não seja torta?

As aparências enganam. Uma tarde, Vítola receberia um telefonema em caráter de urgência no escritório. Era alguém, algum vizinho, ligando do botequim da esquina para alertar que o professor Leminski certamente estava precisando de ajuda, pois tinha comprado uma garrafa de álcool, “mesmo já estando embriagado”. Vítola saiu em desabalada carreira em direção ao Pilarzinho, tentando avaliar a gravidade da situação. Sabia que o amigo estava passando por uma fase ruim, mas jamais imaginou uma situação extrema.

Quando chegou, encontrou Leminski no quintal, tranqüilamente sentado ao lado de uma fogueira onde ardia em chamas uma pilha de livros e papéis. Ele estava consolidando uma revisão em suas mais íntimas anotações e escritos, queimando — numa espécie de inquisição particular — o que não considerava digno de ser lido. Movido por uma eterna adolescência, Leminski contemplava a chama azul da fogueira afirmando

estar ouvindo os últimos suspiros de alguns poemas preteridos. Tinha um copo de cerveja bem gelada à mão. Dois dias depois, ele entregava as chaves da casa do Pilarzinho para a família Pietruk e embarcava para São Paulo, carregando a velha e surrada mala de couro.

CAPÍTULO 9

O POETA DESCALÇO

“Um milagre por dia”, assim ele definiria suas necessidades de sobrevivência a partir de agora. Quando desembarcou na rodoviária de São Paulo, estava ciente de que o próximo milagre deveria acontecer rapidamente, antes que a noite chegasse. Entrou num táxi e seguiu para a casa da amiga Fortuna, que mesmo sendo namorada de Ademir Assunção, o Pin, morava sozinha no bairro de Higienópolis. Fortuna ofereceu e Leminski aceitou ocupar um dos quartos do amplo apartamento com vista para o Pacaembu — e, ato contínuo, trataria de anunciar aos amigos que estava na cidade. Dizia estar chegando com a intenção de permanecer alguns dias, talvez semanas, mas a temporada acabaria se prolongando por vários meses. Ele aproveitaria a ocasião para consolidar o namoro com Aninha, sua companhia constante nestes dias. Juntos, eles formavam um grupo animado pela noite paulistana, onde Fortuna costumava se apresentar em bares e teatros, desfilando um repertório típico da MPB. Em outros momentos, Leminski podia ser visto em companhia de velhos e novos amigos, como Haroldo de Campos, Itamar Assumpção, José Miguel Wisnik, Arnaldo Antunes e Edvaldo Santana, o Baitola. Entre os novos, um deles, o cartunista Glauco, se aproveitaria (no bom sentido, é claro!) do estereótipo leminskiano para criar o personagem Tio Lema, história em quadrinhos cujas tiras seriam publicadas durante vários meses na Folha de S. Paulo.

Havia claros indícios — observados pelos amigos — de que ele estava entrando em sua fase mais radical com relação a bebida, ao tomar vodca minutos após o café da manhã. Ou melhor, já não havia mais café da manhã. Ao que tudo indica, agia escondido de Fortuna, que não recorda tê-lo visto bebendo em casa:

— O Paulo mantinha um comportamento muito civilizado. O único deslize em vários meses foi esquecer o fogo ligado com uma chaleira de água. Ele

gostava de beber nos bares, cercado de amigos.

Nas ruas, vivia como se o mundo pudesse acabar a qualquer momento, afirmando com convicção que sua urgência não podia ser confundida com pressa. Estava sempre em companhia de jovens —moças e rapazes com pendores poéticos — que viam nele um exemplo de intelectual autêntico e confiável. Continuava escrevendo poesias com disciplina profissional, levando a sério a recente safra que vinha arquivando numa pasta denominada La Vie en Close. Pinduca recorda-se de que Leminski trabalhava diariamente na casa de Fortuna, ouvindo Frank Zappa:

— Era uma compulsão. Durante a noite, nos bares, escrevia em guardanapos e pedaços de papel, fazendo um bolo de pequenas anotações. No dia seguinte, sentava-se na máquina e dava forma definitiva aos poemas. Depois deixava os textos largados em qualquer lugar para que pudessem ser vistos.

Um poema representativo desta fase:

a todos os que me amam

ou me amaram um dia

deixo apenas um padre nosso

meio mal passado

e essa espécie de ave maresia

Ou então, esse outro, também sugestivo:

o que o amanhã não sabe,

o ontem não soube,

nada que não seja hoje

jamais houve

Leminski e Fortuna se tornariam grandes amigos. O convívio diário favoreceria uma batelada de conversas íntimas e profundas. Eles se identificariam — além da paixão por música e arte — como duas pessoas abaladas em seus projetos de auto-estima. Enquanto um tratava o próprio corpo como um “boneco”, jogando-o para cima e para baixo, a outra sentia-se carente de convicção naquilo que vinha fazendo, tanto no plano pessoal como profissional. E, pior, Fortuna, que nunca consumira drogas, se descobriria vivendo emoções equivocadas, forjando uma realidade que implicava negar o próprio judaísmo de suas origens. Nesta hora, Tio Lema se mostraria um bom conselheiro. Era algo como: “quem anda fora dos eixos tem uma melhor visão deles”. Fortuna, que era treze anos mais nova, atesta que em pouco tempo “caiu a primeira ficha”:

— O Paulo, que era reconhecidamente um marginal, me ajudaria a entrar nos trilhos. Estava ao lado, junto comigo, fazendo as reflexões mais dolorosas sobre a vida e nós mesmos. Foi emocionante. Eu nunca tinha olhado tanto e tão profundamente para dentro de mim.

Fortuna se tornaria uma das poucas pessoas com quem Leminski falaria da morte dos pais, do Miguelzinho, do irmão Pedro — e de todas as coisas que lhe tinham acontecido e escapado pela vida. Ela concluiria, depois de vê-lo desnudar-se em montes de reminiscências, que ali estava um homem saturado de emoções:

— Era evidente que o Paulo sentia-se culpado por estas mortes. Carregava um duro fardo nas costas. Emocionava-se com freqüência e chegava às lágrimas, tendo que tirar os óculos para enxugá-las. Ele estava vivendo um momento muito delicado.

Sua chegada a São Paulo vai coincidir com o lançamento de Guerra dentro da gente, livro com temática infantil no qual ele é apresentado como um designer de texto. A edição era limitada e despretensiosa, formando um pequeno livreto de 60 páginas onde se apresenta, em linguagem fabular, o diálogo de um velho ensinando a arte da guerra para um garoto. No prefácio, o indicador:

Nesta vida

Pode-se aprender três coisas de uma criança:

Estar sempre alegre,

Nunca ficar inativo

E chorar com força por tudo o que se quer.

Em entrevista a um jornal de Curitiba, o autor explicaria a obra:

— É um livro que vai atingir meninos e meninas, ambos vão se identificar com os personagens. Eu quis fazer uma história que atingisse os dois sexos. Mas é justamente a menina que acaba mostrando o outro lado do céu, a dimensão feminina da novela.

No início de 1988, ainda tendo que operar um milagre por dia, subitamente o dinheiro acabou. Ele tentaria levantar algum com a editora Brasiliense, através de Caio Graco, fez vários telefonemas, pediu e implorou, mas nada conseguiu. Começaria, então, a procurar trabalho em caráter de emergência, com a ajuda de Fortuna e Pinduca.

O primeiro trabalho remunerado surgiria justamente pela intermediação de Pinduca. Era uma oficina de texto com duração prevista para três meses, no Centro Oswald de Andrade, um órgão da Secretaria de Cultura do Governo Fleury. O dinheiro que ofereciam não era nenhuma maravilha, mas ajudava nos gastos. Ele precisava pelo menos de alguns trocados para o conhaque e o táxi, os gastos básicos, ao lado do cigarro — e aceitou a programação. Entre os seus alunos estava Rodrigo Lopes, que testemunharia o sucesso destas palestras:

— Todos adoravam o Leminski. Enquanto a maioria dos poetas é obsessivamente egoísta, paranóica e supercompetitiva, ele não tinha medo de passar informação, em dizer francamente do que gostava e não gostava. Sua alma era cosmopolita, dialógica, curiosa. Depois das oficinas, íamos ao boteco da esquina, onde a conversa continuava mais saborosa.

Quando Pinduca foi convidado a trabalhar na TV Bandeirantes como redator de um telejornal a ser lançado — o Jornal de Vanguarda —, surgiria para eles uma luz no fim do túnel. Pin hesitaria em aceitar a vaga,

preocupado com o distanciamento técnico que mantinha do veículo televisão, mas negociaria um tempo mínimo para responder: 24 horas. Em casa, pediria conselhos para Leminski sobre como deveria fazer, por exemplo, com a abertura do programa. No dia seguinte, logo pela manhã, Leminski lhe entregaria o texto pronto para ir ao ar. Por vários motivos, inclusive este, Pin lhe passaria o trabalho. Na verdade, Leminski já vinha conversando com o diretor Renato Barbieri, que queria vê-lo apresentando uma coluna semanal de cultura. Ele acumularia, então, as duas funções: seria redator e colunista. O negócio foi fechado e ele passou a freqüentar os estúdios da TV Bandeirantes, no Morumbi, onde chegava diariamente por volta das 18 horas:

— O poeta foi um aditivo para todos nós — declara Barbieri.

— Trouxe novas fórmulas, criou vários vídeo-poesias — os chamados “clip-poemas” — e demonstrou um grande domínio da linguagem audiovisual. Era um casamento perfeito com a televisão.

Ele estava conquistando um espaço cultural valioso, ao ocupar uma rede de televisão e criar performances poéticas para mais de um milhão de espectadores, de segunda a sexta-feira. Ao seu lado, como parceiros nesta aventura criativa, estavam nomes consagrados como Fausto Wolff, Fernando Gabeira, Waly Salomão e Gilberto Gil. O professor Pignatari, destacado para apresentar um quadro sobre Televisão, voltaria a encontrá-lo sempre às pressas, na redação do jornal:

— O Leminski estava mais magro e tinha um aspecto doentio. Os colegas estavam preocupados com seu estado de saúde. Mesmo assim, ele produziria bons momentos de poesia, agora trabalhando com outra linguagem.

A estréia como colunista de televisão aconteceu em 31 de maio de 1988, com a abordagem de um tema maldito: a grafiteagem. Com imagens noturnas da cidade de São Paulo, sua voz aparecia em off falando de “um tipo de bandido urbano que não produz feridas, produz letras: o grafiteiro”. O próprio Leminski, então, aparecia com um tubo de spray em punho, pichando um muro com a frase criada anos antes pelo Seqüelas:

Quem tem Q.I., vai

Seus quadros eram apresentados por Doris Giesse, ex-modelo de publicidade que fazia sua estréia na televisão. Ela conhecia a poesia de Leminski dos tempos de estudante na Unicamp, mas no Jornal de Vanguarda estaria mais próxima dele, vendo-o trabalhar. Ele era o seu principal redator e mentor. Doris ficava fascinada e, ao mesmo tempo, confessa, temerosa:

— O Leminski nos empurrava para os limites. Quando eu conversava com ele, sentia um frio na barriga, pois ele propunha sempre uma performance audaciosa, nada comportada. Queria que eu perdesse a postura clássica de apresentadora de televisão. Eu, que já era influenciada por Denise Stocklos, tinha agora um outro “demoniozinho” paranaense a me estimular no trabalho.

O comportamento do poeta na redação era estranho: trabalhava praticamente deitado sobre a mesa, procurando uma posição para diminuir as dores abdominais. Não reclamava de nada, mas era evidente que tinha problemas de saúde. Nestes dias, pela primeira vez, Pinduca detectaria sinais de debilidade e doença no amigo:

— Eu dei uma carona até o Morumbi. Antes de entrar no carro, ele foi até o botequim e virou uma dose de conhaque. No caminho, quando estava dormindo, eu tive uma visão tenebrosa, e aparentemente inexplicável, olhando para ele. E pensei: “Ih, ele está mal.”

Em suas anotações, Leminski deixaria registrado estes sintomas:

um homem com uma dor
é muito mais elegante
caminha assim de lado
como se chegando atrasado
andasse mais adiante
carrega o peso da dor
como se portasse medalhas

uma coroa um milhão de dólares
ou coisas que os valha
ópios édens analgésicos
não me toquem nessa dor
ela é tudo que me sobra
sofrer, vai ser minha última obra

A namorada Aninha também reagiria ao excesso de álcool, decidindo “dar um tempo” na relação. Antes, tentaria levá-lo para o AA paulista, mas ele rejeitaria com veemência, mostrando-se irredutível:

— Alcoólicos anônimos, jamais. Eu hoje sou um alcoólico famoso!

Aninha se foi para não mais voltar. Para compensar, ele recebia as visitas regulares de Josely e João Virmond, que vinham de Curitiba para animar a festa. Eles passaram o carnaval de 1988 em Ubatuba, no litoral paulista, onde estavam também Pinduca, Fortuna e Itamar Assumpção. A casa era de Ana Cordeiro, filha de Waldemar, que ele conhecera nos velhos tempos de poesia concreta. Nestes dias, sua parceria com Virmond, nascida nos bares e cafés de Curitiba, ganharia contornos finais. Eles decidiram chamar de Winterverno o trabalho que vinham desenvolvendo, desde que Josely assumira o papel de “coordenadora de rabiscos e guardanapos”, organizando a produção “quase” informal da dupla. Certo dia, a partir de uma observação feita por Pinduca — que se debruçava sobre uma cena de natureza-morta, na cozinha —, Leminski foi procurar um papel e uma caneta e em poucos minutos voltaria com o lance em forma de poesia:

acabou a farra
formigas mascam
restos da cigarra

Ele continuaria produzindo poemas, que canalizava também para o programa de televisão. Em julho, estaria novamente no ar para enaltecer o valor das camisetas “como suporte para poemas”, literalmente se vestindo de poesia — dele e de outros autores. A última peça de roupa que vestiu, finalizando o quadro, era um quimono com ideogramas orientais. Doris Giesse apresentaria o quadro dizendo que “para Paulo Leminski, poesia se leva no peito”.

No dia 7 de setembro, uma performance audaciosa no estúdio, com o cartunista Miguel Paiva interpretando D. Pedro II tocando piano. Como fundo musical, o Hino da Independência, o objeto da análise. Ele aparecia no vídeo sem óculos, com os restos de um único dente na arcada superior e muita autoridade moral, para dizer:

— O Brasil é uma piada de português. Nós fomos descobertos por acaso e a nossa independência veio de um grito, dado por um príncipe que representava o próprio poder que nos oprimia. Ouçam o que diz este hino.

Analisando ironicamente diversas imperícias do texto oficial, Leminski concluiria questionando a palavra de ordem que diz:

— Ficar a pátria livre ou morrer pelo Brasil. Não seria melhor ficar a pátria livre e VIVER pelo Brasil?

Ao longo de sete meses, tempo que duraria sua participação no Jornal de Vanguarda, ele levaria ao ar diversos temas de sua real preferência. Uma homenagem a Carlos Drummond de Andrade no primeiro aniversário de morte; ironizava o Descobrimento do Brasil, alertando que “se o brasileiro não descobrir o Brasil, alguém de fora o fará novamente”; dramatizaria um monólogo sobre Guimarães Rosa, assumindo a dicção de Diadorim, o personagem de Grande sertão. Em outro momento dramático, desempenhava o papel de Kafka atrás de grades gráficas, construídas com textos (o prisioneiro das palavras), apresentando o perfil de um homem irremediavelmente excluído do convívio social e intelectual da sociedade. Sua performance mais teatral, entretanto, seria a reprodução do ritual de harakiri desfechado pelo samurai Mishima, o guerreiro homossexual, que ele havia traduzido anos antes. O diretor Barbieri reconhece as qualidades dramáticas de Leminski:

— Ele era um bom ator. Tinha uma dimensão global do papel da arte, o que lhe tornava tudo acessível, em vários planos.

Durante o tempo que estive na casa de Fortuna, ele voltou algumas vezes a Curitiba e, em outras ocasiões, Alice e as meninas foram visitá-lo em São Paulo. Num desses encontros, eles fizeram juntos a seleção final da última safra de poemas, que seria definitivamente batizada de *La vie en close*. Alice lembra-se de que Leminski alternava momentos de depressão com total descontração e euforia. Quando depressivo, reagia dormindo; quando alegre e descontraído, bebia além do normal. Nestes dias, eles reencontrariam Lúcia Turnbull, que os acompanhou em algumas noitadas:

— O Leminski estava bebendo muito. Ele era como um trem — e ninguém consegue parar um trem. Só mesmo uma paixão.

Numa das idas a Curitiba, quando ficava hospedado no apartamento de Josely, na Galeria Lustosa, Leminski conheceria uma jovem cineasta, Berenice Mendes, que lhe fora apresentada por amigos comuns. Na verdade, ele foi à casa dela com um grupo animado, numa tarde de sábado, e a encontrou com um livro na mão: *A insustentável leveza do ser*, de Milan Kundera — que ele criticaria com o pretexto dissimulado de iniciar uma conversa a dois. Dez minutos depois, eles continuavam na seção “olho no olho” da qual saíam irremediavelmente atraídos um pelo outro. O encontro só não foi mais avassalador porque Berenice mantinha um relacionamento amoroso com outra moça — também cineasta — com quem dividia a casa e o trabalho. Afastando-se do fogo cruzado, Leminski voltaria a São Paulo com a promessa de ligar quando chegasse em casa. E assim o fez, criando um vínculo afetivo entre eles.

A vida na televisão e a rotina da cidade grande colocavam o poeta num ritmo frenético de produção, que iria se revelar, num futuro próximo, profundamente desgastante. Não tinha problemas financeiros — pois recebia um bom salário e continuava com as despesas básicas reduzidas —, mas gastava sempre na mesma proporção que ganhava. Continuava sem carteira de identidade e, como consequência, tendo problemas para receber o salário no final do mês. Domingos Pellegrini, o escritor de Londrina, lembra-se de tê-lo visto andando atabalhado pela cidade, tomando precauções de guerrilha para atravessar uma rua. Estava trêmulo

e inseguro. Ele e Pinduca freqüentavam um bar, em frente à Faap, onde bebiam conhaque e cerveja e falavam o tempo todo de poesia. Sua conversa estava se tornando vertiginosa e seus poemas continuavam radicais e inflamados. Um deles:

cinco bares, dez conhaques

atravesso são paulo

dormindo dentro de um táxi

Houve uma noite agitada na casa noturna Dama Schok, quando a grande atração era o conjunto Legião Urbana, com Renato Russo no auge da fama. O show de abertura estava a cargo de Fortuna e sua banda. Leminski pediria para dar uma canja antes da apresentação da amiga, no que foi prontamente atendido. Ele decidiu, então, que apresentaria duas ou três músicas, sozinho, acompanhado apenas do violão. No camarim, entornou várias doses “para quebrar o gelo” e quando entrou no palco estava trôpego, vestindo uma calça vermelha que lhe caía pela bunda, deixando metade dos glúteos à mostra. Sentou num banquinho e cantou “Se houver céu”..., e o resultado foi uma estupenda vaia. A platéia, formada basicamente por adolescentes radicais, considerou o espetáculo xx-bizarro e foi implacável com ele. Era a vertigem do universo. Pinduca recorda-se da cena:

— Os garotos gritavam: Fora! Sai dessa! Ele não entendia o que se passava e berrava no microfone, em estilo heavy metal: “Porra, vejo que vocês estão adorando minha música e vou cantar mais uma.” A segunda música ele cantou embaixo de vaia. Assim que foi possível, a produção tratou de tirá-lo do palco.

Em setembro de 1988, Leminski voltaria a apresentar complicações de saúde quando, por sugestão e iniciativa de Fortuna, seria levado a um hospital. Lhe seria oferecido, pela segunda vez —e, agora, de uma forma mais contundente —, o diagnóstico de cirrose. A avaliação médica era de que um terço do fígado estava necrosado. Ele estava cuspidando sangue e tinha as fezes brancas como uma folha de papel. Alimentos sólidos provocavam-lhe ânsias de vômito e não paravam no estômago. Assustado

com a própria debilidade, mas ao mesmo tempo inabalável em seus propósitos, sua primeira reação foi escrever um bilhete, que seria guardado por Fortuna e posteriormente por Pinduca:

Este pode ser meu último texto.

Talvez eu repita o destino de Fernando Pessoa,
aos 44 anos e do mesmo mal.

Nunca estive muito interessado em envelhecer,
eu que sempre amei a juventude.

Quero repousar em Curitiba, ao som dos Beatles.

Com o meu quimono de faixa preta.

Saio da embriaguez de viver para o sonho
de outras esferas.

Alice: por toda uma vida.

Ana: obrigado pela vida que você me deu.

Fortuna: você foi demais pra mim.

Áurea, Estrela: vou amar vocês até o fim e depois.

Surpreendentemente, assim que se recuperou do impacto da crise, ele passaria a mão no telefone e ligaria para Alice:

— Fofa, parei de beber! Fortuna me levou a um acupunturista chinês e eu tenho que fazer uma dieta danada. O problema é que a Fortuna viajou...

Alice pegaria um ônibus e desembarcaria em São Paulo na manhã seguinte para fazer supermercado para ele. E o que ela encontrou não era nada animador:

— O Paulo estava com uma cor terrível, esverdeada. Tinha o abdome saliente, revelando problemas nos órgãos internos. Ele me falou, na maior cara de pau, que por causa da doença tinha diminuído sua disposição sexual. Justo no momento em que, garantia, estava com seis namoradas, três em cada cidade.

Ele estava justamente reclamando que não podia dar conta das namoradas, quando a companhia tocou. Para surpresa geral, mas sobretudo para ele, era Berenice, uma delas. Houve um ligeiro malestar no ambiente. Desnortado, Leminski conseguiu dar meia-volta e ir dormir, deixando-as na sala. Alice entendeu o que se passava e decidiu falar do estado de saúde dele, que inspirava cuidados.

Neste ponto, existe uma contradição flagrante no depoimento das duas mulheres. Enquanto Berenice afirma nunca ter sido informada sobre o diagnóstico de cirrose — nem por ele e nem por ninguém —, Alice garante que abordou o assunto exatamente neste momento, na casa de Fortuna. Mais tarde, diante da dúvida, Berenice reconheceria que talvez não quisesse ouvir a verdade, pois “como pode alguém se apaixonar e casar com uma pessoa que está morrendo?”.

Sem mais nem por quê, Alice voltaria para Curitiba enquanto Berenice ficaria alguns dias namorando em São Paulo. Foram tempos de primavera para o novo casal. Os programas eram quase sempre culturais e temáticos, fechando a noite no bar das Putas, reduto tradicional da boemia paulistana. Berenice estava decidida a pôr fim num casamento de dez anos — que envolvia também uma sociedade na produtora de filmes — para ficar com ele. Houve uma proposta de um triângulo amoroso — apresentada menos como fetiche e mais como solução de harmonia — que a companheira de Berenice descartou imediatamente. O estágio de namoro, portanto, se estenderia ainda por vários meses, com o relacionamento se tornando cada vez mais intenso e inevitável.

Na noite de 22 de setembro de 1988, Leminski e Fortuna estavam na platéia do show de Walter Franco, na sala Adoniran Barbosa, para ouvir um poema de sua lavra, “Pedra polida”, em versão musical. A peça seria apresentada com arranjos de Cid Campos, filho de Augusto, então baixista da Banda Nova. No final, chamaram-no ao palco, onde ele subiu trôpego e desajeitado, para receber uma calorosa salva de palmas. Era evidente que desfrutava de grande prestígio junto aos jovens intelectuais paulistas — como poeta, era o darling do caderno “Ilustrada”, da Folha de S. Paulo — mas, no íntimo, sentia-se aturdido e massacrado pelo ritmo avassalador da cidade. Nada de que não pudesse abrir mão em troca da tranqüilidade e da neblina de suas araucárias. Assim, quando a decisão de voltar a Curitiba surgiu pelas vias sinuosas da paixão, a manobra lhe caiu como uma luva.

A despedida do Jornal de Vanguarda aconteceria em 3 de novembro, com a sua performance mais sóbria e ao mesmo tempo mais quadrada do ponto de vista formal: a leitura standard do poema “O que passou, passou?”. Em seguida, sentindo-se fraco e desnutrido, Leminski despedia-se de Fortuna, Pinduca e Itamar e voltaria para Curitiba com Berenice. Ele queria chegar a tempo de votar em seu candidato, Jaime Lerner, nas eleições para prefeito, no dia 15. Logo depois, estavam ambos dentro de um ônibus, descendo a famigerada e tétrica Rodovia da Morte, a Régis Bittencourt. Eles viajaram sabendo que quando chegassem a Curitiba não poderiam continuar juntos, pois, embora a situação já estivesse definida em fórum íntimo, Berenice ainda continuava morando com a excompanheira:

— O Paulo foi me seduzindo até não me restar outra alternativa se não me separar. A decisão foi difícil e, neste momento, exigiria ainda algumas semanas de conversações.

Pelo telefone, no dia anterior, Leminski contara uma pequena mentira para Alice, dizendo que chegaria na rodoviária de Curitiba por volta das cinco horas da tarde. Ele nada pediu, apenas comunicou. Alice decidiria buscá-lo na hora marcada, mas não encontraria ninguém, além de rostos anônimos e sonolentos descendo do ônibus. Ele havia embarcado em outro horário, horas depois.

Quando se viu sozinho em Curitiba, no começo da noite, Leminski estava confuso e não sabia que rumo tomar. Na dúvida, seguiu para um bar atrás

do Teatro Guaíra, onde poderia encontrar alguns amigos. O publicitário César Bond, um ex-colega da agência Múltipla, o encontraria ali. Apresentava sinais de embriaguez e parecia bastante fraco, alegando não ter onde dormir. Bond levou-o para sua casa, onde providenciou um repasto acompanhado de umas cervejas. Havia um gravador portátil na casa, que eles usaram para registrar conversas sobre arte, cultura de massa e literatura. Na gravação, a voz de Bond é ouvida discretamente em mais de uma hora de conversa. Leminski falava como quem escreve um testamento — ou algo parecido — ao analisar pela última vez diversos temas do seu universo intelectual (ver Apêndice 11).

Pouco depois, Bond pediria ajuda aos amigos para encontrar um lugar onde Leminski pudesse ficar. Pensou mesmo em interná-lo, por perceber que o poeta estava fraco e sofrendo de fortes dores abdominais. Ligou inicialmente para Solda, que prometeu falar com Paulo Vítoła, que por sua vez tentaria resolver o problema. Assim, ele foi localizado pelos amigos depois de meses de ausência de Curitiba. Vítoła teve a idéia de colocá-lo temporariamente num hotel, enquanto as coisas tomavam um rumo qualquer. Leminski foi morar no Hotel Elo, na rua Amintas de Barros, ao lado da Reitoria e da Faculdade de Letras, onde fora aluno um dia. Era um quarto pequeno mas confortável, onde ele construiu um varal com barbantes para fixar seus poemas — folhas brancas datilográfadas, como roupas comuns dependuradas. Um deles tinha o título “Estupor”:

esse súbito não ter

esse estúpido querer

que me leva a duvidar

quando eu devia crer

esse sentir-se cair

quando não existe lugar

aonde se possa ir

esse pegar ou largar

essa poesia vulgar

que não me deixa mentir

Sua companhia mais freqüente nestes dias era Rubão, o arauto da xilocaína, que lidera com folga o ranking dos “amigos-da-onça” —segundo avaliação de pessoas próximas ao poeta — por “arrastá-lo” irresponsavelmente para as esbórnias da noite. Rubão não aceita o título “honorífico” e defende-se, lembrando ser apenas o dono do bar:

— O Leminski chegou a morar em minha casa por alguns dias.

Estava todas as noites no Camarim porque ali tinha vários amigos. Quando o bar fechava, em função de um feriado ou coisa assim, ele era visto caindo em botequins baratos, perto da rodoviária. Além do mais, ficou meu amigo. Dizia que se tivesse um bar daria o nome de Bar ou Ímpar.

Foi num sábado, depois de uma tarde de biritas no bar do Passeio Público, que o cartunista Dante Mendonça, vendo Leminski sozinho e aparentemente sem destino, decidiria convidá-lo para saborear um prato de comida em seu apartamento. Dante foi para a cozinha preparar alguma coisa. Eles continuaram bebendo e conversando por algum tempo, até Leminski literalmente capotar no sofá da sala. No dia seguinte, quando partiu, deixou para trás um cheiro amargo impregnando o sofá, algo como a sudorese da bÍlis, que permaneceria no ar ainda por muitas semanas. Quando, finalmente, Dante descobriu a origem do espantoso mau cheiro num certo canto da casa, confidenciou para a mulher:

— O Leminski está com sérios problemas hepáticos.

Já se disse que o poeta estava pálido e magro da cintura para cima, como um pino de boliche. Quando Alice o encontrou, ele não dormia além de três horas por dia, quase sempre desmaiando. Ela perceberia nele um

olhar apavorado, “o olhar de um homem que sabe que vai morrer”. Seu hábito de não puxar a descarga do vaso sanitário — que em outros tempos era motivo de rugas entre eles — revelaria que sua urina estava com uma tonalidade entre o marrom e o vermelho, quase cor de sangue. A visita que ele planejara tinha como pretexto rever as meninas e passar uma tarde em família. Por sorte, ele encontrou Alice anestesiada pela opinião de amigos, que lhe pediam para não “endurecer o jogo” — e ela, então, como que fazendo parte de uma encenação bíblica, lhe ofereceria uma acolhida resignada. Sua benevolência iria lhe custar o peso da desistência, ao se reconhecer impotente para alterar a realidade. Como que atingidos por um efeito embriagador instantâneo, Leminski e Alice puderam sentir novamente — por poucos minutos — o sabor da velha cumplicidade:

— Diante da situação de relaxamento, ele tentou transar comigo, queria fazer sexo como antigamente. Eu parei e disse que a gente tinha que dar um tempo. Sustentei a condição para uma volta: primeiro ele teria que cuidar da saúde.

Esta noite, Leminski iria dormir sozinho no hotel, onde repetiria o comportamento desvairado que vinha cometendo na casa de Bond, ao andar nu pelos corredores a qualquer hora do dia. Acumulavam-se reclamações de hóspedes contra ele, o que deixava a situação à beira do insustentável. Seu discurso mais freqüente tinha como objetivo enaltecer figuras que se mataram, começando por Yukio Mishima. Era uma estratégia recorrente: em épocas que bebia muito, falava das pessoas geniais que bebiam; quando parava de beber, dizia o mesmo dos abstêmios da história. Agora, tinha um discurso maravilhoso sobre os gênios que tinham se matado, mesmo involuntariamente.

Em novembro de 1988, após um ano de namoro, Leminski e Berenice puderam, finalmente, “juntar os trapos”. Ele deixaria uma dívida no Hotel Elo (e também alguns pertences, que nunca seriam resgatados) e iria morar no apartamento dela, na praça Santos Andrade. Logo alugariam uma casa e se mudariam para a rua Duque de Caxias, próximo às cinco tias, que ele visitava regularmente “na hora da sobremesa”. Assim que se instalaram, uma Kombi de aluguel estacionou na porta trazendo caixas e mais caixas de livros, papéis, fotos, o arquivo completo, enfim, de Paulo

Leminski — e, no subscrito, Alice Ruiz. Ele e Berenice, que era quinze anos mais jovem, gastaram as primeiras semanas do casamento organizando estes arquivos, enquanto revolviam com palavras o passado de suas vidas.

Sua volta a Curitiba seria saudada pela imprensa local com efusivas reportagens de boas-vindas. No dia 27 de novembro, o resultado de uma conversa informal com a repórter Adélia Lopes seria publicado nas páginas do jornal O Estado do Paraná com o título: “Leminski: a vida espiritual é muito material”. Ocupando três páginas do suplemento “Almanaque”, a entrevista era ilustrada com fotos onde, pela primeira vez, ele não aparecia em sua casa, mas no alto de um edifício, tendo a cidade como cenário. Na legenda, um slogan que perpetuaria sua ligação territorial: “Nunca saí de Curitiba. Pinheiro não se transplanta”. Ao refletir sobre sua experiência de oito meses fora de casa, diria:

— Fui para uma megalópole, uma supercidade, a Nova York que nós merecemos, no bom e no mau sentido. São Paulo é cidade de efervescência cultural, intelectual e criativa muito grande. Consegui trabalhar em televisão, coisa que ainda não tinha me acontecido. Na mesma entrevista, ele faria uma declaração conclusiva, uma espécie de inventário poético, ao afirmar:

— Se me perguntarem quem é o maior poeta brasileiro vivo, hoje, na área de escrita — texto no papel —, eu diria João Cabral de Mello Neto. Tem a obra mais densa e irradiante e continua influenciando a produção.

Mesmo à distância, Leminski vinha acompanhando a segunda edição do Catatau, que estava sendo finalizada em Porto Alegre, nas gráficas da Editora Sulina. A novidade era a capa, que sofria uma grande modificação em relação à primeira edição. As gravuras das lutas marciais foram substituídas por um desenho estilizado de René Descartes e, na contracapa, os dois esqueletos foram substituídos pela foto do autor. Ele não participaria das decisões editoriais, mas se diria convencido de que mesmo as obras clássicas e sinceras “mudam de roupa” por razões comerciais.

Ao mesmo tempo, a editora Arte Pau-Brasil, de São Paulo, preparava a edição do livro infantil A lua no cinema, escrito e dedicado a Estrela, então

com oito anos. A história, carregada de candura e magia, era, na verdade, um poema sugestivamente ilustrado por Alonso Alvarez, que arranjou cada verso (ver Apêndice 12) em páginas duras e grossas, com um bom aproveitamento gráfico. O resultado sugere um álbum sofisticado e luminoso.

Em dezembro de 1988, aconteceria o meu último encontro com Paulo Leminski. Ele e Berenice chegaram ao Rio para uma reunião na Embrafilme, onde ela negociava contratos para a realização de um longa-metragem (o projeto — já aprovado — se desmantelaria junto com o casamento de dez anos e a sociedade na produtora). Desafiando uma velha sina, eles viajaram de avião para o Rio, com Leminski ostentando um vistoso chapéu panamá e muita verve à bordo: passaria boa parte do tempo contando para a senhora da poltrona ao lado uma verdadeira antologia de histórias extraordinárias sobre acidentes de aviação. Ao que tudo indica, apenas ele achava graça nos verbetes.

Ao longo de nossa história de amizade, meu amigo Paulo me transmitiria por telefone todas as notícias ruins, enquanto, ao vivo, entre um abraço e outro, apenas as notícias boas. Este movimento parece ter influenciado o nosso humor com relação ao telefone, que sempre evitamos: era tudo ou nada, sem intermediários. Jamais ligamos apenas para saber como o outro estava passando no Natal ou coisa assim — contatos que ele incluía na categoria das grandes abobrinhas. Um telefonema era sempre para comunicar algo muito importante ou apenas raro — como quando ele ligou para lamentar que a filha Áurea estava se preparando para participar do concurso Garota Caiobá, desfilando de maiô e tudo. Ele “precisava” contar para alguém e esperava cumplicidade. Eu ponderei:

— Um baile de debutantes seria pior, Paulo, pois a moça tem que dançar com o pai!

Ele agradeceu e desligou.

Foi, portanto, uma grande surpresa reencontrá-lo em Ipanema, com a nova namorada — que ele chamava de Bere — e com os dois “filhotes” recém-saídos do prelo, que foram sacados da mochila como coelhos de uma

cartola: A lua no cinema e uma revista temática chamada Leite Quente, cuja coleção ele inaugurava com “Nossa linguagem”, ensaio sobre as inflexões típicas do falar curitibano. Esta revista seria, a rigor, a primeira parceria dele com a Fundação Cultural de Curitiba, ou seja, com o setor de editoração do órgão cultural, ao longo de uma gestão de Jaime Lerner — que, afinal, venceria as eleições de 15 de novembro. Na apresentação do trabalho, Leminski chama a atenção do leitor:

Aqui, uma viagem de leve, em asas de andorinha, pelas várias linguagens desta cidade de nome tupi, ouro de ipê pelo chão, onde se diz “leite quente”, não “leitchi quentchi”.

Ele falaria com empolgação sobre as duas obras, que considerava essenciais naquele momento. A certa altura, comportando-se como um velho rato de livraria, após passar o olho num álbum de Marcel Duchamp que descansava sobre a mesa da sala, ele me dirigiu um gesto carinhoso, sugerindo ganhar o livro de presente. Eu respondi passando-lhe a obra:

— Já é sua! Afinal foi você quem me apresentou a Duchamp.

Mais alguma coisa?

Ele respondeu igualmente rápido, com uma outra pergunta:

— Que tal me levar pra tomar uma birita?

Na rua, nuvens densas e quentes pairavam sobre a praia de Ipanema, abafando nossos ímpetos — o que nos fazia procurar refúgio num restaurante com ar-condicionado, na praça General Osório. Foi um alívio “pra cútis”, ele diria. Berenice e Naná ficaram pra trás, passeando na Feira Hippie. Sentamo-nos numa mesa estratégica para quatro pessoas e pedimos dois dry martínis caprichados. Fizemos o brinde e detonamos o primeiro gole. Foi quando ele, sem me encarar, falou:

— Compadre, fui ao médico em São Paulo e os exames confirmaram que estou com cirrose!

— ...??

Olhei para ele no momento exato em que o garçom se preparava para servir outras duas doses. Com uma das mãos parei a bandeja no ar e falei

vacilante:

— Paulo!...

Ele me encarou impacientemente, esperando uma cumplicidade instantânea, antes que as moças entrassem pela porta:

— Porra, Martins, estou aqui com você pra falar de coisas fundamentais da vida... Agora, você quer deixar o garçom trabalhar?

Nossa conversa iria girar sobre a política nacional, a nova conjuntura do Brasil e a nossa atividade profissional neste contexto. Falamos muito de televisão, ele ainda empolgado com o Jornal de Vanguarda, que continuava lhe pulsando nas veias. Súbito, passaria a falar coisas etéreas, abstratas, fazendo um discurso enviesado e desconexo. Era como se a máquina estivesse fora de rotação, deixando o pensamento galopar desordenadamente. Ao mesmo tempo, como num velho sinal de contradição, demonstrava lucidez e humor ao explicar o making off das recentes produções. Falou, entre um gole e outro, que seus sonhos estavam sendo dirigidos por cineastas americanos:

— Tenho sonhos dirigidos por Hitchcock pelo menos uma vez por semana. Ontem sonhei Blade Runner, na semana passada foi John Ford que me conduziu, mas também já peguei muito Woody Allen pela frente.

As moças chegaram e continuamos bebendo como se nada estivesse acontecendo. Ou quase isso.

No dia seguinte, antes de voltar a Curitiba, o casal iria à casa de Marieta Severo, em São Conrado, que acertava detalhes de sua participação como atriz no tal filme de Berenice, que jamais seria realizado. A visita aos Buarque de Holanda era para Marieta, mas Leminski passaria boa parte do tempo conversando com Chico, na biblioteca, onde seria apresentado a um computador PC, que o compositor vinha usando para redigir seus textos. Na saída, Leminski se mostraria impressionado com o que acabara de ver:

— O Chico dispensou a máquina e garante que a operação de escrever um texto naquele aparelho ficou dez vezes mais veloz.

A vida de casado e, conseqüentemente, a volta a uma alimentação saudável e regular, ajudariam o poeta a manter-se ocupado e bem-disposto por algum tempo. Ele cogitou, inclusive, a possibilidade de marcar uma consulta no dentista — mas a ameaça nunca seria concretizada. Quando necessário, continuaria recorrendo ao ex-colega de judô, o dentista Micelli, para eventuais extrações e curativos.

Em fevereiro, Fortuna apareceria para passar o carnaval com eles, em Tibagi, uma cidade do interior do Paraná. Eles estavam sendo apresentados à cidade natal de Berenice. Todos viajaram de carro com Rubão e tiveram um agradável fim de semana prolongado. À noite, Leminski e Fortuna tocaram violão no melhor bar da cidade e fizeram um show em praça pública — diante dos olhares incrédulos dos pacatos habitantes do lugar — e tudo foi uma festa para eles. Berenice, que também se revelaria uma boa companheira de copo e poesia, continuava desconhecendo a gravidade do seu estado de saúde. O que não lhe passou despercebido é que Leminski vivia dias muito dramáticos:

— Uma tarde, ele ficou observando a filha da diarista brincando dentro de uma caixa de papelão, enquanto a mãe passava roupa. De repente, abaixou-se, ergueu a garota no colo e começou a chorar. Chorava de soluçar, abraçado à criança...

Alice iria morar em São Paulo com as meninas, depois de se afastar voluntariamente do emprego. Para ela, ficar na mesma cidade que Leminski estava se revelando uma condição insuportável. Com ajuda de alguns amigos, planejava reestruturar a alma e recomeçar a vida.

Mas, mesmo morando em cidades diferentes, eles continuariam se falando pelo telefone quase diariamente. Na maioria das vezes era ele quem ligava. Alice tentava falar de poesia, fazer humor ou conversar alegremente sobre qualquer assunto, mas isto já não era mais possível. Ele continuava tomando vodca pura e teorizando sobre a própria desistência.

Em março, finalmente, apareceria um trabalho capaz de garantir algum dinheiro e ajudar nas despesas da casa. Após uma ou duas reuniões com os editores do jornal Folha de Londrina, ficou acertado que ele escreveria uma coluna semanal, às sextas-feiras, no suplemento cultural “Caderno 2”. Em entrevista ao próprio jornal, anunciando a novidade, ele revelaria como o atual momento de crise se revertia em fluxo poético:

— Quando se dissolve uma união, um casamento, ou se sai de um emprego, fica aquele vazio... aquela instabilidade. É aí que a nossa criatividade se torna mais aguda até a nível biológico. Tem um momento que o bicho se sente mais ameaçado e produz soluções.

Na mesma entrevista, finge-se autoconfiante ao falar pela primeira vez publicamente de *La Vie en Close*, a ser lançado pela Brasiliense no segundo semestre:

— Estou sem pressa.

Sua estréia como colunista da FL aconteceu a 7 de abril de 1989, com o tema “Como era boa a nossa banda”, onde abreviava reminiscência de uma juventude (geração) criativa e esplendorosa. Tratava do assunto como se lembrança fosse algo que se tem e não que fosse perdido.

Na sexta-feira, 2 de junho, além de frio e quadrado, o mundo estava também distante para Paulo Leminski. Como fazia regularmente, ele passaria a mão no telefone e ligaria para Alice —para levar aquela que seria a última conversa entre eles. Ela recorda:

— O Paulo estava com a voz triste, mais do que de costume. Falou de um poema que tinha criado naquele momento (ver Apêndice 13) e me perguntou se eu estava feliz. Respondi como Borges, dizendo que “hay tantas otras cosas en la vida” além da felicidade. De repente fui interrompida pelo choro dele e comecei a chorar também. Não havia mais nada para dizer, pois estávamos a quilômetros de distância, e desligamos rapidamente.

A se considerar os depoimentos dos amigos que estiveram com Leminski nestes primeiros dias de junho, não havia indícios evidentes de que algo de grave estava para acontecer. Pelo menos nada que o impedisse de

trabalhar ou passear. Nesta mesma noite de sexta-feira, ele e Berenice foram se reunir a alguns amigos num restaurante no Alto de São Francisco, o bairro histórico de Curitiba. Durante a madrugada, de volta em casa, recolheu-se no escritório para trabalhar em alguns textos antes de dormir. Estava organizando um conjunto de contos que escrevera em 1986 e que chamava de “Gozo fabuloso”; também finalizava uma nova seleção de poemas que vinha arquivando numa velha pasta identificada por uma etiqueta como O Ex-estranho. É bem verdade que estava cansado e não resistiu mais do que vinte minutos de trabalho. A fraqueza do organismo finalmente parecia estar minando as poucas energias que lhe restavam. Algo mais forte do que a vontade de viver vinha neutralizando as proteínas que uma boa alimentação pudesse estar lhe fornecendo. Para isso, Berenice preparava sopinhas, caldinhos e sucos de frutas. Mas ele continuava fumando e bebendo, fazendo da abstinência uma conquista cada vez mais remota. Mas outros amigos também não conseguiram isso. Toninho Stingen, um dos gêmeos do BacTuc, tinha morrido meses antes, vítima dos efeitos infernais do álcool; e mesmo seu irmão, Luizinho, já dava sinais de uma precoce debilidade, e viria a falecer no ano seguinte.

No sábado, dia 3, eles almoçaram na casa de dona Isabel, mãe de Berenice, onde passaram a tarde. Leminski comeu pouco, dando uma ou duas garfadas frouxas. Depois do almoço, deitou-se no sofá da sala, repousando a cabeça no colo da mulher, enquanto entabulava uma conversa com a sogra sobre um assunto pertinente e no qual se considerava especialista: as drogas. Na condição de vereadora em Tibagi, dona Isabel estava se preparando para participar de um seminário onde deveria abordar o tema e propor soluções para o problema. Leminski se mostraria interessado, querendo saber o enfoque que ela pretendia apresentar. Diante da explicação de que seriam priorizadas as drogas mais comuns, como a maconha e a cocaína, ele se permitiu sugerir uma mudança de 180 graus no diagnóstico ao direcionar o foco exclusivamente para o álcool. “Uma droga anônima e permitida por lei, a pior de todas”, garantia.

No domingo, 4, o casal estava com a casa cheia de amigos. O jovem poeta Rodrigo Garcia Lopes ficaria até mais tarde e jantaria com eles numa cantina vizinha, o Porão Italiano, onde Leminski novamente apenas

beliscou a comida — uma inoportuna pizza a quatro queijos — e tomou algumas cervejas. Rodrigo recorda-se destes momentos:

— Ele não parava. Estava no auge de sua maturidade intelectual e poética. Ao contrário do que dizem, quando falam em decadência, o Leminski havia virado, de fato, um mestre.

Na segunda-feira, 5 de junho, eles foram dormir cedo. A cena, do ponto de vista de Berenice, aconteceu de forma brutal. Os ponteiros do relógio estavam para se encontrar, à meia-noite, quando ela foi acordada por Leminski, que reclamou de um mal-estar. Ela levantou-se para acender as luzes e aproveitou para ir à cozinha buscar um copo d'água. Tudo foi muito rápido e violento, como sempre acontece neste tipo de hemorragia. Num gesto único e ligeiro, Leminski sentou-se na cama e explodiu em vômitos de sangue, num jorro que atingiu as paredes, Berenice, o quarto inteiro. Diante da gravidade da situação, Berenice chamaria um táxi e sairia voando para a Casa de Saúde Paciornik. Na confusão, não perceberia que estava cometendo um equívoco ao levá-lo para um hospitalmaternidade.

O paciente receberia atenção imediata do cirurgião geral Ricardo Rydygier e da equipe médica de plantão. Assim que o dia amanheceu, Berenice telefonaria para alguns amigos pedindo ajuda. No início da tarde, ela pessoalmente ligaria para a redação do jornal Nicolau, procurando por Josely e Rodrigo Lopes, que seguiram imediatamente para a clínica. Encontraram Leminski numa maca, preparando-se para uma endoscopia. O poeta estava lúcido quando segurou a mão de Josely e murmurou:

— Trans, a barra agora pesou.

O amigo Rubão e a mulher Mônica chegariam para passar a noite no hospital. Depois de uma série de exames, Leminski seria removido para um quarto no segundo andar, enquanto a família e os amigos eram convocados para doar sangue do tipo A positivo. O hospital estava apenas seguindo uma praxe adotada para garantir as reservas nos bancos de sangue gratuitos. Com o objetivo de ampliar a coleta, alguém teve a idéia de veicular um apelo na televisão, chamando os voluntários. Os boletins de plantão entrariam no ar em vários canais e em poucos minutos a notícia se espalhava pela cidade: Paulo Leminski está internado em estado grave.

Quando o dia amanheceu, os amigos começaram a chegar, lamentando não encontrar boas notícias.

Assim que tomou conhecimento do quadro clínico, o dr. Cláudio Paciornik — um amigo da família e médico particular de Berenice — decidiria, em comum acordo com o dr. Ricardo, pela remoção do paciente para o Hospital Nossa Senhora das Graças, onde havia melhores condições de atendimento e uma estrutura montada para este tipo de emergência. Imobilizaram-no na maca e levaram-no numa ambulância que atravessaria a cidade lentamente, na hora do rush. Josely seguia na frente em outro carro, abrindo espaços no trânsito. O caminho agora era sem volta. Na ambulância, ao lado dele, estavam o poeta Rodrigo e a irmã de Berenice, Isabel, que tem o mesmo nome da mãe. Leminski estava lúcido durante o percurso e reconheceria a voz do amigo:

— Rodrigo, é você?

O rapaz pegou uma de suas mãos e murmurou algo sem muita convicção, uma saudação do tipo “ôi, Paulo, vai dar tudo certo, depois a gente se fala com mais calma...”. Ao que o poeta respondeu, segurando o murmúrio:

— Até mais, coisa nenhuma! Pode dar boa noite pro gaiteiro!

Os médicos planejavam fazer uma cauterização do esôfago, mas antes teriam que estancar a hemorragia. O quadro revelava varizes esofágicas que deveriam ser prontamente atacadas. No balcão de recepção, Josely preencheu e assinou a ficha de internação como responsável pelo paciente. Assim que chegou, Leminski foi levado para a UTI. Ele gemia de dor enquanto era submetido a inúmeras transfusões de sangue. Berenice ficaria ao lado o tempo todo. A certa altura, Josely convenceu a amiga a dormir um pouco numa sala ao lado, assumindo para si a tarefa da vigília. Ela se recorda destes momentos:

— O Paulo parecia febril e eu fiquei umedecendo seus lábios com algodão molhado. Ele entreabriu os olhos esgazeados e se agitou um pouco. Em seguida, levantou levemente a mão direita, teve um estremecimento e percebi que tinha perdido a consciência. Acredito que entrou em coma neste momento.

Em São Paulo, Alice receberia a primeira notícia na madrugada de terça-feira, quando Mônica, a mulher de Rubão, ligaria avisando que Leminski estava internado em estado grave. Pela manhã, outro telefonema, agora de Jaime Lechinski, acionava a luz vermelha: ele estava em coma. Alice negociou uma licença no trabalho, apanhou as meninas na escola e seguiu para o aeroporto. Quando chegaram ao hospital, foram recebidas pela dra. Margarida, a psiquiatra, que gentilmente encontrou um lugar na sala de espera da UTI, agora reservada apenas à família do poeta, ou seja, Berenice, sua mãe e irmãos.

Na manhã de quarta-feira, dia 7, o hospital estava literalmente ocupado pelos amigos mais próximos, enquanto outros tipos de fãs — os anônimos descamisados, companheiros de infortúnio e poesia — se espalhavam pelos bares das redondezas.

Por volta de meio-dia, o secretário de Cultura do Estado, advogado René Dotti, apareceria para desejar boa sorte a todos e garantir que o governo estava assumindo as despesas hospitalares.

Alice percebeu quando Aldo Lubes, o mestre de judô, surgiu emocionado e exasperado na outra extremidade do corredor. Ele estava fora de si quando parou diante dela e, com mãos e braços fortes, sacudiu-a violentamente pelos ombros, vociferando:

— Eu vim aqui por sua causa! A vontade que tenho é de entrar lá e cobrir aquele filho da puta de porrada. Não posso perdoar o Paulo por estar fazendo isso conosco.

Disse isso e pôs-se a chorar, saindo apressado do hospital, como se estivesse fugindo do próprio desespero. A esta altura, entre os amigos que aguardavam em vigília, esperando por um milagre, o clima era de comoção. Para aliviar a tensão, uma das amigas, ao entrar na sala de espera e perceber várias mulheres reunidas, exclamaria com bom humor:

— Nossa! Quantas viúvas de Paulo Leminski!

Quando a noite chegou, o médico de plantão permitiria que Alice e Berenice fizessem uma entrada rápida na UTI. As duas mulheres ficariam ao lado dele por alguns minutos, mergulhadas naquela atmosfera rarefeita.

Berenice cantarolou um trecho da música “Valeu...” e saiu chorando do quarto. Alice continuou até ser interrompida em sua meditação por Jaime Lechinski, que propôs um café na cantina. Eles saíram caminhando vagarosamente pelos corredores do hospital. Estavam mergulhados num profundo silêncio. No lado de fora e nas ruas próximas, grupos de jovens fumavam baseados nas esquinas para incensar o lugar. Todos estavam consternados e parecia que algo de muito grave estava para acontecer. Alguns gritavam:

— Sai dessa, Leminski! Estamos te esperando aqui!

* * *

Paulo Leminski Filho “pediu a conta pro garçom” às 21h20 do dia 7 de junho de 1989, vítima de cirrose hepática. Antes, às 20 horas, ele teve uma parada cardíaca. Ao saber da morte do amigo, o cartunista Solda, aparentemente em transe, disparou na mesma noite vários faxes para vários amigos em suas casas e escritórios.

Tinha como título “Sete de seis de oitenta e nove” e dizia:

fechem as portas

apaguem as luzes

o poeta

jaz num canto

todo em cânticos

silêncio semântico

kamikase do espanto

por um porém

um talvez

quase um acaso

do desencanto

mergulhou fundo

no instante

em que era raso

Alheio a toda esta movimentação, levando uma vida pacata e rotineira em Ipanema, a notícia me chegaria em forma de susto através de um telefonema matinal de Márcio Borges:

— Compadre, o Paulo Leminski morreu!

No mesmo instante, Naná apareceria atônita na porta do quarto com um jornal nas mãos e a manchete em letras, obviamente, garrafais: Morre em Curitiba o poeta Paulo Leminski. Ainda pela manhã, Carlos João ligaria para descarregar seu estado de choque. Fizemos um novo telefonema pro Márcio e fomos os três ao bar Aurora, em Botafogo, derramar nosso pranto e comungar da nossa dor: o poeta do lirismo louco tinha caído.

O velório foi marcado para a capela da Reitoria da UFP, onde ele tinha sido em outros tempos um aluno de vida acadêmica irregular. Houve um indisfarçável mal-estar entre as duas famílias, justamente no momento de acomodá-las no espaço reservado ao lado do caixão. Num gesto no mínimo deselegante, dona Isabel, mãe de Berenice, fez um discurso no qual assumia para si as honras do funeral e praticamente agradecia a presença de Alice e das meninas. É provável que tal fato seja conseqüência de um sentimento consagrado entre algumas pessoas — aquelas que chegaram depois da separação —, para as quais Alice era “a mulher que abandonou o marido num momento difícil”. Na verdade, havia neste ambiente carregado de emoção e dor duas viúvas de fato e nenhuma de direito. Com suas almas agitadas e igualmente conformadas, Áurea e Estrela tudo observavam. Elas vinham ao longo dos últimos meses decodificando o ritual de despedida do pai, que deixava pegadas indisfarçáveis sobre o seu destino. As meninas fizeram uma leitura madura destas mensagens, embora tivessem apenas 18 e 8 anos.

O prefeito Jaime Lerner estava presente e participou das homenagens com um discurso improvisado e emocional:

— A palavra que melhor define o Leminski é brilho. Como escritor, poeta e pensador, tudo que fez foi com brilho.

E terminaria fazendo uma pergunta aos presentes:

— E, agora, quem vai fazer a nossa cabeça??

O enterro, que estava marcado inicialmente para às 15 horas do dia seguinte, seria antecipado para às 11 da manhã. O corpo estava inchando e o caixão teria que ser trocado por um outro maior, onde coubesse o último excesso do poeta. Na sala da administração do cemitério, Ernani Buchmann e Lechinski cuidavam das formalidades. A certa altura do procedimento, o funcionário encarregado de liberar o corpo quis saber a profissão do morto. Ernani indicou:

— Poeta.

Houve um momento de hesitação do funcionário, que perguntou:

— Poeta é profissão?

Diante da incerteza da resposta, foi-lhe sugerido:

— Então coloque escritor.

O funcionário quis saber se o falecido deixava bens. Ernani concluiu:

— Deixa muitos bens, todos intangíveis.

O enterro, no dia 8, foi acompanhado por mais de cem amigos, entre eles, segurando as alças do caixão, Fernando Blim, o motoqueiro, e Rubão, o dono do bar. O jovem Ademir Assunção, o Pin, chegaria de São Paulo no primeiro vôo da manhã.

Quando o caixão estava descendo, todos cantaram “Valeu”, num trabalho de coral magnífico puxado, à capela, por Paulinho, Ivo e Carlão, os ex-integrantes d’A Chave. Alice se uniu a eles, sem desafinar:

Valeu agitar esta vida que podia ser melhor

Valeu encharcar este planeta de suor...

Foi de arrepiar. Neste momento, a ex-aluna Peggy Paciornik, pagando uma promessa feita durante um pacto de morte juvenil, em 1967, deixava cair folhas de papel em branco no túmulo, um símbolo de eternidade para o operário das letras e da poesia. Se fossem pombas, certamente sairiam voando, mas eram apenas folhas de papel em branco, que no final se acomodaram, uma a uma, junto ao caixão. Paulo Leminski Filho foi enterrado ao lado de toda a família: o pai Paulo, a mãe Áurea, o filho Miguel e o irmão Pedro.

O RESTO IMORTAL

Paulo Leminski, 1944-1989

Queria não morrer de todo. Não o meu melhor. Que o melhor de mim ficasse, já que sobre o além sou todo dúvidas. Queria deixar aqui neste planeta não apenas um testemunho de minha passagem, pirâmide, obelisco, verbetes numa obscura enciclopédia, campos onde não cresce mais capim.

Queria deixar meu processo de pensamento, minha máquina de pensar, a máquina que processa meu pensamento, meu pensar transformado em máquinas objetivas, fora de mim, sobrevivendo a mim.

Durante muito tempo, cultivei esse sonho desesperado.

Um dia, intuí. Essa máquina era possível.

Tinha que ser um livro.

Tinha que ser um texto. Um texto que não fosse apenas, como os demais, um texto pensado. Eu precisava de um texto pensante. Um texto que tivesse memória, produzisse imagens, raciocinasse.

Sobretudo, um texto que sentisse como eu.

Ao partir eu deixaria esse texto como um astronauta solitário deixa um relógio na superfície de um planeta deserto. Claro, eu poderia ter escolhido um ser humano para ser essa máquina que pensasse como eu penso. Bastava conseguir um aluno. Mas pessoas não são previsíveis. Um texto é.

A impressão do meu processo de pensamento não poderia estar na escolha das palavras nem no rol dos eventos narrados. Teria que estar inscrito no próprio movimento do texto, nos fluxos da sua dinâmica, traduzindo para o jogo de suas manhãs e marés. Um texto assim não poderia ser fabricado nem forjado. Só podia ser desejado.

Ele mesmo escolheria, se quisesse, a hora de seu advento. Tudo o que eu poderia fazer nessa direção era estar atento a todos os impulsos, mesmo os mais cegos, nunca sabendo se o texto está vindo ou não.

Era óbvio, um texto assim teria, no mínimo, que levar uma vida humana inteira. Na melhor das hipóteses.

CAPÍTULO 10

PERHAPPINESS

No dia seguinte ao enterro de Leminski, a imprensa revelava sua perplexidade com a trágica notícia. A Folha de Londrina, onde o poeta publicou seu último texto — ainda que cometendo o erro de afirmá-lo nascido em Itaiópolis —, estampava em manchete de página inteira:

A VIDA MATA PAULO LEMINSKI

E, como subtítulo: “Ele queria o futuro, ontem”.

A Folha de S. Paulo apresentou matéria assinada por Régis Bonvicino, com o título:

MORRE LEMINSKI, O POETA-SÍNTESE DOS ANOS 70

No Jornal da Tarde, uma reportagem de página inteira:

O IRREVERENTE ADEUS AO POETA

A legenda da fotografia, mostrando o cortejo fúnebre com Berenice, Rubão, Fernando Blim e Marinho Galera em destaque, utilizava um poema feito naquele mesmo dia por Itamar Assumpção:

Leminski,
ei, psiu, sou eu Beleléu
não fui no enterro teu
porque você não irá no meu
estamos quites, adeus

O jornal O Globo mostrou agilidade, divulgando a notícia no dia 8, o dia do enterro:

MORRE EM CURITIBA O POETA LEMINSKI

O Estado do Paraná, onde ele tinha começado sua carreira jornalística, tratou do assunto também em primeira página:

CURITIBA ENTERROU SEU MAIOR POETA

O Jornal do Brasil publicaria, além do registro factual, um texto assinado pelo articulista Wilson Coutinho com o título “Um ímã de modernidade”, concluindo que Leminski “na sua provençal Curitiba, acabava por fazer uma poesia que interessava — e muito — às antenas cosmopolitas”.

O Correio Brasiliense, na sexta-feira, 9, apresentou a notícia em artigo assinado por Nuevo Baby:

MORRE O POETA MESTIÇO QUE ERA PURA POESIA

Três dias depois, o muro do cemitério da Água Verde amanheceria grafitado no trecho próximo ao túmulo, com uma grande frase pintada a pincel, com adornos em spray:

PAULO LEMINSKI MORA AQUI

Na edição de julho, a revista Panorama, editada em Curitiba, publicaria matéria de quatro páginas assinada por Jaques Brand, com fotos de Julio Covello, mostrando Leminski em sua biblioteca, sem camisa e com o título: “O Poeta se faz puro charme”.

Os acontecimentos importantes — ou meramente significativos — registrados após a morte de Paulo Leminski, não foram poucos:

- Em menos de um mês ficava pronta e chegava às livrarias a nova edição do Catatau, que mereceria de Haroldo de Campos e Leo Gilson Ribeiro amplas análises críticas, respectivamente, na Folha de S. Paulo e no Jornal da Tarde. Haroldo usou a expressão “Uma leminskíada barrocodélica”, para saudar o relançamento do livro “que teve, por assim dizer, um sucesso de câmera ou um sucesso de estima” junto a um pequeno círculo de aficionados. Leo Gilson resumiu sua apreciação no título: “Para Desnortear Europeus Arrogantes”. Cada um a sua maneira ratificava o que afirmara 15

anos antes: a obra mantinha seu tom instigante e consolidava seu valor — como uma jóia — para a literatura brasileira.

- Em agosto, quando Leminski completaria 45 anos, foi inaugurado por iniciativa da Prefeitura de Curitiba o Espaço Leminski, uma pedreira desativada que seria adaptada para receber grandes espetáculos com o aproveitamento de um majestoso cenário natural. Qual o bairro? Pilarzinho, é claro! Por sugestão de Jaime Lechinski, o nome oficial passou a ser Pedreira Leminski, hoje situada ao lado da igualmente sugestiva Ópera de Arame — ambas, obras marcantes no contexto cultural da cidade.
- Ainda em agosto, como parte das homenagens ao Cachorro Louco, seria criado o Projeto Perhappiness (talvez felicidade, segundo um portmanteau criado por ele), uma semana de programação cultural abordando temas de diversas áreas. Uma grande exposição de fotografias, vídeos e objetos do poeta (violão, máquina de escrever, anotações originais, quimono de judô etc....) foi montada como parte da retrospectiva, no Centro de Criatividade, onde foi inaugurado o Bar ou Ímpar, em sua homenagem. Mas o principal foco do evento era a inauguração da Pedreira Leminski, com show para 30 mil pessoas. Foram colocados ônibus extras e gratuitos para a população, partindo do centro da cidade. No palco, quase todos os seus ex-parceiros: Moraes Moreira, Blindagem, Jorge Mautner e Jacobina, Marinho Galera, Paulinho Boca de Cantor, Fortuna, José Miguel Wisnik, Itamar Assumpção, Lúcia Turnbull, A Cor do Som, José Roberto Oliva e outros. Caetano Veloso e Gilberto Gil tinham compromissos inadiáveis e não puderam comparecer. Nos eventos paralelos, as palestras sobre Leminski e sua obra reuniam Haroldo de Campos, Boris Schnaiderman, Walter Silveira, Renato Barbieri, Sylvio Back, Cassiana Lacerda, Domingos Pellegrini, Régis Bonvicino, João Alexandre Barbosa, Antonio Risério e outros.
- No dia 21 de agosto morria, em São Paulo, o cantor Raul Seixas, vítima de uma pancreatite aguda, resultado de problemas com alcoolismo.
- A revista Exu, editada pela Fundação Casa de Jorge Amado, na Bahia, publica “o dossiê Leminski”, com trabalhos de Antonio

Risério e Haroldo de Campos.

- Em outubro, o Pasquim prestaria sua homenagem ao poeta publicando um réquiem assinado por este biógrafo com o título “O tal das químicas, tributo a Paulo Leminski”. O texto, que fora escrito no Rio de Janeiro, no exato momento do enterro do poeta, vinha acompanhado de uma ilustração de Solda — uma caricatura mostrando Leminski numa mesinha de bar diante de uma galáxia de taças e copos, exclamando: “Garçom! Traz a saideira!” A edição ganhou um texto de introdução onde o cartunista Jaguar — a esta altura o único editor do Pasquim — se penitenciava publicamente:

“Você é um babaca, Jaguar”, eu disse pro espelho logo depois que li no jornal a notícia da morte de Leminski. “Um tremendo babaca.” Leminski foi um dos quatro porra-loucas de gênio que conheci; os outros foram Hélio Oiticica, Armando Costa e Glauber.

Quando Leminski mandou pro Pasquim aquele seu romance-tijolo, Catatau, me irritou. Achei pernóstico, pretensioso, provinciano, metido à besta. Os artigos que nos mandou também, botei na gaveta. E ficou por isso mesmo. Isso foi há quase 20 anos. Há uns 2 anos estive em Curitiba, nos encontramos por acaso num bar. Porre de steinhager com cerveja. Me mostrou poemas magníficos. Ficou de mandar colaborações pro jornal. Escreveu um telefone de São Paulo num guardanapo de papel, é claro que perdi. Antes que conseguisse localizá-lo, a cirrose o apanhou.

Depois recebi Nicolau, uma revista paranaense com textos e poemas dele da maior qualidade. Mas no Pasquim, que é bom, não teve Leminski. Culpa minha. Perdão, leitores.

Toninho Vaz e Solda (reaparece depois de um longo e tenebroso inverno), que tiveram a sorte de pegar uma carona na viagem de Leminski, fazem parceria neste réquiem. Ass. Jaguar.

- Durante curta temporada em Curitiba, de 20 a 22 de outubro, a cantora Fortuna apresenta um espetáculo onde aparecem no repertório algumas parcerias com Leminski, incluindo a música inédita “Hoje tá tão bonito”.

1990

- Em maio, a exposição do Projeto Perhappiness ganha os salões do MASP, em São Paulo, tendo como curadora a professora Cassiana Lacerda Carollo.
- Em outubro, a editora Sulina coloca à disposição dos leitores Vida, com 352 páginas, reunindo as quatro biografias escritas por ele. Leo Gilson Ribeiro escreveria no Jornal da Tarde: “Quatro retratos. Com a marca de Leminski.” Na Folha de S. Paulo, Frederico Barbosa observaria que “cada uma das quatro vidas nos mostra claramente uma faceta da quinta: a de Paulo Leminski”.
- Por iniciativa oficial, partindo do governo do Estado, Quarenta clics em Curitiba (Jack Pires-Leminski) ganha uma segunda fornada, com a editora Etecetera, de Gordo Mello, repetindo o trabalho gráfico.

1991

- Sai, pela Brasiliense, La Vie en Close, com 180 páginas de poemas inéditos preparados por ele antes de morrer. Por ser uma obra póstuma, não foi dedicada a ninguém. Não por acaso, o último poema dizia:

essa idéia

ninguém me tira

matéria é mentira

1992

- Em maio, chega às livrarias *Uma carta — uma brasa através, Iluminuras*, reunindo cartas de Paulo Leminski a Régis Bonvicino escritas entre 1976 e 1981. A mesma obra, com pequenas modificações, seria reeditada em 1999 com o título *Envie meu dicionário — Cartas e alguma crítica* (Editora 34). Em ambos os casos, as publicações trariam constrangimentos para a família de Leminski, já que alguns trechos revelavam intimidades que Alice e as filhas gostariam que “tivessem sido respeitadas”.

1994

- A editora Iluminuras publica o inédito *Metaformose — Uma viagem pelo imaginário grego* (título que os revisores são levados a “corrigir” para *metamorfose*, desconhecendo que o poeta queria falar da forma como *meta*). O livro tinha apresentação de Alice Ruiz e nota introdutória de Régis Bonvicino. Na opinião do poeta Arnaldo Antunes, “esta obra tem a magnitude e o calibre do *Catatau*. É um dos trabalhos mais sérios do Leminski”. No ano seguinte, o livro ganharia o prêmio Jabuti para poesia.
- A Fundação Cultural de Curitiba finalmente decide editar *Winterverno*, da dupla Leminski-Virmond. A edição, criativa e com sofisticado aproveitamento gráfico, exagerou nos textos introdutórios e de apresentação. Falam do autor e da obra o prefeito Rafael Greca, a professora Cassiana Lacerda, Alice Ruiz, Rodrigo Garcia Lopes, Josely Vianna e Arnaldo Antunes. No meio de todos, aparecendo com um conjunto de quarenta haikais, Paulo Leminski.
- Sai a edição húngara de *Distraídos venceremos*, organizada pelo professor Pál Ferenc, da Universidade Eötvös Lorand, de Budapeste, que credita a tradução a Egressy Soltán, embora ele tenha sido o tradutor literal e coordenador da coletânea. A primeira edição de 3 mil exemplares foi vendida em três semanas na Hungria.
- Com organização de Josely Vianna, a antologia *Desencontrários — 6 poetas brasileiros (Unencontraries — 6 Brazilian Poets)* tem

edição bilíngüe da Fundação Cultural de Curitiba. Leminski é um dos seis poetas.

1996

- Em maio, a editora Iluminuras lança O ex-estranho, livro que Alice Ruiz apresentaria como “provavelmente a última reunião de poemas inéditos de Paulo Leminski”. Entre eles, havia um representativo dos anos difíceis, concebido poucas semanas antes de sua morte:

Trevas.

Que mais pode ler um poeta que se preza?

- O jornalista e escritor José Castello, duas semanas antes do lançamento de O ex-estranho, escreveria no jornal O Estado de S. Paulo, que a nova obra de Leminski “mostra as dúvidas do poeta com relação à sua fé e o sentimento de exclusão que dominou sua vida”.
- Antes do final do ano, uma seleção de poemas reunindo “os melhores” de Paulo Leminski, na concepção dos professores Fred Góes (o parceiro musical em “Sempre Angela”) e Álvaro Martins, sairia pela Global, com direção de Edla Van Steen.

1997

- A revista O Carioca, editada por Chacal, Bernardo Vilhena e Waly Salomão apresenta três inéditos de Leminski, entre eles uma letra de música feita para Edvaldo Santana, o Baitola, e o bilhete de despedida deixado com Fortuna, que Pinduca apresentou assim: “Leminski sabia que estava morrendo. E continuou pisando firme no acelerador. Tinha que ser assim. Com ele era tudo ou tudo. Nenhuma mistificação. É o que é.”
- Zizi Possi grava “Filhos de Santa Maria”, parceria de Leminski com Itamar Assumpção.

- Uma coletânea de poesias com o título *Aviso a los naufragos*, de Paulo Leminski, organizada por Rodolfo Mata, é publicada no México pela editora Eldorado. No mesmo ano, seus poemas são incluídos na antologia *Nothing the Sun Could Not Explain*, editada em Los Angeles, com organização de Michael Palmer, Nelson Arsher e Régis Bonvicino. Sun & Moon Press. O título da antologia foi escolhido a partir do poema de sua autoria *Nada que o Sol não possa explicar*.

1999

- A revista *Medusa* apresenta três contos inéditos de Leminski, como parte do volume também inédito *Gozo fabuloso*. A festa de lançamento da revista, no pub *Finnegan's*, em São Paulo, no dia 31 de agosto, teve leitura de poemas de Arrigo Barnabé, Arnaldo Antunes, Alice Ruiz e Itamar Assumpção. Nesta noite, com a casa superlotada, foram registradas algumas manifestações de fanatismo na platéia; a certa altura, alguns jovens gritavam: “Leminski, venha tomar um uísque” — frase que se repetia em todos os cantos do salão. Alguém, em uma das mesas, ponderou: “Acontece o mesmo fenômeno com Raul Seixas, que deixou uma legião de órfãos.”
- A parceria musical (póstuma) em “*Além alma*”, com Arnaldo Antunes, sai no disco *Um som*, selo BMG. No mesmo disco, foi incluída uma parceria de Arnaldo com Alice Ruiz: “*Socorro*”, gravada anteriormente por Cássia Eller.

2000

- Na virada da década, vários sites enfocando a produção poética e intelectual de Paulo Leminski foram criados na Internet. Um deles, uma iniciativa da *Revista de Estudos Literários da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, apresenta Leminski em inglês, com tradução de Charles A. Perrone. Eis uma amostra de sua poesia na língua de Joyce:

we were born in diverse poems
it was fate's wish that we find each other
in the same strophe sister and brother
in the same verse the same phrases
rhyme at first sight we saw each other
trading what was synonymous
our gazes no longer anonymous
having read this far along
the same track and lines
of mine of yours of ours blended

2001

- Paulo Leminski faz parte da coletânea Os cem melhores poetas brasileiros do século, seleção de José Nêumanne Pinto. Geração Editorial.

EPÍLOGO

27 CLICS DE LEMINSKI

AS três primeiras frases do Catatau são, para mim, um retrato em preto e branco do Leminski adolescente que eu, em 1958 também adolescente, conheci. Só que para essa adolescência já lá vão anos XLII.

Como é que um taludo caboclo de 12 anos poderia almejar ser um místico se sua testosterona naquele ambiente formalmente casto do Mosteiro de São Bento o levava secretamente a colecionar anúncios de filmes onde apareciam seminuas as divas de Hollywood? No futebol era um cavalo mas, em compensação, discutia erudições sobre os primeiros sábios da Igreja, com D. João Mehlman, o único sábio que nós então conhecíamos. E trombava nas horas vagas, com os sonetos porque aos haikais ele não havia sido apresentado, ainda.

Fui rever o Leminski nos anos 80, em Curitiba, num jantar com o governador Richa na casa do Malucelli. Eu, já editor da Revista Imprensa e ele redator de publicidade. Findo o jantar fomos beber conhaque em sua casa, no Pilarzinho. O assunto foi, logicamente, o Mosteiro. Ao me despedir, ele foi à biblioteca e pegou uma página amarelada e m'deu de presente, com dedicatória, aquele poema falando da "ordem de são bento, a ordem que sabe que o fogo é lento"... O poema termina dizendo: "e no interior do mais pequeno abre-se profundo a flor do espaço mais imenso. Basta estar desatento". Só então, entendi o misticismo do Leminski. E entendi também que para ser sábio, poeta e talvez editor ou publicitário, é preciso estar desatento.

Sinval de Itacaiambi Leão

Jornalista. Diretor e editor da revista Imprensa.

Depois que deixei o mosteiro, no começo dos anos 60, estudei biologia na USP, onde fui assistente e me envolvi com a organização AP. Lá me

“profissionalizei”, peguei uma cana brava e fui expulso do Brasil em fins de 69. Os amigos do Brasil tinham medo de se corresponder comigo e fiquei felicíssimo em conseguir o endereço do Leminski. Ele não tinha medo de me escrever, mandou o Catatau e surgiu uma correspondência pouco sistemática entre nós.

Me espantava a capacidade que ele tinha em decorar dicionários. Lembrome bem o de alemão. Decorava tudo e sabia usar as palavras. Lia o que lhe caía nas mãos e D. Clemente ainda dava uma força maravilhosa, contrariando discretamente as diretrizes da santa ordem. Éramos um grupo de “enfants terribles”, dos quais Leminski, obviamente, fazia parte. Andávamos sobre os telhados do mosteiro e fomos delatados pelos edifícios próximos. Tínhamos uma pequena criação de pombos numa das torres do Mosteiro, enfim, conhecíamos todas as dependências fechadas há decênios naquele edifício e nunca fomos descobertos! Realizávamos as expedições durante a noite, depois que todos estavam adormecidos ou nos fins de semana. Éramos, creio, desajustados em relação ao que se esperava da vocação religiosa de um “oblato”. E esta avaliação, evidentemente, refere-se muito ao Leminski.

Clemens Schrage

Biólogo. Ex-colega do Colégio São Bento.

Quando Leminski voltou da Semana de Poesia de Vanguarda, de Belo Horizonte, em agosto de 1963, viajando comigo e Lygia, dormiu em minha casa, para retornar no dia seguinte a Curitiba. Melhor, não dormiu, revirando minha biblioteca, respingando os Cantos de Pound, agitadíssimo. A primeira carta que mandou está datada de 23 de agosto de 1963. A partir daí começou entre nós uma longa e assídua correspondência, que só terminaria em 1981, quase 20 anos depois. Em dado momento, após uma carta que eu lhe mandei em 20.9.66, ele subitamente silenciou. Preocupado, escrevi a Neiva, em dezembro, perguntando o que havia acontecido. Nenhuma resposta. Uma noite, em julho de 1967, ao retornar do lançamento do livro Maiakóvski, na Livraria Sal, no centro de São Paulo, encontro este bilhete telegráfico debaixo da minha porta: CAR’AUG/ Cá estive/ de volta PIRACICAB JUDÔ (universitário). I’m sorry.” Respondi logo:

“é bom saber que você está (viva o judô) vivo”. Mas só recomeçamos, de verdade, nosso epistolário em março de 1969, quando ele me mandou os primeiros esboços do ainda inominado Catatau, que eu recebi assim, em carta que escrevi em 1º de abril: “ave lemniscus/quia ressurexit/cartesius renatus/ em teu cartesanato furioso”. Mas aí começa uma outra história. Na minha opinião foi o maior poeta brasileiro da sua geração.

Augusto de Campos

Poeta e escritor. Autor de Caixa preta; Poesia antipoesia antropofagia; Guimarães Rosa em três dimensões; e Tygre, de William Blake (tradução).

O Paulo Leminski era o mais jovem entre os interessados em poesia que nos procuraram naqueles anos 60. Caiu na estrada muito cedo, atrás de informação. Fizemos o lançamento nacional de sua poesia na revista Invenção, em 64. Depois, estive com ele na Cruz do Pilarzinho e no Templo Neo-pitagórico, em Curitiba. Ele morava numa casa pobre, de madeira, bastante simples e com uma arquitetura tradicional da região, com as sapatas altas, para se proteger do frio. Nós tínhamos algo em comum, pois eu era publicitário e ele decidiu também enveredar por este caminho — e então nos tornamos amigos. Sua grande obra é o Catatau, um trabalho de fôlego que ainda aguarda uma edição crítica e aprofundada para ser definitivamente desvendado. A história é magnífica e muito criativa, a idéia de colocar Descartes numa praia nordestina fumando um cachimbo de ervas alucinóginas. A partir de um certo momento, Leminski deixou de ser um escritor experimental e começou a fazer poemas breves, que lhe garantiriam a fama. Falava que conhecia línguas, mas na verdade conhecia muito mal umas sete ou oito. Tinha crises de megalomania que faziam parte do próprio delírio etílico no qual vivia mergulhado. Seu discurso políticoideológico era confuso, sem muita coerência. No final, ficou conhecido também como músico e se tornou um escritor importante para a sua geração.

Décio Pignatari

Poeta, professor e escritor. Autor de Informação.

Linguagem. Comunicação e Contracomunicação.

Considero Paulo Leminski o mais criativo poeta de sua geração e um intelectual completo, armado de erudição e argúcia crítica: além de poeta, era tradutor, ensaísta, prosador, a culminar no Catatau, pleno de invenção e ousadia experimental, onde prosa e poesia confluem. Foi também um artista bem característico de sua geração, um hippie-zen, no plano existencial, plenamente aberto à aventura da vida. Nada melhor, como expressão de sua irreverente atitude perante a vida, do que o poema em que Leminski define-se como um “cachorro louco”, zombeteiro, ou aquele poema-letra (belamente cantado pelo Caetano) em que, irônica e criticamente, anuncia que venderá os filhos para uma “família americana”...

Haroldo de Campos

Poeta, professor e escritor. Autor dos livros *Metalinguagem*, *A arte no horizonte do provável* e *A operação do texto*.

Conheci o Leminski na década de 60. Foi meu vizinho no Edifício São Bernardo. Ele me emprestou as revistas *Invenção* e *Noigandres* e foi assim que tomei conhecimento do concretismo em S. Paulo. Mas, quando veio me procurar, ele já estava em outra. Estava interessado em haikais e se surpreendeu ao encontrar três deles em meu livro *Paisagem interior*, de 1941. Por isso ele me procurou. Mas, o verdadeiro haikaiista era ele. Nesta ocasião, estava aprendendo japonês para mergulhar no espírito da língua e na cultura oriental. Por isso seus haikais foram tão autênticos. Por mais antigas que sejam, em seus poemas as palavras são sempre inaugurais. Leminski tinha uma fome insaciável de conhecimento. Em 1969, mudou-se do prédio e nunca mais deu notícias. Finalmente, em 1985, reapareceu com a maior naturalidade. Ele e Alice Ruiz, a maravilhosa Alice Ruiz, entrevistaram-me no programa *Um Escritor na Biblioteca*. Acho que o Leminski foi um marco original e luminoso em nossa literatura. Falar dele sempre me emociona muito. Ele me chamava de mãe.

Helena Kolody

Autora de *Viagem no espelho* e *Luz infinita*, livros de poesia. (Para este depoimento, ela fez questão de se definir como “mocinha no sentido antigo da palavra, ou seja, virgem, aos 87 anos”.)

Uma noite, no São Bernardo, Neiva chegou agitada. Tinha visto Caetano Veloso à porta de um hotel, ele que tinha uma apresentação marcada em Curitiba. Para o Paulo, a coisa esquentou mesmo, em termos de importância da MPB, quando ele soube que Augusto de Campos conhecera Caetano e iria escrever sobre ele (mais tarde publicaria O balanço da bossa). Por aqueles dias, me surpreendi quando, numa das nossas noitadas, vi o Paulo não debruçado sobre os livros, como era de costume, mas empunhando um tosco violão num canto da sala, junto com o irmão Pedro, também de violão em punho, que lhe ensinava alguns acordes. Eram umas oito horas da noite. Às quatro da manhã, a aula continuava. Às seis, o Paulo já compunha um arremedo de canção, manejando bem os trastes. Assim era Paulo Leminski, quando se propunha a fazer alguma coisa: obstinado.

Carlos João

Jornalista, fazia parte do Grupo Áporo. Especialista em MPB.

O Leminski queria nos fazer crer que era um provinciano. Nada disso. Ele tinha uma mente de vanguarda, uma cultura universal, informações de primeira grandeza. Fazia gênero com a pequenez da alma, usando o alibi das boas intenções. No fundo, parecia um monge alucinado. Nada para ele era impossível. Tinha a capacidade de transformar o imponderável em algo possível e concreto. Mesmo quando estava vivendo dentro de uma lata de lixo, pela precariedade da situação, ainda assim se parecia com um oficial polonês a serviço de alguma Majestade. Não perdia a dignidade. Sua grande paixão era o mundo intelectual e literário. Era fascinante ouvi-lo falar, discorrendo sobre qualquer assunto que dominava. Aprendi muito com ele.

José Louzeiro

Escritor, jornalista, roteirista de televisão. Autor dos livros Infância dos mortos e Lúcio Flávio, o passageiro da agonia.

Conheci o Paulo Leminski no Rio de Janeiro, em 1970, na redação do Correio da Manhã. Fui reencontrá-lo em Curitiba, dois anos depois, quando fizemos a escalada ao pico do Marumbi. Acompanhei o trabalho literário dele como um leitor privilegiado, pois conhecia o personagem e sua

história. Foi uma pessoa marcante. Andou também por São Paulo, trabalhou na imprensa e freqüentou a academia de judô, mas era em Curitiba onde estava à vontade, que parecia reinar como o maldito, o assinalado de Cruz e Sousa. Quando morreu, deixou pesar e alívio. É mais cômodo enterrar figuras assim, batizar lugares públicos com seu nome e seguir a vida na certeza de não mais ser perturbado por aquela inteligência de assustar secretário de cultura. Dizer que ficamos mais pobres com sua morte é falso: sua vida não enriqueceu nenhum de nós em particular, mas sim uma geração maldita, perdida entre a polícia de costumes e a polícia política. O maior mérito de Paulo foi ter driblado o rígido esquema da defesa para não fazer o gol, mas sim, como Garrincha, apenas mostrar que não existe adversário invencível.

Luiz Augusto Gollo

Jornalista carioca, amigo “dos curitibanos”. Atualmente mora em Brasília, onde comanda um programa matinal numa rádio FM.

Paulo Leminski conheci muitos. Fui aluno do professor, colega do publicitário, patrão do poeta doente. Amigos mais de vinte anos. Da lira dos próprios ao impróprio caixão.

Posso escrever sobre o rapaz com fama de gênio, capaz de resumir em uma aula a matéria de ano inteiro para o vestibular. Ou sobre o compositor travestido em cantor, a esganiçar maltratando o violão com tamanha fúria que fez quebrar, felizmente, a cadeira do canto em decapê da casa de minha mãe.

Também do autor a andar pela casa das Mercês teorizando aos berros, enquanto Alice, sentada no chão, tratava de cortar os rolos com o texto já composto do Catatau para montar as pranchas, de forma que, assim, pudéssemos revisá-lo — tarefa que jamais chegou a ser realizada, se posso dar crédito às lembranças que me restam da época, para sempre envoltas nos eflúvios que dali emanavam.

Talvez conte a visita que a família Leminski nos fez na casa de praia, dois dias inteiros de churrasco, cachaça e cigarros. Eu queimando os industrializados, tantos que jamais voltei a pitar cigarros de qualquer espécie, ele fumando também os artesanais, como desde sempre.

Falaria do pai que se negava a ver a gravidade da doença do filho, ocupado demais estava, ou do sujeito que costumava furtar livros da biblioteca dos amigos, como levou da minha um raro exemplar — comprado no mercado das pulgas de Paris — de Marco Antônio, de Shakespeare, tradução francesa de André Gide.

Conto, afinal, sua última molecagem. Depois de Jaime Lechinski e eu comprarmos o caixão, ele, inchado, não coube. Pedro Franco fez-me companhia na volta à funerária, viagem macabra para a troca por um ataúde de dimensões extremas, não fosse seu futuro ocupante um sujeito assim mesmo.

Meu acesso compulsivo de choro ao ver Paulinho do Blindagem puxar, à beira do túmulo, aquela interpretação maravilhosa de “Valeu”, foi emoção, homenagem, saudade e expiação — por não ter sido com ele mais rigoroso, relevando mentiras evidentes: “Agora só bebo uma ou outra cervejinha.”

Saudades do PauLeminski cachorro louco, do Paulo pauleira, polaco provocador irresistível de quem me restaram alguns exemplares, relidos sempre, a imaginar o riso irônico que a tudo dedicava, com que talvez ainda nos veja.

Ernani Buchmann

Escritor e publicitário. Autor de Cidades e chuteiras, livro de crônicas, e Os heróis da liberdade, romance.

Conheci o Paulo pessoalmente quando fizemos (eu e alguns amigos) a Cooperativa de Escritores, em 1974. Eu fiquei encarregado de levar sempre um exemplar dos livros que lançávamos para ele, com antecedência.

Ele fazia a crítica para ser publicada nos jornais no mesmo dia do lançamento do livro. Criticava com veemência, a partir de sua posição de vanguarda concretista. Nós, da Cooperativa, tínhamos, então, o ensejo de responder às críticas, no próximo domingo, no mesmo jornal, o Estado do Paraná. Assim, a polêmica se estendia por mais de mês, a respeito do nosso lançamento e outras posições estéticas e literárias. Como fui sempre muito bem recebido por ele, acabei, nessa época, freqüentando sua casa

todo final de semana. Quando a hospitalidade é generosa e estimulante, a gente retorna.

Acabamos muito amigos. Na morte de seu filho, Miguel, eu e minha mulher Suely conduzimos o casal Leminski durante o funeral. Outra vez, estávamos só eu e ele em sua casa, na Cruz do Pilarzinho. Conversa vai, conversa vem, surgiu o papo do judô. Pedi, meio descrente, que ele me aplicasse um golpe. Ele topou na hora. Pusemo-nos em posição. Ele me virou de ponta-cabeça e me derrubou no chão. Detalhe: os óculos voaram, mas eu não me machuquei, porque ele me segurou antes que eu caísse totalmente. Depois me levantou, peguei os óculos, demos boas risadas. Outra ocasião, eu trabalhava na Pão de Açúcar Publicidade, precisávamos de um redator, eu indiquei Alice Ruiz para o cargo. Ela foi contratada. Depois, a vida nos levou para outros caminhos. Ele ficou famoso e passou a freqüentar mais o eixo Rio-São Paulo-Bahia.

Reinoldo Atem

Poeta e publicitário. Autor de *Urbe vage*, poema longo,
e *O aprendizado da vida*, livro de poesias.

Paulo Leminski entrou em minha casa como o amigo de um amigo, em 1979. Eu o considerava então apenas mais um desses escritores herméticos, autor de um “Catatau”, que eu havia começado a ler e não engolido de todo, por achar demasiado rebarbativo, tentativa redundante de reinventar a roda, experiências empobrecedoras do tipo joyce-proust tupiniquins, pois aos meus olhos infanto-nouvelle-vague tais coisas se assemelhavam não às citações e private-jokes de um filme de Godard, mas ao Walter Hugo Khoury querendo dar uma de Antonioni, o que é totalmente uma outra coisa. Eu pensava: colonizados! Não sabia ainda sobre o poeta privilegiado e genial, sobre o homem culto e gentil, sobre o pai extremoso e seu gigantesco drama. Paulo já entrou em minha casa com nome próprio, amado e reverenciado por nosso grande amigo em comum, Toninho Vaz, seu conterrâneo, seu melhor amigo desde os tempos que brincavam juntos de fisdusca-em-pó, quase polaquinhos de calças curtas. Paulo havia chegado ao Rio com os músicos da banda Blindagem, Ivo & cia., para uma curtíssima e memorável temporada no Teatro Opinião, rock

fulgurante e meteórico, com letras engraçadíssimas de Paulo (“sou legal eu sei/ agora só falta/ convencer a lei”). Como era uma produção tipo “Dubolso”, como diria o Sebastião Nunes, eis que sobrou o hóspede Paulo lá em casa, na Santa Teresa hippie dos anos 70. Conversamos muito sobre o aspecto provinciano das nossas culturas, a mineira e a paranaense, rimos da ta-canhez de nossas próprias vidas, e, na saída, ele deixou pichado na parede: “HIC FILIUS LACRIMAT MATER NON AUDIT”. (O velho dístico das cadeias: “aqui o filho chora e a mãe não ouve”.) Poderia ter sido escrito em grego. Ou em japonês. Ou sânscrito. O homem era um perfeito intelectual e artista. Daqueles que as metrópoles tarde demais descobrem e adotam, transformam em parâmetros, talvez por sentirem ali um restinho do gosto que já perderam há tempo.

Márcio Borges

Poeta, compositor e escritor. Autor do livro autobiográfico

Os sonhos não envelhecem, a história do Clube da Esquina.

Madrugadas no Bar Palácio foram a senha e a cena de muita conversação com Leminski, às vezes em grupos grandes, outras só com ele ou poucos mais. Numa dessas ocasiões, entrou numa de sustentar que na Segunda Guerra os generais alemães tinham levado enorme surra dos seus colegas russos, dando como boa prova disso a captura de von Paulus, creio que durante a batalha de Stalingrado. Ele queria — porque queria — que eu (como neto de alemães por parte do meu Ôpapa — meu avô — paterno) tomasse a defesa dos boches... enquanto, com seu lado eslavo, ele ficaria, no caso, com a do vencedor!

Eu vivia uma curiosidade inadiável das letras clássicas. Leminski generosa e pacientemente se dispôs a me passar algumas noções. Sobre o aoristo, um aspecto dos tempos gregos, deu essa explicação singular: de que era como se fosse um tempo em que transcorre a ação dos provérbios. Assim, quando se diz Quem não tem cão caça com gato, em qual tempo está o verbo? Não é bem um presente, está longe de ser um pretérito. É um tempo digamos virtual. Esticando o conceito seria talvez possível dizer: é o tempo em que vivem as crianças e os animais; é o tempo em que estão postas as obras de arte.

Jaques Mario Brand

Poeta. Autor de Brisais (Das brisas do Brasil os ais et os sais).

É um dos poetas da antologia bilingüe Outras praias/Other Shores,
Iluminuras, 1998.

Guardo lindas lembranças do Paulo. Certa vez, hospedado em nossa casa de São Paulo, ele continuou mantendo o hábito de não “se lembrar” de tomar banho. A casa era uma farra só. Numa bela manhã, Mônica, minha mulher, acordou disposta a botar ordem na bagunça. Quando ela entrou na cozinha, me encontrou com um copo de cerveja e o Paulo com um de conhaque. Ela tirou os copos de nossas mãos e disse pro Paulo ir tomar banho e que depois estava programado um café da manhã, como pessoas normais. Ele se levantou sério, algo solene mesmo, tomou o seu copo de volta e, encarando a Mônica, disse: “Mônica, por favor, não atrapalhe a minha viagem autodestrutiva.”

Nosso último encontro foi já nos anos 80, em São Paulo. Logo que ele chegou, o telefone tocou. Era uma namorada minha, a Dulce Ferrero, ligando da Bahia. Eu desliguei o telefone e comentei com ele: “Veja só, estou namorando com uma moça que está lendo ítalo Svevo.” E ele: “Não caia nessa. Ela tá lendo Svevo pra lhe seduzir.” Ato contínuo, me convidou para tomar uma. Eu disse: “Paulo, eu estou dando um tempo, não estou bebendo.” Ele ficou calado, com um ar meio triste. Ficamos conversando durante algum tempo, mas ao se despedir, ele me deu um abraço e, com o mesmo ar de tristeza, disse: “Você ficou me devendo uma farra.”

Logo depois, ao receber a notícia de sua morte, chorei muito. E me veio essa frase, de que eu ficara lhe devendo uma farra. Tomei um tremendo porre.

Antonio Risério

Poeta, compositor e crítico literário, autor de Fetiche
e Ensaio sobre o texto poético em contexto digital.

Quem primeiro me falou de Leminski foi Gilberto Gil, que me deu notícias do experimento do Catatau. Na minha primeira temporada em Curitiba,

fizemos — eu e o Nelson Jacobina — um contato com ele quando passamos a tarde na chácara polaca do Rafael Greca. O caos nos unia. Ele escreveu um artigo me chamando de O Olho do Ciclone, que eu reproduzi no meu livro Panfletos da Nova Era. Depois nos encontramos algumas vezes na casa do Moraes Moreira, no Rio. Nossa identificação vem de uma verve otimista que estranhamente contrastava com a visão crítica que tínhamos de tudo. Tudo que Leminski fazia tinha a marca da paixão. Era um vulcão, um ativista cultural e um pensador fenomenólogo. Participou de todas as experiências extremas da nossa geração. Poucos artistas e escritores tiveram uma atitude tão heróica diante do amor e da poesia quanto ele.

Jorge Mautner

Músico, compositor e escritor. Autor do livro

Fragmentos de sabonete.

Quando voltei de Curitiba, onde conheci Leminski, trouxe uma pilha de Catatau comigo e virei um divulgador do livro no Rio de Janeiro. Mais do que isso, um propagador, evangelizador, um macaco de auditório do Leminski. Distribuí o livro para as pessoas certas, falando com entusiasmo da obra. Uma noite, minutos antes de um show de Caetano, no Canecão, ficamos sabendo da morte dele. Por coincidência, o Haroldo de Campos também estava no camarim quando alguém nos transmitiu a notícia. Foi um horror, um buraco que se fez no mundo. Paulo Leminski foi a realização da contribuição milionária de todos os erros de que falava Oswald de Andrade. Ele encarnava isso. Bebia das fontes originais, tinha uma cultura e uma sapiência assombrosa, descomunal. Ao mesmo tempo fumava grandes baseados e se interessava por temas nada acadêmicos. Desta forma, pulava de um registro para outro com muita rapidez. Foi quem primeiro me falou de Carl von Clausewitz, o teórico da guerra. Ele não apenas conhecia a obra como tinha assimilado os postulados do grande estrategista. Era o seu lado Golbery, um pouco Glauber Rocha, formado por uma mente geopolítica. Eu acho que nós, os poetas brasileiros, devemos alguma coisa ao Paulo Leminski.

Waly Salomão

Poeta, compositor, produtor musical. Autor de Lábia, livro de poemas.

Um dos editores da revista de poesia NAVILOUCA.

Primeira vez que vi o bigodudo, ele agitava um cartaz numa cerimônia ou debate, não lembro, do saudoso Concurso de Contos do Paraná. O cartaz só tinha três palavras:

O CONTO

MORREU!

Anos depois, ele elogiaria um conto meu, e eu diria ué, mas você não pregava que o conto morreu?

— Naquele tempo, mas renasceu. Até eu ando fazendo contos! Quando ele ainda morava no Pilarzinho, um dia, depois de muita conversa e bebida, me ofereceu pouso:

— Você vai dormir cercado por pilhas de obra-prima! Era no sótão, uma cama cercada por pilhas de Catatau, que ele ia dando a um e outro:

— E ainda vou ter Catatau por muitos anos!

Onze da manhã. Já tinham ligado três vezes da agência quando ele chamou um táxi. Alice recomendou:

— Vê se manera, tá? Não bebe no trabalho, Paulo!

— Xacomigo, amor. Prometo!

Mas, no caminho, mandou parar num bar, virou uma vodca dupla.

— A caminho do trabalho não prometi nada.

A outra casa, também de madeira, tinha uma sala gostosa onde ele era capaz de ficar horas conversando comigo sobre filosofia política e a chamada arte militar, único intelectual que conheci a discutir essas coisas com independência mental. Eu estava sempre de passagem, a caminho do litoral, então gastávamos a tarde com Sun-tzu, Lao-tsé, Jesus, Trotski, os anarquistas etcétera.

Começo da tarde, toca o telefone, era uma agência querendo um slogan, ele anotou os dados. Fim de tarde, toca o telefone, é a agência querendo o slogan, ele fica procurando o papel das anotações.

— Pois é, eu ia agorinha mesmo ligar pra vocês, passei a tarde pensando nesse slogan.

Dá uma olhada nas anotações, solta um suspiro fundo ganhando tempo, aí fala o slogan. Explica por que, enquanto alguém anota do outro lado da linha. Desliga.

— Tim-tim — falava assim também quando ouvia música sua no rádio.

— Dinheiro na caixinha!

E voltamos a falar de Ghandi ou de von Clausewitz.

Um dia, perguntei por que não fazia de bate-pronto os pedidos das agências.

— Ah — passava a mão no bigode.

— Se não demorar, eles pensam que é fácil, não dão valor.

Outro telefonema. Ele ouviu, suspirando fundo, em seguida só soltou negativas:

— Não... não... de jeito nenhum... já falei... não quero... não.

Desligou.

— Era um pessoal que ano passado fez um encontro trotskista, me convidaram, fui lá, falei de Trotsky, até cantei, acharam ótimo. Agora estão me convidando de novo, mas chega desse brincado, ano passado já brinquei.

Do hotel, liguei, ele falou vou aí, vamos fazer um programa. Chegou, perguntei qual o programa, ele falou conversar, ué, que mais? E ficamos conversando horas, aí chegou o César Marquesini, que só conhecia o polaco de vista, e ficou ouvindo, até que não agüentou:

— Caras, vocês não param de pensar!

— E nem tudo — Leminski emendou — a gente consegue expressar!

Fugia de falar de contratos de edição, confessou que assinava sem ler direito, na compulsão de publicar, publicar, com a urgência duma visível ansiedade. Seus fundos suspiros pareciam os vapores duma máquina de criar e esperar reconhecimento. Era apaixonado pela imprensa cultural e pela divulgação da própria arte, preocupação que foi se acentuando conforme o reconhecimento foi aumentando, talvez porque também pressentisse o próprio fim. Na última vez em que pousei a mão em sua coxa, estava quase só pele e osso, sugado pela vida que passou a levar DA (Depois de Alice).

Passei a evitar o bigodudo que nos bares falava acima de todas as vozes, e que estava sempre adiante algumas doses. Ele tinha também certas mesquinhas que me irritavam e, na última passagem por Curitiba, liguei, convidou para um bate-papo mas me esquivei.

Um dia, estou no Rondon Palace Hotel, Porto Velho, Rondônia, onde fazia um trabalho de propaganda, e eis que ele surge na tela da televisão do saguão. Fui lá, aumentei o volume:

— Paulo Leminski tinha 44 anos e...

Virei as costas e fui para o serviço a fazer. Tempo depois, convidam para uma mesa-redonda no Perhapiness, e na minha hora de falar comecei a chorar e não parava mais. Haroldo de Campos olhou espantado, quando falei:

— Estar aqui é como estar no velório dele, então eu gostaria de hoje estar aqui apenas para chorar.

E chorei. E agora, lembrando, torno a chorar. Me pegou de novo, polaco!

Domingos Pellegrini

Escritor e jornalista. Fazia parte da Cooperativa dos Escritores do Paraná. Autor dos romances *Teria vermelha* e *Questão de honra*.

O traço que mais me comoveu na personalidade do Leminski, que não conheci integralmente, foi o orgulho de sua metade negra. Intelectual e

artista cultuado ainda em vida, ele poderia muito bem ter “deixado isso pra lá”, como tanta gente faz. Mas ele sentia prazer em assumir-se como um afro-polaco-brasileiro — o que se constitui numa grande injeção de auto-estima em nós todos. Quando lhe mandei meu livro Islamismo e negritude, ele afirmou, benevolmente, que foi a melhor coisa que já lera sobre o assunto. E mandou-me um esboço de “poema/letra” que havia feito: “Oxalá Xangô Ogum/ daime a graça de ser forte/ para. que eu possa ser bom/ para que eu possa ser um”.

Nei Lopes

Compositor, escritor e bamba de escola de samba. Autor dos livros O samba na realidade e Islamismo e negritude.

O Paulo Leminski me resgatou junto aos intelectuais, que eu sempre considerei pessoas chatas, que dificultam o relacionamento com os “normais”, tornando muitas vezes a conversa inacessível. Eles entendem de tudo, sabem de tudo, têm uma visão particularíssima do mundo etc.... Nunca tive muita simpatia por intelectuais. Mas com o Paulo era diferente. Ele tinha erudição, tinha conhecimento mas era muito generoso, conversava da mesma forma com os mais variados interlocutores, desde uma criança até um catedrático. Se você não demonstrava conhecimento de um determinado assunto, não tinha a menor importância. E ouvir suas explicações era uma delícia. Depois, estive com ele uma noite em São Paulo, em 1987, e fiquei triste: tomava conhaque a cada quinze minutos. Eu estava no Rio de Janeiro quando acompanhei a notícia de sua morte pela televisão. A imagem mostrava ele dançando e cantando num show dos Titãs. Sinto a maior saudade daquele olhar doce e das covinhas que se formavam quando ria encabulado. Eu o amava profundamente.

Lúcia Turnbull

Cantora e compositora. Guitarrista nas bandas de Rita Lee, Gilberto Gil e Moraes Moreira. Tem uma filha, de 11 anos, chamada Alice em homenagem à personagem de Lewis Carrol e a Alice Ruiz.

Paulo Leminski foi uma das pessoas mais marcantes na minha vida. Eu conheci sua poesia aos 17 anos, quando morava em Londrina, e decidi ir a Curitiba entrevistá-lo. Encontrei-o por acaso na livraria Ghignone, na Rua das Flores. Me apresentei e ele imediatamente me convidou para “passar lá em casa mais tarde, e não se esqueça de levar uma garrafa de vinho”. Telefonei antes para confirmar o encontro naquela mesma noite. Ele atendeu o telefone tratando a mim — um total estranho — de “meu nego”, me dando as coordenadas para chegar à sua casa. A primeira coisa que percebi na rua do Leminski foram os números que não obedeciam a nenhuma seqüência. Era mais ou menos assim: 4, 35, 2749, 815, 76 etc. Quando cheguei ele estava varrendo a varanda, com as duas filhas brincando por perto. Logo Alice apareceu e o ambiente ficou mais animado, as idéias rolando entre fumaças. Ele falou das origens da poesia, música, contracultura, Bashô, zen. A empatia com ele era total. Este encontro revelou para mim pistas essenciais sobre “o que é ser poeta” e “como se vive a poesia”. Quem o conheceu sabe do privilégio que foi tê-lo conhecido. Leminski, na minha opinião, foi uma das maiores inteligências, um dos maiores talentos da cultura e da poesia brasileira e mundial do XX.

Rodrigo Garcia Lopes

Poeta, jornalista e tradutor.

É organizador do livro Sylvia Plath: Poemas.

Leminski é (os poetas não morrem) um poeta multimídia. A sua poesia antevia a velocidade da internet e a fugacidade desses tempos modernos. Por isso Leminski não teve nem que se adaptar à linguagem da TV. Ele já possuía um texto sintético, que é, em tese, o texto televisivo. Leminski está à frente do seu tempo. É um homem do século XXI. E estar à frente do seu tempo é sempre um problema. Leminski é o nosso Prometeu (mesmo que existam outros). Paulo Leminski, o poeta intrépido, nos trouxe o fogo dos Deuses. Sua poesia veloz e precisa iluminou nossas gerações. Há muito não se via um poeta tão eloqüente e apaixonado em terras brasileiras. Leminski é fiel aos altos ensinamentos da tradição grega: o poeta faz de seu sangue a sua lira. Tal como Prometeu, Leminski foi sacrificado e seu fígado virou alimento de abutres. Mas estes morrerão. Leminski não. O poeta vive. Sua

verve está fresca em nosso olhar. É como se Leminski tivesse partido ainda ontem em uma longa viagem pelo mundo (do grego: cosmos). Até então nunca tinha saído do Brasil. O homem poliglota, que traduziu até Bashô, conheceu o planeta azul sem sair de Curitiba, em sua santa felicidade. Leminski, poeta, amigo, daonde você estiver agora, fazendo poesia com as letras do universo, lhe desejamos feliz jornada.

Renato Barbieri

Cineasta, diretor do documentário Atlântico negro — Na rota dos orixás.

Ex-diretor da produtora de vídeo Olhar Eletrônico e do Jornal de Vanguarda.

O Paulo e a Alice agendaram um dia cheio em Londrina: lançamentos de livros dele e dela, entrevistas, palestras. Era 1988, se não me engano.

Saímos de Curitiba na noite anterior, de ônibus. Ele embarcou com uma garrafa de vodca a tiracolo, que chegaria completamente vazia ao destino, lá por seis da manhã. Vodca quente, que ele tomou diretamente do gargalo, da primeira à última gota, já que Leila, Alice e eu recusamos um gole sequer e não se viu entre os demais passageiros qualquer intenção de participar da beberagem.

Viagens sempre exaustivas estas de longo percurso em ônibus convencional, por melhor que possa ser a companhia. Daí que imaginávamos pelo menos um pequeno descanso na chegada, mas Leminski, sempre falante e animado, insistiu para continuar a conversa no apartamento que os anfitriões haviam reservado para ele no Hotel Bourbon. Ali, em poucos minutos, derrotou sistematicamente tudo que havia de interessante no frigobar, primeiro as garrafinhas de uísque, depois as de vodca, as de vinho e, finalmente, as latinhas de cerveja.

Ainda no hotel, e antes que desse 9 horas, quando estava agendado o primeiro compromisso, apareceram alguns dos anfitriões e, com eles, os baseados e as carreirinhas que o polaco consumiu com voracidade e uma naturalidade que impressionavam até os mais íntimos, como nós.

Enfim, a tal palestra. Ele, sem dar qualquer demonstração de cansaço ou de que pudesse ter a mente turvada depois de tamanha extravagância, falou por mais de uma hora, eloqüente como sempre, marcando pela exatidão das palavras e pela exuberância de gestos. Encerrada a fala, vieram as perguntas e, quase no final do debate, uma senhorinha — algo perua, algo tímida — faz a sua indagação, visivelmente ensaiada:

— É verdade que o senhor escreveu a maior parte de sua obra sob o efeito de álcool e de drogas pesadas?

Tensão na platéia, especialmente entre os anfitriões. Mas o polaco, impassível, fulminou a senhorinha com aquele seu olhar penetrante:

— Jamais! Eu não bebo. Quando muito aceito uma taça de vinho na noite de Natal.

Jaime Lechinski

Jornalista e assessor de comunicação do gov. Jaime Lerner.

Leminski. Como um bom “polaco”, era rápido e matreiro; pela raiz de crioulo, não facilitava, não deixava por pouco. E eu, libriano duplo, com vivência de quem morou no mato, e fala pelo papel e lápis, fiz o que Leminski mais gostava: ser provocado com vara curta, lancei desenhos que puxaram poemas e aí virou um duelo à parte, chamado winterverno. A cada novo desenho via-se a sobrelha direita elevada, provocando um sinal do cérebro para a mão, que com os dedos armados, me deixava na expectativa no seu direito de resposta. No dia seguinte se invertia, com o semblante orgulhoso de quem chegou antes e provocou um novo desafio. Às vezes vindo via telefone da TV Bandeirantes num intervalo do programa Jornal de Vanguarda.

Vangloriava-se ao pegar o violão e cantar “Verdura”, dizendo que letra e música eram suas e que Caetano dificilmente gravava algo que não tivesse sua intervenção. Citava Caetano com respeito pela inteligência, dizendo que transformava letras simples em coisas de valor.

Os fatos, para Leminski, poderiam ter qualquer peso, mas deveriam conter criação e humor. Imagens eram pescadas pelo poeta que vivia o que escrevia, com informação e um domínio enciclopédico; quem estava ao seu

lado, criava ou saía fora. Não tinha escrúpulos de, num lugar público, afastar com firmeza os chatos.

À vista da porta da cozinha, na casa da rua Duque de Caxias, vislumbrava-se um quadro admirado por ele. Um pinheiro araucária e uma antena parabólica sobrepostos, imagem forte para quem se considerava como um pinheiro que não se transplanta (citando a volta de sua estada em São Paulo), e adorava comunicação. Ali, ainda tinha a sensibilidade de apreciar o quintal, o limoeiro e cuidar das rosas no jardim.

Enganam-se os ditos “amigos”, que até publicam livros póstumos, declarando aos jornais à época de sua morte, como se esta tivesse sido decorrente da sua vivência com drogas. Convivemos bastante próximos nos seus dois últimos anos de vida, e sei que o álcool — a vodca, mais precisamente — é que foi o problema, e não as drogas. Ao menos aqui podemos usar o forte poema de Maiakovski, “é melhor morrer de vodca, do que de tédio”.

João Virmond (Suplicy Neto)

Arquiteto, artista plástico, parceiro de Leminski no livro *Wintervemo*.

Paulo Leminski é o poeta mais intenso que já conheci. Jamais encontrei outro que “respirasse” poesia todo o tempo. Está lá, inscrito como um obelisco, logo no seu segundo livro: “vai vir o dia/ quando tudo que eu diga/ seja poesia”. Quem o conheceu de perto sabe que ele transformou esses versos em lema para a sua própria vida. Talvez por esse motivo ele tinha dificuldade (ou um certo desprezo, sabe-se lá!) em lidar com coisas práticas. Bobagens mundanas, como abrir uma conta bancária (lembra dos versos “fiquem vocês com a realidade/esse baixo astral/em que tudo entra pelo cano”?). Então. Quando começou a trabalhar no *Jornal de Vanguarda*, da TV Bandeirantes, ele pediu para eu acompanhá-lo a uma agência do Banco Nacional, na avenida Angélica. Precisava abrir uma conta para receber o salário mensal. Foi hilário. A gerente pedia a carteira de identidade e ele não tinha. O CIC — não tinha. Comprovante de residência — necas. “Mas como é possível abrir uma conta, se o senhor não tem identidade?”, dizia a gerente. “Nunca me interessei por essas bobagens freudianas”, ele se divertia. Passamos meia hora dentro do banco, Leminski

disse alguns poemas para a gerente e saiu como tinha entrado — sem nenhuma conta. Quem sabe para se defender da “realidade, esse baixo astral”, ele mantinha um admirável senso de humor. E possuía o raciocínio mais rápido do Oeste. Lembro de uma tarde em que estávamos passeando na praça Buenos Aires, em Higienópolis — bairro paulistano de judeus ricos, e demos de cara com uma madame levando seu poodle na coleira. Não sei se devido a algum pó antipulgas, o cachorro estava todo colorido, com faixas azuis, vermelhas, lilases e verdes no pêlo. Quando vi aquilo, comentei, quase sem pensar: “Nossa, olha aquele poodle, parece o Pepeu Gomes.” Leminski soltou uma baita gargalhada. A madame, imediatamente, colocou seu cachorrinho embaixo do braço e disse: “Vamos embora que aqui só tem gente ignorante”. Muito sério, Leminski retrucou: “Mas ele está fazendo um elogio ao seu cãozinho. A senhora não sabe quem é Pepeu Gomes, não?” Lembro bem quando, num sábado, cheguei na casa da cantora Fortuna, onde ele estava hospedado, e vi uma porção de poemas empilhados no tatami da sala. Ele me disse: “Pin, leia aí e assinale os melhores, aqueles que baterem fundo.” Era o livro *La Vie en Close*, finalizado. Fiquei pasmo com a quantidade de poemas que falavam de dor, que substituíam o bom humor da fase inicial da sua poesia por um tom mais grave e, em certo sentido, muito mais denso. Disse isso a ele, que não me respondeu nada. Um dos poemas, em especial, me impressionou muito: “Sintonia para pressa e presságio”. O final: “Eis a voz, eis o deus, eis a fala,/ eis que a luz se acendeu na casa/ e não cabe mais na sala”. Senti algo estranho na leitura. Alguns meses depois eu entendi. “Presa e presságio”. Leminski estava consciente de que tinha pouco tempo. E até isso ele transformou em poesia.

Ademir Assunção, o Pinduca

Poeta e jornalista. Autor dos livros *LSD Nô* (poesia) e *A máquina peludo e Cinemitologias* (prosa).

Hospedado em minha casa em Curitiba, no final dos anos 80 (nesta época ele morava em São Paulo, na casa da Fortuna), Leminski ficou amigo do chinês de uma pastelaria embaixo do prédio, com quem conversava todas as manhãs ao sair para comprar pão. Tentava falar com o chinês, que viera de Cantão, em mandarim, e normalmente chegava atrasado, com o pacote

de pão amassado debaixo do braço, desistindo de tomar café conosco, pois já ficara freguês de um engordurado bolinho de carne da pastelaria. Foi por esses tempos que discutimos muito sobre cultura hispanoamericana, literatura e revolução — a propósito de uma tradução de Guillermo Cabrera Infante que eu estava fazendo para a Cia. das Letras, e que ele gostava de ler durante as tardes. Ele estava um pouco over, saía todas as noites e nem víamos quando voltava. Mesmo arriscando ouvir alguma desconversa aborrecida dele, disselhe que achava que ele precisava parar um pouco, talvez ir para a chácara de algum amigo, ficar longe da cidade, voltar a escrever, enfim, tentar frear aquela vertigem suicida. Surpreendentemente, ele não fez graça nem torceu o nariz fingindo não ter ouvido. Depois de um tempo em silêncio, disse, com uma calma aterradora, que se manteria conscientemente nesse mesmo rumo, com “a dignidade suprema de um navio perdendo a rota”, pois assim se sentia mais vivo, mais criativo, e que a lucidez da sobriedade agora tornaria o mundo opaco para ele. Além dos traços mais evidentes de sua personalidade, como a transbordante criatividade e a generosidade (típica, aliás, dos grandes artistas), lembro-me de seu bom humor e de uma paradoxal fragilidade, revelados através de uma poderosa e romântica imaginação poética, que lembra a “vivência oblíqua pela imagem” de que falava Lezama Lima, e de uma atitude muito particular que ele assumia nos momentos mais adversos.

Josely Viana Batista

Poeta e tradutora. Fazia parte da equipe do jornal Nicolau.

Paulo não usava cuecas. Só vim a saber disso numa entrevista em 1988, quando, sem que lhe fosse perguntado, disse que soltava a jeans no corpo em pêlo. Mas, depois, ele queria fazer crer a Alice Ruiz que eu poderia ter essa informação com conhecimento de causa.

Fofoqueiro? Fanfarrão? Machista? Não houve oportunidade de tomar satisfações, restando a Alice e eu, numa mesa de bar, depois dos pratos limpos, rir das fantasias do nosso amigo. Mal sabia ele que entre amigas nada é secreto. Mas Alice guardou um segredo, sim — e aí a história (quem sabe) poderia ser outra: numa outra mesa, em outro bar, e em tempo bem

recente, ela confidenciou-me que o Paulo era um homem superlativo na cama.

Em 1988, a inexistente cueca até me passou despercebida na entrevista. Magro por demais, dentes estragados, apenas um brilho febril nos olhos denotando vontade de viver, ele retornava de São Paulo a Curitiba. E uma frase sua, na época, me chamou atenção e até hoje me emociona: “Pinheiro não se transplanta”, disse a propósito de nunca ter saído de Curitiba. A força e imponência da árvore não combinava com aquele Paulo Leminski de então, tão frágil que precisava fantasiar uma irresistível atração sobre as mulheres. Contudo, a figura do pinheiro é familiar à imagem do poeta. Os dois fazem falta e sentido.

Adélia Maria Lopes

Jornalista, ex-colega de Leminski n’O Estado do Paraná.

A convivência com Leminski, naqueles oito meses em que ele morou em minha casa, me foi muito estimulante. Mais do que isso, revolucionária. Eu despertei para a poesia e comecei a compor. Ele era meu amigo e me fez voltar para dentro de mim. Eu, que renegava as minhas próprias origens, passei a cantar músicas do meu universo arquetípico, do mundo árabe-judaico, do Mediterrâneo. Adotei uma nova linguagem musical, no dialeto ladino, próprio das comunidades sefaraditas, de raízes medievais. A morte dele representou o fim de um processo na minha vida. Foi como uma bênção. Quando percebeu que ia embora, Leminski foi embora mesmo, suavemente, para Curitiba, com a Berenice.

Fortuna

Cantora e compositora. Diretora artística do Festival Todos os Cantos do Mundo. Colaboradora da rádio Eldorado FM para assuntos de world music.

Vivi com Paulo Leminski os dois últimos anos de sua vida. Foi muito pouco tempo para conhecer o homem, o artista e o intelectual, sobretudo porque nosso relacionamento estava baseado na categoria de gênero. Fomos apenas um homem e uma mulher completamente apaixonados no final da década de 80. É claro que pude vislumbrar seu mundo, as idéias, os

amigos, as dores, os sonhos. O que havia, foi partilhado. Reciprocamente. Mas sua obra, a não ser aquela in progress, confesso, só vim conhecer após sua morte, durante o longo período de luto que se abateu sobre mim, ou me abateu, dá na mesma.

Depois dos poemas, das crônicas, traduções e biografias, resolvi encarar o Catatau, aquele livro que ele amava feito a um filho. Livro que lhe consumira uma década de trabalho e que lhe deixara, segundo dizia, livre, descomprometido. Chamou minha atenção o fato de a epígrafe do Catatau ser citação da própria obra. Lá está (na edição original): “... usque consumatio doloris legendi”. Bem que se diz que o diabo mora nos detalhes. Fui investigar e encontrei na página 167 a epígrafe como parte de uma frase que por sua vez faz parte de uma oração, na realidade uma inscrição marmórea. A questão é que ela estava em latim e eu, além do parco crédito da faculdade de direito, não tinha latim para gastar. Por outro lado, naquele momento, eu tampouco tinha vontade de procurar, falar ou sequer ver quem quer que fosse gente, mesmo que pudesse me auxiliar. Mas eu queria entender, mesmo porque, segundo o Aurélio, epigrafar é denominar; epígrafe é o título que serve de tema ao assunto, e epigrafia é também a decifração de escrita antiga em material que é ao mesmo tempo uma inscrição no mármore, com todo o simbolismo funéreo desta pedra. Tinha que ser uma chave para a compreensão de alguma coisa.

Lancei-me ao desafio e me vi, por muito tempo, rodeada de dicionários etimológicos, latinos, franceses e outros quetais. A inscrição, que contém a epígrafe, é a seguinte:

“HIC FUIT LAPIS. In locum suum se restituebat, ad seipsum redens. Et quasi peregrinos per pláginas pertransire usque consumatio doloris jussit, quod invenies intra? Ipse et simul quam antea: oculum adendis susceptis, sine tirocinare nisi mittere!”

A tradução à qual cheguei foi esta:

“Isto escrevi para a pedra da sepultura. Neste lugar estou e voltaria, se soubesse voltar. E como um estranho iria além das páginas que escrevi, até consumir as dores que eternizei. Estou purificado, acabou-se o tormento! Concluída a solitária obra, o que fará o rei em sua morte? O mesmo e do

mesmo modo que antes; ver a água e o sangue que correm da ferida, transformaram-se num hipnótico, delicioso e definitivo pensamento extraordinário, colossal e poderoso! Segui este caminho sem pensar, apenas segui!”

Irônico, trágico, autoconfiante até as raias da megalomania. Com certeza, atributos do homem que amei. Valho-me de suas próprias diretivas — agregadas à segunda edição da obra, em “Quinze pontos nos iis”, em especial o de nº 7, onde recomenda atenção para “as passagens do sentido para o nonsense, do suspense para o pressentimento” — para concluir que, além de outros significados, encontrei ali seu epitáfio. Que torno público agora.

Berenice Mendes

Cineasta. Autora do média-metragem Vítimas da vitória.

APÊNDICES

1

Anos mais tarde, em fevereiro de 1987, Leminski receberia uma carta assinada por um dos membros da comissão julgadora do Concurso, explicando os acontecimentos daquele dia:

Meu caro Paulo Leminski:

Apesar de ter ido inúmeras vezes a Curitiba, a capital brasileira do conto, nunca tive o prazer de conhecê-lo. (...)

Como membro daquela comissão, conservei o original do conto “Descartes com lentes” (no caso, uma cópia) comigo durante anos e deve estar ainda entre meus papéis, porque desejava identificar o autor.

Votei em “Descartes” para inclusão entre os 5 premiados e tentei até o último instante que o fosse. Infelizmente a comissão ficou restrita a 4 nomes, porque o Léo Gilson Ribeiro estava internado. E no dia da entrega do prêmio, chega um telegrama do Léo votando em “Descartes” para o 1º lugar. Mas tudo errado: o número estava certo, mas ele identificava o pseudônimo “Kurt” (havia um Kurt muito ruim) e não “Kung” (não era esse?).

Ele não indicou o título de nenhum conto, o que teria resolvido.

Só eu tenho certeza de que era o Kung.

Tentei falar pelo telefone com o Léo no hospital, mas foi impossível. (...)

Era um espinho que estava na minha garganta e eu gostaria de tirá-lo. O prêmio, é claro, não fez falta a você. Mas o fato é que era seu.

Aceite o meu grande abraço.

Fausto Cunha

2

Poema com aparato persa

uma vespa persa me cobre de flechas

melhoral

combateremos à sombra

e água fresca de mescal

a vespa persa

presa no espaço

o osso exposto

a aranha-niemeyer

com suas brasílias provisórias

carantonha maia

digamos

uma casa branca

poliedro

com uma só janela

olho-vitral

a máscara-nô

cobre a estrelas-vásper

no chafariz-piscina

polvos pulsam

sob a luz de gás-morfina

sim

ou neon?

a fruta-pão

a flauta-de-pan

furta-cor

e furta-som

a mesa farta e lauta

tecnicolor

no ar de sal de fruta

no ar de som de flauta

férias em hiroshima

totem,

ópio

ego

o coração é uma seda

o olho na labareda

era no anel

o sol — a semprepedra

no canal —

o mesmo cão
o fogo dos outros
queima ao longe
acendo a pira
com um pão em chamas
no desabotoar da manhã
cento e dezoito mil pássaros
entoam juntos
o hino nacional
até dar cãimbra
o deus-ra ri
da nota ré
o homem-rã ri
da letra rô
a porta inteira
era uma chave de si mesma
um rock
em língua d'oc
a pupila na papoula
o olho madrepérola

o júbilo na esfera
sangue de cristo na ampola
explosão e pavão de primavera
o nervo-polvo
o polvo
rosa
em polvorosa
um polvo no pulmão
a mão
o pulso
a pulsação
o ar tine
viver arde
bichos do pau podre
comem o olho
da estátua grega
na vênus de milo
os mamilos são os olhos
da mona lisa
o seio

é um soco com luva de box
o poder estupendo das ruas
a bomba-câncer
não encrenca
o vento enfuna a mente
como a um galo
de um catavento em chamas
a rua é festa
a casa dos vivos
está cheia de frutas
cercada de flores
e de um brinquedo incompreensível
de crianças loucas
uma frase numa frequência
exaure a força perversa dos rádios
os deuses estão aqui
a raça dança
na ampulheta do tempo
escorrem sais de anfetamina
o olho é raio-X

a mente emite seus discos voadores
e nas farmácias feéricas
borbulha o polén dos tóxicos
o coração sob um holofote
derrete em doces frutas brinquedos
um menino cruza a rua
assobiando uma canção hitita
o carro dos bombeiros
em chamas
atravessa a cidade
esvoaçam no vento
múmias de faraós
caranguejos abandonam
suas armaduras danificadas
o nó perfeito das forças
é feito por escoteiros com dentes
de gilete
o dia espirra
de uma fresta
flecha em festa

na testa dessa fera
ouro incenso e mirra
no nariz da besta
espirra e vomita
a tara das aves
por um sol bom
o belo berro
duma ave magra
oásis é tudo que o neon ilumina
um pão selvagem
na boca que canta
um raio atinge o sol
explode em frutas borboletas
e sombrinhas de verão
foguetes pirilampos e balões
para os meninos de são joão.

(Publicado no Jornal do Escritor em outubro de 1969)

3

Outros verbetes do Indicionário, que Leminski publicou com a recomendação: “Atenção para a pronúncia — Pronuncia-se o malaquês pegando o que ainda resta do português, amolecendo o meio das frases e endurecendo as pontas. Requer prática. Deve-se ter o máximo de cuidado

de não inverter a equação (amolecer as pontas e endurecer o final) porque quem fala assim é bicha.” Aponte. Encontro marcado. O mancão dispensa aponte: é um vacilo (ver).

Atividade. Manobras estratégicas, exigindo alerta, lucidez e discrição.

Bandeira. Dar bandeira = desbandeirar. Abrir o jogo expondo-se a quem não tem nada a ver. Como remédio recomenda-se cabreiragem.

Batalha. Forma básica de desempenho.

Bater. Levar ao conhecimento dos interessados.

Bobeira. Zonzeira desgovernada. Vai da desatenção ao descuido e daí à bandeira.

Bobo. Coração ou/e relógio que trabalha de graça. Tem pegada.

Boca. Mocó caído.

Bom. Da boca. Não se cria. O ruim com o bom da boca é a boca (vide).

Cabreiro. Morreu de velho.

Cachanga. Também cafifa. Para onde não se leva desaforo. É onde vagou se joga.

Cair do cavalo. Provincianismo gaúcho, dadas as alusões eqüestres. No Rio, dizem “sambar”, “dançar”, para essa desagradável ocorrência. Ser preso.

Cara. Um tempo atrás. O contrário é continuação. Livrá-la é receber ajuda (ver presença).

Chulé. Não é flor que se cheire. É o pária, o pilantra, vacilão, só aparecendo onde não é chamado. Em províncias onde se fala o tupi, Chué.

Chutar e caminhar. “Caminhar” é voz passiva de “chutar”. Te chuto em dez pedros. Você caminha em igual quantia. Ligados a uma falsa noção de adiantar o lado (ver).

Colher de chá. Muito pedida. Várias ao dia são o arrego. A sigla é CC.

Continuação. O que vem depois. Não tem muita importância. Tem volta (vide).

Crivo. Também giz. Cigarro. No vagau, não dá câncer. Não dá tempo de dar.

Crocodilagem. Também crocô. Não se faz, é crime — que nem folga e vacilo.

Cucuia. Aonde tem ido muita gente boa. Não faz parte da ONU nem dos roteiros turísticos.

Curtir. O português está avacalhando com a palavra. Levar a bobagem a sério. Dar pra entender. Os outros sempre acharão que não dá. Não dê muito a entender. Não há muito a entender ou ser entendido.

Desbaratinar. Fazer de conta que não tem nada que ver.

Descolar. Fazer se criar (ver piar).

Desempenho. Exercício das funções. O maior é o pinote (ver). Dispensa. Sem essa. Deixar falando sozinho. Rompimento de relações. Se desfazer.

Em cima. Com a gente, na hora. Babilaca, berro, coisas.

Empapucar. Encher o saco e outras medidas de capacidade.

Escrache. Qualquer coisa pode ser um tremendo escrache.

Federal. De lascar. “Bode federal” é locução clássica para “morte”.

Finalidade. Estado de quem está a fim.

Folga. Cama, comida e roupa lavada & deitar e rolar. Abuso de confiança.

Fajuto. De São Paulo. Produto agrícola ou industrial que não dá pra entender. Também: frajuto, frajute, farjuto ou fajo. Grupo. Louvável quando tem fins louváveis, por ex., adiantar teu lado.

Japonês. Tou muito japonês. Zumbi. Louco, com as butucas em luz baixa.

Lado. Também ladosa. Interesse pessoal. Adiantar-se ou atrasar-se o lado.

Limpeza. Opõe-se a sujeira. Há cada vez menos sujeira e mais limpeza.

Máquina. O berro da lei.

Mina. Ganha-se no papo. As que trampam nas bocas são limpeza.

Dependendo da folga, podem apanhar várias vezes ao dia.

Minha. Onde meu lado começa.

Necessa. Quando já faz uma cara. Biritá é benéfica aliviando os sintomas.

Neurose. Estados agudos da necessa. John Lennon — “Cold Turkey”. A biritá, nesse caso, não tem nada que ver. No dizer de ilustre malaco: “é quando a gente fica na expectativa e não se define a situação”.

Mocó. A utopia do esconderijo perfeito. Pintou sujeira, cai e vira boca (ver).

Moringa. O armazém de bobagens, o besteirômetro. É onde se dão as encucações, as tacanhas e as sugestas.

Peça. Pessoa física, vagau ou alienígena.

Pedido. Marcado para morrer. Locução: pedir pra morrer — perder o rebolado.

Perigo. Nas últimas. Também periguete.

Peteca. Disposição de ânimo ou desânimo. Baixa ou alta.

Piar. Pintar no lance, aparecer.

Pitanga. Estes que a terra há de comer. Vivem debaixo de colírio Moura Brasil.

Presença. Livra a cara.

Quebrada. Geografia. O pinote se dá nas quebradas.

Rango. Fome natural ou provocada.

Resposta — bilidade. O que faz do vagau um irresponsável. Referese a apontos.

Revertere. Também rebodosa, rebô. Ressaca; volta. As conseqüências.

Sacar. É entender, saca? Trouxa diz: entendeu? Mino incrementado diz: morou? Vagau saca. Frase malaquesa típica começa com PODE CRER e termina com SACA?

Sugesta — Sugestiva palavra que indica a natureza sugestionável do vagau. Estado mental sem bases na realidade. Filosofia, ciência, História, são sugestas.

Sujeira — Está por fora, o trouxa. Tem ligações (sujas) com elementos (sujos) não identificados com os interesses da comunidade malaquesa (limpeza). Sin.: crocô, vacilo, bandeira, chulé e xarope.

Tacanha. Pensamento negativo. Kafka só entrava em tacanha, saca? Toque. Impressão momentânea que o mundo acabou e a gente começa agora. Satori.

Trampo. Fonte de rendas, trabalho não tem nada a ver. Vacilo. Crocodilagem venial. É mais que folga e menos que entregaçãõ.

Volta. O destino. A vingança. O karma. Vai ter volta. Xarope. Pra lá de louco, não se entende mais. Sintomas: a) rictus pervitínicos; b) esquizofrenia anfetamínica; c) demência canábica. Sempre na dele, só dá a dele.

Xinfra. Ou chinfra. Tremenda xinfra = zoeira.

Zonzeira. Estado natural do vagau. Zoeira. Zazoeira.

4

Carta a Augusto de Campos, escrita a 30 de dezembro de 1970, do Rio de Janeiro (respeitando-se grafia e pontuações originais):

“januarius february marxius aprilis maius junius julius augustus Campi,
carta não resolve, distingo: informação — TV cine foto

comunicação — cara a cara a festa o udestoque. hoje: muita info e pouca comu.

meu diálogo mental com você/vocês é corrente corriqueira. Noigandres é o único olho que me acompanha criando vê pensando me julga sartreanamente. tento praticar uma radicalidade quixotesca porq me reporto ao armed look arm lock de você. não é pequena vaidade minha não querer louvores de novatos e amadores. Dos livros que tenho, trouxe os que não posso passar sem. Dicionário de Rimas

Analógico

Gramáticas. Prossigo meu trabalho de formiga das letras treinando para o grande salto: cataqual? Continuo extraindo as séries estocásti-cas (estoxicásticas, melhor melhorando) da língua, olho a fala na rua. manejo Sartre, husserl. não durmo um dia sem massacrar literati. o jornal do escritor é vaidade das vaidades tudo vaidade, publico o que eu quero, quero publicar o catatau, louzeiro pode, tem relações, minha hora chega, e minha hora vai ser nossa hora. a situação para mim: o momento não permite coisas, certas coisas me permitem fazer outras coisas, aquelas coisas, me dá uma coisa aqui, outra ali. a literatura é a luz das estrelas há milenios fanadas. Mas se não é mais arte ainda é um meio. não é fim mais. como meio, permite dizer certas coisas para um público limitado e determinado, os nucléolos de mandarins, os comedores de livros são seus produtores, coprófagos e lotófagos. uso o canal, você sabe: eu sou caipira, me assusta a massa media assustadora, no livro, por pequeno e equívoco que seja, sempre são os vocábulos de uma consciência individual, ou uma equipe lúcida e não posta a serviço das grandes estruturas massi-ficantes. época houve em q eu me cri comunista, hoje acho que pound tem razão contra mussolini. Mcluhan; artistas, antenas, usam instrumental fora de contexto pois são os únicos a vir a entender o contexto, o texto é o contracontexto. o oposto de envolvimento é livro, o desenvolvimento uma oficina e dois caras editam um livro, o livro é livre, à margem de mallarmé, viva a malacomargem, dai-me um exílio e eu vos darei um exercício.

nós estamos nos olhando, olha esse olhar,

olha esse olhar!

um abraço de leminski & alice”

5

Trecho da carta ao irmão Pedro, de 30 de agosto de 1973, falando da seqüência do filme Kung Fu:

“Imagine: o monge é mandado para o mundo quando está senhor de todos os truques, **SÓ QUE ELE VAI PARAR NO OESTE AMERICANO DO BANGUEBANGUE!!!** Uma cena inesquecível foi quando ele e uma moça toda perseguida de desgraças são cercados por uma meia dúzia de índios no matão & os índios não atacam de noite, vão tirar uma pestana antes do amanhecer confiando nos seus ouvidos de coioote que ninguém poderia chegar até eles no alto da colina sem fazer um mínimo barulho, e afinal, só tinha um chinês e uma mulher lá embaixo, um pouco antes do amanhecer está o chinês ajoelhado a dois passos da cabeça do índio chefe do bando & imagine a cara de espanto do bugre, não entendendo nada: como é que alguém podia chegar até ali, sem ter feito nenhum ruído que acordasse alguém: o índio deve ter pensado que a segurança nesta tribo nunca esteve tão ruim! O chinês (que é americano com cara meio orientalizada, algo como Flint) se põe de costas para o sol nascente e aparece assim à indiada como um ser sobrenatural & os 6 guerreiros alinham a dez passos, o chinês firme em pé na frente dos cavalos, um índio investe galopando, lança em riste. o chinês em postura, meio karatê, meio aikidô, meio de konfu e solta um kiai. em cima do golpe, desvia, acerta um pontapé de lado no cavalo e estica um ukemi, caindo de pé e em postura, nova investida: o chinês tira a lança da mão do cavaleiro numa técnica de bojitsu (luta do bastão) que ele treinava no mosteiro, derrubando-o do cavalo & investem dois agora: usando o bastão como lança e dando ukemis para todos os lados ele derruba mais dois: os índios caídos avançam de lança e de faca. e foi uma chuva de maegeris, porradas de bastão e kiais para todo lado & os índios pararam, ele de pé encarando, o chefe arrisca ainda atirar uma lança que nosso herói desvia com o corpo e o bastão, foi demais para a paciência do cheyenne. eles levantam os companheiros e saem devagar, o chinês lá atrás parado, encarando, vai haver um episódio da série cada mês. o maior barato que eu já vi na TV.”

6

TROTSKI

“Depois da desilusão-decepção do sonho soviético (o suicídio de Maiakóvski é um buraco de chumbo na cabeça de todos nós), a realidade internacional da ‘entente’ URSS/USA (Elizabeth Taylor x Richard Burton), a invasão pura e simples da Tchecoslováquia (e a morte da primavera em Praga) vale a incursão dos fuzileiros navais da OEA na Nicarágua, a ação da CIA no Chile de Allende, a disputa de posições militares no Oriente Médio e no Mediterrâneo. A programação de ditaduras militares na América Latina (só o Exército e o Clero sendo castas organizadas, o Clero, logicamente, de esquerda) para garantir a estabilidade social e institucional, em prol da segurança dos investimentos privados estrangeiros em nossas fontes de matéria-prima (folclore e macumba: nós também queremos fazer rock). Tecnologia de segundo grau, alienação e censura. Nossos senhores têm poder bastante para mandar pelos ares o terceiro planeta depois do sol. Estamos em face de um poder planetário, branco, senhor do Bem e do Mal, patrão das consciências porque regente de todas as tecnologias; o bloco URSS-USA. Cria a lógica para qualquer máfia matar a quem destoa, discorda ou desafina no “coro dos contentes”.

A hierarquia dos insetos sociais (abelhas, formigas) avança sobre os acampamentos dos ciclopes.

Se um ser do espaço viesse à terra, chegaria à conclusão que os terráqueos mais próximos da perfeição, o supra-sumo da perfeição da vida na terra, seriam os insetos sociais com suas brasílias levystraus-sianas de perfeição de organização social.

Somos talvez os últimos a notar. A sermos notados.

Isto é uma garrafa. Isto é, um bilhete dentro de uma garrafa.

p.leminski”

7

Carta de Leminski a Antonio Risério, 1975:

“Companheiro:

augusto me mandou teu endereço e eu estou te chegando os últimos produtos da minha atuação neste ralo contexto curitibano. só consegui me manter incontaminado pela praga de contos que grassa por aqui (o literatismo de Curitiba só encontra paralelo em Belo Horizonte) foi graças a uma ponte mágica e epistolar que mantenho há anos com o pessoal concreto, em particular, agosto, a quem devo grande parte da formação de meu paladar e características do meu fazer. em todos esses anos, poucas publicações brasileiras me deram tanta alegria quanto o teu CÓDIGO, de radicalidade exemplar, Bahia com régua e compasso, exercício cartesiano no trópico. aqui, o frio etílico e anfetamínico retarda as informações, recolhe os ânimos e gera esse mineiro sem mistério que é o curitibano. a única saída estratégica é um retiro permanente para dentro do projeto, e é — há oito anos, o que tenho feito, vivendo vida de avestruz, com a cara metida dentro do meu CATATAU. (...)

Vê se concorda com a minha lista:

São Paulo = anfetamínico

Rio = lisérgico (sujeito a bads)

Bahia = canábica

Curitiba (Belo Horizonte e províncias) = etílica

qual não foi a minha surpresa quando constatei a situação a que chamei POROROCA (quod vide) = a ponte arco-íris São Paulo-Bahia. me interessa muito esse atrito entre visceralidade tropical e geometria cartesiana. é muito provável que seja esse o PROBLEMA nacional. muito interessante, em todo caso, esse processo através do qual a gente fica sabendo da existência e do trabalho uns dos outros sem nos cruzarmos. Tenho muito treino no diálogo com ausentes, chega-se, dessa forma, a criar um super-ego para efeitos de atuação, eu sabendo que todo mundo está mandando brasa, fazendo pressão na performance. muito interessado nisso que parece ser a post-literatura entre nós: textos/semioses, malditos a todos os

títulos. traços: estruturas concretas + pirações psicodélicas + desvarios tropicais + sei lá o que. localização: entre São Paulo & Bahia. característica: música no centro. o trabalho de gil, caetano, gal, macalé, duda, capinan, wally (não esquecer o rock Mutantes/Rita Lee, via Duprat, mais um casamento sul/norte, eletrônica/Amaralina.

Rita: “Serginho e Arnaldo deram dicas de guita para Gil e aprendemos com os baianos a musicalidade da língua portuguesa”). o “Troço” do wally — gosto muito. Irregular, cheio de altos e baixos, montanha, não russa, mas árabe. Mascate da informação nova, barra, garra, farra, na marra. letras de música com os maiores lances de texto. mas esses produtos de mercado se alimentam em solo rico: essa proliferação de textos underground (Flor do Mal, Presença, Bondinho, Rolling Stones, Verbo, que sei mais eu!), que acabaram vandergrunde, essa síntese digna de figurar nas zoologias fantásticas de Borges. Centauros, sereias, seres ambíguos e andróginos, entre Bahia e São Paulo. Quem diria! Quem diria!!! Para o entusiasmo baiano, talvez essa pontuação seja insuficiente, lembrando que Castro Alves terminava um verso, pontuando:

!?!...

?!!...

perguntar a gil como se lê/diz uma frase terminando em!?!?... é muita emoção para quem vive neste frio verde, cercado de mato. uma coisa nova, muito grande, está pintando, só não temos certeza quanto à intensidade: rala em relação ao trabalho já feito? pedra em direção ao futuro? como diz o maciel, pelo menos, durante, a gente está curtindo, não dá para esquecer nada. quando agosto virou para a Bahia, tive uma crise de compreensão, não faço charme, acabando por entender. o esquerdismo dos anos sessenta encalacrou. fica de background. propriedade coletiva dos bens de produção, da produção, aí consiste, começa e acaba meu credo político, mas há muitos outros ingredientes mais. 64 mudou as direções do barato, viva torquato. a geração tem partes com Rimbaud.

Mallarmé vai mais longe, conduz o trio elétrico (augusto, haroldo, ronaldo, zé-lino) e sai na corrente sangüínea.

quando brasileiro pensar em rigor, vai ter que olhar para o laboratório torre de marfim dos concretos paulistas.

detesto toda forma artificial de contato/comunicação (tipo carta, telefonema, telex, xerox), mas isto não é uma mensagem, é uma tangência uma coincidência um atrito e sobretudo um abraço

do

Leminski

8

O Mestre Ykkyú e o Eremita

“Certa tarde de outono, o Mestre Ikkyú vagueava pelos campos, levando consigo uma flauta de bambu. Um eremita, ao vê-lo, perguntou-lhe:

— Quem és tu?

— Sou um peregrino que segue para onde sopra o vento.

Tencionando pô-lo em apuros, o eremita perguntou:

— E quando o vento não sopra?

— Então sopro eu — respondeu Ikkyú, começando a soprar sua flauta.”

9

Poemas em parceria com Solda, a partir da técnica “Eu começo, você termina”:

EU QUERO ME AFOGAR

NA SALMOURA

DORMIR

NA MANGEDOURA

SER UM MONGE
DE OUTRORA
O DIA INTEIRO
FAZENDO HORA
CORTAR O MAL COM TESOURA
EU QUERO O MAL MAL QUERO
E TUDO ME APAVORA
O POVO
O POLVO
A PÓLVORA
TUDO ENFIM
QUE MEU CAVALO SENTE
QUANDO ME SENTA
ESPORA

(Leminski/Solda 1980)

* * *

POIS QUE ÉS INDIVISÍVEL
ÉS CARNE
CARNE DE TODAS
AS CARNES

CARNE DE CHUVA

CARNE DE SOL

POIS QUE HABITAS

EM TI MESMO

CARNE DO SORRISO

CARNE

DO ESCÁRNIO

CARNE TABELADA

CARNE CARMIM

CARNE

ESCARLATE

POSTO QUE ÉS CARNE

E PORQUE HOJE É SÁBADO

SERÁS SEMPRE CARNE

CARNE MOÍDA

CARNE

DE PRIMEIRA

CARNE DE PESCOÇO

CARNE DE MIM

(Solda/Leminski 1987)

10

Em Busca do Templo Perdido

(A gana de durar)

É pura perda de templo tentar explicar por que o Templo das Sete Musas, sede do Instituto Neo-pitagórico, pegou fogo na noite de 24 de agosto de 1987. A explicação é simples. Em 1907, Dario Vellozo, poeta, professor de philosophia, tipógrafo, guru da mocidade curitibana no Gymnasio Paranaense, erigiu o Templo no bairro de Vila Isabel, então uma floresta de contos dos irmãos Grimm. Nesse ano, Dario soube da presença na pequena cidade de um eletricista alemão, Schroeder, que tinha acabado de chegar da Europa.

Procurou-o e contratou seus serviços para realizar a instalação de luz elétrica no Templo. Eletricidade era então uma novidade absoluta.

Mas encomendou a Schroeder uma tarefa muito especial. A instalação de luz deveria conter dentro de si um mecanismo de autodestruição que deveria funcionar dali a 80 exatos anos, a 24 de agosto, Dia de S. Bartolomeu, quando o diabo tem uma hora de seu.

Dario queria durar. E sabia que viveria na memória dos seus contemporâneos. Mas estas morreriam. Em 80 anos, a memória do Templo e de Dario já estaria esmaecida, como uma foto antiga. Um incêndio devolveria o Templo à notoriedade e à atenção do público por mais anos. Assim, um templo feito de chamas subiu pelos ares em 24 de agosto de 1987. Dizem algumas testemunhas do sinistro que foi possível ver no meio do foga réu um rosto sorrindo com um olhar zombeteiro de quem diz:

— Não disse que eu ia durar?

11

Trechos da gravação feita por Cesar Bond, com Leminski falando:

De sua própria vida:

“Não existe nenhuma experiência — das mais íntimas, eróticas, emocionais — que eu não tenha transformado em poemas e tornada pública através da literatura.”

De literatura:

“Fazer literatura para mim — a esta altura do campeonato — é uma necessidade fisiológica. Quando penso ‘preciso escrever’, penso ‘preciso colocar idéias no papel’. A partir de três ou quatro palavras eu faço um jogo. Escrever é só uma das coisas que o ser humano sabe fazer. E eu me sinto mais humano depois de fazer isso.”

De estratégias:

“A lógica dos militares é a pré-lógica. O macaco-homem se fez pela guerra, se construiu pela guerra e pode morrer pela guerra. Por que nós nos matamos? Para mim ainda é um mistério. Perseguir o mistério da guerra é tentar desvendar todos os mistérios onde a morte está envolvida. E a estratégia da guerra só está absolutamente correta quando a vida humana é reduzida apenas às leis físicas. É a ação mais simples para obter o máximo de efeito: como num haikai. Não quero dizer com isso que sou a favor da guerra. Sou totalmente contra. Mas a exatidão do raciocínio me fascina.”

De trabalho:

“Se você não conseguir equacionar a relação vida/trabalho, você está perdido. Não há força e criatividade que resistam quando você percebe que o rio mudou de leito.”

De linguagem:

“Nunca me recusei a nada. Tipo: televisão, rádio, publicidade, grafite de parede... qualquer negócio que trate de aproximar pessoas, via palavra, é comigo mesmo. É assunto meu. É um desafio e não considero nada disso alheio a mim. Tudo isso me diz respeito.”

Da crítica:

“Se caísse um raio agora na minha cabeça, não sei qual a imagem que ficaria de tudo que escrevi. Fiz poesia, prosa, crítica, textos para

publicidade, ficção, traduções, crônicas e muitas outras coisas. Nesse sentido, aceito a crítica óbvia do Wilson Martins: eu não me fixo em nada.”

Da morte:

“Quanto à morte, eu sou nipônico. Você tem que superar o medo da morte. A morte é alguma coisa que está dentro da vida e não contra ela. Eu nunca me confrontei com situações limites mas não tenho medo da morte.”

Da morte e do acaso:

“Sempre achei ligeiramente indecente tratar a morte como um acaso.

Eu coloquei o Mishima em moda no Brasil, quando traduzi Sol e aço. E o Mishima fez a formulação mais terminal que se pode fazer sobre a morte. Ele tinha uma visão estética da morte. Para ele, a morte era um momento de beleza tamanha que só merecia coisas de tal plenitude. Um momento único. Uma determinação e não um acaso. Para ele, morte, prazer sexual e beleza sempre tiveram um signo único.”

12

A Lua no Cinema

A lua foi ao cinema,
passava um filme engraçado,
a história de uma estrela
que não tinha namorado.
Não tinha porque era apenas
Uma estrela bem pequena,
dessas que, quando apagam,
ninguém vai dizer, que pena!

Era uma estrela sozinha,
ninguém olhava pra ela,
e toda a luz que ela tinha
cabia numa janela.

A lua ficou tão triste
com aquela história de amor,
que até hoje a lua insiste:
— Amanheça, por favor!

13

São Não
não são
são não
rogai por nós
para que não
sejamos senão

BIBLIOGRAFIA

Publicações consultadas na elaboração desta biografia

Livros

Beat Culture and the New America — 1950-1965. Whitney Museum of American Art, 1998.

Boletim Informativo da Casa Romário Martins (temas: Água Verde e Pilarzinho).

Bonvicino, Régis. Envie meu dicionário — Cartas e alguma critica. Editora 34, 1999.

Curitiba sem mestre, ed. Fundação Cultural de Curitiba. de Luna, D. Joaquim G. Os monges beneditinos no Brasil. Edições Lúmen Christi, 1947.

Escritor na biblioteca, Um, BPP, 1985.

Kerouac, Jack. Selected Letters — 1940-1956. Viking, 1995.

Maciel, Luiz Carlos. Geração em transe. Nova Fronteira, 1996. Novaes, Adauto (coord.) Os sentidos da paixão. Funarte/Companhia das Letras, 1999.

Reis, Daniel Aarão e Moraes, Pedro de. 1968 — A paixão de uma utopia. Espaço e Tempo.

São Gregório Magno, Papa. Vida e milagres de São Bento. Artpress, 1996.

Suzuki, Daisetz Teitaro. Introdução ao zen-budismo. Civilização Brasileira, 1971.

Jornais e revistas

Correio de Notícias

Diário do Paraná

Folha de Londrina

Folha de S. Paulo

Gazeta do Povo

Jornal do Brasil

Nicolau

O Estado de S. Paulo

O Estado do Paraná

Revista Quem

Série Paranaense nº 2 (Paulo Leminski), ed. Scientia et Labor da

UFPR

Veja

BIBLIOGRAFIA DE PAULO LEMINSKI

Catatau, edição do autor, 1975.

Quarenta clics em Curitiba, Etecetera, 1976.

Não fosse isso e era menos, não fosse tanto e era quase, ed. ZAP, 1980.

Polonaises, ed. do autor, 1980.

Caprichos e relaxos (incluindo os poemas de Não fosse isso... e Polonaises),
Brasiliense, 1983.

Cruz e Sousa, Brasiliense, 1983.

Matsuó Bashô, Brasiliense, 1983.

Jesus A.C., Brasiliense, 1984.

Agora é que são elas, Brasiliense, 1984.

Trotsky, a paixão segundo a revolução, Brasiliense, 1986.

Anseios crípticos, Criar Edições, 1986.

Distraídos venceremos, Brasiliense, 1987.

Guerra dentro da gente, Scipione, 1988.

Catatau (reedição), Sulinas, 1989.

A lua no cinema, Arte Pau-Brasil, 1989.

La Vie en close, Brasiliense, 1991.

Metaformose, Iluminuras, 1994.

O ex-estranho, Iluminuras, 1996.

Traduções

Folhas das folhas da relva, de Walt Whitman, Brasiliense, 1983.

Pergunte ao pó, de John Fante, Brasiliense, 1984.

Vida sem fim, de Ferlinghetti, Brasiliense, 1984.

Supermacho, de Alfred Jarry, Brasiliense, 1985.

Satyricon, de Petrônio, Brasiliense, 1985.

Sol e aço, de Yukio Mishima, Brasiliense, 1985

Um atrapalho no trabalho, de John Lennon, Brasiliense, 1985.

Malone morre, de Samuel Beckett, Brasiliense, 1986.

Não estão relacionadas as participações em antologias e esparsos. A relação da produção musical não está completa (as parcerias póstumas, a partir de seus poemas, se sucedem).

DISCOGRAFIA

Gravações com letra e música de Paulo Leminski

“Verdura”, LP Outras Palavras, de Caetano Veloso, 1981. Philips. “Mudança de estação”, LP Mudança de Estação, de A Cor do Som, 1981. Odeon.

“Valeu”, LP Valeu, de Paulinho Boca de Cantor, JQN Discos, 1981. “Se houver céu”, LP Prazer de Viver, de Paulinho Boca de Cantor, Polygram, 1982.

“Razão”, LP Magia Tropical, de A Cor do Som, Odeon, 1983.

EM PARCERIA

Com A Chave

“Me provoque pra ver” e “Buraco no coração”, 1997, GTA (Rede Tupi).

Com Pedro Leminski

“Oração de um suicida”, no LP Blindagem, 1981, Continental.

Com Ivo Rodrigues

“Sou legal eu sei”, “Não posso ver”, “Palavras”, “Hoje”, “Marinheiro”, “Quanto tempo mais”, LP Blindagem, 1981.

“Legião dos anjos”, Blindagem, CD Dias Incertos, 1998.

“Rapidamente”, Blindagem, CD Dias Incertos, 1998.

Com Guilherme Arantes

“Xixi nas estrelas”, “Circo pirado”, “Milonguera da Serra Pelada”, “Cadê vocês?”, “Frevo palhaço”, “O prazer do poder”, “Viva a vitamina”, “Coração de vidro”, LP Pirlimpimpim 2, com Guilherme Arantes, 1984, Som Livre.

Com Itamar Assumpção

“Vamos nessa”, LP de Itamar Assumpção Sampa Midnight, 1986. “Custa nada sonhar”, Itamar Assumpção, disco Bicho 7 Cabeças, 1993.

“Filho de Santa Maria”, gravação de Zizi Possi, disco Mais Simples, 1996.

“Dor elegante”, CD Itamar Assumpção PretoBras, 1999.

Com Moraes Moreira

“Decote pronunciado”, “Pernambuco meu” e “Baile no meu coração”, LP Coisa Acesa, de Moraes Moreira, 1982, Ariola.

“Promessas demais”, LP de Ney Matogrosso Mato Grosso, 1982, Ariola.

“Pernambuco meu”, LP do conjunto MPB4 Caminhos Livres, 1983, Ariola.

“Teu cabelo” e “Oxalá”, LP de Moraes Moreira Pintando o Oito, 1983, Ariola.

“Mancha de dendê não sai”, LP do mesmo nome de Moraes Moreira, 1984, CBS.

“Sempre Angela”, LP de Ângela Maria Sempre Angela, 1984, Odeon. “Alma de guitarra”, LP de Moraes Moreira Instrumentos de Deus, 1985, CBS.

“Morena absoluta”, LP de Moraes Moreira Mestiço é Isso, 1986, CBS.

“Lêda”, no disco 50 Carnavais, 1997.

Com José Miguel Wisnik

“Subir mais”, CD José Miguel Wisnik, 1992.

“Polonaises”, trilha sonora do filme Ed Mort, 1994.

“Rob Digital”, CD Ed Mort, 1994.

Com Edvaldo Santana (Baitola)

“Freguês distinto” e “Mãos ao alto”, no disco Lobo Solitário, 1993.

Com Edvaldo Santana e Ademir Assunção

“O Deus”, disco Tá Assustado!, de Edvaldo Santana, 1995.

Com Celso Pirata (Loch)

“Coisas”, no disco Verfremdungseffekt Blues, 1998.

Com Carlos Careqa

“Alles Plastik”, no disco Todos os Homens São Iguais.

Com Arnaldo Antunes

“UTI”, gravado pelo grupo Clínica, no disco Clínica, 1988.

“Além alma”, CD Um Som, Arnaldo Antunes, 1998.

Com Thadeu, Roberto Prado e Walmor Douglas

“Perdendo tempo”, trilha sonora do filme Bar Babel, da banda Maxixe Machine, 1999.

AGRADECIMENTOS

Especiais à Biblioteca Pública do Paraná — pelo arquivo Leminski — e Casa da Memória de Curitiba; família Zippin; jornalistas Sinval de Itacarambi Leão e Paulo Vasconcellos; Mosteiro e Colégio de São Bento; D. Estevão, D. Leandro, José Maria Siviero, Pedro Uzum, José Maria Costa Vilar (D. Clemente), D. Lucas Torrell. Funcionária Rita Julieta Ferreira (Colégio Paranaense Internato).

À eterna Helena Kolody, padroeira da poesia paranaense, pelo seu arquivo “Leminski”.

Especiais também a Augusto de Campos.

Ao empresário Ernani Paciornick, pela cumplicidade. Para Lucélia Auríquio Newton, que colaborou na primeira parte das pesquisas.

Para José Vieira, fotógrafo, pelas reproduções do arquivo da família. Família Pereira Mendes, tias do poeta: Luiza, Luci e Izilite, pelas memórias.

Elly e Ellinha Leminski pelas fotos e histórias.

À Alice, Áurea e Estrela, pontos de luz e referência desde o início.

Para os amigos de Paulo Leminski que colaboraram com esta história e este livro, direta ou indiretamente com sinceridade.

Toninho Martins Vaz

CONTRA CAPA

isso de querer

ser exatamente aquilo

que a gente é

ainda vai

nos levar além

PAULO LEMINSKI

Sobre o Autor

Antonio Carlos Martins Vaz (Toninho Vaz) nasceu a 2 de outubro de 1947, em Curitiba. É jornalista e roteirista de televisão. Começou escrevendo no Diário do Paraná, em 1969. Foi editor e colaborador de diversos jornais alternativos nos anos 70 e 80 — Anexo, Raposa, Polo Cultural, Pasquim, Nicolau. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1974. É casado com Naná Gama e Silva e tem uma filha, Maria Carolina. Trabalhou como editor de texto na Rede Globo durante quatorze anos. De 1995 a 1998 viveu em Nova York. Atualmente mora em São Paulo.



{1} O registro de nascimento está arquivado à fl. 12 do livro nº 21, do cartório de Francisco Antonio de Abreu, com data de 26 de agosto de 1944 — Curitiba, Paraná. Signo de Virgem, no horóscopo tradicional, e Macaco no horóscopo chinês.

{2} Em conversa informal com John Clellon Holmes, em 1948, Kerouac usou pela primeira vez a expressão beat generation, com o propósito declarado de não criar um slogan. Ironia do destino, o que era uma negação [Ah, this is nothing but a beat generation) transformou-se na bandeira de um importante segmento da produção literária americana do século XX. Em 1952, o artigo "This Is the Beat Generation", assinado por Holmes, seria publicado com pompa e circunstância em The New York Times, referendando o movimento.

{3} Como era chamado o aluno escolhido para fazer o contato entre o claustro e o mundo exterior, na função de "hospedar" novos companheiros ou receber visitas oficiais. O cargo não era vitalício.

{4} O Senhor me disse: "Tu és meu filho, eu hoje te gerei." Por que as nações se amotinam e os povos meditam coisas vãs? Ad missam innocte (A missa da noite), cânticos de Natal.

{5} Como são chamados os coroinhas que ajudam o padre a celebrar a missa.

{6} Revista Quem, Curitiba, maio 1980.

^{7} Mais tarde, já no século XX, o humorista Millôr Fernandes criaria uma piada denunciando que, etimologicamente, o sufixo “ritiba” quer dizer “do mundo”.

^{8} Em 1820, segundo relato do naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire, “existem 22 cazas, pequenas e cobertas de telhas...”.

^{9} Na mesa, além de Cacaso, estavam os amigos Arrigo Barnabé, Régis Bonvicino e jovens poetas desconhecidos, que ele chamava de “meninas da USP”.

^{10} Texto escrito em 1983 e publicado na abertura de Caprichos e relaxos, Paulo Leminski, editora Brasiliense.

^{11} Em Ezra Loomis Pound (1885-1972), Leminski encontraria diversos elementos para a estruturação de sua poética. Como o rompimento com as tradições literárias —inclusive com a idéia de que a poesia deve falar de sentimentos. Aprendeu também o conceito de “tradução criativa”, que ele chamaria de “transcrição”.

^{12} Em 1944, quando Leminski nasceu, Curitiba tinha 140 mil habitantes; em 1970, o censo apontava 650 mil.

^{13} Cassiana Lacerda é professora de Literatura na Universidade Federal do Paraná e executiva na área de cultura.

